

SILVIA REGINA CASON

**“MAPEANDO TRAJETÓRIAS: OS ALUNOS DO 1º
GRUPO ESCOLAR DE CAMPINAS ‘FRANCISCO
GLICÉRIO’ ENTRE OS ANOS DE 1928 A 1935”.**

**CAMPINAS
2014**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

SILVIA REGINA CASON

**“Mapeando trajetórias: os alunos do 1º Grupo Escolar de
Campinas ‘Francisco Glicério’ entre os anos de 1928 a 1935”.**

Orientador (a): Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Menezes

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestra em Educação, na área de Filosofia e História da Educação.

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE
DEFENDIDA PELA ALUNA SILVIA REGINA CASON
E ORIENTADA PELO PROF.^o DR.^o. MARIA CRISTINA MENEZES

Assinatura do Orientador



**CAMPINAS
2014**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Gildenir Carolino Santos - CRB 8/5447

C27m Cason, Silvia Regina, 1966-
Mapeando trajetórias : os alunos do 1º Grupo Escolar de Campinas 'Francisco Glicério' entre os anos de 1928 a 1935 / Silvia Regina Cason. – Campinas, SP : [s.n.], 2014.

Orientador: Maria Cristina Menezes.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Grupo escolar. 2. Arquivo escolar. 3. Ensino primário. I. Menezes, Maria Cristina, 1958-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Mapping trajectories : the school pupils of the 1st Group of Campinas 'Francisco Glicério' between the years 1928-1935

Palavras-chave em inglês:

Primary school

School archive

Primary education

Área de concentração: Filosofia e História da Educação

Titulação: Mestra em Educação

Banca examinadora:

Maria Cristina Menezes [Orientador]

Newton Antonio Paciulli Bryan

Maria Lucia Mendes de Carvalho

Data de defesa: 28-02-2014

Programa de Pós-Graduação: Educação

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

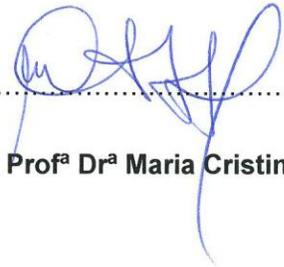
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**“MAPEANDO TRAJETÓRIAS: OS ALUNOS DO 1º GRUPO
ESCOLAR DE CAMPINAS “FRANCISCO GLICÉRIO” ENTRE OS
ANOS DE 1928 A 1935”.**

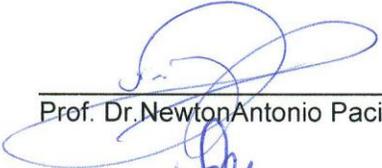
Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação
defendida por SILVIA REGINA CASON. e aprovada pela
Comissão Julgadora

Data: 28/02/2014

Assinatura:.....


Profª Drª Maria Cristina Menezes

COMISSÃO JULGADORA:


Prof. Dr. Newton Antonio Paciulli Bryan


Profª Drª Maria Lucia Mendes de Carvalho

Resumo

Este trabalho teve como propósito investigar e traçar o perfil dos alunos do Grupo Escolar “Francisco Glicério”, o primeiro grupo escolar de Campinas, no início do século XX, de forma a levantar informações sobre suas progressões escolares em suas passagens pela instituição. Dessa forma, buscou-se, inicialmente, apresentar, de forma breve um pouco da história da cidade, alicerçada em pesquisas já realizadas, a fim de contextualizar o local em que se deu a criação da escola em Campinas. Em seguida, a partir dos livros de matrículas, foram construídas amostragens com as quais são analisadas, ano a ano, as trajetórias de persistências e desistências daqueles meninos e meninas que não conseguiram concluir o ensino primário. Na sequência é dedicado um estudo sobre as trajetórias de sucesso dos alunos (meninas e meninos) que concluíram o curso no tempo determinado pela lei – 4 anos, como também, aqueles que necessitaram de um pouco mais de tempo para chegar ao término.

Por último, uma apreciação geral sobre o que foi investigado e os resultados encontrados.

Palavras-chave: Grupo Escolar, arquivo escolar, ensino primário.

Abstract

This study aimed to investigate and profile of students of the School Group "Glicério Francisco", the first school group of Campinas, in the early twentieth century, in order to gather information on their school progressions in their tickets by the institution. Thus, we sought to initially present briefly some of the history of the city, based on previous studies in order to contextualize the place that did the development of the school in Campinas. Then, from the books of enrollments, with which samples are analyzed, year by year, the trajectories of dropouts and persistence of those boys and girls who did not finish primary school were built. Following is a dedicated study of the trajectories of success of students (girls and boys) who completed the course in time determined by law - 4 years, as well as, those who needed a little more time to reach the end. Finally, a general discussion about what was investigated and the results found.

Keywords: primary school, school file, primary education.

SUMÁRIO

<i>Resumo</i>	<i>vii</i>
<i>Dedicatória</i>	<i>xi</i>
<i>Agradecimentos</i>	<i>xiii</i>
Introdução	23
1. Capítulo 1 - A cidade de Campinas e o seu primeiro Grupo Escolar	27
1.1 - A história de Campinas	27
1.1.1 – Condução e transportes da cidade de Campinas	29
1.1.2 – Superando as adversidades e as escolas do município	32
1.1.3 – Do café para o algodão	42
1.1.4 – A presença estrangeira em São Paulo e em Campinas	47
1.1.5 - Educação, Legislação na década de 20, antes e após a Reforma	49
1.2 - Criação do 1º Grupo Escolar em Campinas	55
1.2.1 – A demanda escolar na cidade	65
1.2.2 – O Arquivo do Primeiro Grupo Escolar de Campinas “Francisco Glicério”	67
1.2.3 – Os Livros de Matrículas, preenchimento e Leis; Livros de Registros de Promoções; Livros Ata de Exames Finais e os Livros de Frequência	73
2. Capítulo 2 – Trajetórias de desistências, persistências, seguidas de mais desistências	85
2.1 – As etapas do trabalho e o levantamento dos dados	85
2.2 – As tabelas	87
2.2.1 – Organização e análise das tabelas	88
2.3 – O perfil dos alunos reprovados	162
2.4 – Repetências e evasões	169
3. Capítulo 3 – Trajetórias de sucessos	177
3.1 – As etapas de trabalho e o levantamento dos dados – Meninas e meninos	177
3.2 – As tabelas	178
3.2.1 – Organização e análise das tabelas	178
3.3 – O perfil dos alunos concluintes	194
3.4 – O sucesso escolar no Grupo “Francisco Glicério”	196
4. Considerações finais	199

5. Fontes.....	201
6. Bibliografia.....	203
7. Hemeroteca.....	212
Anexo I.....	213
Anexo II.....	231

Dedicatória

*À Maria Lúcia Teixeira Cestari (Malú Cestari),
pela firmeza de suas palavras: “Ou vai, ou vai!”.*

- Ir me trouxe aqui.

Agradecimentos

À Profª Drª Maria Cristina Menezes, pela confiança, pelo total apoio no desenvolvimento desta pesquisa e ao longo de toda minha trajetória acadêmica.

A CAPES pela bolsa.

À banca de qualificação, Profª Drª Maria de Lourdes Pinheiro e Prof. Dr. Newton Antonio Pacciulli Bryan pelas argutas leituras.

Ao Prof. Dr. André Luiz Paulilo, pelas contribuições a este trabalho e pela oportunidade de realizar o estágio PED.

Aos amigos que emergiram no curso de Pós-graduação: Cássia Ap. Sales Magalhães Kirchner, Silvia Vallesi Fulachio e Izalto da Conceição Jr., com os quais cursei disciplinas.

À Marieliza Godoy Bordoni Andrade (Diretora da E. E. “Francisco Glicério”) por facultar o acesso aos documentos da escola (Plantas do Grupo Escolar).

À Regina Joselita B. dos Santos (Chefe de Setor de Pesquisa e Divulgação - Arquivo Municipal de Campinas), pela dedicação na busca dos documentos que interessariam a esta pesquisa.

Aos queridos Antonio Martins e Malú Cestari, pela certeza de *como poderia ser*, pelo apoio constante, em cada momento, de perto ou de longe – minha mais profunda gratidão e amor.

Aos amigos especiais - (Prof. Anselmo) - por acompanharem cada passo de mais esta etapa.

Aos amigos Nora T. M. Nosé e Equipe, por tudo!

À Valdelisa Corrêa Morelli, ao coadjuvar-me a *respirar*, viver-SER e escrever...

À Silvana Cristina Cason, pela preciosa colaboração à finalização deste trabalho.

Ao Felipe Cason de Souza, pela assessoria técnica em vários momentos desta escrita.

À Marli Miranda de Faria (Graduanda de Pedagogia da FE/Unicamp).

Aos funcionários da Biblioteca da FE/Unicamp Maria Alice Cherubim e Vicente Estevam Júnior pelos esclarecimentos normativos.

À Nadir A. Gomes Camacho (Funcionária da Secretaria de Pós-graduação da FE/Unicamp), pelo cuidado e atenção dedicados a todas as minhas solicitações.

À Profª Drª Sylvia Bueno Terzi do IEL/Unicamp, (in memoriam), pela convivência durante a graduação (e depois dela), e pelas contribuições em minha iniciação à pesquisa.

Por último, e não menos importante, mas acima de tudo, a Deus, por permitir a oportunidade de mais este aprendizado.

Lista de figuras

Figura 1 – Pesquisadora Silvia Regina Cason trabalhando com o Arquivo do Grupo Escolar “Francisco Glicério”, na E. E. ”Francisco Glicério”, 2010. Fonte: CIVILIS/FE/UNICAMP.	24
Figura 2 – Mapa de Campinas. Fonte: < http://pro-memoria-de-campinas-sp.blogspot.com.br/2006/10/curiosidades-1916-mapa-do-municipio-de.html >. Acesso em 07/03/2014.	28
Figura 3 – Informativo/Casa de Educação Nossa Senhora do Patrocínio. Fonte: Cunha, 1999, p. 175.	41
Figura 4 - 1º Grupo Escolar de Campinas [s/d.]. Fonte: CIVILIS/FE/UNICAMP.	57
Figura 5 - Planta do G. E. “Francisco Glicério” [s.d.]. Fonte: Arquivo da E. E. “Francisco Glicério”.	57
Figura 6 - Planta do G. E. “Francisco Glicério” [s.d.]. Fonte: Arquivo da E. E.”Francisco Glicério”.	58
Figura 7 - Planta do G. E. “Francisco Glicério” [s.d.]. Fonte: Arquivo da E. .E. “Francisco Glicério”.	58
Figura 8 - Escola Estadual “Francisco Glicério” de Campinas/SP, 2013. Fonte: CIVILIS/FE/UNICAMP.	61
Figura 9 - Escola Estadual “Francisco Glicério” de Campinas/SP, 2013. Fonte: CIVILIS/FE/UNICAMP.	62
Figura 10 - Escola Estadual “Francisco Glicério” de Campinas/SP, 2013. Fonte: CIVILIS/FE/UNICAMP.	62
Figura 11 - Ofício da Delegacia Regional de Ensino. Fonte: Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal de Campinas, caixa de 1916 a 1930.	63
Figura 12 - Livros de Matrículas – seção feminina – (1928-1935). Fonte: CIVILIS/FE/UNICAMP.	68
Figura 13 - Livros de Matrículas – seção masculina – (1928-1935). Fonte: CIVILIS/FE/UNICAMP.	69
Figura 14 - Livro de promoções dos alunos (1928, 1929,1931, 1932 e 1933) – ref. a Ata de promoção dos alunos do 4º ano A masculino em 1932. Fonte: CIVILIS/FE/UNICAMP.	70
Figura 15 - Livro Ata dos exames finais – (1933–1938). Fonte: CIVILIS/FE/UNICAMP.	71
Figura 16 – Livros de Frequência (1931 a 1934). Fonte: CIVILIS/FE/UNICAMP.	72

Figura 17 - Livro de matrícula - seção masculina – (1929). Fonte: CIVILIS/FE/UNICAMP. ...	74
Figura 18 – Livro de Frequência (7-11-933 a 3-8-934). Fonte: CIVILIS/FE/UNICAMP.	83
Figura 19 - Mapa da região do Grupo Escolar “Francisco Glicério” [s.d.]. Fonte: Arquivo da E. E. “Francisco Glicério”.	97
Figura 20.a - Ofício do diretor do Grupo Escolar “Francisco Glicério” Adalberto Nascimento, de 23/4/1925. Fonte: Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal de Campinas, caixa de 1916-1930.	163
Figura 20.b - Ofício do Delegado de Ensino Julio Pestana, de 24/4/1925. Fonte: Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal de Campinas, caixa de 1916-1930.	164
Figura 21 - Ofício do Delegado de Ensino Julio Pestana, de 12 de fevereiro de 1924. Fonte: Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal de Campinas, caixa de 1916 a 1930.	165
Figura 22 - Diretoria Geral da Instrução Pública – Horário para Escola Urbana de 21/01/1919. Fonte: Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal de Campinas, caixa de 1916-1930.	173

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Referente às alunas do 1º ano A – seção feminina que reprovaram, desistiram ou foram eliminadas, a partir do ano de ingresso 1928, do Grupo Escolar “Francisco Glicério” (Matrículas iniciais).	92
Tabela 2 – Referente às alunas do 1º ano B – seção feminina que reprovaram, desistiram ou foram eliminadas, a partir do ano de ingresso 1928, do Grupo Escolar “Francisco Glicério” (Matrículas iniciais).	93
Tabela 3 – Referente às alunas do 1º ano C – seção feminina que reprovaram, desistiram ou foram eliminadas, a partir do ano de ingresso 1928, do Grupo Escolar “Francisco Glicério” (Matrículas iniciais).	94
Tabelas 1;2;3.1 - profissão dos pais – seção fem. 1º A, 1º B e 1º C (matrículas iniciais)	98-9
Tabelas 1;2;3.2 - com ano em que o nome não consta dos livros de matrículas.	111
Tabelas 1;2;3.3 - com as eliminações 1ºA/1ºB/1ºC.	112
Tabela 1.4 - Eliminações pelo Art. 137, l. a e 137–a/ 1º A.	113
Tabela 2.5 - Eliminações pelo Art. 137, l. a e 137–a/ 1º B.	114
Tabela 3.6 - Eliminações pelo Art. 137, l. a e 137–a/ 1º C.	115
Tabela 4 – Referente às alunas do 1º ano A – seção feminina que reprovaram, desistiram ou foram eliminadas, a partir do ano de ingresso 1928, do Grupo Escolar “Francisco Glicério” (Matrículas suplementar).	116
Tabela 5 – Referente às alunas do 1º ano B – seção feminina que reprovaram, desistiram ou foram eliminadas, a partir do ano de ingresso 1928, do Grupo Escolar “Francisco Glicério” (Matrículas suplementar).	117
Tabela 6 – Referente às alunas do 1º ano C – seção feminina que reprovaram, desistiram ou foram eliminadas, a partir do ano de ingresso 1928, do Grupo Escolar “Francisco Glicério” (Matrículas suplementar).	117
Tabelas 4;5;6.1 - profissão dos pais – seção fem. 1º A, 1º B e 1º C (matrículas supl.).	120-1
Tabelas 4;5;6.2 - com ano em que o nome não consta dos livros de matrículas 1º A/1º B/1ºC.....	126
Tabelas 4;5;6.3 - com as eliminações 1ºA/1ºB/1ºC.	127
Tabela 4.4 - Eliminações pelo Art. 137, l.a e 137–a/ 1º A.	128
Tabela 5.5 - Eliminações pelo Art. 137, l. a e 137–a/ 1º B.	129

Tabela 6.6 - Eliminações pelo Art. 137, l.a e 137-a/ 1º C.	130
Tabela 7 – Referente aos alunos do 1º ano A – seção masculina que reprovaram, desistiram ou foram eliminados, a partir do ano de ingresso 1928, do Grupo Escolar “Francisco Glicério” (Matrículas iniciais).	131
Tabela 8 – Referente aos alunos do 1º ano B – seção masculina que reprovaram, desistiram ou foram eliminados, a partir do ano de ingresso 1928, do Grupo Escolar “Francisco Glicério” (Matrículas iniciais).	132
Tabela 9 – Referente aos alunos do 1º ano C – seção masculina que reprovaram, desistiram ou foram eliminados, a partir do ano de ingresso 1928, do Grupo Escolar “Francisco Glicério” (Matrículas iniciais).	133
Tabelas 7;8;9.1 - profissão dos pais – seção masc. 1º A, 1º B e 1º C (matr. Iniciais).	135-8
Tabelas 7;8;9.2 - com ano em que o nome não consta dos livros de matrículas 1ºA/1ºB/1ºC.	144
Tabelas 7;8;9.3 - com as eliminações 1ºA/1ºB/1ºC.	145
Tabela 7.4 - Eliminações pelo Art. 137, l. a e 137-a/ 1º A.	146
Tabela 8.5- Eliminações pelo Art. 137, l. a e 137-a/ 1º B.	147
Tabela 9.6 - Eliminações pelo Art. 137, l. a e 137-a/ 1º C.	148
Tabela 10 – Referente aos alunos do 1º ano A – seção masculina que reprovaram, desistiram ou foram eliminados, a partir do ano de ingresso 1928, do Grupo Escolar “Francisco Glicério” (Matrículas suplementar).	149
Tabela 11 – Referente aos alunos do 1º ano B – seção masculina que reprovaram, desistiram ou foram eliminados, a partir do ano de ingresso 1928, do Grupo Escolar “Francisco Glicério” (Matrículas suplementar).	149
Tabela 12 – Referente aos alunos do 1º ano C – seção masculina que reprovaram, desistiram ou foram eliminados, a partir do ano de ingresso 1928, do Grupo Escolar “Francisco Glicério” (Matrículas suplementar).	150
Tabelas 10;11;12.1 - profissão dos pais – seção masc. 1º A, 1º B e 1º C (matr. supl.).	152-3
Tabelas 10;11;12.2 - com ano em que o nome não consta dos livros de matr. 1ºA/1ºB/1ºC. .	158
Tabelas 10;11;12.3 - com as eliminações 1ºA/1ºB/1ºC.	159
Tabela 10.4 - Eliminações pelo Art. 137, l. a e 137-a/ 1º A.	160
Tabela 11.5 - Eliminações pelo Art. 137, l. a e 137-a/ 1º B.	161
Tabela 12.6 - Eliminações pelo Art. 137, l. a e 137-a/ 1º C.	162

Tabela 13 – Referente às alunas que foram promovidas e conseguiram concluir o ensino primário – seção feminina - que ingressaram em 1928, no Grupo Escolar “Francisco Glicério” (Matrículas regulares e suplementares).	180
Tabela 13.1 - Profissão e nacionalidade do pai 1º A - seção feminina – matr. Inicial.	182
Tabela 13. 2 - Profissão e nacionalidade do pai 1º B - seção feminina – matr. Inicial.	183
Tabela 13.3 - Profissão e nacionalidade do pai 1º C - seção feminina – matr. Inicial.	183
Tabela 13.1.1 - Profissão e nacionalidade do pai 1º A - seção feminina – matr. supl.	185
Tabela 13.2.1 - Profissão e nacionalidade do pai 1º B - seção feminina – matr. supl.	185
Tabela 14 – Referente aos alunos que foram promovidos e conseguiram concluir o ensino primário – seção masculina - que ingressaram em 1928, no Grupo Escolar “Francisco Glicério” (Matrículas regulares e suplementares).	188
Tabela 14.1 - Profissão e nacionalidade do pai 1º A - seção masculina – matr. Inicial.	190
Tabela 14.2 - Profissão e nacionalidade do pai 1º B - seção masculina – matr. Inicial.	190
Tabela 14.3 - Profissão e nacionalidade do pai 1º C - seção masculina – matr. Inicial.	191
Tabela 14.1.1 - Profissão e nacionalidade do pai 1º A - seção masculina – matr. supl.	191
Tabela 14.3.1 - Profissão e nacionalidade do pai 1º C - seção masculina – matr. supl.	192
Tabela 15 - Alunas do 1º Grupo Escolar de Campinas "Francisco Glicério" (seção feminina) de acordo com o ano do curso, o ano cronológico e o total de aprovadas.	196
Tabela 16 - Alunos do 1º Grupo Escolar de Campinas "Francisco Glicério" (seção masculina) de acordo com o ano do curso, o ano cronológico e o total de aprovados.	197

Lista de Gráficos

Gráfico 1 – idades/seção feminina/matrículas iniciais.	95
Gráfico 2 – naturalidades/seção feminina/matrículas iniciais.	96
Gráfico 3 – repetências/seção feminina/matrículas iniciais.....	110
Gráfico 4 – idades/seção feminina/matrículas suplementares.	118
Gráfico 5 – naturalidades/seção feminina/matrículas suplementares.	120
Gráfico 6 – repetências/seção feminina/matrículas suplementares.	125
Gráfico 7 – idades/seção masculina/matrículas iniciais.	134
Gráfico 8 – naturalidades/seção masculina/matrículas iniciais.	135
Gráfico 9 – repetências/seção masculina/matrículas iniciais.....	143
Gráfico 10 – idades/seção masculina/matrículas suplementares.	150
Gráfico 11 – naturalidades/seção masculina/matrículas suplementares.	151
Gráfico 12 – repetências/seção masculina/matrículas suplementares.	157
Gráfico 13 – Gráfico - idades – seção fem. – (Promovidas) matrículas iniciais e supl.....	181
Gráfico 14 - Gráfico – naturalidades – seção fem. – (Promovidas) matrículas iniciais e supl.....	181
Gráfico 15 - Gráfico – quantidades de anos para a formação – seção fem. – (Promovidas) matrículas iniciais e suplementares.	186
Gráfico 16 - Gráfico – núm. de repetências – seção fem. – (Promovidas) matrículas iniciais e suplementares.	186
Gráfico 17 - Gráfico – idades – seção masc. – (Promovidos) matrículas iniciais e supl.	189
Gráfico 18 - Gráfico – naturalidade – seção masc. – (Promovidos) matrículas iniciais e supl....	189
Gráfico 19 - Gráfico – quantidade de anos para a formação – seção masc. – (Promovidos) matrículas iniciais e suplementares.	193
Gráfico 20 - Gráfico – núm. de repetências – seção masc. – (Promovidos) matrículas iniciais e suplementares.	193

Lista de Quadros

Quadro 1 – Com as salas da seção feminina do G. E “Francisco Glicério”.....	81
Quadro 2 – Com as salas da seção masculina do G. E “Francisco Glicério”.....	81
Quadro 3 – Ferroviários categoria de trabalho	101
Quadro 4 - Programa de ensino para os Grupos Escolares sintetizado.	171

Introdução

O presente trabalho traz um estudo sobre os alunos do Primeiro Grupo Escolar de Campinas “Francisco Glicério”. Para tanto, algumas explicações iniciais serão elucidativas para explicitar os caminhos percorridos que levaram a estabelecer o objeto desta pesquisa.

A aproximação e contato com os documentos do arquivo do Grupo Escolar “Francisco Glicério” de Campinas, onde se localizam as fontes desta pesquisa, deu-se ainda no período em que foi cursado a Graduação em Pedagogia¹, com a participação como bolsista do Projeto “Preservação do Patrimônio Histórico Educativo: acervos escolares de Campinas”, coordenado pela Prof^a Dr^a Maria Cristina Menezes - CIVILIS/FE/UNICAMP. É importante salientar que, em momento anterior a esta participação junto ao projeto, como bolsista, os documentos do arquivo já haviam passado por um processo de identificação e tratamento (através do trabalho de outros integrantes da equipe da Prof^a Dr^a Maria Cristina Menezes) e estavam protegidos por tecido TNT² e acondicionados nos armários do laboratório desativado de química da referida instituição.

No contato com o arquivo, o trabalho realizado com esse material foi, primeiramente, retirá-lo de onde estava e dispô-lo sobre a bancada que havia no local de forma a (re) organizá-lo por séries assim compostas: Atas de Reuniões, Livros de Matrículas (seção feminina), Livros de Matrículas (seção Masculina), Livros Ponto, Livros de Despesas, Mapas do Movimento, Fichas de Exercício, Livro de Registro de Títulos e Portarias, Registro de Caixa da A. P. M., Livro de Ouro, Folha de Pagamento, Livro de Compromisso, Metodologia e Prática da Educação, Livro de Registro de Nomeações, entre outros datados de 1897 a 1971 somando um total de 250 documentos.

Logo após os processos de (re) organização por tipologia seguida da ordem cronológica, iniciou-se (com a colaboração dos bolsistas PICJr³ Liliane A. Abreu e Vinicius M. Menezes) as descrições dos itens documentais de todo o arquivo que se encontrava ali reunido. Ao percorrer cada página, coletando os dados, livro a livro, foi-se estabelecendo um interesse a respeito da instituição, durante o período em que aquele material (os documentos do arquivo) tinha sido

¹ Licenciatura em Pedagogia em 2011 pela Universidade Estadual de Campinas.

² Material utilizado para envolver e proteger os documentos do arquivo.

³ Bolsistas sob a orientação da Prof^a Dr^a Maria Cristina Menezes participantes do “Programa de Iniciação Científica Júnior que procura propiciar oportunidades e integrar estudantes de Ensino Médio de Escolas Públicas em atividades de pesquisa sob a orientação de professores ou pesquisadores da UNICAMP e apoio do CNPq...”. Disponível em: <<http://www.prp.rei.unicamp.br/picjr>>. Acesso em 05/06/2013.

produzido. Findo os processos de descrição manual e organização cronológica dos documentos, todos os livros foram provisoriamente acondicionado em caixas de papelão, enquanto aguardam uma futura segunda fase de tratamento.



Figura 1 – Pesquisadora Silvia Regina Cason trabalhando com o Arquivo do Grupo Escolar “Francisco Glicério”, na E. E. “Francisco Glicério”, 2010. Fonte: CIVILIS/FE/UNICAMP.

Imediatamente depois desses processos de descrição e acondicionamento, a instituição entrou em reforma⁴ e essas caixas, contendo os documentos do arquivo, foram levadas do porão para o andar superior da escola, lá permanecendo.

Dessa forma, foi durante esse primeiro contato com a instituição e com seu arquivo, que surgiu o interesse por saber um pouco mais sobre os personagens que por ali passaram em especial os alunos. Alguns documentos do arquivo poderiam trazer, de acordo com o paradigma indiciário, pistas, indícios e/ou evidências sobre o perfil escolar e social deles, pois “[...] alguém passou ali”. “‘Decifrar’ ou ‘ler’ as pistas são metáforas” (Ginzburg 1999, p.152).

Com este objetivo, de investigar, tentar fazer emergir, e procurar dar algum sentido às informações ali contidas, submersas ou explícitas, houve o interesses em revisitar esses documentos, para problematizar e discutir seu conteúdo. Quem eram aqueles sujeitos? Que

⁴ Reforma da Instituição ocorreu a partir de agosto de 2010. (Conforme contato com a secretaria da escola no dia 19/12/2013, funcionária Carmen, a reforma foi concluída em agosto de 2013).

marcas, mensagens e significados teriam deixado na história ao terem frequentado aquela importante instituição?

Em outro trabalho desenvolvido com o material do arquivo, durante o mestrado, agora já em outro processo, (não em outra fase do primeiro processo, que seria a higienização) – mas sim, no processo de digitalização de alguns documentos, ainda dentro do projeto de pesquisa desenvolvido pela Profª Drª Maria Cristina Menezes no grupo CIVILS⁵, houve a reaproximação com o material do arquivo. Esse reencontro ou novo contato reavivou o interesse por traçar o perfil daqueles sujeitos.

Assim, pautada pelo referencial das Culturas Escolares, que objetiva conhecer as instituições escolares a partir de dentro, segundo autores como Dominique Julia: “Para ser breve, poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos...” (Julia, 2001, p. 10-11), e Antonio Viñao Frago (1995), para quem o conceito de Cultura Escolar engloba tudo o que acontece no interior da escola: “Alguién dirá: Y si, es cierto, la cultura escolar es toda la vida escolar: hechos e ideas, mentes y cuerpos, objetos y conductas, modos de pensar, decir y hacer” (Viñao Frago, 1995, p.69). O que permite atribuir a cada escola uma singularidade capaz de ampliar as possibilidades de estudos no campo da história das instituições, assim:

“Puede ser que exista una única cultura escolar, referible a todas las instituciones educativas de un determinado lugar y período, y que, incluso, lográramos aislar sus características y elementos básicos. Sin embargo, desde una perspectiva histórica parece más fructífero e interesante hablar, em plural de culturas escolares. [...] Cada establecimiento docente tiene, más o menos acentuada, su propia cultura, unas características peculiares. No hay dos escuelas, [...] exactamente iguales, aunque puedan establecer-se similitudes entre ellas. Las diferencias crecen cuando comparamos las culturas de instituciones que pertenecen a distintos niveles educativos (Viñao, 2006, p. 80).

Dessa forma, com o intuito de entender melhor essas questões, foram desenvolvidas algumas amostragens a partir dos Livros de matrícula das seções feminina e masculina do, inicialmente, denominado Primeiro Grupo Escolar de Campinas, e depois Grupo Escolar “Francisco Glicério”, no período compreendido entre 1928 a 1935.

⁵ Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação, Cultura Escolar e Cidadania, coordenado pela Profª. Drª. Maria Cristina Menezes, FE/UNICAMP.

O recorte temporal (1928-1935) que delimitou o período da presente pesquisa, deu-se primeiro por serem os anos com os quais os livros que compõem as séries tanto feminina quanto masculina se iniciam, segundo por possuírem uma sequência cronológica que permitiria o acompanhamento da progressão escolar desses alunos ao cursarem o ensino primário até concluírem ou não o curso.

Objetivando abordar o perfil escolar e social desses meninos e meninas, que frequentaram os bancos escolares do Primeiro Grupo Escolar de Campinas, os capítulos do presente trabalho foram assim estruturados:

No capítulo I será apresentado, de forma breve um pouco da história da cidade, já alicerçado em pesquisas realizadas, a fim de contextualizar o local onde se deu a criação da escola em Campinas. Em seguida serão analisados, a partir do arquivo histórico da instituição - os Livros de matrículas – fontes com as quais e a partir das quais, foi possível desenvolver o capítulo seguinte.

No capítulo II, após o desenvolvimento das amostragens das seções feminina e masculina, será apresentado uma análise referente aos alunos que não conseguiram concluir o curso primário. Aqueles alunos que foram abandonando os estudos logo no início, bem como aqueles que foram desistindo com o passar do tempo, mediante as dificuldades encontradas pelo caminho.

No capítulo III será visto a respeito das trajetórias de sucesso. Meninos e meninas que conseguiram promoções no 4º ano do curso primário, no Grupo Escolar “Francisco Glicério”. Suas “facilidades” e/ou “dificuldades” e persistências até concluírem o curso.

Nas considerações finais serão mostradas, as especificidades das amostragens e serão tecidas algumas reflexões finais a respeito dos resultados obtidos.

1. Capítulo 1 – A cidade de Campinas e o seu primeiro Grupo Escolar

Para discutir sobre o perfil e as trajetórias traçadas pelos alunos do “Primeiro Grupo Escolar de Campinas”, num determinado período da existência da instituição “Francisco Glicério”, em que funcionou como Grupo Escolar⁶, e ao ingressarem no curso primário por ela oferecido, parece ser apropriado, que logo de início, se abra um parêntese nesta escrita e seja dedicado algum tempo para citar certos acontecimentos da história do município, das condições de vida que a cidade oferecia na época, aspectos dos embates político, econômico e educacional a ela contemporâneos - que a antecederam e sobre o que foi possível saber sobre a instituição.

Com o apoio de fontes secundárias, advindas de pesquisas já realizadas, não foi empreendido aqui um estudo histórico original, apenas serão trazidos aspectos dessa história que enriqueçam o entendimento do objeto de pesquisa.

Diante disso, com esses propósitos, é possível uma rápida incursão pela história do município de Campinas, no qual a escola foi criada, trazendo em cena pequenos recortes que ilustram alguns desses momentos. Esse esforço não é outro senão o de buscar referências que permitam compor minimamente o cenário no qual esses personagens – alunos do Grupo Escolar “Francisco Glicério”, ingressantes no ano de 1928, futuramente, viveriam e se desenvolveriam enquanto indivíduos, e cidadãos.

1.1 - A história de Campinas

A história de Campinas está repleta de matizes, riqueza, beleza de detalhes, acontecimentos e pormenores que não caberiam ser retratados com profundidade neste trabalho, pois ao fazê-lo, causaria certo distanciamento dos objetivos propostos. No entanto, para delinear sucintamente o cenário que antecedeu e permeou o período de 1928, no qual a presente pesquisa está cronologicamente circunscrita, torna-se importante, ainda que de forma breve, serem traçados alguns quadros que ilustram um pouco a história do surgimento do município, sua condição política, econômica e educacional.

⁶ Os Grupos Escolares foram criados pela Lei nº 169, de 7 de agosto de 1893 e extintos em 1971, em virtude da Lei n. 5.692 de 11 de agosto de 1971 que fixou diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus.

Intencionando proporcionar rudimentos para a constituição desse panorama, breves palavras assim descrevem a história da cidade:

De acordo com o Guia Geográfico do Estado de São Paulo a região onde hoje se localiza a cidade de Campinas tem pouco mais de 260 anos de história. A cidade surgiu como bairro rural da Vila de Jundiáí no Caminho dos Goiaes.

Entre Jundiáí e Mogi Mirim foi instalado um pequeno pouso onde descansavam os tropeiros em suas viagens para Goiás ou Cuiabá. Esse pequeno pouso ficou conhecido como “Campinas de Mato grosso”, devido à existência de três “campinhos em meio à mata”. A região foi se desenvolvendo impulsionada pela vinda de fazendeiros de outras cidades do estado que buscavam terras para a instalação de lavouras de cana de açúcar. Graças ao interesse desses fazendeiros e do Governo da Capitania de São Paulo, o bairro rural do Mato grosso foi transformado, no ano de 1774, em Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas de Mato Grosso, depois, no ano de 1797 em Vila de São Carlos e, em 1842 em cidade de Campinas - período no qual as plantações de café superaram as lavouras de cana de açúcar. (Guia Geográfico Estado de São Paulo. História de Campinas. Disponível em: <<http://www.sp-turismo.com/campinas/historia.htm>>. Acesso em 09/07/2013).



Figura 2 – Mapa de Campinas - Fonte: <<http://pro-memoria-de-campinas-sp.blogspot.com.br/2006/10/curiosidades-1916-mapa-do-municipio-de.html>>. Acesso em 07/03/2014.

Conforme o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) Campinas teve a seguinte formação administrativa:

“Elevado à categoria de vila com a denominação de São Carlos, por Portaria de 04-11-1797 e ordem régia de 16-11-1797, desmembrado de Vila Jundiáí. Constituído do distrito sede. Instalado em 14-12-1797; Elevado à condição de cidade com a denominação de Campinas, pela lei nº 5 ou 181, de 0502-1842”. (IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=350950&search=sao-paulo|campinas#historico>>. Acesso em: 09/07/2013).

Já no final do século XIX, de acordo com Martins (2001), Campinas era um dos principais polos cafeeiros do Brasil, e também considerada como a capital da República do Café com Leite⁷. Com essa política (café com leite), fazendeiros de São Paulo e de Minas Gerais dominavam o poder político e econômico do país; entre tais fazendeiros, dois campineiros, autênticos representantes da classe dos cafeicultores, destacavam-se: Francisco Glicério de Cerqueira Leite - ministro da Agricultura do primeiro governo republicano brasileiro e Manuel Ferraz de Campos Salles, ministro da justiça no Governo Provisório formada após a Proclamação da República em 15 de novembro de 1889. Mais adiante, com doações ou com participação direta na criação de instituição de ensino seriam nomes de destaque para a educação local.

Francisco Glicério receberia homenagens póstumas, como veremos mais adiante, ao ter seu nome compondo o nome do primeiro grupo escolar da cidade. Assim, o ensino público, na nova modalidade de instituição que surgia, os grupos escolares, no período republicano, representava não apenas a consolidação do novo regime, como também, por ela (educação popular), acreditava-se que haveria de se chegar a regeneração da Nação. A escola teria o poder de moralizar, disciplinar e civilizar as novas gerações, estabelecendo a ordem social.

1.1.1 - Condução e transportes da cidade de Campinas

O sistema de condução e de transportes de Campinas era feito primeiramente por bondes de tração animal, puxados por burros, depois foram substituídos por bondes elétricos, após a

⁷ Política do Café com Leite, assim batizada para caracterizar a aliança entre os fazendeiros do café de São Paulo com os fazendeiros de Minas Gerais. (MARTINS, 2001, p. 12).

instalação da Companhia Campineira de Tração Luz e Força na cidade. Toda essa transformação pode ser vista através dos seguintes relatos:

“Por uns meses após a inauguração dos carros da tração, ainda subsistiram os bondes de burros. Depois, abandonados, esquecidos, foram aos poucos recolhidos ao depósito existente próximo ao Gasômetro, hoje almoxarifado e Casa da Fôrça da Tração, à rua Dona Libânia. Não adiantava teimar, desde que não conseguiam mais passageiros”. (Julio Mariano 1952, p. 538). Livro: Monografia Histórica de Campinas.

“A festança de inauguração dos Elétricos. [...] tivemos a inauguração da primeira linha de elétricos em Campinas, por um dia de São João. Na verdade, foi num bonita tarde de junho – 24 de junho de 1912 [...] a Companhia Campineira de Tração Luz e Fôrça botou a correr o seu primeiro bonde [...] Campinas já não andava [...] a trote de mulas. Avançando decididamente na senda do progresso a “Princesa d’Oeste” corria agora sobre rodas elétricas!”. (Julio Mariano 1952, p. 538). Livro: Monografia Histórica de Campinas.

Para além desses festejos, foi localizada uma curiosa situação que também vem enriquecer as imagens que se quer compor em relação à época. Apesar de ter um enredo folclórico, traz indicações de como eram alguns bairros, em especial o “Fundão”.

“À margem da história dos bondes uma lenda de assombração

Havendo relatado a história dos bondes em Campinas, como diria Horácio, não será de bom gosto demorarmos em cada uma das suas penas ou das suas linhas, preferindo antes contribuir para o acervo do material folclórico da cidade, contando de uma lenda que se fez em torno do primeiro bonde “11”, rotulado “Fundão”.

Ao contrário do bondinho de burros, que deixava os passageiros de visita aos mortos aqui distante, à entrada da Avenida da Saudade, o elétrico da primitiva linha “Fundão” teve um percurso bem diferente do atual. Partindo do Largo do Rosário, tomava o rumo da Vila Industrial – via José Paulino e Cônego Cipião – e, quando na Avenida João Jorge, é que enveredava pela 7 de Setembro, ganhando a Ponte Preta, pela rua Álvaro Ribeiro, e depois a Avenida da Saudade, seguindo até o portão do Cemitério. Completava esse percurso dia e noite, embora fossem raros os passageiros para o Fundão, a horas mortas, mesmo porque, inda por vários anos além de 1912, se manteve completamente deserta, um ermo sombrio, a Avenida da Saudade, sem nenhum prédio a iniciar o povoamento da comprida via além do casarão-hospital de isolamento lá distante, hoje tapera aguardando demolição. O elétrico foi correndo, dia e noite, oferecendo condução ao Cemitério, até que em determinada data deu de encurtar a viagem, após o crepúsculo, fazendo parada à boca da Avenida. E a gente simples contou a história...

Noite escura, a desoras, uivo de cães assustados na barroca da Santa Cruz do Palheiro, corujas piando triste entre os galhos das amoreiras da Avenida da Saudade, e só o elétrico da Tração perturbando a quietude e pinchando luz viva naquela via de sombras, onde à meia-noite – ao que relatavam criaturas idosas – costumava desfilar certa procissão de mortos...

Chegando o bonde, àquela noite, ao portão do Cemitério – fato estranho! – topou com passageiros, para a volta, duas mulheres de véu, enfumando-lhes o rosto, e trajadas de preto! Subiram silenciosas, no elétrico. Tomaram assento sem uma fala, sem rumor.

Nesse instante, os cães, lá na barroca da Santa Cruz do Palheiro, deram de uivar mais lugubrememente, e as corujas parece que se riam no toco das amoreiras...

(Uma pessoa sente arrepios, só em lembrar a história!...)

Acomodadas as passageiras de horas mortas, toca o condutor a sineta e toca o motoneiro o carro, rumo a cidade.

Correndo o elétrico alguns metros, o condutor, como era natural, foi cobrar as passagens das damas de preto. Estendeu a mão, falou – “A passagem, se me fazem o favor” - bateu no banco com o nó dos dedos, e nada das mulheres atenderem, se moverem ao menos, com um gesto, ali no banco!

Irritado com aquele indiferentismo, já ensaiava o zeloso funcionário das Elétricas uma frase enérgica, repreensiva, contra as pessoas, homens ou mulheres, que não se pejam em tomar o bonde sem um níquel para o pagamento da respectiva passagem. Mas, eis que o cabelo se lhe dá de crescer, crescer, espetando e alevantando o boné de miliciano elétrico lá no alto, bem lá no alto!...

Largando as mulheres, ali no banco, pouco se incomodando, já, com as passagens a receber, mais apavorado com o vulto escuro do cruzeiro de ferro da Avenida que lhe passou ao lado num repente, num sopro gelado, o condutor tratou de se acercar ao companheiro motoneiro, a quem mandou tocar o bonde mais depressa, bem depressa...

Condutor e motoneiro só arriscaram uma olhada para trás quando na curva da rua Álvaro Ribeiro. E o carro se achava vazio de passageiro, os bancos escandalosamente nus, verniz espelhando sob a luz forte das lâmpadas elétricas!...

Desde essa noite, narram as piedosas e bem informadas comadres, o bonde não rodou mais pela Avenida dos mortos, a desoras, antes que o progresso alevantasse pelo menos uma dúzia de casas por lá. A Companhia Tração, porém, explicou o fato do encurtamento da linha do Fundão, à noite, de outra forma: Era tolice manter o bonde correndo até o portão do Cemitério sem passageiros”. (Mariano, 1952, p. 539-540).

Em 1929, diversas indústrias se instalam no bairro Fundão, conforme coloca Battistoni Filho, 1996, o que faz aumentar o número de operários, obrigando a Prefeitura a dividi-lo em ruas, fazendo surgir posteriormente as Vilas Marieta e Paraíso. Ainda no mesmo ano o “bairro Guanabara é modernizado com a construção da Avenida Barão de Itapura” (Battistoni Filho, 1996, p. 66).

Quanto aos meios de transportes, uma malha ferroviária viria substituir a tração animal no transporte das mercadorias, antes realizado por mulas, que encarecia o preço do produto. As ferrovias representavam, para o município, um incentivo para a produção cafeeira, porque o transporte com custos baixos elevavam os lucros, intensificavam a produção, gerando uma interdependência entre ambos, café e ferrovia.

“No início do século 20, Campinas estava no centro do poder político e econômico do Brasil café com leite. O capital acumulado pelo setor cafeeiro havia propiciado a instalação em Campinas e região da principal rede de ferrovias no Brasil, projetada inicialmente para facilitar o escoamento do café para exportação, mas que foi

fundamental para favorecer a expansão da indústria nas regiões sul e sudeste, sob liderança de São Paulo”. (Martins 2001, p. 13).

A era ferroviária teve início em 1867, com a inauguração do ramal Santos-Jundiaí pela Companhia São Paulo Railway. Mais tarde, composta por quatro grandes ferrovias paulistas, que eram a São Paulo Railway, a Sorocabana, a Paulista e a Mogiana. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/exposicao_ferrovias/ensino.php>. Acesso 24/07/2013. “Cada trilho que se estende, cada locomotiva que passa e se afasta bufando pelas matas, é uma vitória da civilização que se inicia, é uma nova conquista da humanidade que se firma” (Almanach de Campinas, 1914, p.145).

Segundo Souza, (1998), “as ferrovias Paulista e Mogiana foram criadas em 1872 por iniciativa dos próprios fazendeiros de café” (p. 100). Além de principal meio de escoamento da produção cafeeira, a ferrovia também era local de trabalho de muitos pais de alunos do Grupo Escolar “Francisco Glicério” que ingressaram no primeiro ano do curso primário, das seções femininas e masculinas, em 1928, como poderá ser visto no capítulo 2.

1.1.2 – Superando as adversidades e as escolas do município

A febre amarela - De acordo com Badaró, (2006), Campinas vivia o seu esplendor urbano e econômico quando foi abalada por sucessivos surtos de febre amarela. Surtos estes que mataram e afugentaram as pessoas, reduzindo a população em cerca de 5.000 habitantes. De acordo com Brito, (1967), a 1ª epidemia ocorreu em 1889 e a 2ª em março de 1890.

Quanto às causas da febre amarela, a classe médica divergia em opiniões e seguia os mais contraditórios tratamentos, até que, Emílio Ribas⁸ pôs em prática em Campinas um serviço de desinfecção domiciliar – campanha que culminou com o desaparecimento da febre amarela neste

⁸“Dr. Emilio Marcondes Ribas – nasceu à 11 de abril de 1862, dez anos antes de Oswaldo Cruz. Formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1888, clinicou em sua cidade natal e algumas outras do interior paulista e em 1895 ingressou no serviço sanitário. Foi em Campinas que o ilustre pindamonhagabaense se destacou, logo que fora nomeado médico chefe da Comissão Sanitária nesta cidade, em 1897, sendo desde logo atacado por seu intermédio o serviço de desinfecção domiciliar, prelúdio de uma grande campanha que o iria por em evidencia nos próximos dias de sua estadia aqui e que culminou, de uma vez para sempre, com desaparecimento da febre amarela neste estado”. (BRITO, 1967, p. 95).

estado. Mais tarde chegou ao Brasil a notícia da experiência cubana em que o médico Carlos Finlay havia observado que o mosquito era o transmissor da doença. Nela Emilio Ribas encontrou a prova de que agira de modo certo ao combater a doença em Campinas e outras cidades. À vista disso, segundo Badaró, (2006), foram grandes os investimentos públicos em saneamento urbano e infraestrutura, além de normas e medidas de higiene que foram implantadas para o combate da epidemia. Conforme Martins, (2001), outro elemento fundamental para a recuperação de Campinas, foram as obras de drenagem, canalizações de córregos e a implantação do Canal de Saneamento. Todos esses elementos somados contribuíram para o processo de urbanização do município - que a essa altura dos acontecimentos já contava com mais de 100 mil habitantes.

Pós-febre amarela (1ª epidemia ocorreu em 1889 e a 2ª em março de 1890, como mencionado anteriormente) - Abrahão, (2010), diz o seguinte:

“Essas epidemias fizeram Campinas vivenciar uma lacuna cultural, social e econômica, deixando-a momentaneamente paralisada. Era como se a tradição, os hábitos e costumes migrassem com as famílias para outras localidades do estado de São Paulo (p. 66). [...] Com base em nossas pesquisas, podemos afirmar que esta cidade sofreu um processo de modernização, mesmo passando por momentos de crise, mas que refletiram diretamente nas condições sociais, culturais e econômicas da sua população. Campinas soube aproveitar os bons e maus momentos para estabelecer-se ao longo dos tempos como uma das cidades mais prósperas do estado de São Paulo” (p. 67).

Com base nas palavras da autora, compreende-se que Campinas soube se aproveitar das dificuldades para se desenvolver. O recurso da energia elétrica como força motriz em 1905, fez o processo da industrialização se acentuar, uma vez que, indústrias de produção de tecidos, chapéus, fábrica de fogões, artefatos de ferro, papéis, e cerâmicas, foram instalados na cidade.

Com o crescimento da população, em 1920, esta atingiu 115.000 habitantes, número inferior ao da capital.

Quanto ao planejamento urbano, segundo Abrahão, (2010), “novas áreas foram loteadas para a implantação de bairros e vilas operárias, como, por exemplo, a Vila Industrial” (p. 67-8). Battistoni Filho, 1996, coloca que entre os anos de 1925 a 1930, novos bairros residenciais surgiram em Campinas após o retalhamento das terras que antes eram ocupadas por cafezais velhos, ou pouco produtivas das fazendas Chapadão e Taquaral.

Após superar o flagelo da febre amarela de acordo com Brito, (1967), surgiu outro mal que arruinou a classe agrícola, arrebatando-lhe o fruto de sua economia. Uma intensa geadá queimou cafezais atingindo a produção de café causando imensos prejuízos.

Ainda nesse período (pós-febre amarela), Campinas e outras cidades brasileiras novamente foram acometidas por epidemias, dessa vez era a Gripe Espanhola. Ao final de 1918, segundo Martins, (2001), em Campinas, foi significativo o fato de alunos e professores da Escola Complementar colaborarem no atendimento às vítimas da epidemia. “O episódio ilustra perfeitamente a estreita vinculação entre os estabelecimentos educacionais e a comunidade no início do século”. Segundo este autor, esse tipo de acontecimento ajudou a explicar porque o município passou a posição de destaque no cenário econômico brasileiro, transformando-se em importante polo industrial e científico. Não foi apenas em função do poder econômico e político conquistados com a produção do café, mas também devido ao importante complexo educacional instalado na cidade, que propiciou consistente base intelectual para o progresso local.

Ao final do século XIX a cidade já contava com importantes estabelecimentos educacionais. De acordo com Mariano, 1952 p. 454, assim se compunha o ensino em Campinas:

“1. Colégio Progresso Campineiro, fundado em 1900, funciona como Colégio desde 1942 até os dias atuais; 2. Escola Normal Carlos Gomes, criada em 1902, inaugurada oficialmente em 1903; 3. Colégio São Benedito de 1902 até 1937; 4. Externato Tiradentes, estabelecimento particular de ensino de 1904 a 1946; 5. Colégio Sagrado Coração de Jesus de 1908 até os dias atuais, em 1942 - decreto n. 1.852 autoriza-o a funcionar como Colégio; 6. Externato São João surgiu em 1909; 7. Escola Técnica de Comércio “Bento Quirino” 1910 – sinal do crescimento da importância da atividade comercial em Campinas.

Após 1910 grandes e modernos Colégios, somados às escolas existentes, firmam para Campinas o conceito de cidade colegial.

1. Colégio Cesário Mota de 1911 a 1943; 2. Colégio Diocesano Santa Maria 1915; 3. Externato Caetano de Campos de 1915 a 1921; 4. Jardim de Infância e curso primário Noemia Asbahr de 1917; 5. Escola Industrial “Bento Quirino” de 1918, a partir de 1927 funcionou sob expensas do governo oferecendo cursos diurnos e noturnos para meninos e meninas; 6. Colégio Ateneu Paulista de 1921, atualmente ainda em funcionamento; 7. Academia de Comércio São Luiz, de 1921, em 1948 teve como antecessores mestres como Bernardo Leite, Padre Artur de Souza Faria e outros; 8. Educandário Santa Terezinha, foi estabelecimento de ensino primário e pré-primário, devidamente registrado no Departamento de Educação, foi fundado em 1927, esteve em atividade continuada desde a fundação; 9. Escolas Públicas Primárias: o primeiro em 1897, Grupo Escolar “Francisco Glicério”; o segundo em 1900, Grupo Escolar “Dr. Quirino dos Santos”; o terceiro em 1910, Grupo Escolar “Artur Segurado”; e o quarto em 1923, Grupo Escolar “Orosimbo Maia””.

O Almanach de Campinas de 1914 traz quase a mesma composição educacional para cidade, no entanto, é mais completo:

Instrução Pública (1915)

Conforme consta no Almanach de Campinas de 1914, a instrução em Campinas ocorria em vários estabelecimentos de ensino locais, ou mantidos pelo Estado, ou pela Câmara, ou ainda pela iniciativa do povo. Segue-se a lista com os nomes:

INSTRUÇÃO PÚBLICA

A cargo do governo do Estado se acham os seguintes estabelecimentos de ensino:

Gymnasio de Campinas – Fundado em 1897, funciona em prédio próprio, fornecido pela Câmara, à rua Culto a Ciência.

Escola Normal Primária – Fundada em 1903, funciona a rua Treze de Maio n. 2, em prédio alugado pela Camara. Passou a Normal Primária em 1911.

1º Grupo Escolar – Instalado em 1897, funciona em prédio próprio, no largo do Riachuelo.

Diretor – Adalberto Nascimento.

Porteiro – João Basílio de Moraes.

Serventes – Antonio Cabral e d. Amalia do Amaral.

Adjuntos – DD. Francisca Romana Leite, Josepha S. Azevedo Marques, Lydia de Castro, Clotilde Odoardo, Maria Isabel Machado de Mello, Sophia do Amaral Jacob, Maria Ferreira e Philomena Lopes da Silva, Vitor Oliva, Innocencio Augusto da Silveira Maia.

Substitutatas effectivas – DD. Anna Luiza Pedroso de Camargo, Leonor Melchert Pinto e Albertina de Faria.

2º Grupo Escolar “Dr. Quirino dos Santos” – Instalado em 1900, funciona a rua Dr. Costa Aguiar n. 1, em prédio alugado pela Câmara. Este grupo é anexo à Escola Normal Primária.

3º Grupo Escolar – Instalado em 1910, a Rua Barreto Leme n. 17. As aulas funcionam em dois períodos. Período da manhã – secção masculina; período da tarde – secção feminina.

Escolas Estaduais (isoladas)

Sexo Feminino

1ª. – D. Odilla Egydio de Souza Santos.

2ª. – D. Maria Mendes Caetano.

3ª – D. Maria de Andrade Squarzini.

Fundão – Ponte Preta – D. Olga Ferreira.

Villa Industrial – Rua Salles de Oliveira – D. Lucilia de Almeida.

Bonfim – Rua B. do Paranyba – D. Esther Brenneisen.

Frontão – D. Leonor Leme Carneiro.

Rebouças – D. Odilla Prado Pinto.

Sexo Masculino

Taquaral – Avenida Itapura – Domingos de Araújo.

Villa Industrial – Rua Salles de Oliveira – Joaquim da Silva Teixeira.

Frontão – João Ferreira de Mendonça.

1ª Nocturna – “Correa de Mello” – Mario de França Camargo.

2ª Nocturna – Rua Campos Salles – Jorge Nogueira Ferraz.

Rebouças – Gumercindo Rodrigues.

Descampado – José Ubirajara Pinto.

Mixtas

Taquaral – Avenida Itapura – D. Silvia Gouvêa Aranha.

Anhumas – D. Francisca de Camargo Valle.

Tanquinho – D. Ondina Scherek, substituta.

Funil – D. Maria Fausta Nogueira.

Foram criadas em dezembro, mas ainda não se acham providas as seguintes: masculina em Villa Industrial, feminina em Santa Cruz, mixtas em Arvore Grande, Frontão, Ribeirão e Capão Fresco.

Escolas Municipais

São mantidas pela Câmara as seguintes escolas:

Sexo feminino

Ferreira Penteado – Rua Regente Feijó – DD. Maria do Carmo Costa Ghiliardi e Anna Cunha do Amaral, (adjunta).

Zeladora – D. Maria Joaquina das Dores.

Taquaral – D. Celeste Nogueira.

Fundão – Ponte Preta – D. Maria Ribas Cavalheiro.

Bairro das Canelleiras – D. Georgina da Rocha Almeida.

Sexo Masculino

Correa de Mello – Rua Dr. Bernardino de Campos – Luis Monteiro e bacharel Oscar de Moraes (adjuncto).

Mixtas

Campo Grande – D. Lydia Barbosa.

Bonfim – D. Guiomar Damy.

Guanabara – Rua Jorge Krug – DD. Castorina Leme Cavalheiro e Benedicta de Castro Moraes (adjunsta).

Instrução Particular

Lyceu de Artes e Officios N. S. Auxiliadora – Fundado em 1892, funciona desde 1897 em edifício próprio, no alto do Guanabara.

Diretor – Padre Manoel Gomes de Oliveira. Curso primário e secundário e escripturação mercantil.

Escola Pratica do Commercio – Fundado em 1910, funciona na Praça Bento Quirino, curso noturno.

Collegio Progresso Campineiro – Fundado em 1902, por diversos campineiro illustres, funciona a Rua José Paulino n. 24.

Externato Santa Casa – Fundado em 1879, anexo à Santa Casa de Misericórdia.

Instituto Cesário Motta – Fundado em 1911, funciona a Rua S. Pedro n. 35.

Collegio São Benedito – Fundado em Campinas a 15 de Julho de 1902, pelo prof. Francisco José de Oliveira.

Externato S. João – Fundado em 1909, pelos padres salesianos, funciona a Rua José Paulino. Curso primário e secundário. Aula Nocturna.

Escola “Amiga dos Pobres” – Fundada pela benemérita S. Amiga dos Pobres, esta escola mixta funciona a Rua Barão de Parnahyba. Ensino primário.

Escolas do Circolo Italiano – Funciona no prédio social a Praça Annita Garibaldi. Curso primário.

Escola S. Alleman “Instrução e Leitura” – Fundada em 1863, funciona a Rua Visconde do Rio Branco n. 90. Curso primário.

Nova Escola Alleman – Fundada em 1900, funciona a Rua José de Alencar n. 48. Curso primário.

Escola Parochial Santo Antonio – Fundada em 1907, funciona no prédio anexo a igreja São Benedicto. Curso primário.

Escola S. Artística Beneficente – Fundada em 1910, funciona a Rua Regente Feijó n. 33. Curso primário.

Escola Nocturna “Independência” – Funciona a Rua Campos Salles n.33. Curso primário para adultos.

Escola nocturna “Liberdade e Ordem” – Funciona a Rua Regente Feijó n. 33. Curso primário.

Escola da Liga Operaria – Funciona a Rua Regente Feijó n. 39. Curso primário.

Externato Tiradentes – Funciona a Rua regente Feijó n. 127. Curso primário.

Collegio Santa Cruz – Funciona a praça 15 de Novembro. Curso primário.

Escola S. Vicente de Paulo – Fundada em 1909, funciona na vila S. Vicente de Paulo. Curso primário.

Jardim da Infância e Escola Modelo – Fundados em 1909, funcionam a Rua Marechal Deodoro. Curso primário.

Collegio Du Sacré Coeur – Fundado em 1903 pelas irmãs do Calvário, funciona em prédio próprio, a Rua José Paulino. Curso primário. (Almanach de Campinas, 1914, p. 135-142).

Alguma das escolas constantes na lista acima, mencionadas pelo Almanach de Campinas de 1914, podem ser melhor compreendidas quanto ao seus funcionamentos, mediante Pessoa, (2004), que traz mais da historia da educação em Campinas.

Após surto da febre que deixou órfãs muitas crianças, surgiu uma das mais importantes instituições educacionais católicas da cidade, o Liceu Salesiano. A presença desses órfãos inspirou a criação de um abrigo com o apoio de um vigário (Padre João Batista C. Nery). Logo, o abrigo se transformou em Lyceo. A instituição recebia recursos de importantes famílias locais. Cabia aos padres salesianos assegurar o funcionamento da instituição – cujos propósitos eram educar crianças mais carentes, associando o ensino escolar à religião católica e ao aprendizado de um ofício (tipografia, carpintaria, alfaiataria e sapataria). Mais tarde, dificuldades financeiras levaram os salesianos a transferirem suas oficinas do bairro Guanabara onde haviam se instalado inicialmente para a região mais central da cidade, originando o Externato São João;

Pessoa, 2004, coloca ainda que imigrantes da colônia italiana, com posição de destaque tal como o comerciante Attilio Bucci, criaram importante instituição para auxiliar seus conterrâneos – Circolo Italiani Uniti (1881), para oferecer escola gratuita (com duas classes primárias uma para meninos e outra para meninas) e atendimento médico não só para italianos

como também para pessoas de outras origens nacionais. Em 1889 (período em que a cidade sofreu com a epidemia da febre amarela) as salas foram transformadas em quartos de hospital, só retornando às atividades de ensino após o fim da epidemia. Atualmente a instituição exerce papel exclusivo de Hospital: Casa de Saúde de Campinas;

Instituições particulares de educação feminina como o Colégio Perseverança, conhecido como Colégio Cesarino, contava com professores negros de grande prestígio e com um número significativo de alunos, filhos de famílias abastadas da cidade. Conforme, Pessoa, (2004), embora a escola fosse particular, seu fundador garantia escolarização de algumas alunas negras sem recursos;

Outra instituição importante no município foi a Escola São Benedito, surgida no final do século XIX nos fundos da igreja São Benedito, para a escolarização de alunos de outros grupos étnicos, e de condições mais modestas. Desta escola, em 1902 surgiu o Colégio São Benedito, que funcionou até 1908 em dependências anexas a igreja. Desde então foi instalado na Rua Moraes Salles sendo incorporado à Federação Paulista dos Homens de cor em 1910. O Colégio funcionou com regularidade até 1937, atendendo alunos dos mais variados grupos sociais;

O autor ainda menciona o Colégio “Culto a Ciência”, fundado em 1874, foi uma instituição que conferiu a elite cafeeira ideários positivistas e maçons, destinado para rapazes desde sua criação. Em 1894 foi transferido para o Estado para abrigar em 1897 o Ginásio de Campinas.

Nas vizinhanças do “Culto a Ciência”, Pessoa (2004) recorda que foi criada também por republicanos a Escola Correia de Melo destinada a alunos sem recursos;

“As Lojas Maçônicas Fidelidade (1871), Independência, Liberdade e Ordem também ofereciam ensino de primeiras letras em aulas noturnas gratuitas (que depois seriam transformadas em Escolas Noturnas)”. (Pessoa, 2004, p. 111);

No campo da educação feminina, em 1900, foi criado o Colégio Progresso que depois se tornou um marco no ensino de Campinas;

A Escola Complementar de Campinas, criada em 1902, segundo o autor, foi responsável por formar inúmeros professores primários que se ocupariam depois da instrução na escola pública republicana. Pautada neste ideário, nascia a Escola Normal Carlos Gomes. A rede de escolas públicas em Campinas, no momento da instalação da Escola Complementar (Escola Normal) era composta de escolas isoladas, onde os alunos eram agrupados em uma única sala de

aula, localizavam-se na área rural – onde a maioria das pessoas viviam. Na área central, os Grupos Escolares começavam a surgir – compunham uma inovação republicana – sendo implantada inicialmente no estado de São Paulo. Com o propósito de escolarizar em massa. Seu funcionamento tinha uma estruturação interna baseada na graduação escolar, ou seja, os alunos eram classificados por série, reunia vários professores que se encarregavam de uma única série de cada vez. Em Campinas o primeiro Grupo Escolar Estadual construído foi o “Francisco Glicério” de 1897, “nos primeiros tempos, o Grupo recebeu 401 alunos, número que em pouco tempo se revelou insuficiente, motivando a construção de outros Grupos Escolares” (Pessoa, 2004, p. 114).

Não muito distante de Campinas, localizada em outro município do estado de São Paulo, havia uma importante instituição que oferecia educação para as meninas, filhas de famílias abastadas. O “Colégio Nossa senhora do Patrocínio”, foi fundado em 1859 na cidade de Itú/SP – promissora região cafeeira, e destinava-se a uma clientela mais seleta. De acordo com Cunha, (1999), esta instituição foi construída para funcionar como internato feminino, atendendo alunas entre 8 a 12 anos, embora houvesse registros de meninas com idade de 3 e 4 anos, como também de 17 e 18 anos chegando até a idade de 24 anos. “Essas alunas provinham de famílias abastadas, todo o estado de São Paulo, algumas de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e inúmeras oriundas da corte do Rio de Janeiro” (p. 184).

Ainda segundo Cunha, (1999), entre 1859 a 1919 passaram pela instituição cerca de 2.275 alunas. Tratava-se de uma instituição que visava o “refinamento da cultura e da sociabilidade das educandas” (p.178), com aulas ministradas por irmãs da Congregação de São José de Chambéry, que mantinham as alunas sob-rigorosa vigilância e disciplina; cuja preocupação era transformá-las em damas aptas ao convívio social, com preceitos e valores morais católicos de tal maneira que depois soubessem se colocar socialmente e bem educar seus filhos.

CASA DE EDUCAÇÃO
DE
Nossa Senhora do Patrocínio
DIRIGIDA PELAS
IRMÃS DE SÃO JOSÉ
EM YTU'

Formar as meninas na pratica das virtudes que convém ao seu sexo, fazer com que cedo contrahão hábitos de ordem modestia e trabalho; inspirar-lhes com o amor á religião, um grande affecto as obrigações que ella impõe; ornar o seu espirito com uma instrução apropriada á sua idade e aos deveres que com as jovens pensionistas, cuja educação lhes é confiada.

Compenetradas da importancia de sua missão applico-se especialmente a dirigir as tendencias do coração e do espirito de suas discipulas, e a dar-lhes uma instrução solida, e todos os conhecimentos que entrão no plano de educação por ellas adoptado. Emfim, desejando antes de tudo justificar a confiança dos pais, e corresponder ás suas vistas, como mais cuidadas, dão uma attenção particular a tudo o que pôde interessar a saúde das pensionistas.

MATERIAS DO ENSINO

1.º Instrução religiosa, base unica de toda a boa educação.	9.º Um curso de litteratura, especialmente o genero epistolar.
2.º Grammatica portugueza.	10.º Francez.
3.º Arithmetica.	11.º Trabalhos manuaes: toda a especie de pontos de meias e de costuras; remendos, como essencialmente necessarios á ordem e economia domestica.
4.º Geographia e Cosmographia.	12.º Obras de gosto: fiôres artificiaes; toda a especie de bordados e ponto de lapete.
5.º Noções de botanica e historia natural.	
6.º Ditas de Physica.	
7.º Um curso de historia sagrada e profana.	
8.º Os diversos generos de Calligraphia.	

LIÇÕES ESPECIAES

1.º Lingua Ingleza e Allemã.	2.º Piano e Canto
	3.º Desenho.

UNIFORME

4 Vestidos: um de merinó <i>over</i> e tres outros brancos; todos com paleó da mesma fazenda. Os vestidos brancos serão de fazenda tapada.	1 Capinha de lã preta, guarnecida de uma borda de velludo preto, (3 centimetros de largura.)
1 Chapéu de pastora branco, sem outro enfeite mais que uma fita <i>grisea</i> roda da copa. <i>de velludo</i>	1 Par de luvas pretas de meia mão. <i>de lã</i>
	1 Gravatinha de velludo preto. <i>de lã</i>

ENXOVAL

4 Pares de lençoes.	8 Vestidos quesequer, para a casa.
1 Cobertor e duas colchas brancas.	4 Camisolas para a noite <i>de lã</i>
4 Fronhas.	2 Véos de filó: um branco, outro preto, 1 met. 60 cent. de comprimento e 70 ou 80 cent. de largura.
1 Traveseiro	1 Talher e um copo de metal.
1 Jarro e dois ntensiaes do uso pessoal.	Objectos de toilette.
8 Toalhas.	1 Sacco de guardar roupa.
6 Guardanapos.	2 Canastras.
12 Camisas.	2 Bahusinhos de folha de 30 a 40 centimetros de comprimento.
28 Lençoes.	
12 Calças.	
18 Pares de meias.	
8 <i>Sanas</i>	

Tudo será marcado com o numero que fôr dado.

CONDIÇÕES

As pensionistas devem trazer uma certidão de baptismo e de vaccina.

A pensão é de 36 \$000 pelo anno lectivo e paga-se adiantada em duas prestações. As alumnas que quizerem passar as ferias no Collegio, pagarão mais 50 \$000. Cada alumna pagará na sua primeira entrada uma joia de 5 \$000 e a casa fornecer-lhe a cama e colchão pelo tempo que demorar no Collegio. As meio-pensionistas passam o dia e jantar no Collegio, pagando adiantado 4 \$000 mensaes.

Exige-se, como condição essencial, que ellas se conformem ao regulamento da casa, relativamente ás horas de sua vinda para o Collegio.

Fica a cargo dos pais das pensionistas a lavagem da roupa, as despesas de doença, papel, livros etc. As alumnas que por ordem dos pais, quizerem receber as lições especiaes, acima mencionadas, pagalas-hão separadamente.

N. B. A casa tem aberta uma aula gratuita, em que se ensina religião, ler, escrever, costurar e contar. Tem tambem outra para externas, cujas alumnas pagão 4 \$000 réis.

Ensinão-se nellas as materias da antecedente, e muitas das que estudão as internas.

Figura 3 – Informativo/Casa de Educação Nossa Senhora do Patrocínio. Fonte: Cunha, 1999, p. 175.

1.1.3 – Do café para o algodão

Outro acontecimento que viria a marcar a história de Campinas na esfera econômica foi a quebra da Bolsa de Nova York em 29 de outubro de 1929; conforme Martins, (2001) inaugurava a era da depressão, assim chamada por levar muita gente a ruína.

“Uma das principais causas do crack foi o alto endividamento dos norte-americanos, associado ao alto consumo de bens supérfluos. Uma das consequências imediatas foi a drástica queda dos preços dos produtos primários de exportação de países como o Brasil, que dependia quase exclusivamente do café. Entre 1929 e 1933 o preço da tonelada do café despencou de 67,3 mil libras esterlinas para 17,8 mil libras [...] havia um excesso de produção de café no Brasil. Os altos preços eram obtidos pela política artificial de compra dos estoques pelos governos Café com Leite”. (Martins, 2001, p. 55).

Os Estados Unidos que eram o maior comprador do café brasileiro, com a crise de 1929 reduziram a importação deste produto fazendo com que o preço caísse. Havia um aumento descontrolado da produção de café sem que o mercado consumidor se expandisse na mesma proporção, o que gerava um excessivo armazenamento do produto.

Para recuperação da economia pós-crise, segundo Martins, (2001), várias medidas foram tomadas pelo governo de Getúlio Vargas. Para que não houvesse uma desvalorização excessiva, o café era utilizado como combustível das locomotivas e incinerado, “o que não deixava de ser altamente simbólico em termos do esvaziamento do poder político da elite cafeeira” (Martins, 2001, p. 60).

Outra consequência da crise de 29 pode ser entendida nas palavras de Lapa, (1987):

“A crise de 29 contribuiu para alterar as formas de ocupação do solo e mesmo a estrutura fundiária. Foi visível a fragmentação das grandes propriedades, surgindo em seu lugar os sítios, localizados nos vales e terras menos próprias ao café, pois os fazendeiros que conseguiam reter parte da propriedade o faziam em relação à aquelas terras mais apropriadas ao seu cultivo. Com a crise, muitos fazendeiros deixavam de produzir café vendendo a propriedade ou sendo obrigados a entregá-las aos credores.

Nessa época desenvolve-se nos sítios a cultura do algodão, favorecida pela conjuntura. Ainda nos sítios trabalham os proprietários (famílias dos sítiantes) e os meeiros (colonos que plantam em terreno alheio, repartindo a colheita com o dono da terra)”. (Lapa, 1987, p. 49-50).

A venda das propriedades como uma das consequências da crise de 29 também é comentada por Zamboni, (1979), que fala do retalhamento das grandes propriedades nas regiões

mais novas do estado de São Paulo, no entanto “não houve nenhum loteamento nas regiões mais antigas, como o Vale do Paraíba (Norte) e a região de Campinas (Central)” (p. 50).

Ainda de acordo com Zamboni, (1979), “se antes da crise do café, [...] as ferrovias acompanharam a expansão da cultura para escoar a produção, o que se daria com as ferrovias, após a derrocada da produção cafeeira?” (p. 44). Foram implantadas as pequenas propriedades “que garantiria produção agrícola e passageiros para a permanência do transporte ferroviário” (p. 44).

Se por um lado a quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque espalhou uma forte crise econômica pelo mundo, atingindo intensamente a economia brasileira, causando desemprego e dificuldades financeiras para o povo, por outro, com a crise do café, muitos cafeicultores começaram a investir no setor industrial, alavancando a indústria. Além de favorecer o cultivo de um novo produto.

Desde 1912 no IAC⁹ em Campinas havia áreas experimentais de cultivo de algodão. Devido às pesquisas desenvolvidas por esse instituto grandes faixas de terra antes ocupadas por cafezais passaram a receber algodoeiros em São Paulo.

“Quando a lavoura cafeeira foi sacudida pelos efeitos da crise de 1929, que tanto abalo causou à economia brasileira, já o Instituto Agrônomo (A Estação Agronômica funcionou sob controle do governo central até 1892, quando, por decreto de 8 de fevereiro, passou para o domínio do Estado, com a denominação de Instituto Agrônomo) estava perfeitamente aparelhado para indicar os meios de que o Estado deveria lançar mão para evitar, pelo menos em parte e de momento, o tremendo golpe. Graças aos trabalhos referentes à cultura do algodoeiro, a cargo do dr. Raimundo Cruz Martins, os efeitos da crise cafeeira não foram tão violentas como se previa a começo. Confiantes na patriótica e segura orientação do Instituto Agrônomo, aos primeiros conselhos, os lavradores do Estado voltaram as vistas para o “ouro branco”, como único caminho a seguir, após a desvalorização do “ouro verde”. E a lavoura algodoeira agigantou-se, e venceu em todos os setores das atividades agrícolas do Estado. Do sitiante mais humilde ao fazendeiro mais importante, todos fixaram o pensamento na salvação única – a cultura do algodão – graças ao que foi possível a São Paulo enfrentar e vencer a tormenta da crise cafeeira”. (Monografia Histórica do Município de Campinas. 1952, p. 545).

O cultivo do algodão passa ser visto como o ‘ouro branco’ das plantações uma vez que, com ele São Paulo consegue enfrentar e vencer a crise cafeeira. “Segundo estima a Bolsa de Mercadorias, da Capital a safra do algodão em 1926-27, é de 104.991 toneladas ou 488.627

⁹“IAC - (Instituto Agrônomo teve sua fundação em 27 de junho de 1887. O governo imperial assinou decreto criando em Campinas uma Estação Agronômica, que teria como principal finalidade o estudo de todos os assuntos relacionados com o cafeeiro, bem como os referentes às culturas tropicais do Estado de São Paulo).”. (Monografia Histórica do Município de Campinas, 1952, p. 545).

fardos, incluída ahi a safra provável de São Paulo avaliada entre oito e dez milhões de kilos”. (Jornal Correio Popular, 1928, p. 14).

Cronologicamente, dentro do contexto histórico abrangido pela presente pesquisa o Brasil, e consequentemente Campinas, ainda experienciaria as Revoluções de 30¹⁰ e de 32¹¹.

¹⁰ “A Revolução de 1930 foi um movimento de revolta armado, que ocorreu em território brasileiro, tirando do poder, o presidente Washington Luiz por meio de um Golpe de Estado levando Getúlio Vargas à presidência da República. Conforme Chiavenato, (1986), “O dia D era o 3 de outubro de 1930. A hora H, 17 horas. Já de madrugada, o Rio Grande do Sul preparava a guerra” (p. 21). De acordo com Carone, (1965), a revolução não era mais segredo. Governo e povo estavam informados e de tal modo saturados de um boato que não se realizava que não se acreditava mais que ela viesse a acontecer. Mas o que se vinha protelando há mais de um ano, malogrando sempre, estoura, às 17:30 h de 03 de outubro. A hora fora marcada para o término do expediente militar e saída do gen. Gil de Almeida, comandante da região sediada em Pôrto Alegre. Os combates iniciam-se com bombardeios e assaltos às unidades militares da capital gaúcha, [...]. No dia 5 parte uma coluna em direção a Santa Catarina e Paraná [...]. Em Minas a situação repete o que aconteceu no sul. O levante desencadeara-se no mesmo dia e hora, com a tomada de todos os pontos nevrálgicos de Belo Horizonte, [...]. No nordeste um equívoco sobre a hora atrasou o movimento que estala somente na madrugada de 4. [...] No Piauí o golpe não encontrou resistência; no Pará, os combates contra as tropas governistas resultam em fuga dos revoltosos; mas no Rio Grande do Norte. Ceara, Maranhão, Alagoas e Sergipe, os governadores fugiram antes de resistir ou no correr de pequenos combates. [...] No dia 14, grupos de mineiros invadem o Espírito Santo, não encontrando resistência, pois o representante do governo federal e o chefe das forças militares estaduais eram coniventes com os revolucionários e recuavam diante de todos os avanços; cinco dias depois o Estado estava ocupado. Enquanto isto, o Estado do Rio começava a ser invadido por pequenas forças vindas de Minas. Praticamente só resistiam São Paulo e Rio, Bahia e Pará. [...] De 21 a 24 ultimam-se os planos, e na madrugada de 23 as tropas tornadas rebelde, ocupavam a capital federal. O presidente foi o último a reconhecer a evidência dos fatos e nem o aviso de seus melhores colaboradores o faziam vislumbrar a trama militar enredada ao seu redor (p. 93-6).

Antes da Revolução de 1930, o país era governado pelas oligarquias de Minas Gerais e São Paulo, que se mantinha no poder através de eleições fraudulentas, alternando na presidência da República, políticos que representavam seus interesses. Esta política, conhecida como “café com leite”, gerava descontentamento em setores militares (tenentes) que buscavam a moralização política do país.

Nas eleições de 1930, as oligarquias de Minas Gerais e São Paulo entraram em conflito político. Minas Gerais deveria indicar o candidato a presidência, mas os paulistas apresentaram a candidatura de Júlio Prestes. Descontentes, muitos políticos mineiros apoiaram o candidato Getúlio Vargas.

De acordo com Fausto, (2008), a insistência do presidente Washington Luis em apresentar candidato paulista à sucessão, para garantir a continuidade de sua política financeira, a negativa de abrir mão do nome de Julio Prestes, mesmo em favor de outra figura de São Paulo, forçou a ruptura da velha aliança do “café com leite”, colocando na cena política uma perigosa área de atrito. Embora a iniciativa do veto a candidatura Julio Prestes partisse de Minas Gerais a apresentação de um nome mineiro tornou-se inviável nascendo dos impedimentos entre esse estado e o Rio Grande do Sul a candidatura Getulio Vargas. (p. 128).

Entretanto nas eleições de 1930, venceu Júlio Prestes, apoiado pela elite de São Paulo. Com vários indícios de fraude eleitoral, Getúlio Vargas e os políticos do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraíba ficaram muito insatisfeitos. Em julho do mesmo ano, o candidato a vice-presidente de Getúlio Vargas, foi assassinado. Gerando revolta popular em várias regiões do Brasil. Presidente Washington Luiz foi deposto do poder e por meio de uma junta militar, transferindo o poder para Getúlio Vargas. Com o Golpe de 1930 pôs fim o domínio das oligarquias no poder. Getúlio Vargas governou o Brasil de forma provisória entre 1930 e 1934 (governo provisório)”.

¹¹ “A Revolução de 32, de acordo com Donato, (1982), depois de passados 2 anos do governo provisório de Vargas, o estado de São Paulo permanecia insatisfeito com a decisão de Getúlio Vargas em nomear um interventor que não era de São Paulo para governar o estado. Opunham-se ao governo fazendeiros que tinham perdido o poder com a Revolução de 30, estudantes universitários, comerciários e profissionais liberais. A exigência dos paulistas ao governo provisório de Getúlio Vargas era a elaboração de uma nova constituição, a convocação para novas eleições e maior participação na vida política do Brasil. Pois, criticavam a forma autoritária que Vargas vinha conduzindo a política nos país.

No campo educacional após a Revolução de 30, de acordo com Xavier, (1999, p. 37),

“A partir da Revolução de 30 que se deu a constituição do campo educacional como área de política setorial do Estado Nacional, não apenas pela formação de uma especialização do aparato estatal da União com a criação do Ministério da Educação e Saúde (MES), em 1931, mas, sobretudo, pela constituição de sujeitos políticos nacionais voltados especificamente para essa área de atuação”.

Ainda pós o período 1930, falar da educação é também falar dos impasses e das negociações seladas no processo histórico de estabelecimento do “Estado Republicano no Brasil”. Segundo (Xavier, 1999, p. 38), “tratava-se de adequar o sistema de ensino as novas demandas postas pelo avanço tecnológico e pelo crescimento urbano em meio à reformulação dos pactos oligárquicos e clientelísticos que tradicionalmente marcaram a vida política brasileira”

Neste sentido, Xavier, (1999), coloca que a ênfase dada para a educação reproduzia a exigência em suplantar o que se entendia por ignorância do povo, evidenciada pelos elevados índice de analfabetismo que, com as endemias, compunham representações da resistência da sociedade perante a modernização.

Outro episódio importante, ainda de acordo com a autora, que caracterizou esse momento (Pós Revolução de 30) foi a conquista religiosa no âmbito educacional com a promulgação do “decreto nº 19.941 de 30 de abril de 1931, tornando facultativo o ensino religioso nas escolas públicas”, visto que buscava-se “recuperar a influência da doutrina católica na educação do povo brasileiro. Para tanto, empreendeu-se a luta contra o ensino leigo intensificando-se, [...] a manutenção do ensino religioso nas escolas pública” (Xavier, 1999, p. 41).

Resistentes às ideias de modernização, conforme Xavier, (1999, p. 41) “os católicos combatiam:

“a proposta de instituição de um sistema nacional de ensino público gratuito e sobretudo leigo, tal como defenderam os educadores profissionais no manifesto dos pioneiros da

Como as reivindicações não foram atendidas por Vargas os paulistas em maio de 1932 começaram uma série de manifestações de rua. A reação policial para reprimi-la provocou a morte de 4 estudantes cujos nomes passaram a compor a sigla símbolo da revolução MMDC (Martins, Miragaia, Dráuzio e Camargo).

Em 9 de julho de 1932 teve início a Revolução Constitucionalista, que foi uma verdadeira guerra civil. Os paulistas fizeram uma grande campanha, usando jornais e rádios, conseguindo mobilizar grande parte da população.

Sem apoio de outros estados os combatentes paulistas se renderam em outubro de 1932. Apesar da derrota paulista, a Revolução Constitucionalista alcançou alguns objetivos: formulou-se dois anos depois um novo texto da Constituição, permitindo as mulheres o direito de voto e voto secreto nas eleições.

educação nova. A mobilização desse grupo de educadores em prol da instituição de um sistema nacional de ensino, aberto a todos, organizado e conduzido por especialistas de reconhecida competência profissional no campo da educação e sob a responsabilidade do Estado representava o afastamento da Igreja Católica das questões ligadas ao ensino”.

No campo da educação nacional, em 1932 foi lançado, de acordo com Xavier, (1999, p. 38),

“O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Trata-se de um documento assinado por 26 intelectuais por meio do qual o grupo apresentou ao povo e ao governo as bases de um programa de reconstrução educacional que confluíam para a racionalização/profissionalização do campo educacional, para a universalização do acesso à educação pública sob-responsabilidade do Estado, enfim, para a secularização da cultura e modernização da sociedade”.

Ainda nesse mesmo ano, outro fato marcante na história, segundo Souza, (1999) foi que Campinas contou com a participação das escolas públicas na Revolução Constitucionalista de 1932. Os grupos escolares fizeram campanhas para a arrecadação de fundos, contribuindo assim com o movimento:

“Pelo sr. diretor do Grupo Escolar “Francisco Glicério” foi entregue ao sr. delegado escolar, professor Octaviano de Mello, a importância de 340\$000, produto de uma coleta feita entre os professores daquele estabelecimento de ensino para ser aplicada em favor dos soldados da lei e da ordem” (Diário do Povo, 21/8/1932, citado por Souza, 1999, p. 133).

Esse envolvimento dos alunos com a causa da revolução denotava forte patriotismo que era inculcado na população pelas vias da educação, através de matérias como ginástica, educação moral, educação física e exercícios militares que de acordo com a autora,

“A ginástica e os exercícios militares foram introduzidos na reforma da instrução pública em 1892, para o sexo masculino, tendo em vista sua influência moralizadora e higiênica. Além da preocupação com a educação física, havia uma forte conotação nacionalista voltada para o desenvolvimento do patriotismo. A formação dos batalhões escolares foi uma prática decorrente do ensino dessa matéria. Estas corporações infanto-militares foram formadas no 1º e 2º Grupos Escolares de Campinas e tiveram presença marcante nas comemorações cívicas realizadas na cidade” (p. 130).

Com o advento da 1ª Guerra Mundial (1914-1918), intensificaram-se as críticas a educação militar infantil, substituída pelo escotismo nas escolas públicas, que valorizou e manteve o nacionalismo nas escolas primárias.

“Em 1921, a Reforma da Instrução Pública, encabeçada por Sampaio Dória, tornou obrigatório o escotismo e as linhas de tiro nas escolas públicas de São Paulo. O Grupo Escolar Francisco Glicério liderou toda a década de 1920 uma corporação de escoteiros, reunindo alunos dos diferentes grupos escolares de Campinas, que se destacou pela realização de excursões e exercícios em praça pública” (Souza, 1999, p. 131).

Ainda de acordo com Souza, (1999), a educação moral e a educação cívica, importantes para o ensino primário, ainda mantiveram-se como matérias específicas no início do século XX. “A educação cívica consolidou-se efetivamente em algumas práticas predominantes no ensino primário, tais como as comemorações cívicas, as sessões literárias, e as festas de aniversário da escola e de encerramento do ano letivo” (p. 131).

1.1.4 – A presença estrangeira em São Paulo e em Campinas

De acordo com Carvalho, (1989), a imigração europeia foi a alternativa que se encontrou na busca do sonho de se trocar o negro pelo branco e, transformar não só a raça brasileira como também a região de São Paulo numa província branca, capacitada para um verdadeiro progresso. Dessa forma, o imigrantismo considerava a possibilidade de não só fazer a substituição do negro pelo branco nos setores essenciais da produção, como também planejava um projeto de reestruturação e capacitação para o trabalho, “cujo instrumento era a miscigenação com a qual se esperava um desejado branqueamento moralizador das populações negras” (p. 36).

Conforme Mendonça, (2010), no momento em que o Brasil transitava do ciclo da cana de açúcar para as grandes lavouras de café e com o término da escravidão a imigração europeia passou a ser estimulada por D. Pedro II através do custeamento das viagens e da difusão de propaganda no exterior.

Zamboni, (1979), coloca que os cafezais em expansão necessitavam de mão de obra para seu cultivo, por essa razão, os colonos iam para a fazenda através da:

“Imigração subsidiada, ou seja, o governo arcava com parte mais custosa do sistema, que era a viagem do imigrante do seu país até as imediações da fazenda que iria trabalhar. Antes de irem às fazendas, os imigrantes ficavam na “Hospedaria de Imigrantes” na cidade de São Paulo até serem contratados por algum fazendeiro. A Hospedaria nada mais era do que um mercado de mão de obra” (p. 24).

Os preços subiam em relação à procura, os fazendeiros faziam concorrência entre si e conforme a demanda pela procura de imigrantes os preços do mercado de mão de obra subiam ou baixavam. O mercado era público, os colonos podiam comparar as melhores propostas¹².

Essa imigração subsidiada segundo Mendonça, (2010), trouxe profundas alterações tanto no modo de vida brasileira – que definiu costumes e comportamentos ao modo europeu - como também em distintas áreas da economia e setores produtivos, principalmente entre aqueles nos quais essa leva de trabalhadores encontrava colocação profissional.

Em outubro de 1880, uma massa de imigrantes vindos da Península Itálica chegou de uma única vez ao porto de Santos. A partir de então, o número de trabalhadores que desembarcava no Brasil, procedentes da zona rural de seu país de origem, só aumentava. Fato esse que “Em 1884, uma lei provincial em São Paulo autorizou o governo local a assumir as viagens e instalar imigrantes do Norte da Itália no interior paulista, desde que contratados pelos fazendeiros de café” (Mendonça, 2010, p. 92).

A partir de 1900, uma nova quantidade de imigrantes chegou e se fixou diretamente nos centros urbanos. Entre eles havia os que já possuíam algum capital como os comerciantes, e outros profissionais como carpinteiros, mecânicos, pedreiros, mestre de obras, encanadores, gráficos e artesãos em geral e ainda aqueles que simplesmente se tornaram operários nas indústrias nascentes.

Devido ao crescente número de imigrantes a capital paulista abrigou uma população italiana maior do que a nacional. Por essa razão “Em 1920 falava-se mais a língua italiana que o português em São Paulo” (Mendonça, 2010, p. 92).

O motivo mais importante que desencadeou a vinda em massa de imigrantes do Veneto para o Estado - no período de 1882 a 1890 - segundo Mendonça, (2010), foi a precária situação socioeconômica dessa região da Itália.

¹² “Os agentes da C. A. F. D. - Companhia Agrícola Fazenda Dumont - como outros fazendeiros, apresentavam as propostas aos imigrantes na hospedaria, sendo comum o oferecimento, entre outras coisa, de uma vaca leiteira - Muito dos imigrantes acabavam por ter a sua vaca leiteira, mas esta era adquirida mediante pagamento em dinheiro, ganho através do duro trabalho na fazenda e de boa moradia aos que se dispusessem a vir trabalhar na fazenda Dumont. Depois da viagem pela ferrovia, chegando os imigrantes a Dumont, a primeira decepção era que a vaca leiteira era fictícia servindo apenas como um bom argumento para atrair os imigrantes até à propriedade. Mas não só com isso se deparavam os imigrantes: eram colocados em pequenas casas de colônia de chão de terra batida e molestados seriamente por males tropicais que não conheciam em seu país de origem, como bicho de pé, berne, piolho, dor-d’olhos, etc. Mas não restava outra opção ao imigrante a não ser enfrentar a realidade, que se opunha aos seus sonhos, e enfrentar os trabalhos da fazenda nas condições que lhes eram apresentadas” (Zamboni, 1979, p. 24-5).

De acordo com Antunha, (1976), com o término da escravidão no país houve um acelerado crescimento da população no Estado motivada pela inserção do elemento estrangeiro. A partir desse fato, no início do século XX, as autoridades educacionais passaram a se preocupar com a integração dos imigrantes e de seus filhos na vida nacional.

Segundo Souza (1997), grande parte desses imigrantes fixaram residência nas cidades ou migraram do campo. Fato este que, de certa forma, explica o grande número de filhos de estrangeiros presentes nos grupos escolares.

Ainda segundo Souza, (1997), no 1º Grupo Escolar de Campinas, em 1911 a incidência de filhos de estrangeiros era de quase 63% da população estudantil, e em 1912, a nacionalidade dos pais dos alunos era cerca de 41% de estrangeiros. Em muitos lugares os imigrantes representavam a maioria da população a usufruir dos grupos escolares (mas não foi o que ocorreu em 1928 na cidade de Campinas, conforme revelaram as amostras desenvolvidas para esta pesquisa, como será visto mais adiante). Em outros, criaram inúmeras escolas particulares – conforme já visto. Porém, ainda de acordo com a autora, ao atender um número tão expressivo de filhos de estrangeiros o grupo escolar poderia ser considerado como instituição útil no processo de “aculturação e nacionalização da população estrangeira no Estado de São Paulo” (p. 112), uma vez que, traziam o perigo das ideologias revolucionárias, fazendo-se necessário, portanto, assemelhar a todos pela educação.

Dessa forma, embora breves, todos os recortes aqui colocados são pontuais, foram trazidos para circunscrever o que transcorreu e transcorria por volta de 1928 no cenário político econômico e educacional de Campinas, cidade na qual seria erguida, em 1897, a instituição cujos alunos ingressantes nas duas seções, tanto feminina quanto masculina, no ano de 1928, que fundamentam esta pesquisa: O 1º Grupo Escolar “Francisco Glicério, de Campinas.

1.1.5 – Educação, Legislação na década de 20, antes e após a Reforma

O decreto 248 de 26 de julho de 1894 instituiu a criação dos grupos escolares (tipo de estabelecimentos de ensino primário). De acordo com esse decreto, o ensino paulista dividia-se em preliminar com quatro anos de duração e em complementar, também com quatro anos. O curso preliminar destinava-se à educação de alunos de ambos os sexos, entre 7 e 12 anos de

idade. Apesar dessa delimitação, a matrícula para maiores de 12 anos não estava proibida, pois a presença e a frequência dos alunos eram facultadas até os 16 anos. O curso complementar representava a continuação e o término dos estudos iniciados no curso preliminar.

De acordo com Antunha, (1976), “o ensino complementar era parte integrante do curso primário, do qual constituía uma espécie de segundo grau, seguindo-se imediatamente ao preliminar. Da mesma forma que o curso preliminar, sobre o qual se baseava, o complementar tinha a duração de quatro anos [...]”. No entanto, a duração de quatro anos fora reduzida para dois anos, tendo a função de servir de fundamento e via de acesso ao curso normal secundário. Os estudos a respeito dessa modalidade de ensino (curso complementar) não terão aprofundamentos neste trabalho, visto que, o foco de interesse desta pesquisa está voltado para o curso preliminar, ou seja, nos quatro anos iniciais do ensino primário do Grupo Escolar “Francisco Glicério” para meninos e meninas, matriculados no primeiro ano do curso em 1928.

Conforme Antunha, (1976), a história da educação no Estado de São Paulo na primeira República, desde suas origens, trouxe um conflito em relação às prioridades a serem estabelecidas diante do problema da opção entre o desenvolvimento qualitativo e o quantitativo. Esse conflito está no centro da Reforma de 20 – que significou a vitória parcial e passageira das tendências favoráveis à expansão quantitativa em detrimento do progresso qualitativo do ensino. Na época, fazia-se necessário uma rápida expansão da rede de ensino primário com boa qualidade, o que demandaria criação de novas escolas e um aumento das despesas com a instrução pública. De acordo com este autor, os grupos escolares eram estabelecimentos (mais) dispendiosos (que as escolas isoladas¹³), pois os professores dos grupos eram mais bem remunerados que outros tipos de escolas (as escolas isoladas). Mesmo que não se contabilizasse, entre os gastos do grupo escolar, o custo do prédio, gastos com mobiliário, equipamentos e com a própria manutenção. Entretanto, o êxito alcançado pelos grupos escolares em relação ao ensino que ofereciam, levava as populações a solicitarem novas criações desses estabelecimentos.

¹³ “As escolas isoladas constituíam-se em unidades escolares não agrupadas, com um único professor ministrando a instrução para crianças de diversas idades e avanço escolar heterogêneo. Na zona rural, a preferência para a localização dessas escolas era dada aos núcleos coloniais tendo em vista a preocupação do Estado com a nacionalização do colono migrante. Essas escolas possuíam programas de ensino mais simplificados e a duração do curso reduzida o que lhes dava o caráter de uma escola alfabetizante – ler escrever e contar eram os itens essenciais do programa” (Souza, 1998, p. 62).

Porém, o crescimento de matrículas dava-se mais rápido do que a criação de novos grupos e de novas classes nesses estabelecimentos, no final da primeira década do século XX. Tal fato explica porque, nessa ocasião, surgiu o sistema de desdobramentos¹⁴ de turnos nos grupos.

O decreto 248 de 26 de julho de 1894 estabelecia uma organização ideal para os grupos escolares, ou seja, com 8 classes, duas para cada ano, e uma para cada sexo, em cada ano – proporcionando certo equilíbrio entre os números de classes dos diversos graus, e isto implicaria na inexistência dos problemas de reprovação e deserção escolar. Porém, de acordo com Antunha, (1976), a realidade era contraditória ao que pregava a legislação, uma vez que havia uma maioria de alunos nas classes de graus inferiores, e uma refração da população escolar das classes mais avançadas. Diante disso, de acordo com o decreto 1.216, de 27 de abril de 1904, se instituiu nos grupos escolares cinco anos de duração para o curso primário.

No entanto, essa tentativa de ampliar o tempo não vingou e o curso primário com cinco anos de duração nos grupos escolares foi extinto por duas razões: a primeira devido ao reduzido número de alunos frequentando o ano superior do curso; segundo, de acordo com o anuário de ensino de 1911/1912 citado em Antunha, (1976), fazia-se urgente a criação de novas classes de primeiro ano, para tirar do analfabetismo inúmeras crianças privadas de instrução. Dessa forma, a extinção legal do 5º ano do grupo escolar se efetivava através de um progressivo processo de despovoamento das classes de 3º e 4º anos e pelo aumento das classes e matrículas nos 1º e 2º anos.

“Assim, embora não se possa naturalmente dizer que os grupos escolares ficaram reduzidos a uma escolaridade de dois anos – o que não representaria o que efetivamente ocorreu – a verdade é que, na prática, a maioria de seus alunos não adquiria uma formação superior a essa. Se fôssemos estabelecer uma pirâmide das matrículas dos grupos escolares, principalmente na segunda década do século XX, observaríamos sem dúvida, com os dados de que dispomos, que essa pirâmide não diferia substancialmente da atual, representando-se graficamente com uma larga base correspondente ao primeiro ano, com um estrangulamento brusco a partir do segundo, e um afinilamento extraordinário logo em seguida para terminar em ponta nas conclusões de curso” (Antunha, 1976, p. 74).

¹⁴“Política de desdobramento implantada pelo Estado de São Paulo desde 1908. “Esta medida visava ampliar o número de vagas nos grupos escolares implicando a duplicação dos turnos de funcionamento das escolas e a redução da jornada escolar de 5 para 4 horas diárias. Ela atingiu, inicialmente, os estabelecimentos da capital e se propagou pelos grandes centros urbanos do Estado de São Paulo””. (SOUZA, 1999, p. 112).

Segundo este autor, a reprovação no 1º ano, e a deserção escolar no 2º ano do curso significava, na prática, que a maioria das crianças não ultrapassava o 2º ano de escolaridade. Fato este que teve grande importância na concepção da reforma de 1920, que procuraria manter essa tendência tornando obrigatória a escolaridade que se realizava na prática pela maioria das crianças e estendia os benefícios dessa escolaridade mínima a todas as crianças em idade escolar, desobrigando o Estado a manter os 3º e 4º anos frequentados por uma minoria. Essa massificação do ensino nos grupos escolares afetou sua organização e funcionamento, antes modelar. O aumento do número de alunos e classes (dos graus inferiores) levou ao desdobramento dos períodos, diminuindo o tempo de aula, o que conseqüentemente rebaixou o nível de rendimento e da disciplina. “O desdobramento veio disseminar o ensino primário e combater o analfabetismo, mas reduziu o período escolar nos grupos desdobrados, dificultando a execução do programa de ensino e a redução do tempo das funções escolares” (Anuário de ensino 1910/1911 apud Antunha 1976, p. 247).

A reforma de 1920 tinha como prioridade alfabetizar em massa crianças do estado em um curso primário reduzido a dois anos de duração com duas horas e meia de aula diárias.

De acordo com Cavalieri (2003), no contexto da reforma, a eleição em 1919, do presidente da República, Epitácio Pessoa, trouxe mudanças para o cenário político do país. A quebra momentânea no monopólio do poder político centrado pelos estados de São Paulo e Minas Gerais não dissolveu a estrutura oligárquica do poder vigente, mas provocou mudanças nas formas com as quais o conservadorismo se mantinha. A prática da ‘política dos governadores’ que consistia no apoio incondicional entre poder central e governos estaduais sofreu um primeiro reverso com a eleição de Epitácio Pessoa, dando início a um processo de centralização do poder e fortalecimento do presidencialismo, culminando com a Revolução de 1930.

Os governos das oligarquias foram abalados pelo fortalecimento das classes médias e do proletariado. Sucessivas greves, dentre elas a greve geral em São Paulo de 1917 demonstrava que o movimento operário e o anarco-sindicalismo¹⁵ tornavam-se movimentos expressivos.

¹⁵ “Anarco-sindicalismo: As relações entre *sindicalismo* revolucionário e *anarquismo* são bastante complexas e de forma alguma um pode ser reduzido ao outro. Parte do equívoco de associar todo o movimento operário da Primeira República ao anarquismo foi a tendência de incorporar o sindicalismo revolucionário ao anarquismo, com o nome de anarco-sindicalismo. Entretanto são movimentos deferentes em muitos países como Itália e Argentina, por exemplo, o movimento do sindicalismo revolucionário nasceu no interior dos partidos socialistas e não nos meios anarquistas”. (Toledo, 2004, p. 48-9).

“Anarquismo “rejeita toda autoridade na medida em que vê nela fonte exclusiva dos males humanos. A autoridade rejeitada pode ser tanto de ordem sobre-humana como de ordem humana. [...] O anarquismo condena a lei, ou seja,

Revoluções e movimentos estrangeiros acabavam repercutindo no Brasil, além dos problemas econômicos advindos dos problemas gerados no pós-primeira Guerra Mundial que estimularam movimentos e organizações da classe operária – inclusive no campo escolar, aonde chegou a existir mais de 20 escolas, até 1920, mantidas por associações sindicais ou militantes anarquistas em todo país. Juntamente com este crescente movimento social, somados a afluência do imigrante europeu, na época, constituíam sérios motivos de preocupação para as elites:

“[...] O estrangeiro, além de todas as ameaças que trazia, pelo simples fato de ser um “diferente”, trazia o “perigo” suplementar das ideologias revolucionárias. Era preciso, portanto, abrasileirar a todos, homogeneizar a nação” (Cavaliere, 2003, p. 31).

No momento em que se buscavam mudanças para a política existente, o presidente eleito do Estado de São Paulo, Washington Luiz, em 1920, elegia como meta de sua administração o combate ao analfabetismo. Sampaio Dória a convite do presidente em atividade assumiu o cargo de diretor geral da Instrução Pública do Estado em 1920 e passou a elaborar a reforma do ensino efetivada com a Lei 1750 de 8 de agosto de 1920.

O autor da reforma, Sampaio Dória, defendia a igualdade de oportunidades e a evolução pela educação. Via o analfabetismo como inimigo maior da pátria e contrário a civilização, devendo, portanto, ser combatido heroicamente.

A base da reforma foi a reestruturação do ensino elementar de modo a garantir vagas a todas as crianças que ainda estavam fora da escola.

Conforme Antunha, (1976), para acabar com o elevado número de analfabetos no Estado de São Paulo, buscou-se uma solução técnica, já que a criação de novas escolas e novos cargos de professores primários estava fora dos planos. Assim, Sampaio Dória apresentou um plano de

toda a forma de legislação que, na prática, seja expressão da repressão por parte da máquina do Estado. A lei é o instrumento de opressão de que se vale a organização política do presente para coarctar especificamente as liberdades geralmente reprimidas pela autoridade”. (Bobbio, 2007, p. 25).

“As características do sindicalismo revolucionário podem ser resumidas: é um fenômeno internacional, uma prática sindical que se constitui como corrente política autônoma; é um movimento em defesa do sindicato como o único órgão capaz e suficiente para garantir as conquistas presentes e futuras dos trabalhadores; defende a luta de classes, a ação direta dos trabalhadores, a autonomia operária associada à autonomia sindical e a neutralidade política do sindicato, ou seja, a não-associação deste último a qualquer corrente política, o que se traduz em garantia de sua autônoma e da superação das divisões entre os trabalhadores” (Toledo, 2004, p. 13).

erradicação do analfabetismo em curto prazo, a partir de um novo tipo de escola aligeirada – que buscava equilibrar a injusta situação existente de proporcionar escola completa de quatro anos para metade da população em idade escolar e negar tudo a outra metade. O mais democrático seria dar “pouco a todos do que muito a poucos” (p. 181).

Sampaio Dória sugeria ainda, como medida complementar “a promoção automática do primeiro para o segundo ano da escola alfabetizante e a conclusão do curso também automática nessa escola de dois anos [...]” (p. 182).

Depois da implantação da reforma, segundo Cavaliere, (2003) o ensino primário passou a ter dois anos de duração, destinado a crianças entre 9 e 10 anos, sendo o único gratuito e obrigatório. Antes da reforma o nível primário compunha-se de um ensino com quatro anos de duração gratuito e obrigatório. As modificações realizadas intencionavam adequar o sistema anterior que segundo Dória, era ineficaz. Ao reduzir a faixa etária com direito a alfabetização entre 9 e 10 anos excluía as crianças com 7 e 8 anos, e as de 8 e 9 já alfabetizadas.

“[...] a escola urbana de quatro anos tal como tínhamos antes da Reforma, é a mais pura, a mais acabada ideologia delirante. É um aparelhamento que não alcança, nem pode jamais alcançar os fins que visava” (Dória, 1923, p. 299 citado por Cavaliere, 2003, p. 34).

O ensino primário ao ser reduzido de quatro para dois anos estabeleceu a ideia de que dois anos de escolarização eram suficientes para a massa da população, na medida em que eram suficientes para a alfabetização. No entanto, conforme Cavaliere, (2003), a Reforma tornou-se impopular devido a radical redução da gratuidade, pela exclusão escolar das crianças de 7 e 8 anos e pelo descontentamento dos professores que tiveram que se adequar às imposições ocasionadas pela reorganização do sistema.

Diante disso a Reforma de 1920, regulamentada pelo decreto 3.356, que passou a vigorar em 31 de março de 1921, continuou sendo implementada pelo sucessor de Sampaio Dória, Guilherme Kuhlman, logo após sua exoneração do cargo de diretor geral da instrução pública. Somente em dezembro de 1925, o decreto 3.858 de 11 de junho do mesmo ano entrou em vigor, restituindo o antigo quadro - existente a época antes da Reforma de 1920.

Assim, um ensino primário reduzido a dois anos para crianças com idade entre 9 e 10 anos, como pregava a Reforma de Sampaio Dória era reconfigurado, voltando a compreender conforme: “Artigo 18. – § 1.º - [...] quatro anos de curso nos grupos escolares, [...]; § 2.º - O

ensino primário é obrigatório e gratuito para crianças de ambos os sexos de 7 a 12 anos de idade” (Decreto 3.858 de 11 de junho de 1925) .

Para alguns, contrários ao que decretou a reforma de 1925, a mesma “foi considerada um retrocesso, recebendo de Lourenço Filho a designação irônica de um movimento ‘rumo ao passado’” (Cavaliere, 2003, p. 38).

Conforme as amostragens realizadas para esta pesquisa, o que se percebe é que a reforma de 1925 restituiu a duração de quatro anos para o ensino primário. Entretanto, o problema com altos índices de faltas e deserção escolar, após os dois primeiros anos do curso, fortemente detectado antes da Reforma de 1920, após a Reforma de 1925, continuou o mesmo. Como coloca Viñão, (2006),

“[...] las reformas se suceden una tras otra, en un movimiento pendular de avances y retrocesos, sin alterar lo que de hecho acontece en las instituciones educativas y sobretodo, en las aulas. Que, en el mejor de los casos, sólo constituyen una muestra de las buenas intenciones de los reformadores en relación con la mejora del sistema educativo y en el peor una cortina de humo para distraer a los actores implicados – profesores, alumnos, padres, sindicatos, etc. – y ocultar la ausencia de una política efectiva de mejora” (p. 85).

1.2 - Criação do 1º Grupo Escolar em Campinas

O Primeiro Grupo Escolar de Campinas, de acordo com Souza, (1997), teve suas origens a partir da sessão ordinária da Câmara Municipal de Campinas, ocorrida no dia 12 de novembro de 1894, na qual se aprovou, por indicação do vereador José Falque, uma autorização ao poder executivo, para a escolha do terreno em que seria construído o prédio da instituição. O terreno escolhido localizava-se numa área no largo do Riachuelo, próximo ao centro da cidade. Naquela época, o perímetro urbano da cidade abrangia o centro da cidade, os novos bairros como a Vila industrial, o Fundão, o Frontão (Cambuí), Guanabara e Bonfim.

Em 1º de maio de 1895 iniciaram-se as obras de construção do Grupo Escolar. Dias depois foi realizada a solenidade de colocação da pedra fundamental, assim noticiada pela imprensa local:

“Em 28 de maio de 1895, deu-se na praça do Riachuelo a cerimônia de lançamento da pedra fundamental, e inauguração das obras do futuro Primeiro Grupo Escolar de Campinas. O projeto foi do dr Ramos de Azevedo – edificado numa área de 6.971

metros quadrados – entradas na rua s. carlos, soror serafina e cônego cipião e boa ventura do Amaral – dados pela municipalidade – obras era das em 120 contos de reis – centradas pelo empreiteiro [...] por 94 contos de reis – a câmara além de terreno no valor de 70 contos concorre mais 20 contos em dinheiro”. (Fundo Jolumá Brito, n. 236 – Centro de Memória Unicamp).

Concluídas as obras, o Grupo Escolar de Campinas foi oficialmente inaugurado no dia 7 de fevereiro de 1897. A cerimônia de inauguração foi registrada pelo jornal ‘Diário de Campinas’:

“Como noticiamos realizou-se no domingo a sessão solene de inauguração e instalação do Grupo Escolar desta cidade. Apesar do mau tempo enorme concorrência afluíu ao elegante palacete do Largo do Riachuelo, e isto prova a boa vontade de Campinas, o seu entusiasmo, por tudo o que se prende com a educação da mocidade.

Ao meio dia, o sr. Intendente¹⁶ Municipal, secretariado pelos srs. Dr. Mário Bulcão e Coronel Cândido Álvaro de Souza Camargo abriu a sessão, declarando instalado o Grupo Escolar e concedendo a palavra ao sr. Luiz de Campos que dissertou sobre o ensino e sobre as vantagens de sua centralização nos grupos. Tomou em seguida a palavra o sr. dr. Mário Bulcão que agradeceu a presença das exmas famílias e mais pessoas e que disse congratular-se com a evolução animadora porque o ensino tem passado nestes últimos tempos em Campinas.

As salas em que funcionam as aulas do grupo estavam belamente ornamentadas e desde a entrada até a sala onde realizou a sessão estendiam-se duas filas de meninas vestidas de branco com fita que se distinguiam os diversos anos e meninos competentemente uniformizados.

Enquanto se lavrava a ata foi distribuído um copo d’água e uma profusa mesa de doces. A chegada do sr. dr. Intendente os alunos cantaram diversos hinos escolares. Depois de lida a ata a menina Elvira de Campos recitou uma poesia alusiva ao ato. Tocava no recinto a banda do 2º batalhão. A passeata que estava anunciada não pode realizar-se em virtude do mau tempo”. (Diário de Campinas, 9/2/1897, p. 1, c. 4 – citado por Souza, 1997).

¹⁶ Prefeito Municipal: Antonio Lobo. Jornal ‘Diário do Povo’, 16/08/1977.



Figura 4 - 1º Grupo Escolar de Campinas [s/d.]. Fonte: CIVILIS/FE/UNICAMP.

Em artigo publicado em 16/06/1977, o Jornal “Diário do Povo” de Campinas traz informações sobre as características do prédio: Este possuía em sua construção oito salas, quatro em cada pavimento, um térreo e outro superior. “O pavimento térreo estabelecido exclusivamente para as meninas e o superior para os meninos”.

“Mantendo o critério da rígida separação dos sexos, havia duas portas laterais para a entrada dos alunos, uma para cada seção” (Souza, 1999, p. 108).

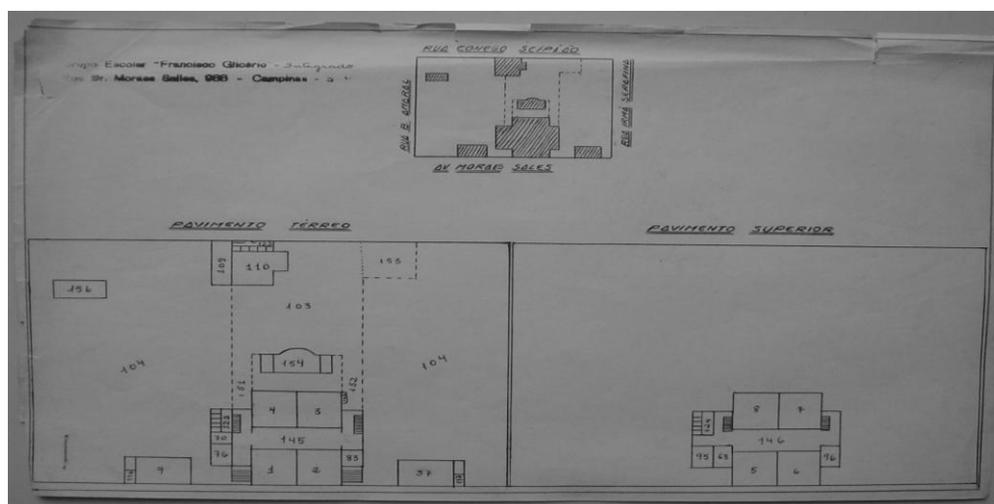


Figura 5 - Planta do G. E. “Francisco Glicério” [s.d.]. Fonte: Arquivo da E. E. “Francisco Glicério”.

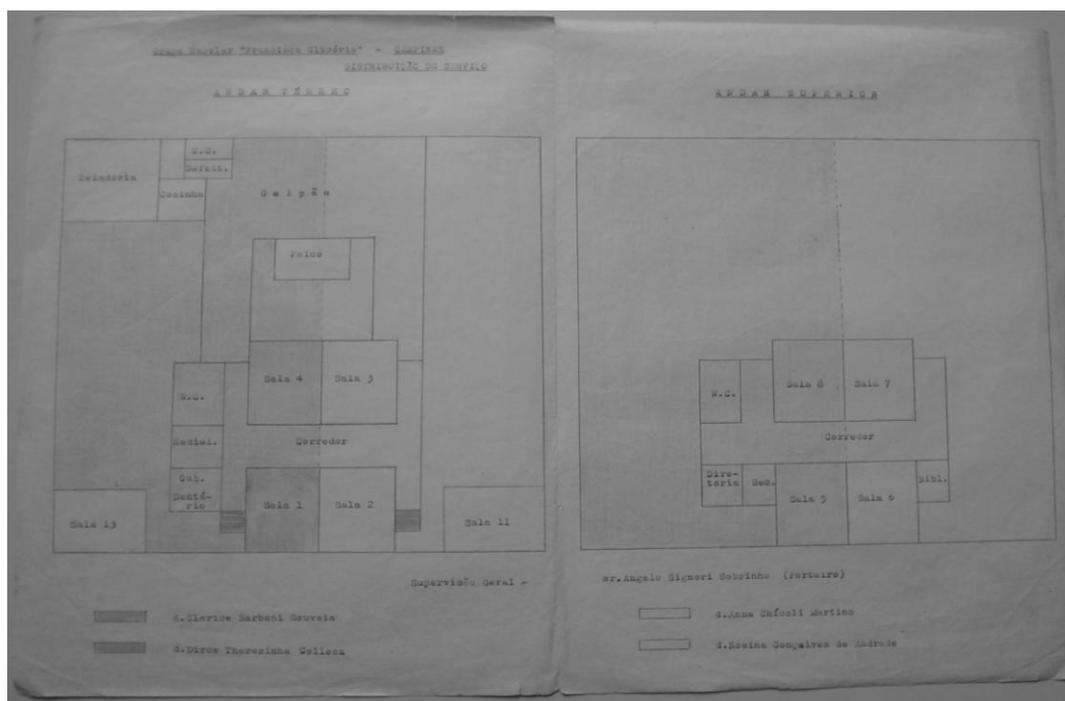


Figura 6 - Planta do G. E. "Francisco Glicério" [s.d.]. Fonte: Arquivo da E. E. "Francisco Glicério".

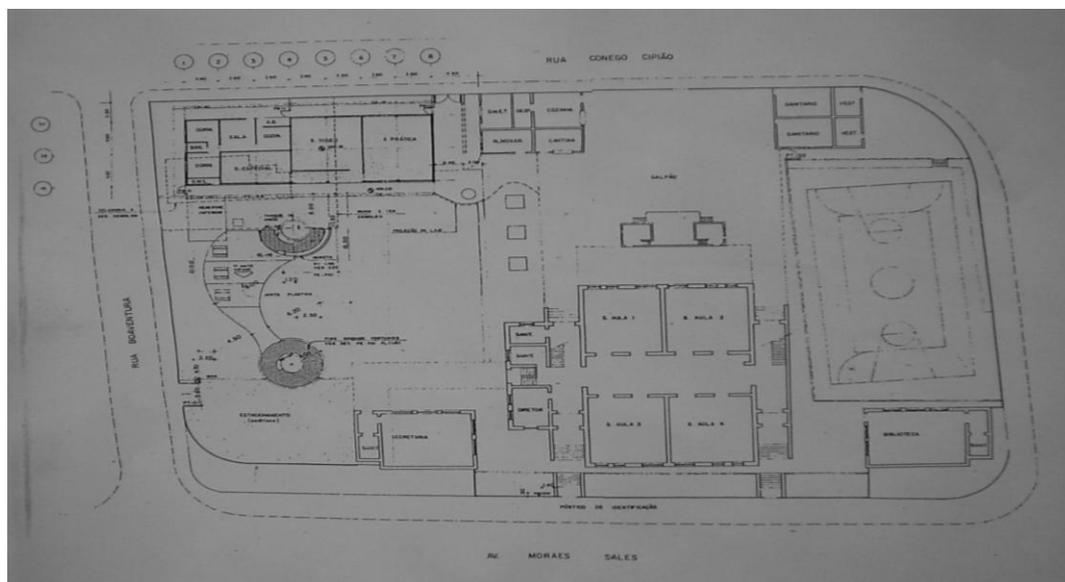


Figura 7 - Planta do G. E. "Francisco Glicério" [s.d.]. Fonte: Arquivo da E. E. "Francisco Glicério".

Outro jornal a noticiar o fato, foi o jornal “A tribuna” da cidade de Campinas no dia 10/08/1997, que, em artigo assinado por Julio Mariano Junior, complementa as informações a respeito das salas para meninas e meninos:

“O Grupo [...], uma escola pública moderna, a acolher em ensino primário meninos, de manhã e meninas, à tarde [...] seu primeiro diretor o prof. Cristiano Volkart; auxiliar do diretor foi o prof. Artur Raggio Nóbrega, mestre de língua portuguesa [...]. Foram professoras da seção feminina, com aulas à tarde: Filomena Lopes (1º ano), Paula Pupo de Souza Costa (2º ano), Risoleta Lopes (2º ano), Lídia de Castro (3º ano), Clotilde Odoardo (4º ano). Na seção masculina com aulas pela manhã, foram professores: Celestina de de França Monteiro (1º ano), Maria Ferreira (2º ano), Francisca Romana Leite (2º ano), Artur Segurado (3º ano) e Luis de Campos (4º ano)”.

Segundo Souza, (1997), havia o seguinte quadro: Christiano Volkart diplomou-se pela Escola Normal de São Paulo, foi nomeado em 1898 inspetor escolar, ainda em julho do mesmo ano, foi novamente nomeado diretor do 1º Grupo Escolar, permanecendo no cargo até 1911, ano de sua morte; Filomena Lopes da Silva, permaneceu nessa escola até 1917; Lydia de Castro, normalista, iniciou sua carreira no magistério em Campinas no ano de 1891 e trabalhou durante 25 anos no Grupo Escolar; Clotilde Odoarda, normalista, passou a lecionar no Grupo Escolar em 1897 permanecendo nesse estabelecimento de ensino por cerca de 24 anos; Maria Jacinta Ferreira, tornou-se professora pública estadual através de concurso, lecionou no Grupo Escolar de Campinas de 1898 até se aposentar em 1930, falecendo em 1931; Francisca Romana Leite, normalista, lecionou no Grupo Escolar de Campinas de 1897 a 1922 quando se aposentou.

De acordo com a autora, a maioria dos mestres do Primeiro Grupo Escolar era normalista, “título que os qualificava como pertencentes à elite do magistério público considerando as precárias condições de formação do império e a quantidade de professores leigos” (Souza, 1997, p. 30). Estes professores apenas deixavam seus cargos, à medida que, o tempo ceifava-lhes a vida ou lhes facultava o direito de se aposentar. Tais qualidades, como boa formação e estabilidade no local e desenvolvimento de suas funções, possibilitaram favoráveis condições para uma prática educativa de qualidade.

Durante os vinte primeiros anos de funcionamento o Grupo Escolar de Campinas, conforme Souza, (1997), continuou sendo designado “Primeiro Grupo Escolar”. A denominação “Francisco Glicério” viria em 1917, para homenagear o General ‘das 21 Brigadas’, político, professor e advogado campineiro Francisco Glicério de Cerqueira Leite, falecido em 12 de abril

de 1916. (Ex-Veneráveis da Loja Maçônica Independência de Campinas – Francisco Glicério C. Leite - Grau 33 – Período 1879/1892). Disponível em <<http://www.lojaindependencia.org.br/exveneraveis4.html>>. Acesso em 12/01/14.

“Ao estabelecer que os Grupos Escolares receberiam denominações especiais em homenagem aos cidadãos que concorressem com donativos para a causa da instrução pública, o Estado fez da escola primária, nas primeiras décadas republicanas, o suporte de mais de um símbolo – o tributo à memória de importantes autoridades políticas. A figura do “patrono” vinculava a escola a uma determinada herança e memória social e política. Estabelecia, ainda, uma identificação entre as finalidades morais, sociais e culturais da escola e as qualidades enaltecidas do patrono” (p. 28).

O antigo Primeiro Grupo Escolar de Campinas¹⁷ atualmente funciona como Escola Estadual e recebe a denominação de E. E. “Francisco Glicério”. Localiza-se no centro da cidade, na Avenida Dr. Moraes Salles, 988 - uma das mais movimentadas de Campinas. A construção mantém-se com as mesmas características originais, embora recentemente tenha passado por um processo de reforma.

¹⁷ “Em 1994, a Escola foi restaurada e tombada pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Campinas, o CONDEPACC. O prédio foi tombado, também, pelo Conselho do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT), em 2002, pelo valor histórico na evolução educacional não só em Campinas, mas em todo o Estado de São Paulo”. Nossa cidade, Nossa história. Disponível em: <http://www.emdec.com.br/hotsites/nossa_cidade/moraessalles.html>. Acesso em 20/01/14.



Figura 8 - Escola Estadual “Francisco Glicério” de Campinas/SP, 2013. Fonte: CIVILIS/FE/UNICAMP.



Figura 9 - Escola Estadual "Francisco Glicério" de Campinas/SP, 2013. Fonte: CIVILIS/FE/UNICAMP.



Figura 10 - Escola Estadual "Francisco Glicério" de Campinas/SP, 2013. Fonte: CIVILIS/FE/UNICAMP.

De acordo com as pesquisas a respeito da instituição, foi encontrado um documento expedido pela Delegacia Regional de Ensino de 07 de agosto de 1923, no qual se informa que a mesma era mantida pela Loja Maçônica Independência, situada a Rua Campos Salles número 85.

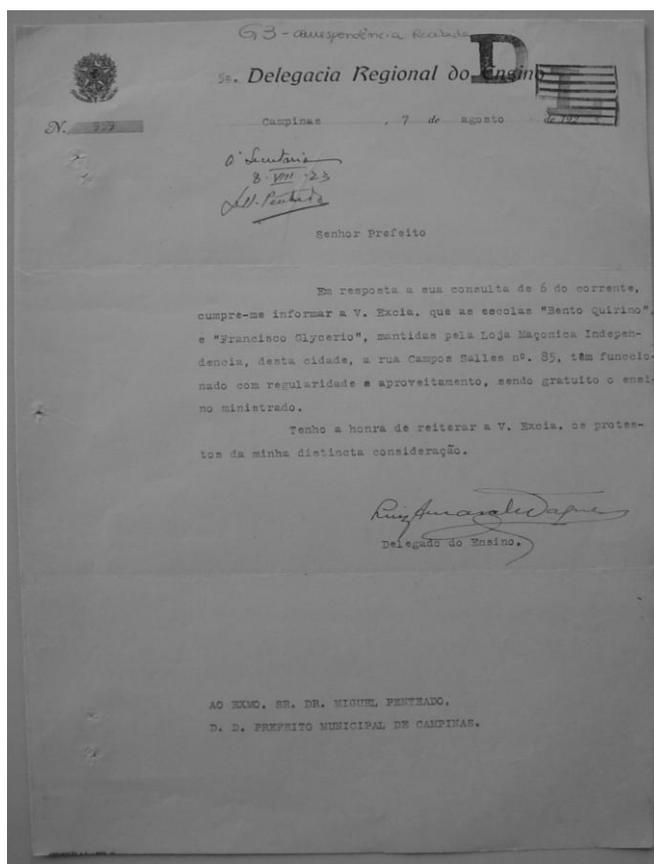


Figura 11 - Ofício da Delegacia Regional de Ensino. Fonte: Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal de Campinas, caixa de 1916 a 1930.

“5ª Delegacia Regional de Ensino

Campinas, 7 de agosto de 1923

Senhor Prefeito

Em resposta a sua consulta de 6 do corrente, cumpro-me informar a V. Excia. que as escolas “Bento Quirino” e Francisco Glycério”, mantidas pela Loja Maçônica Independência, desta cidade, a rua campos Salles nº 85, têm funcionado com regularidade e aproveitamento, sendo gratuito o ensino ministrado.

Tenho a honra de reiterar a V. Excia. os protestos da minha distinta consideração.

Luiz _____

Delegado de Ensino
Ao Exmo. Sr. Dr. Miguel Penteadó,
D. D. Prefeito Municipal de Campinas”.

Não foram localizadas maiores informações sobre os motivos dessa consulta, solicitada ao Delegado de ensino em agosto de 1923, pelo prefeito da cidade, somente foi possível saber por esse documento que as escolas “Bento Quirino” e “Francisco Glycério” eram mantidas pela Loja Maçonica Independência.

Conforme consta no site da Loja Maçonica Independência, “notáveis cidadãos de Campinas, como Francisco Glycério Cerqueira Leite [...]. Bento Quirino Simões dos Santos” figuravam na galeria de Maçons Ilustres.

Percebe-se que a escola “Culto à Ciência”¹⁸ talvez não tenha sido a única instituição mantida pela maçonaria na cidade de Campinas, ainda que em período anterior ao das instituições republicanas.

Diante dessas informações, com o propósito de contribuir para a produção do conhecimento sobre a História da Educação dos Grupos Escolares em Campinas, através do levantamento da documentação referente à implantação do 1º Grupo Escolar de Campinas

¹⁸ “[...] sobre a criação da “Sociedade Culto à Ciência”, que propugnava pela instalação, em nossa cidade, de um estabelecimento regular de ensino primário e secundário, que realizasse, com sucesso, o aperfeiçoamento moral e intelectual de seus alunos, onde a sociedade e o Estado deveriam ser neutros em matéria religiosa, que propugnasse pelo ensino Laico, e onde prevalecesse a liberdade de pensamento, de culto e de consciência. [...] Em 13 de abril de 1873, [...]. Nessa data foi lançada a pedra fundamental do edifício, no terreno adquirido em novembro de 1869. O empreiteiro de obras contratado, foi o maçom Jorge Guilherme Henrique Krug.[...] Em 12 de janeiro de 1874, foi inaugurado, solenemente, o “Colégio Culto à Ciência”, [...] Do livro, “CULTO À CIÊNCIA, CENTO E TREZE ANOS A SERVIÇO DA CULTURA” editado em 1986, com o patrocínio da Loja Maçonica Independência, no capítulo FUNDAÇÃO E FUNCIONAMENTO DO “CULTO À CIÊNCIA (pág.17) encontramos e transcrevemos: “O Colégio começou a funcionar regularmente no ano de sua inauguração ou seja em 1874. As aulas eram dadas nas salas do primeiro pavimento. No andar superior estavam instalados os dormitórios e a administração. No final do primeiro ano, a escola contava com 60 alunos internos, 10 semi-pensionistas e 14 externos. [...] A Sociedade Culto à Ciência era constituída, exclusivamente por maçons, assim como foram maçons todos os seus diretores e professores até a dissolução da Sociedade”. [...] Para os maçons, o ensino gratuito era muito importante: eles reclamavam a instrução para todos, gratuita, obrigatória e exclusivamente leiga. Foram os precursores das aulas noturnas, destinadas principalmente aos escravos. Assim, concretizando os ideais maçônicos, o “Culto à Ciência” foi a primeira escola inteiramente leiga de Campinas.” A Sociedade “Culto à Ciência” administrou o Colégio até 1889, quando a epidemia de febre amarela obrigou o seu fechamento. Foi reaberto em 1891. Em 24 de dezembro de 1892, a Sociedade Culto à Ciência” se dissolveu e todo o patrimônio passou para o município, [...]. Em 1894, o Congresso Legislativo decretou e o Presidente do Estado, Bernardino de Campos (na ocasião Benemérito do Quadro da Loja Independência), promulgou a lei que autorizava o governo do Estado a entrar em acordo com a Câmara Municipal de Campinas a fim de passar para o Estado a propriedade do prédio em que funcionava o Colégio Culto à Ciência”. Loja Maçonica Independência. Disponível em: <<http://www.lojaindependencia.org.br/nossahistoria4.html>>. Acesso em 12/01/14.

“Francisco Glicério”, dentro de um referencial de Cultura Material Escolar, segundo Antonio Viñao, (2000), que se utiliza do termo no plural, culturas escolares, em razão de existir uma cultura específica em cada instituição, ou seja, culturas diferentes em função de seu nível educativo e de sua comunidade (profesores, alunos, pais), e políticas educativas vigentes em cada momento, este trabalho tem por objetivo mapear e analisar os dados contidos nos livros de matrículas a fim de traçar um perfil dos alunos que frequentaram o curso primário da referida instituição no período de 1928 a 1935. Dessa forma, foram consultados os livros de matrículas, o livro de registro de promoções e os livros de frequência que, entre outros, compõem o arquivo histórico da instituição.

1.2.1 – A demanda escolar na cidade

Mesmo com a construção do 1º Grupo Escolar de Campinas em 1897 o problema da demanda por educação em Campinas não havia sido solucionado. De acordo com Souza, (1999), pouco depois de sua inauguração, já era sinalizado pelo diretor da instituição, a necessidade urgente de mais um grupo escolar.

A criação de um segundo Grupo Escolar só viria a ocorrer em 1900, quando se instalou no município o 2º Grupo Escolar “Dr. Quirino dos Santos”. Porém, em 1902 um problema ocorrido com o diretor do 1º Grupo Escolar de Campinas colocou em evidência o problema da falta de vagas nas escolas para a população de Campinas. Na ocasião, foi notificado pela imprensa local que dos 250 candidatos à matrícula para o ano letivo daquela instituição, apenas 40 puderam ser matriculados pelo diretor. Tal situação gerou protestos dos pais e responsáveis. Conforme comentou o jornal (“Cidade de Campinas”, em 7/2/1902 citado em Souza, 1999, p. 109) o diretor Christiano Volkart ao deixar de matricular 200 crianças, uma vez que não havia vaga suficiente para atender a tantos pedidos, foi declarado como “servidor dos opulentos”. Em resposta, o diretor publicou uma nota na qual divulgava a lista com os nomes dos alunos atendidos, explicando que entre eles 2 eram de classe abastada, 15 tinham posição média, e mais de 40 eram pobres.

De acordo com as duas notas do jornal, os números das crianças atendidas divergem. Se só havia 40 vagas disponíveis, como o diretor declara ter atendido mais de 40 crianças pobres, 15 de condições médias, e 2 abastados? Como ele criou essas vagas de repente?

Verificadas as divergências em relação aos dados, publicados no jornal e na literatura consultada, ainda de acordo com Souza (1999) após esse incidente,

“O diretor levou o problema ao conhecimento da Diretoria do Ensino Público notificando, também, o excesso de alunos num mesma classe, como era o caso da 2ª série da seção masculina. As dificuldades com as matrículas haviam-no levado a criar nessa escola uma sala mista de 1ª série desde 1900. Neste caso o imperativo da rígida separação entre os sexos teve que se render aos problemas e falta de espaço” (p. 109).

Não foi possível saber até quando essa medida - da sala mista - adotada pelo diretor, desde 1900, foi utilizada no Grupo Escolar “Francisco Glicério” de Campinas, pois nos livros pesquisados de 1928 a 1935 não houve essa ocorrência.

“A crise no ensino” como foi chamada a questão de falta de vagas na cidade, vinha recebendo, naquele período, especial atenção da imprensa campineira. Segundo Souza, (1999), um artigo publicado em 1903 expunha as dificuldades encontradas pelos pais em encontrar vagas para matricular seus filhos e ainda, assinalava o desdobramento de turnos como solução propícia para resolver o problema.

Solução que, depois de implantada, perdurou por muito tempo. De acordo com os livros de frequência pesquisados, nos anos de 1931 e 1934 foram encontrados registros de que a instituição funcionava em dois períodos. Não se pode afirmar, com isso, que a duração dessa medida tenha sido ininterrupta, pois, as lacunas no tempo fazem com que os documentos existentes no arquivo não deem conta dos esclarecimentos quanto ao funcionamento prático.

Outra informação relevante, de acordo com Souza, (1999), publicada pela imprensa local refere-se sobre a determinação do estado de lotação máxima de 45 alunos nas classes. Medida que reduzia ainda mais a quantidade de vagas disponíveis nos dois grupos escolares existentes na cidade de Campinas. Diante dessa medida, questionava o autor da nota para onde iriam o excedente de alunos que as escolas existentes não davam conta de abrigar, e em seguida já apontava a necessidade da criação do 3º Grupo escolar. Fato que se consumou em 1910, com a instalação do 3º Grupo Escolar “Artur Segurado” – funcionando em dois períodos.

O crescimento urbano da cidade ocorria paralelamente ao aumento da demanda por escolas primárias. Conforme Souza, (1999), os grupos escolares eram instituições que ofereciam ensino muito melhor que as escolas isoladas, por isso suas vagas eram sempre disputadas. Mesmo com a criação do 3º Grupo escolar até a década de 20, eram as escolas isoladas que possuíam

maiores quantidades de alunos matriculados em relação à somatória dos alunos matriculados nos três grupos juntos.

De acordo com a autora:

“Campinas possuía 43 escolas isoladas providas em 1912 compreendendo 2.507 matriculados: 10 localizadas na sede e 33, em bairros, isto é, na zona rural. O município mantinha 17 escolas com 836 alunos. A matrícula nos grupos escolares era igual a 1.849 alunos e nas escolas particulares havia 3.838 matriculados (Anuário do Ensino do Estado de São Paulo, 1911-12, citado em Souza, (1999)). O número de escolas isoladas continuou a crescer na década de 1910. Em 1918, elas somavam 80 – 24 urbanas e 56 distritais (Anuário do Ensino do Estado de São Paulo, 1918, citado em Souza, (1999)). Esta situação mudou na década de 1920 quando a política estadual de expansão do ensino primário priorizou a instalação de grupos escolares nos centros urbanos com a conseqüente incorporação e redução do número de escolas isoladas de sede. Desde então, as grandes cidades do estado assistiram à especialização de dois tipos predominantes de escolas primárias: os grupos escolares nas áreas urbanas e as escolas isoladas nas áreas rurais” (p. 113).

Acompanhando a tendência de expansão de ensino o 4º Grupo Escolar “Orozimbo Maia” foi criado em 1923 com 12 salas de aula. Outros três grupos escolares vieram na sequência: 5º Grupo Escolar “Antonio Vilela Jr. em 1925; 6º Grupo escolar “ Dom Barreto” também em 1925 e o 7º Grupo Escolar “Dona Castorina Cavalheiro” em 1925.

1.2.2 – O Arquivo do Primeiro Grupo Escolar de Campinas - “Francisco Glicério”

Os documentos privilegiados para esta pesquisa foram:

a) Os Livros de Matrículas das seções feminina e masculina, no período de 1928 a 1935 - ano em que, ainda, encontramos alunos, que ingressaram em 1928, cursando o 4º ano do curso. A escolha por esse recorte temporal ocorreu devido à série documental, das duas seções, tanto feminina quanto masculina, coincidirem seu início em 1928 e terem suas sequências ininterruptas durante esse período, o que já não ocorreu com os outros livros a partir dessas datas.

A série de livros de matrículas, integrante do arquivo da escola, possui 26 livros femininos e 27 masculinos datados de 1928 até o ano de 1971. Para o período analisado (1928-1935) a seção feminina está composta pelos seguintes livros assim distribuídos:

Livros de Matrículas – Seção feminina:

1928 – 1 livro;

1929 – 1 livro;

1930 - 1 livro;

1931 e 1932 juntos no mesmo livro;

1933 e 1934 juntos no mesmo livro;

1934 e 1935 juntos no mesmo livro;

1935 e 1936 juntos no mesmo livro.



Figura 12 - Livros de Matrículas – seção feminina – (1928-1935). Fonte: CIVILIS/FE/UNICAMP.

A secção masculina compõe-se dos seguintes livros, assim distribuídos:

Livros de Matrículas – Seção masculina:

1928 – 1 livro;

1929 – 1 livro;

1930 - 2 livros: de capa verde incompleto e o de capa marrom completo (considerou-se as informações contidas no segundo);

1931 e 1932 juntos no mesmo livro;

1933 e 1934 juntos no mesmo livro;

1935 – 1 livro.



Figura 13 - Livros de Matrículas – seção masculina – (1928-1935). Fonte: CIVILIS/FE/UNICAMP.

b) O Livro Registro de Promoções dos Alunos auxiliou em relação a falta de evidência quanto a algumas 'promoções' dos alunos que, apenas com base nos livros de matrículas, permanecerem pendentes, gerando a incerteza, se apesar de terem cursado o 4º ano, tinham ou não sido promovidos.

Livro Registro de Promoções dos Alunos:

1928, 1929, 1931, 1932, e 1933 – 1 livro.

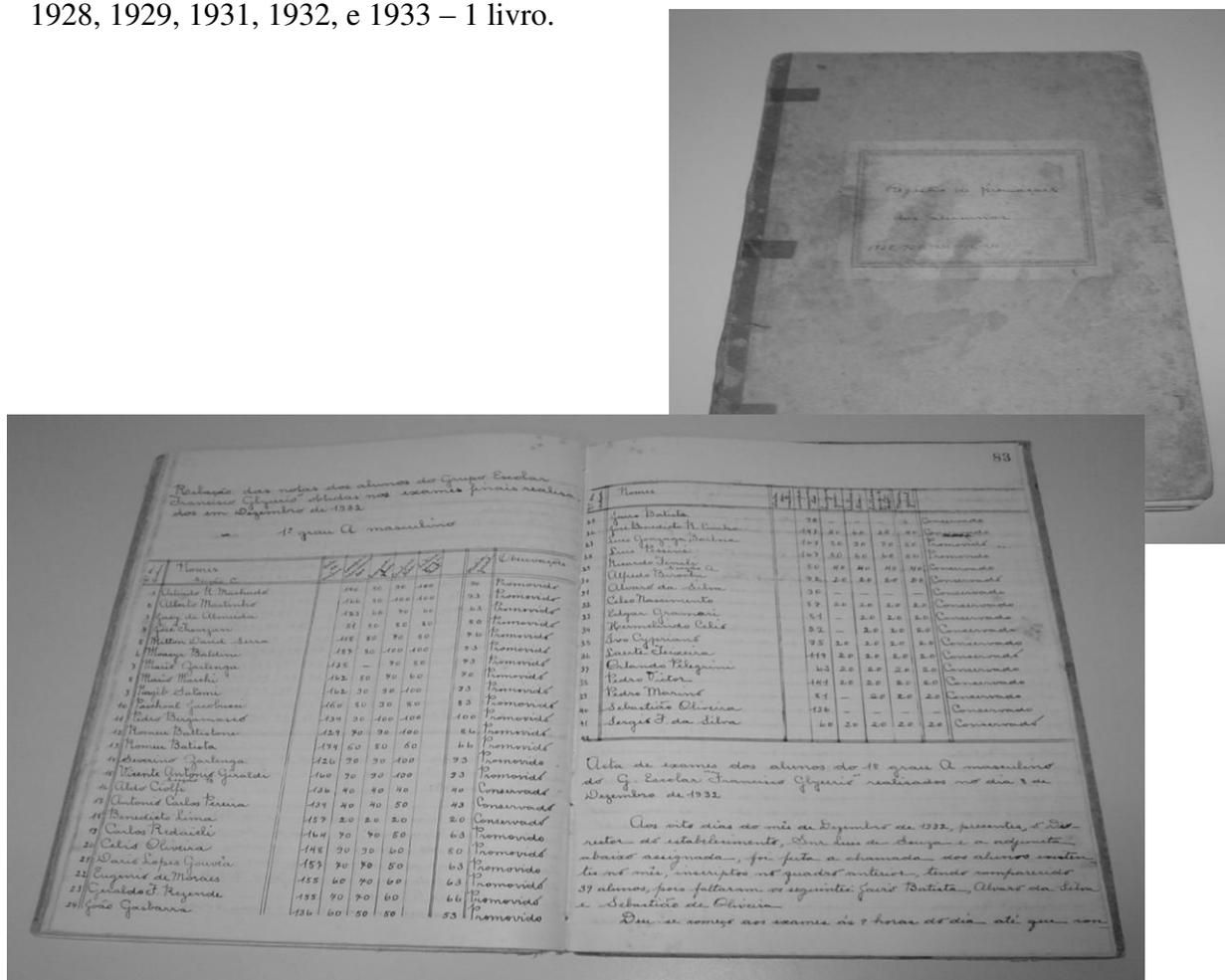


Figura 14 - Livro de promoções dos alunos (1928, 1929, 1931, 1932 e 1933) – ref. a Ata de promoção dos alunos do 4º ano A masculino em 1932. Fonte: CIVILIS/FE/UNICAMP.

c) O Livro Ata de Exames Finais 1933 - 1938 auxiliou em relação a falta de evidência quanto a algumas ‘promoções’ dos alunos que, apenas com base nos livros de matrículas, permanecerem pendentes, gerando a incerteza, se apesar de terem cursado o 4º ano, tinham ou não sido promovidos.

Livro Ata de exames finais 1933 -1938

1933 a 1938 – 1 livro.

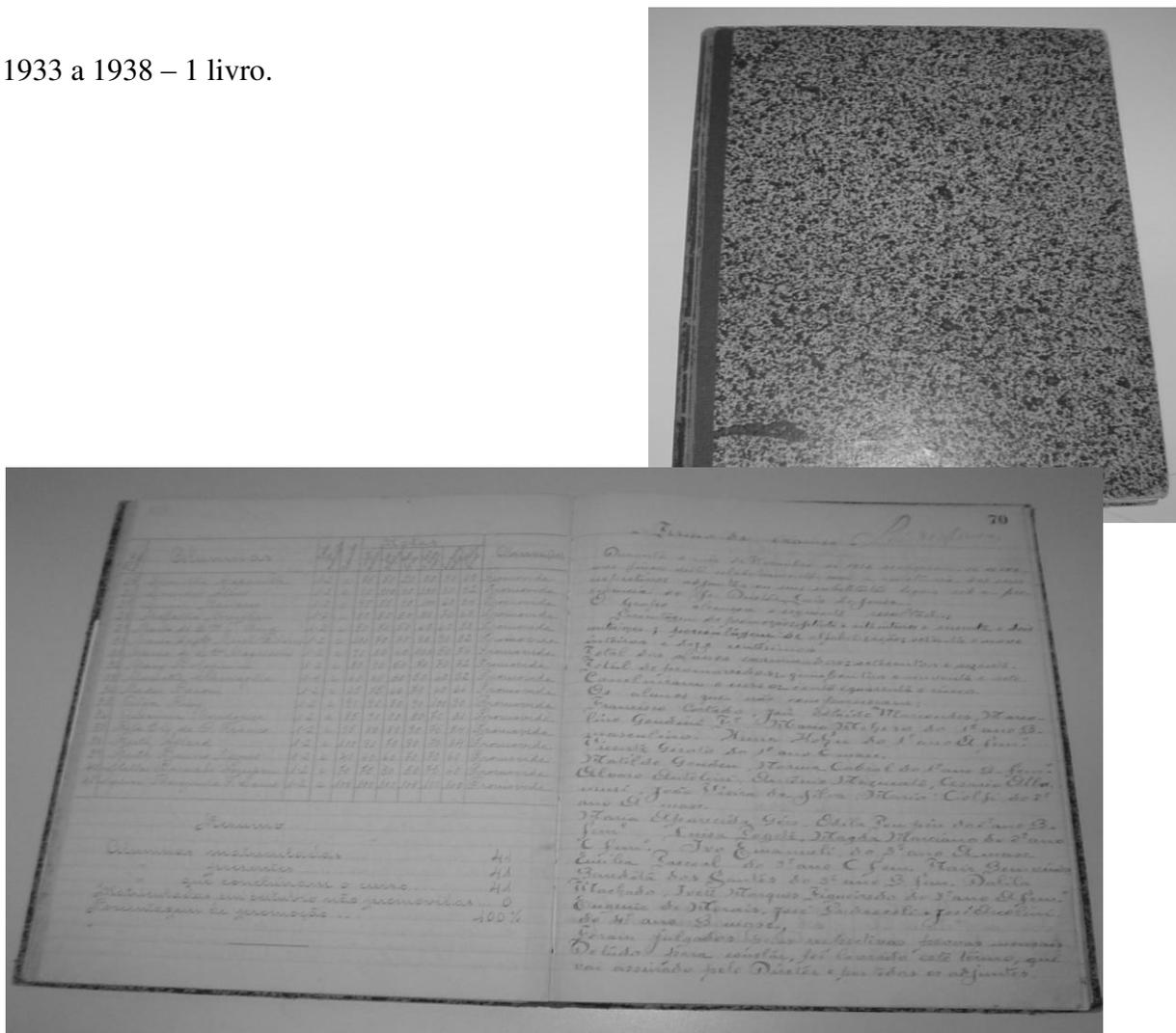


Figura 15 - Livro Ata dos exames finais – (1933–1938). Fonte: CIVILIS/FE/UNICAMP.

d) Os **Livros de Frequência** por abrangerem o período estabelecido pela pesquisa trouxeram informações que ampliaram os conhecimentos a respeito do funcionamento da instituição.

Livros de Frequência:

1-3-931 a 17-9-931 – 1 livro;

18-9-931 a 15-6-932 – 1 livro;

16-6-932 a 10-4-933 – 1 livro;

11-4-933 a 6-11-933 – 1 livro;

7-11-933 a 3-8-934 – 1 livro.

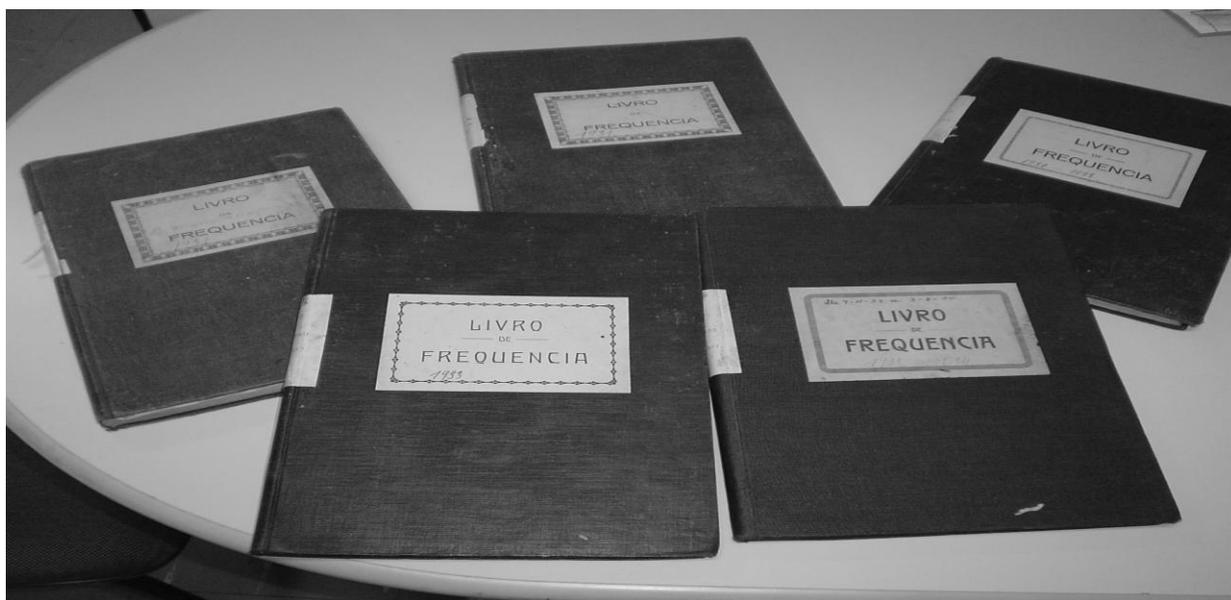


Figura 16 – Livros de Frequência (1931 a 1934). Fonte: CIVILIS/FE/UNICAMP.

1.2.3 - Os Livros de Matrículas, preenchimento e leis; Livro de Registro de Promoções; Livro Ata de Exames Finais e os Livros de Frequência

a) Os livros de matrículas, preenchimento e leis:

Em trabalho realizado com o material do arquivo, por alunos da equipe da professora coordenadora do projeto, conforme mencionado anteriormente, foram encontradas informações a respeito dos livros de matrícula que merecem atenção como, por exemplo, o fato de que Relvas (2008) menciona em seu trabalho que, inicialmente, os livros de matrícula do primeiro Grupo Escolar de Campinas começavam em 1929, porém:

“Durante a reunião no local de arquivo da Escola Normal, pude resgatar para o acervo do Primeiro Grupo Escolar de Campinas, seis documentos do Primeiro Grupo que foram encontrados no acervo da Escola Normal. Esses documentos correspondem ao período de 1902 a 1933: são dois livros de matrícula do ano de 1928, sendo um da seção masculina e outro da seção feminina; e quatro livros de Atas de exames e promoção de alunos, o primeiro do ano de 1902, o segundo de 1916 a 1924, o terceiro de 1925 a 1927 e o quarto de 1928 a 1933. Existem relatos de que o primeiro Grupo funcionou por algum período no prédio da Escola Normal; a partir desses documentos e relatos irei investigar se esses documentos encontrados correspondem a esse período” (RELVAS, 2008, p. 31).

Assim, de acordo com Relvas, (2008), os livros de matrículas datados de 1928, estavam armazenados em outra instituição. Entretanto, na época da pesquisa da autora não foi encontrado nenhum fato que viesse a confirmar que a escola tivesse funcionado em outra dependência que não as originais, no Largo do Riachuelo.

No entanto, em outra pesquisa, realizada por alunos da equipe da professora coordenadora do projeto, foram encontradas indicações de que a escola acomodou em suas instalações, durante certo período, o 3º Grupo Escolar de Campinas “Artur Segurado”:

“Em 1951, o estabelecimento onde funcionava o Grupo Escolar “Artur Segurado” foi adquirido pela Pontifícia Universidade Católica, forçando a saída da escola por interdição do prédio pela Secretaria de Viação e Obras Públicas. Em 1º de maio do mesmo ano, a escola instalou-se provisoriamente nas dependências do Grupo Escolar “Francisco Glicério”, localizado a Av. Moraes Salles, nº 988, no centro da cidade, onde funcionou regularmente em horário intermediário, das 11h15 às 14h15, até o ano de 1958 (CARMONÁRIO, 2008, p. 60).

Os livros de matrículas do 1º Grupo Escolar de Campinas, datados de 1928, possuem os seguintes campos de preenchimento: número de ordem; nome; data de nascimento; naturalidade; filiação; nacionalidade do pai; profissão do pai; endereço; ano; data da matrícula; eliminação e observações.

De acordo com o Decreto n. 1.216 de 27 de abril de 1904 do Regimento Interno dos Grupos Escolares, no capítulo II, da matrícula em seu Artigo 66:

“A matrícula será feita pelos diretores no respectivo livro, e deve constar dos seguintes dados relativos a cada aluno: a) numero de ordem; b) nome; c) data do nascimento, com discriminação, por colunas, do dia, mês e ano; d) filiação, que conterà o nome do pai e do responsável pela educação do aluno; e) nacionalidade; f) data da matricula, com discriminação, por colunas, do dia, mês e ano; g) data da matricula primitiva; h) residência, com nome da rua e numero da casa. Parágrafo único. – Além das colunas para os referidos dados, terá mais o livro de matricula uma coluna para observações e outra para eliminações”.

The image shows a handwritten enrollment book with the following columns:

- NOMES**: Student names.
- DATA DO NASCIMENTO**: Birth date, subdivided into day, month, and year.
- FILIAÇÃO**: Parent's name and profession.
- RESIDÊNCIA**: Address, subdivided into street name and house number.
- DATA DA MATRÍCULA**: Enrollment date, subdivided into day, month, and year.
- DATA DA MATRÍCULA PRIMITIVA**: Date of the first enrollment.
- ELIMINAÇÃO**: Column for recording student removals.
- OBSERVAÇÕES**: Column for additional notes.

Figura 17 - Livro de matrícula - seção masculina – (1929). Fonte: CIVILIS/FE/UNICAMP.

De acordo com os livros pesquisados, relativos aos campos impressos, todos estão manualmente preenchidos. Sempre em ordem alfabética e numérica para cada aluno em cada ano letivo. Os campos preenchidos, em raros casos foram observados inexatidão de dados. O que significa que, para um mesmo aluno havia informações diferentes, evidenciando falhas no preenchimento, como por exemplo, nos campos: data de nascimento, nome do pai, data da matrícula primitiva e data da matrícula do ano letivo.

Para a seção feminina os livros foram assim preenchidos:

1928

Capa contendo etiqueta com: Livro de matrícula, seção feminina e o ano 1928;

*Interior do livro: termo de abertura não preenchido, cabeçalho não preenchido, folhas do livro não numeradas, não carimbadas pelo diretor.

Final do livro: termo de encerramento não consta.

1ºA=35 alunas, 1ºB= 34, 1ºC=36, 2ºA= 44, 2ºB= 44, 2ºC= 42, 3ºA= 44, 3º B 43, 4ºA= 35, 4º B=31. (Matrículas iniciais).

1929

Capa contendo etiqueta com: Livro de matrícula, seção feminina e o ano 1929;

*Interior do livro: termo de abertura não preenchido, folhas do livro numeradas até n. 50 e utilizadas até n. 31, não carimbadas pelo diretor;

Final do livro: termo de encerramento não preenchido.

1ºA=32 alunas, 1ºB= 32, 1ºC=30, 2ºA = 32, 2ºB= 38, 2ºC= 38, 3ºA= 42, 3ºB= 45, 4º= 42. (Matrículas iniciais).

1930

Capa contendo etiqueta com: Livro de matrícula, seção feminina e o ano 1930;

*Interior do livro: termo de abertura não preenchido, folhas do livro numeradas até n. 50 e utilizadas até n. 27, não carimbadas pelo diretor;

Final do livro: termo de encerramento não preenchido.

1ºA=40 alunas, 1ºB=43, 1ºC=37, 2ºA=28, 2ºB=29, 2ºC=34, 3ºA=36, 3ºB=34, 4º=43. (Matrículas iniciais).

1931 e 1932

Capa contendo etiqueta com: Livro de matrícula, seção feminina e o ano 1931;

*Interior do livro: termo de abertura não preenchido, folhas no interior do livro numeradas até n. 100 e utilizadas até n. 49 – para o ano de 1931 até folha n. 27, não carimbadas pelo diretor;

Final do livro: termo de encerramento não preenchido.

1931 - 1ºA=37 alunas, 1ºB= 36, 1ºC=35, 2ºA=32, 2ºB=35, 2ºC=34, 3ºA=36, 3º B=34, 4º=43. (Matrículas iniciais).

*Interior do livro: termo de abertura não preenchido, assinado pelo diretor Luis de Souza, folhas no interior do livro numeradas até n. 100 e utilizadas até n. 49 – para o ano de 1932 a partir do verso da folha n. 28, até folha n. 43, quando começam as matrículas suplementares, não carimbadas pelo diretor;

Final do livro: termo de encerramento não preenchido.

1932 - 1ºA=37 alunas, 2ºA=36, 2ºB=27, 3ºA=37, 3º B=32, 4º=41. (Matrículas iniciais).

1933 e 1934

Capa contendo etiqueta com: Livro de matrícula, seção feminina;

*Interior do livro: termo de abertura assinado pelo diretor Luis de Souza em 22/05/1933, folhas no interior do livro numeradas até n. 50 e utilizadas até n. 50 – para o ano de 1933 até folha n. 22, carimbadas pelo diretor;

Final do livro: termo de encerramento assinado pelo diretor Luis de Souza em 22/05/1933.

1933 - 1ºA=36 alunas, 1ºB= 38, 2ºA=37, 2ºB=37, 3ºA=30, 3º B=28, 3ºC=30, 4ºA=32, 4ºB=34. (Matrículas iniciais).

*Interior do livro: termo de abertura assinado pelo diretor Luis de Souza em 22/05/1933; folhas no interior do livro numeradas até n. 50 e utilizadas até n. 50 – para o ano de 1934 a partir do verso da folha n. 22 em diante, carimbadas pelo diretor;

Final do livro: termo de encerramento não preenchido.

1934 - 1ºA=40 alunas, 1ºB= 38, 1ºC=39, 1ºD=39, 2ºA=42, 2ºB=41, 3ºA=39, 3ºB=38, 4ºA=37, 4ºB=36. (Matrículas iniciais).

1934 e 1935

Capa contendo etiqueta com: Livro de matrícula, seção feminina 1934 a abril de 1935;

*Interior do livro: termo de abertura assinado pelo diretor Luis de Souza em 07/07/1934, folhas no interior do livro numeradas e utilizadas até n. 50, para o ano de 1934 folhas n.1 e n.2, carimbadas pelo diretor;

Final do livro: termo de encerramento assinado pelo diretor Luis de Souza em 07/07/1934.

1ºD, 2ºA, 3ºA, 2ºB matrículas suplementares do ano 1934. A partir da folha n. 2, ano de 1935 - 1ºA=42 alunas, 1ºB=41, 1ºC=40, 2ºA=41, 2ºB=43, 2ºC=42, 3ªA=45, 3ºB=47, 4ºA=41, 4ºB=42. (Matrículas iniciais).

1935 e 1936

Capa contendo etiqueta com: Livro de matrícula, seção feminina 1935-36 agosto;

*Interior do livro: carimbo de assinatura do diretor Luis de Souza, numerado até folha n. 50, preenchido até folha n. 47. Folha n. 1 e 2 com o ano de 1935 com 15 alunas matriculadas de 1º a 4º ano matrículas suplementares. 1ºA=1, 1ºB=1, 1ºC=5, 2ºA=5, 3ºB=1, 4ºA=3. Do verso da folha n. 2 em diante matrículas do ano 1936. Termo de abertura com local e data: 02/05/1935 e termo de encerramento em branco, assinado pelo diretor Luis de Souza.

Para a seção masculina os livros foram assim preenchidos:

1928

Capa contendo etiqueta com: Livro de matrícula, seção masculina e o ano 1928;

*Interior do livro: termo de abertura não preenchido, folhas do livro não numeradas, não carimbadas pelo diretor, livro utilizado até mais da metade.;

Final do livro: sem termo de encerramento.

1ºA=44 alunos, 1ºB=44, 1ºC=44, 2ºA=42, 2ºB=43, 2ºC=43, 3ºA=32, 3ºB=32, 4ºA=30, 4ºB=31. (Matrículas iniciais).

1929

Capa contendo etiqueta com: Livro de matrícula, seção masculina e o ano 1929;

*Interior do livro: termo de abertura não preenchido, folhas do livro numeradas até 50, utilizadas até folha n. 29;

Final do livro: termo de encerramento não preenchido.

1ºA=38 alunos, 1ºB=31, 1ºC=35, 1ºD=39, 2ºA=39, 2ºB=38, 2ºC=38, 3ºA=38, 3ºB=36, 4º=31.
(Matrículas iniciais).

1930

Há dois livros de matrículas ano 1930:

capa verde incompleto, capa marrom completo.

Capa verde:

Capa contendo etiqueta com: Livro de matrícula, seção masculina e o ano 1930;

*Interior do livro: termo de abertura não preenchido, folhas do livro não numeradas, utilizadas até mais da metade;

Final do livro: termo de encerramento não preenchido.

1ºA=39 alunos, 1ºB=38, 1ºC=37, 1ºD=38, 2ºA=28, 2ºB=30, 2ºC=28, 3ºA=32, 3ºB=31, 4º=28.
(Matrículas iniciais).

Capa marrom:

Capa contendo etiqueta com: Livro de matrícula, seção masculina e o ano 1930;

*Interior do livro: termo de abertura não preenchido, folhas do livro numeradas até n. 50, utilizadas até n. 26;

Final do livro: termo de encerramento não preenchido.

1ºA=39 alunos, 1ºB=38, 1ºC=37, 1ºD=38, 2ºA=28, 2ºB=30, 2ºC=28, 3ºA=32, 3ºB=31, 4º=28.
(Matrículas iniciais).

1931 e 1932

Capa contendo etiqueta com: Livro de matrícula, seção masculina e o ano 1931;

*Interior do livro: termo de abertura preenchido, folhas do livro numeradas até 50 e preenchidas até folha n. 26 para o ano de 1931, após começam as matrículas para o ano de 1932;

Campo observações preenchidos com “*Conservado ou Promovido*” para os dois livros;

Final do livro: termo de encerramento não preenchido.

1931 - 1ºA=37 alunos, 1ºB=37, 1ºC=39, 1ºD=37, 2ºA=35, 2ºB=37, 2ºC=37, 3ºA=33, 3ºB=36, 4º=36. (Matrículas iniciais).

*Interior do livro: folhas do livro numeradas até 50 e preenchidas até folha n. 46 para o ano de 1932;

Final do livro: termo de encerramento não preenchido.

1932 - 1ºA=61 alunos, 2ºA=34, 2ºB=28, 3º=55, 4º=27. (Matrículas iniciais).

1933 e 1934

Capa contendo etiqueta com: Livro de matrícula, seção masculina e o ano 1933 e 1934;

*Interior do livro: termo de abertura preenchido e assinado pelo diretor Luis de Souza em 23/05/1933, folhas do livro preenchidas até folha n. 21 para o ano de 1933, após começam as matrículas para o ano de 1934;

Final do livro: termo de encerramento não preenchido.

1933 - 1ºA=32 alunos, 1ºB=28, 1ºC=30, 2ºA=29, 2ºB=38, 3ºA=28, 3ºB=31, 4º=34. (Matrículas iniciais).

1934 - 1ºA=38 alunos, 1ºB=37, 1ºC=35, 1ºD=37, 2ºA=40, 2ºB=35, 2ºC=35, 3ºA=31, 3ºB=30, 4º=43. (Matrículas iniciais).

1935

Capa contendo etiqueta com: Livro de matrícula, seção masculina e o ano 1935;

*Interior do livro: termo de abertura preenchido com 50 folhas, folhas não numeradas, utilizadas até metade do livro, sem data e sem assinatura do diretor, folhas do livro numeradas até 50, utilizadas até folha n. 29;

Final do livro: sem termo de encerramento.

1ºA=43 alunos, 1ºB=42, 1ºC=41, 2ºA=44, 2ºB=44, 2ºC=40, 3ºA=32, 3ºB=30, 3ºC=30 4º=50. (Matrículas iniciais).

Como se pode observar, havia uma enorme variação nas quantidades de alunos para as turmas dos 1ºs aos 4ºs anos para as suas seções (feminina e masculina). Na maior parte com quantidades inferiores a 45. Embora, tenha aparecido uma turma para a seção feminina com 47 alunos no 3ºB em 1935 e duas turmas para a seção masculina em 1932 com máximas de 55 para o 3º ano e 61 matrículas para o 1ºA, ultrapassando largamente o limite superior estabelecido pela lei, que segundo o decreto n. 1.216 de 27 de abril de 1904, referente à organização dos grupos escolares e das escolas modelos, no capítulo I, das classes, o Artigo 4º determinava que: “cada classe, deverá conter no máximo 45 alunos, e no mínimo 16, [...]”. Nos casos descritos acima, o mínimo para as duas seções, em nenhum momento foram inferiores a 27 matrículas.

Outra situação que os livros analisados revelam e que representa exceção em relação ao cumprimento do que determinava a lei, refere-se às quantidades das folhas dos livros de matrículas. Estas de acordo com o Artigo 171 do decreto n. 218 de 27/11/1893 não poderiam ter

mais de 50 folhas, porém para os anos de 1931 e 1932, que estão no mesmo livro, para a seção feminina, as páginas estão numeradas até 100.

Conforme decreto n. 218 de 27 de novembro de 1893, Regulamento da Instrução Pública, Título I, Da direção e fiscalização do ensino, Capítulo II, Seção VII, no Artigo 178: “Os livros de matrícula serão numerados, abertos, rubricados e encerrados pelos inspetores de distrito, por cujo intermédio serão remetidos ao diretor geral, depois de escriturados em todas as suas páginas”. Como foi possível perceber nem todos os livros pesquisados seguiam essas determinações.

Em relação aos anos do curso, para cada ano letivo, havia variação na configuração das salas, melhor visualizada nos quadros a seguir.

Seção feminina:

Quadro 1 – Com as salas da seção feminina do G. E “Francisco Glicério”

SALAS - Seção feminina – 1º G. E. “Francisco Glicério” – Campinas							
1928	1929	1930	1931	1932	1933	1934	1935
1º A	1º A	1º A	1º A	1º A	1º A	1º A	1º A
1º B	1º B	1º B	1º B		1º B	1º B	1º B
1º C	1º C	1º C	1º C			1º C	1º C
						1º D	
2º A	2º A	2º A	2º A	2º A	2º A	2º A	2º A
2º B	2º B	2º B	2º B	2º B	2º B	2º B	2º B
2º C	2º C	2º C	2º C			2º C	2º C
3º A	3º A	3º A	3º A	3º A	3º A	3º A	3º A
3º B	3º B	3º B	3º B	3º B	3º B	3º B	3º B
4º A	4º	4º	4º	4º	4º A	4º A	4º A
4º B					4º B	4º B	4º B

Seção masculina:

Quadro 2 – Com as salas da seção masculina do G. E “Francisco Glicério”

SALAS - Seção masculina – 1º G. E. “Francisco Glicério” – Campinas							
1928	1929	1930	1931	1932	1933	1934	1935
1º A	1º A	1º A	1º A	1º A	1º A	1º A	1º A
1º B	1º B	1º B	1º B		1º B	1º B	1º B
1º C	1º C	1º C	1º C		1º C	1º C	1º C
		1º D	1º D			1º D	
2º A	2º A	2º A	2º A	2º A	2º A	2º A	2º A
2º B	2º B	2º B	2º B	2º B	2º B	2º B	2º B
2º C	2º C	2º C	2º C		2º C	2º C	2º C
3º A	3º A	3º A	3º A	3º	3º A	3º A	3º A
3º B	3º B	3º B	3º B		3º B	3º B	3º B
4º A	4º						
4º B							

As linhas divisórias nos quadros destacam as quantidades de salas, em cada ano letivo, para cada ano do curso. De acordo com a demanda, para cada ano havia um número maior ou menor de salas. Até quatro salas para os primeiros anos, três para os segundos, duas para os terceiros, e na maioria dos casos, apenas uma para os quartos anos, evidenciando mais uma vez os baixos números de crianças frequentando os anos finais do ensino primário. Os reformadores dos anos 20 já haviam constatado esse problema na educação pública primária e tentado resolvê-lo. Entretanto, pós as reformas, através das amostragens desenvolvidas para esta pesquisa, percebe-se que ele ainda perdurou sem solução.

b) O Livro de Registro de Promoções foi assim preenchido:

Embora a série dos Livros de Registro de Promoções se componha de três livros, apenas o terceiro livro, com registros a partir de 1928 pôde auxiliar na presente pesquisa para o esclarecimento de algumas promoções, pendentes por não estarem explícitas nos livros de matrículas, das duas seções, para os 4^{os} anos. As páginas do Livro de Registro de Promoções, trazem as atas dos exames dos alunos dos 1^o, 2^o, 3^o e 4^o anos, tanto da seção feminina como da masculina de 1928 a 1933.

c) Livro Ata de Exames Finais foi assim preenchido:

Embora a série dos Livros Ata de exames finais se componha de nove livros (1902; 1933-1938; 1938-1941; 1941-1943; 1943-1946; 1946-1948; 1949-1950; 1950-1954; 1955-1957), apenas o segundo livro, com registros a partir de 1933 a 1938 pôde auxiliar na pesquisa para o esclarecimento de algumas promoções, pendentes por não estarem explícitas nos livros de matrículas, das duas seções, para os 4^{os} anos. As páginas do Livro trazem as atas dos exames finais dos alunos submetidos a exames no mês de novembro dos 1^o, 2^o, 3^o e 4^o anos, tanto da seção feminina como da masculina. Seu preenchimento é manuscrito, e possui 100 folhas, preenchidas até a nº 99, cabeçalho identificando o ano do curso para cada uma das seções (feminina e masculina), o nome da instituição e data. Está assinado pelo diretor Luis de Souza e compreende os anos de 1933, 1934, 1935, 1936, 1937 e 1938.

d) Os Livros de Frequência foram assim preenchidos:

Os Livros de Frequência possuem cabeçalho, e os campos: ‘cargos, nomes e observações’ para preenchimento. Todos os cinco livros trazem no campo ‘cargo’ as especificações dos anos do curso, 1º A, B, C e D; 2ºs anos A, B, C; 3ºs A, B e 4º ano, colocados sequencialmente. No campo ‘nomes’ aparecem os nomes dos professores adjuntos e substitutos efetivos, listados um embaixo do outro. Todos os livros possuem 150 páginas preenchidas e assinadas pelo diretor Luis de Souza.

As respectivas datas dos livros são: 1-3-931 a 17-9-931; 18-9-931 a 15-6-932; 16-6-932 a 10-4-933; 11-4-933 a 6-11-933; 7-11-933 a 3-8-934. O primeiro e o último livro trazem a informação: ‘*primeiro período*’ no verso da folha anterior e ‘*segundo período*’ na frente da folha seguinte. O segundo, terceiro e quarto livros não mencionam essas informações, mas, em contra partida, nessa mesma parte das páginas, (do primeiro e último livro) no verso da folha anterior, constam ao invés de ‘primeiro período’, ‘seção masculina’; na frente da folha seguinte, ao invés de ‘segundo período’, ‘seção feminina’, os outros dados mantêm a mesma forma de registro em todos os livros, tal como já descritas acima.

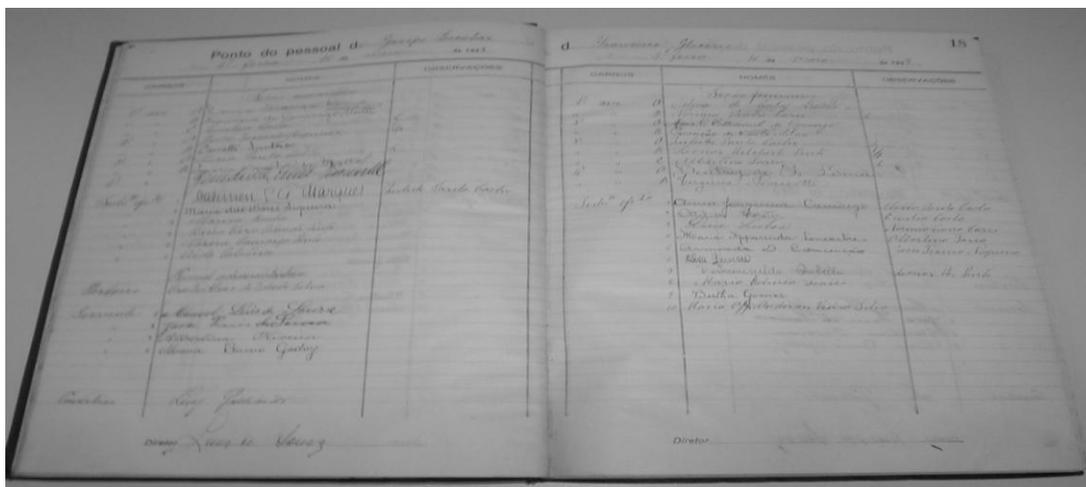


Figura 18 – Livro de Frequência (7-11-933 a 3-8-934). Fonte: CIVILIS/FE/UNICAMP.

De acordo com essas informações, ‘primeiro e segundo período’, constantes nestes livros, pode-se perceber que a escola entre os anos de 1931 a 1934 funcionou em dois períodos letivos. Reforçando o já visto anteriormente na parte dedicada a legislação (item 1.1.5).

Após esse panorama das fontes da pesquisa, será possível aprofundar os informes em relação à evolução escolar de cada aluno, que iniciou o ensino primário em 1928.

Diante disso, o capítulo seguinte irá tratar das trajetórias escolares de insucesso.

2. Capítulo. 2 – Trajetórias de desistências, persistências, seguidas de mais desistências

Neste capítulo busca-se compreender as trajetórias delineadas pelos alunos do Grupo Escolar “Francisco Glicério” que ingressaram no curso primário em 1928, mas que não concluíram o curso. Alguns, tanto meninas como meninos, logo nos anos iniciais, foram abandonando o curso, são desistências que o tempo não apagou (o que as justificariam? Por que ocorreram?). Outros foram acompanhados, ano a ano, nas suas persistências que levaram a mais desistências no final, e ou, ao impedimento de continuarem tentando e, concluir.

Quais seriam as particularidades da vida pessoal e/ou escolar desses alunos que os impediu de concluíram o ensino primário? O quê estaria por trás dessas desistências ou abandonos? Quanto aos que concluíram, o quê possuíam, e se possuíam, algo a mais ou de diferente em relação aos que não concluíram e que lhes representou vantagem nesse processo?

São questões que surgem diante dos resultados das amostras. Conforme segue abaixo, uma amostragem foi realizada a partir dos livros de matrícula das duas seções, feminina e masculina, no período de 1928 a 1935, de forma a acompanhar a progressão escolar de cada aluno ingressante, em 1928, no 1º ano do curso primário.

2.1 – As etapas de trabalho e o levantamento dos dados

Como foi feito: Para o desenvolvimento das amostragens aqui abordadas, houve novo contato com o material do arquivo. Inicialmente os livros de matrícula foram dispostos sobre uma mesa a fim de confirmar e separar por datas o material de trabalho. Confirmadas as sequências e separadas as seções femininas e masculinas com início em 1928, empreendeu-se, primeiro o levantamento e acompanhamento de todas as alunas que ingressaram em 1928 no 1º A, 1º B e 1º C. Extensas tabelas foram construídas em papel sulfite, com o objetivo de listar todas as informações num único dispositivo. Cada livro de matrícula possui em seu início o registro das matrículas iniciais - assim denominadas neste trabalho para se diferenciarem das matrículas que ocorrem nas páginas finais dos livros: sequencialmente 1ºA, 1ºB, e 1ºC, seguidas das matrículas para os outros anos do curso 2ºA, B, C, D; 3ºA, B, C e 4ºano A e B. Posteriormente a elas, ao

final do livro, há também as matrículas suplementares¹⁹ – assim denominadas, neste trabalho, para se diferenciarem das matrículas que ocorrem nas páginas iniciais dos livros (no mês de fevereiro – que representam as matrículas regulares para o ano letivo). Ou seja, nessa parte do livro entram os nomes das alunas que vão cursar o primeiro ano, o segundo ano, o terceiro ano e o quarto ano, obedecendo apenas a ordem de matrícula de cada ano nas matrículas iniciais. Por exemplo, no 1º ano A, inicial a última aluna matriculada foi a de n. 35, então, lá no final do livro, nas matrículas suplementares, a próxima aluna matriculada no 1º A será a de nº 36, e assim sucessivamente para todos os anos e letras (1º B., 2º A, 2º B..., 3º A...). Essa regra se aplica para todos os anos do 1º ao 4º. Diante disso, também foram desenvolvidas tabelas para esses tipos de matrículas, denominadas de matrículas suplementares. Estas possuíam um número inferior, em média 15 alunas em relação aos das matrículas iniciais que tinham uma média de 35 alunas para a seção feminina.

O mesmo processo descrito acima para a seção feminina, foi utilizado para o desenvolvimento das amostragens da seção masculina, embora, esta seção possuísse um número de alunos matriculados nas matrículas iniciais maior que a seção feminina, em média 42 alunos, e 18 alunos nas matrículas suplementares.

O que foi feito: Findo o processo de levantamento de informações e com todas as amostragens prontas, no intuito de dar forma aquelas informações, novas tabelas foram desenvolvidas sintetizando todos aqueles dados.

São essas as tabelas que serão abordadas nas páginas a seguir.

O que foi encontrado: os dados obtidos em cada uma das tabelas fornecem indícios, de acordo com Ginzburg, (1999), que podem dar uma breve ideia a respeito daqueles sujeitos, mas, talvez, não responder a todas as questões suscitadas. Pois, as fontes não dizem tudo, nem podem,

¹⁹N. A. Justificando a escolha do substantivo. “Suplemento s.m. Aquilo que serve para suprir qualquer falta; o que se dá a mais.... / Fig. Complemento, acréscimo...”. Dicionário de português online. Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/Suplemento.html>>. Acesso em 14/11/13. “Suplemento sm [...]. 1 A parte que se junta a um todo para o ampliar ou aperfeiçoar...”. Dicionário de português online. . Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=suplemento>>. Acesso em: 14/11/13. “Suplementar [...]. 1 Acrescentar alguma coisa a;” [...]. Dicionário de português online. . Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=suplementar>>. Acesso em: 14/11/13.

mesmo quando julgamos ter feito as perguntas certas (FRANÇOIS, 1998, citado por MENEZES [et al.], 2005).

Havia variedade na faixa etária daqueles alunos, contudo, prevalecia o ingresso com 7, 8 e 9 anos de idade. Muitos eram filhos de brasileiros, mas havia também uma forte presença dos imigrantes, sobretudo italianos. Vários pais de alunos eram trabalhadores com profissões em que, num mesmo ano ou em mais de um ano, iam mudando e se adequando. Daí haver negociantes que se tornaram operários, operários que se tornaram ferroviários, que se tornaram lavradores, entre outros. As evasões estudantis também chamaram a atenção. Alguns saíam num ano, ficavam ausentes um ou dois anos, depois retornavam, recomeçavam e logo abandonavam novamente, outros ainda simplesmente desapareciam sem deixar pistas. Havia também aqueles alunos que eram eliminados por motivo de ‘mudança’, outros ‘a pedido’ – e por que/para que o pai, a mãe ou o tutor pedia para tirar o aluno da escola? Não abandonavam ao acaso, como em alguns casos, mas oficializavam a saída do aluno. Muitos foram eliminados pelo ‘Art. 137, 1.a’ e ‘Art. 137 a’ que justificava sim, a saída do aluno naquele ano, mas não o impedia de retornar no ano seguinte e dar continuidade aos estudos, de onde havia parado. Tais fatos serão abordados a seguir:

2.2 – As tabelas

O desenvolvimento das amostragens seguiu uma ordem de cunho organizacional e produziu a seguinte estrutura:

Seção feminina – com base nos livros de matrículas

1º ano A – matrículas iniciais (constantes no início do livro);

1º ano B – matrículas iniciais (constantes no início do livro);

1º ano C – matrículas iniciais (constantes no início do livro);

1º ano A – matrículas suplementares (constantes no final do livro);

1º ano B – matrículas suplementares (constantes no final do livro);

1º ano C – matrículas suplementares (constantes no final do livro);

Seção masculina – com base nos livros de matrículas

1º ano A – matrículas iniciais (constantes no início do livro);

1º ano B – matrículas iniciais (constantes no início do livro);

1º ano C – matrículas iniciais (constantes no início do livro);

1º ano A – matrículas suplementares (constantes no final do livro);

1º ano B – matrículas suplementares (constantes no final do livro);

1º ano C – matrículas suplementares (constantes no final do livro);

Logo após terem sido concluídas as amostragens, os dados obtidos foram reunidos em tabelas:

2.2.1 – Organização e análise das tabelas

Seguindo o critério utilizado para o desenvolvimento das amostragens - organizacional – os dados obtidos foram dispostos em tabelas com o objetivo de facilitarem a visualização e as futuras análises.

A seguir as tabelas estão organizadas da seguinte forma:

Seção feminina

Tabela das reprovações e eliminações – 1º ano A (matrículas iniciais);

Tabela das reprovações e eliminações – 1º ano B (matrículas iniciais);

Tabela das reprovações e eliminações – 1º ano C (matrículas iniciais);

Seguidas dos gráficos gerados a partir das informações constantes das categorias de preenchimento: idades, naturalidade, nacionalidade dos pais, profissão dos pais, nº de repetências, ano em que o nome some dos livros de matrículas e eliminações.

Gráficos – idades - seção fem. – 1º A, 1º B e 1º C (dispostos lado a lado);

Gráficos – naturalidade – seção fem. - 1º A, 1º B e 1º C (dispostos lado a lado);

Tabelas - profissão dos pais – seção fem. 1º A, 1º B e 1º C (dispostas em sequência);
 Gráficos – com n. de repetências - seção fem. - 1º A, 1º B e 1º C (dispostos lado a lado);
 Tabelas com o ano em que o nome some dos livros de matrículas - seção fem. 1º A, 1º B e 1º C (dispostas em sequência);
 Tabelas com as eliminações - seção fem. 1º A, 1º B e 1º C (dispostas em sequência);

Logo a seguir estão as tabelas geradas a partir das matrículas suplementares:

Seção feminina

Tabela das reprovações e eliminações – 1º ano A - (matrículas suplementares);
 Tabela das reprovações e eliminações – 1º ano B - (matrículas suplementares);
 Tabela das reprovações e eliminações – 1º ano C - (matrículas suplementares);

Seguidas dos gráficos gerados a partir das informações constantes nas categorias de preenchimento: idades, naturalidade, nacionalidade dos pais, profissão dos pais, nº de repetências, ano em que o nome some dos livros de matrículas e eliminações.

Gráficos idades – seção fem. – 1º A, 1º B e 1º C – suplemento (dispostos lado a lado);
 Gráficos – naturalidade – seção fem. - 1º A, 1º B e 1º C - suplemento (dispostos lado a lado);
 Tabelas - profissão dos pais – seção fem. 1º A, 1º B e 1º C – suplemento (dispostas em sequência);
 Gráficos com o n. de repetências – seção fem. 1º A, 1º B e 1º C - suplemento (dispostos lado a lado);
 Tabelas com o ano em que o nome some dos livros de matrículas - seção fem. 1º A, 1º B e 1º C – suplemento (dispostas em sequência);
 Tabelas com as eliminações - seção fem. 1º A, 1º B e 1º C – suplemento (dispostas em sequência);

Seção masculina

Tabela das reprovações e eliminações – 1º ano A - (matrículas iniciais);

Tabela das reprovações e eliminações – 1º ano B - (matrículas iniciais);

Tabela das reprovações e eliminações – 1º ano C - (matrículas iniciais);

Seguidas dos gráficos gerados a partir das informações constantes das categorias de preenchimento: idades, naturalidade, nacionalidade dos pais, profissão dos pais, nº de repetências, ano em que o nome some dos livros de matrículas e eliminações.

Gráficos – idades seção masc. – 1º A, 1º B e 1º C (dispostos lado a lado);

Gráficos – naturalidade – seção masc. - 1º A, 1º B e 1º C (dispostos lado a lado);

Tabelas - profissão dos pais – seção masc. 1º A, 1º B e 1º C (dispostas em sequência);

Gráficos – com n. de repetências - seção masc. - 1º A, 1º B e 1º C (dispostos lado a lado);

Tabelas com o ano em que o nome some dos livros de matrículas - seção masc. 1º A, 1º B e 1º C (dispostas em sequência);

Tabelas com as eliminações - seção masc. 1º A, 1º B e 1º C (dispostas em sequência);

Logo a seguir estão as tabelas geradas a partir das matrículas suplementares:

Seção masculina

Tabela das reprovações e eliminações – 1º ano A - (matrículas suplementares);

Tabela das reprovações e eliminações – 1º ano B - (matrículas suplementares);

Tabela das reprovações e eliminações – 1º ano C - (matrículas suplementares);

Seguidas dos gráficos gerados a partir das informações constantes nas categorias de preenchimento: idades, naturalidade, nacionalidade dos pais, profissão dos pais, nº de repetências, ano em que o nome some dos livros de matrículas e eliminações.

Gráficos idades – seção masc. – 1º A, 1º B e 1º C – suplemento (dispostos lado a lado);

Gráficos – naturalidade – seção masc. - 1º A, 1º B e 1º C - suplemento (dispostos lado a lado);

Tabelas - profissão dos pais – seção masc. 1º A, 1º B e 1º C – suplemento (dispostas em sequência);

Gráficos com o n. de repetências – seção masc. 1º A, 1º B e 1º C - suplemento (dispostos lado a lado);

Tabelas com o ano em que o nome some dos livros de matrículas - seção masc. 1º A, 1º B e 1º C – suplemento (dispostas em sequência);

Tabelas com as eliminações - seção masc. 1º A, 1º B e 1º C – suplemento (dispostas em sequência);

Tabela das reprovações e eliminações - 1º ano A - iniciais																	
Livro de matrícula - seção feminina - G.E "Francisco Glicério" - Campinas																	
Aluna por n.	Idade	Naturalidade	Nac. pai	prof. Pai	N. vezes em que cursou o ano				Ano em que não consta do livros de matr. - Após:						Ano da eliminação	Motivo da eliminação	Observações
					1º	2º	3º	4º	1928	1929	1930	1931	1932	1933			
1	11	S. Manoel	Port.	Jardineiro	1	1									1929	Art. 137 a	
2	7	Itirapina	Port.	Machinista	1	1				1929							
3	9	A. das Singas	Ital.	Colono	1										1928	Art. 137 a	
4	8	Campinas	Bras.	Negoc.	1				1928								
5	8	Campinas	Syrio	Negoc.		3	2							1933			
6	8	Campinas	Ital.	Ferrovário		3								1930; 1931	Por faltas; por faltas injustificadas		
7	11	Campinas	Bras.	Empregado Cozinheira (Tutora)	2									1931	A pedido	Em 1929 e 1930 o nome não consta nas matr/s	
8	8	Campinas	Bras.	Feitor	1				1928								
9	9	Santos	Port.	Carpinteiro	1				1928								
10	8	Campinas	Ital.	Marcineiro		2	1					1931					
11	8	Campinas	Bras.	Func. Públ. Prof.	1	1	2	2						1933			
12	7	Campinas	Bras.	Ferrovário	1				1928								
13	8	São Paulo	Bras.	Escriturário										1928	Art. 137 a		
14	8	Campinas	Bras.	trabalhador	1	3	1						1932				
15	10	Araras	Bras.	Ferrovário	1	2	1					1931					
16	8	Campinas	Bras.	Empregada	1									1928	Art. 137 a		
17	9	Campinas	Ital.	Ferrovário	1									1928	Art. 137 a		
18	8	Campinas	Hesp.	Barbeiro	1	1			1929								
19	8	Campinas	Bras.	Gráfico	1				1929								
20	9	Campinas	Bras.	Operário	1				1928								
21	8	Itapira	Ital.	Colono	1				1928								
22	8	Campinas	Bras.	Indl.	1									1928	Art. 137 a		
23	10	Campinas	Bras.	Pedreiro	1	1								1929	Art. 137 a		
24	8	S/ inform.	S/ inform.	S/ inform.	1									1928	Art. 137 a		
25	9	Campinas	Port.	Carpinteiro	1	1								1930	A pedido		
26	9	Campinas	Ital.	Sapateiro	1	3	1					1932					
27	8	S. S. Paraíso	Bras./Port.	Jardineiro	1	2	1							1931	A pedido		
28	9	Água Branca	Bras.	Empregado	1				1928								
29	8	Campinas	Bras.	Carroceiro Cocheiro	2				1929								

Tabela 1 – Referente às alunas do 1º ano A – seção feminina que reprovaram, desistiram ou foram eliminadas, a partir do ano de ingresso 1928, do Grupo Escolar “Francisco Glicério” (matrículas iniciais).

Tabela das reprovações e eliminações - 1º ano B - iniciais																		
Livro de matrícula - seção feminina - G.E "Francisco Glicério" - Campinas																		
Aluna por n.	Idade	Naturalidade	Nac. pai	prof. Pai	N. vezes em que cursou o ano				Ano em que não consta do livros de matr. - Após:						Ano da eliminação	Motivo da eliminação	Observações	
					1º	2º	3º	4º	1928	1929	1930	1931	1932	1933				
1	8	Barretos	Ital.	Ferroviário	1					1928								
2	8	Campinas	Bras.	Pedreiro	2	1	1							1931	A pedido			
3	7	campinas	Bras.	Neg.	2	1						1930						
4	8	Amparo	Ital.	Neg.	1					1928								
5	9	Campinas	Bras.	Carpinteiro	4						*Obs		1931				1929 eliminada Art. 137 a	
6	8	Campinas	Port. Bras.	Empreiteiro	1												Após o 1º ano em 1928, reaparece em 1935 no 4º ano	
7	12	Campinas	Bras.	Ferroviário	1	1	1										Não consta em 1929 e 1931 e deixa de constar dos livros após 1932	
8	10	Monte Azul	Bras.	Prendas Dom.	1									1928	Art. 137 a			
9	8	Campinas	Hesp.	Empregado	1									1928	Art. 137 a			
10	8	Campinas	Ital.	Fazendeiro	1					1928								
11	10	Campinas	Ital.	Operário	1	2						1930						
12	8	Campinas	Bras.	Motorista	1					1928								
13	9	Campinas	Bras.	Func. Aposen.	1					1928								
14	9	Campinas	Bras.	Negoc.	1					1928								
15	8	Campinas	Ital.	Machante	2	1	2								1932			
16	8	Campinas	Bras.	Funileiro	2	2	1								1933		Nome não consta nas matr/s em 1932	
17	9	Campinas	Ital.	Carpinteiro	2										1929	Art. 137 a		
18	10	Campinas	Ital.	Barbeiro											1931	A pedido	*Ital. e Bras. Pai: barbeiro, outro: guarda livro	
19	9	Campinas	Port.	Empreiteiro	1										1928	Art. 137 a		
20	8	Minas	Bras.	Conferente	2	1	1										Não consta nas matr. em 1929	
21	9	Itapira	Bras. Alemão	Empregado Porteiro Bosque	4								1931		1930	Mudança		
22	9	Campinas	Bras.	Funileiro	2	2									1931			
23	8	Campinas	Bras.	Empregado Comércio	3										1931	A pedido	Em 1929 nome não consta nas matr.	
24	10	Campinas	Bras.	Manobrador	1					1928								
25	8	Campinas	Ital.	S/inform.	1	2									1930	Mudança		
26	8	Campinas	Bras.	Fundidor	3	2	1								1933			
27	8	Campinas	Ital.	Barbeiro	2	1		1							1933	1930	A pedido	Em 1931 e 1932 o nome não consta nos livros de matr.
28	10	Campinas	Bras.	Operário	1					1928								

Tabela 2 – Referente às alunas do 1º ano B – seção feminina que reprovaram, desistiram ou foram eliminadas, a partir do ano de ingresso 1928, do Grupo Escolar “Francisco Glicério” (matrículas iniciais).

Tabela das reprovações e eliminações - 1º ano C - iniciais																	
Livro de matrícula - seção feminina - G.E "Francisco Glicério" - Campinas																	
Aluna por n.	Idade	Naturalidade	Nac. pai	prof. Pai	N. vezes em que cursou o ano				Ano em que não consta do livros de matr. - Após:					Ano da eliminação	Motivo da eliminação	Observações	
					1º	2º	3º	4º	1928	1929	1930	1931	1932				1933
1	10	Casa Branca	Bras. Ital.	Operário	1	1									1929	Art. 137 a	
2	10	Campinas	Hesp. Bras. Ital.	Neg.	1	2									1930	Mudança	
3	7	Campinas	Ital. Bras.	Carregador	2	1	2						1932				
4	8	Campinas	Bras.	Oper.	3	1									1931	A pedido	
5	10	Campinas	Hesp. Bras. Ital.	Carregador	1				1928								
6	8	Campinas	Port. Bras.	Corretor	2					1929							
7	8	Terezina	Bras.	Negoc.	1				1928								
8	8	Rib. Preto	Bras.	Marceneiro	1				1928								
9	11	Campinas	Ital.	Viajante	1				1928								
10	8	S. R. P. Quatro	Bras.	Juiz de Direito Magistrado	1	1				1929							
11	12	Campinas	Hesp. Bras.	Neg.	1	1				1929							
12	7	São Paulo	Bras.	Pintor	1				1928								
13	9	Campinas	Syrio	Mascate	1				1928								
14	10	Campinas	Port. Bras.	Pedreiro	1				1928								
15	8	Campinas	Ital.	Negociante	1				1928								
16	8	Campinas	Bras.	Prendas Dom. (Tutora)	3	1	1						1932				
17	12	Campinas	Bras.	Empregada	1									1928	Art. 137 a		
18	8	Mogi Mirim	Bras.	Ferrovário	1	1								1929	Art. 137 a		
19	8	Campinas	Hesp.	Negociante	3	1								1931	A pedido		
20	9	Mogi Mirim	Bras.	Dentista													Pai Durval Barboza, dentista - 1º ano não consta após 1928; Pai João Moraes, Comerciante - 2º ano elim. 1929 Art. 137 a
21	11	Poços de Caldas	Bras.	Typógrafo	1				1928								
22	13	Campinas	Bras.	Prendas Dom.	1				1928								
23	9	Artur Nogueira	Syrio	Pedreiro	3	1						1931					
24	15	Campinas	Ital.	Ferrovário	1									1928	Art. 137 a		
25	9	Campinas	Bras.	Oper.	1				1928								
26	12	Campinas	Bras.	Empregado	1									1928	Art. 137 a		
27	9	Campinas	Bras.	Trabalhador	1				1928								
28	8	Artur Nogueira	Syrio	Pedreiro	2	1	2							1933			Em 1929 o nome não aparece nas matríc.
29	10	Campinas	Bras.	Lavrador	1				1928								
30	12	Faz. Capivari	Bras.	Lavrador	1				1928								
31	8	Campinas	Bras.	Prendas Dom.	1	Obs.	1	1									Nome não consta no 2º ano, não consta dos livros após 1934
32	10	Campinas - 7 Quedas	Bras.	Lavrador	1				1928								

Tabela 3 – Referente às alunas do 1º ano C – seção feminina que reprovaram, desistiram ou foram eliminadas, a partir do ano de ingresso 1928, do Grupo Escolar “Francisco Glicério” (matrículas iniciais).

A partir das tabelas acima, foram gerados gráficos os quais são apresentados e analisados a seguir:

Gráficos – idades - seção fem. – 1º A, 1º B e 1º C - (matrículas iniciais)

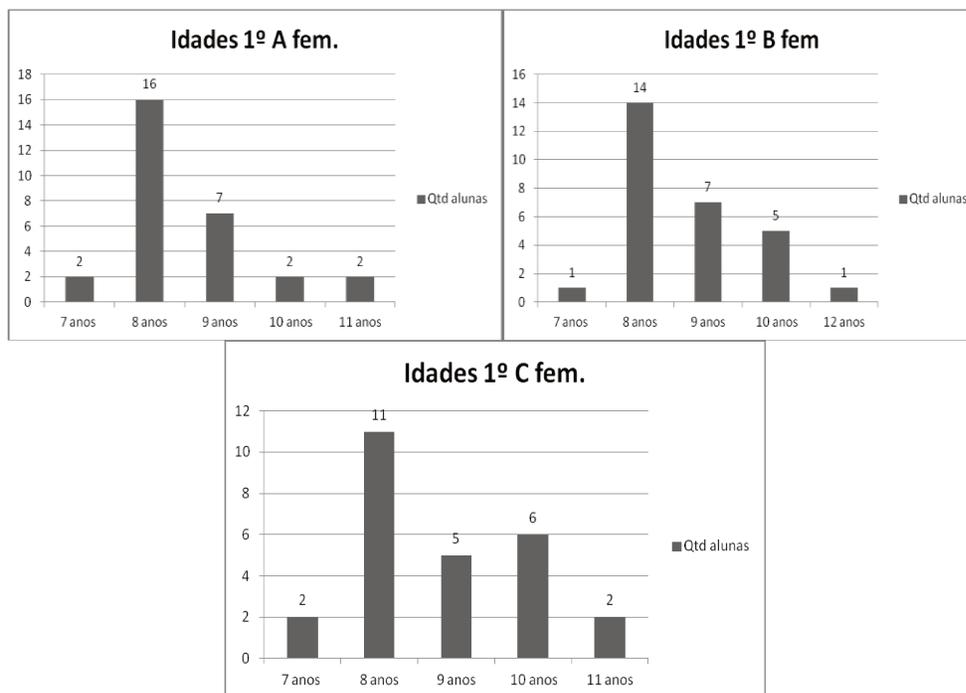


Gráfico 1 – idades/seção feminina/matrículas iniciais

De acordo com os gráficos acima, a maioria das alunas estavam entre 8 e 10 anos de idade, embora houvesse alunas ingressantes no 1º ano do ensino primário com até 12 anos. “De acordo com o decreto n. 248, de 26 de julho de 1894, que trata do Regimento Interno das escolas públicas do estado de São Paulo, no Capítulo I, do Ensino, no “Artigo 3.º - A frequência destas escolas será obrigatória para as crianças de ambos os sexos de 7 anos em diante, até aos 12, e facultativa até 16, no Maximo”.

Para as três turmas a incidência maior era para alunas ingressantes com 8, 9 e 10 anos de idade e em menor número para crianças com 7, 11 e 12 anos. Se havia falta de vagas nas escolas, e os índices de analfabetismos eram elevados, onde estariam essas crianças com 7 anos cujas presenças são quase ausentes? Embora fosse obrigatória a frequência para crianças nessa

faixa etária. Um documento da diretoria de ensino, visto mais a diante, pode ser que esclareça essa questão.

Gráficos - naturalidade - seção fem. – 1º A, 1º B e 1º C (matrículas iniciais)

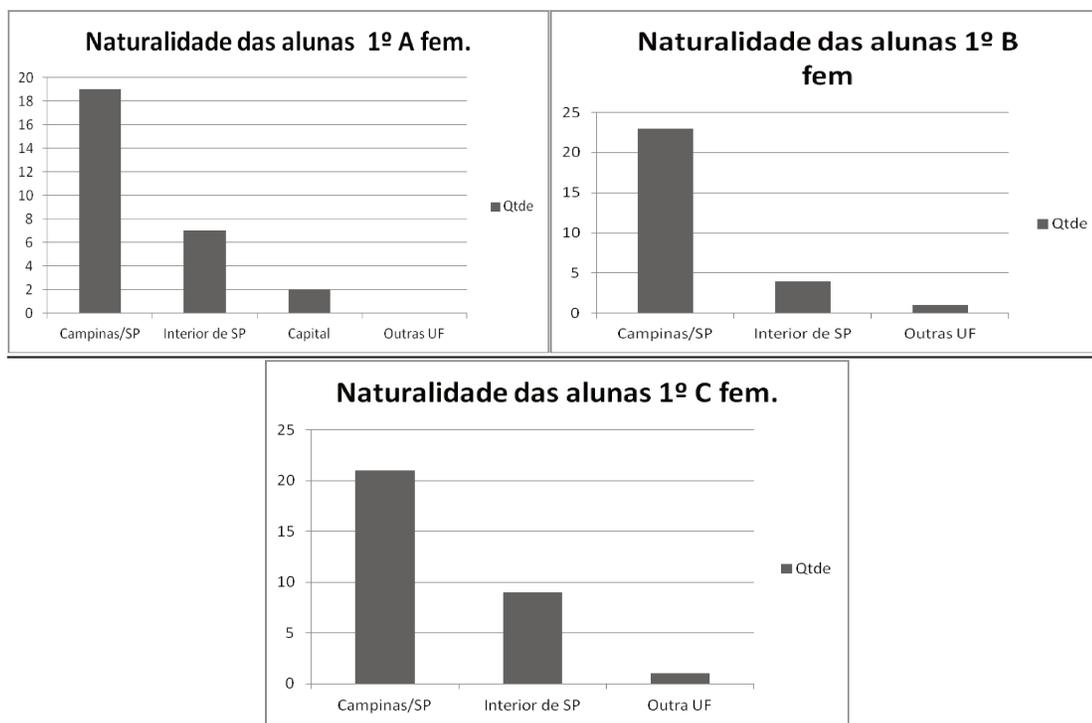


Gráfico 2 – naturalidades/seção feminina/matrículas iniciais

Os gráficos acima, em relação as três turmas 1º A, 1º B e 1º C da seção feminina - matrículas iniciais, mostram que a maioria das alunas dos primeiros anos eram nascidas em Campinas, apesar de haver, em menor número, alunas naturalizadas em outras localidades e outros estados da federação brasileira.

Embora não constem nos gráficos, de acordo com as fontes pesquisadas, residiam nas proximidades da escola (Ruas: Luzitana, Regente Feijó, Dr. Moraes Salles, Gal. Osório, Riachuelo, Duque de Caxias, Cel. Quirino, São Pedro, Ferreira Penteado, Aquidabã, Antonio Cezarino, Boa ventura do Amaral, etc.).

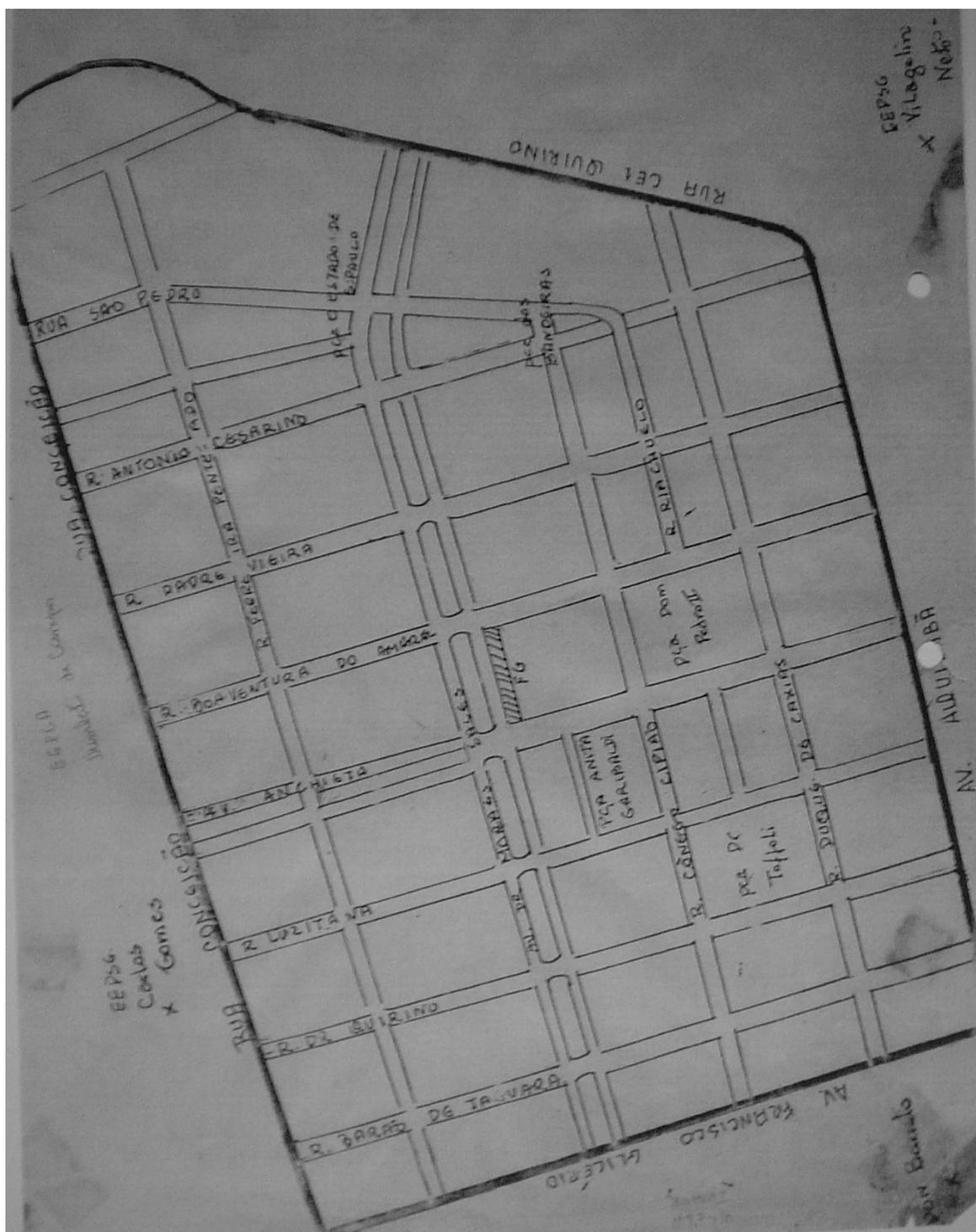


Figura 19 - Mapa da região do Grupo Escolar "Francisco Glicério" [s.d.]. Fonte: Arquivo da E. E. "Francisco Glicério".

Tabelas 1;2;3.1 - profissão dos pais – seção fem. 1º A, 1º B e 1º C (matrículas iniciais)

G. E. "FRANCISCO GLICÉRIO" - CAMPINAS		
1º A - SEÇÃO FEMININA - MATRÍCULA INICIAL		
nº de ordem da matrícula	profissão do pai	nacionalidade do pai
1	Jardineiro	Port.
2	Machinista	Port.
3	Colono	Ital.
4	Negociante	Bras.
5	Negociante	Syrio
6	Ferroviário	Ital.
7	Empregada	Bras.
8	Feitor ²⁰	Bras.
9	Carpinteiro	Port.
10	Marcineiro	Ital.
11	Func. Público/Prof.	Bras.
12	Ferroviário	Bras.
13	Escrevente	Bras.
14	trabalhador	Bras.
15	Ferroviário	Bras.
16	Empregada	Bras.
17	Ferroviário	Ital.
18	Barbeiro	Hesp.
19	Graphico	Bras.
20	Operário	Bras.
21	Colono	Ital.
22	Industrial	Bras.
23	Pedreiro	Bras.
24	s/inf.	s/inf.
25	Carpinteiro	Port.
26	Sapateiro	Ital.
27	Jardineiro	Bras.
28	Empregado	Bras.
29	Carroceiro	Bras.

²⁰ Feitor: **sm (lat *factor*)** 1 Administrador de bens alheios. 2 Fabricante. 3 Rendeiro, caseiro. Dicionário de português online. Disponível em: < <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=feitor> >. Acesso em 10/11/2013.

G. E. "FRANCISCO GLICÉRIO" - CAMPINAS		
1º B - SEÇÃO FEMININA - MATRÍCULA INICIAL		
nº de ordem da matrícula	profissão do pai	nacionalidade do pai
1	Ferroviário	Ital.
2	Pedreiro	Bras.
3	Negociante	Bras.
4	Negociante	Ital.
5	Carpinteiro	Bras.
6	Empreiteiro	Port.
7	Ferroviário	Bras.
8	Prendas domést.	Bras.
9	Empregado	Hesp.
10	Fazendeiro	Ital.
11	Operário	Ital.
12	Motorista	Bras.
13	Func. Aposentado	Bras.
14	Negociante	Bras.
15	Marchante	Ital.
16	Funileiro	Bras.
17	Carpinteiro	Ital.
18	Barbeiro	Ital.
19	Empreiteiro	Port.
20	Conferente	Bras.
21	Empregado	Bras.
22	Funileiro	Bras.
23	Empregado	Bras.
24	Manobrador	Bras.
25	s/inf.	Ital.
26	Fundidor	Bras.
27	Barbeiro	Ital.
28	Operário	Bras.

G. E. "FRANCISCO GLICÉRIO" - CAMPINAS		
1º C - SEÇÃO FEMININA - MATRÍCULA INICIAL		
nº de ordem da matrícula	profissão do pai	nacionalidade do pai
1	Operário	Bras.
2	Negociante	Hesp.
3	Carregador	Ital.
4	Operário	Bras.
5	Carregador	Hesp.
6	Corrector	Port.
7	Negociante	Bras.
8	Marcineiro	Bras.
9	Viajante	Ital.
10	Juiz de Direito	Bras.
11	Negociante	Hesp.
12	Pintor	Bras.
13	Mascate	Syrio
14	Pedreiro	Port.
15	Negociante	Ital.
16	Prendas domést.	Bras.
17	empregada	Bras.
18	Ferroviário	Bras.
19	Negociante	Hesp.
20	Dentista	Bras.
21	Typographo	Bras.
22	Prendas domést.	Bras.
23	Pedreiro	Syrio
24	Ferroviário	Ital.
25	Operário	Bras.
26	Empregado	Bras.
27	trabalhador	Bras.
28	Pedreiro	Syrio
29	Lavrador	Bras.
30	Lavrador	Bras.
31	Prendas domést.	Bras.
32	Lavrador	Bras.

As tabelas acima expressam as profissões dos pais dos alunos pesquisados. A falta de dados mais pontuais com as quais foram registradas, como o local em que eram exercidas e quais rendimentos proporcionavam, por exemplo, induzem a “*dois tipos de análises*” que serão descritas ao longo do texto.

Em relação a algumas destas profissões, buscou-se esclarecimentos e respaldo na literatura. Porém, os estudos localizados não foram tão diretos, pequenas alusões ou poucas referências apareceram em um e outro, de forma isolada, deixando de ser tão esclarecedores quanto se desejaria. Mas, ofereceram preciosas indicações que muito auxiliaram no momento de compor as análises.

Diante disso, uma primeira direção para onde apontou a análise das profissões registradas nos livros de matrículas, com base na literatura localizada, mostrou que algumas profissões poderiam ser classificadas como pertencentes a categorias de trabalho dos ferroviários.

Neste sentido, obteve-se um tipo de resultado. Assim, a seguir, são apresentadas algumas dessas informações sobre algumas dessas profissões.

Para os ferroviários, segundo (Leme, 1986, p. 231-3), havia uma lista de profissões que compunham um quadro de categorias de trabalho, descritas abaixo:

FERROVIÁRIOS – categorias de trabalho:
<u>Inspetoria geral:</u> [...] contínuo, [...];
<u>Contadoria:</u> [...] Escriturários e praticantes [...];
<u>Almoxarifado:</u> Escriturários e praticantes, Conferentes e armazenistas, Feitores e trabalhadores;
<u>Tráfego:</u> [...], Auxiliares, escriturários, ajudantes e praticantes, [...], Bilheteiros, conferentes, escriturários, ajudantes, praticantes e porteiros, Manobreadores, mensageiros, portadores, vigias e trabalhadores;
<u>Linha:</u> [...], Escriturário, [...], Feitores, Trabalhadores, Mestre dos pedreiros, Pedreiros e serventes, Carpinteiros e pintores, Ferreiros e malhadores, [...],
<u>Locomoção</u> <u>Escritório:</u> [...] Escriturário, [...]; <u>Oficinas:</u> [...], Ferreiros, Fundidores, Carpinteiros, Trabalhadores, Pintores, [...], Operários diversos, Aprendizes; <u>Tração:</u> Chefe dos maquinistas, Escriturário, [...] maquinistas, foguistas.

Quadro 3 – Ferroviários - categoria de trabalho

Sobre os ferroviários, Bryan (2008) coloca que se tratava de uma “categoria de trabalhadores com mais alto poder aquisitivo da cidade” (p. 21). Considerando o fato de que se tratava de uma categoria cujos funcionários moravam em casas próprias da ferrovia, não gastando recursos de seus salários com o aluguel.

Em muitas cidades do estado de São Paulo, dentre elas Campinas, havia Centros de formação para ferroviários:

“Ao final da década de 20, o ensino profissional oficial funcionava regularmente. Em algumas dessas escolas, que ministravam esse tipo de ensino, desenvolvem-se, também, em cooperação com as empresas ferroviárias, os cursos ferroviários, dirigidos pelo Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional/ CFESP, iniciativa comum da Secretaria Estadual de Viação e Obras Públicas e o Instituto de Organização Racional do Trabalho/IDORT. Sob a supervisão de Roberto Mange, organizador da Escola de Mecânica do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo (1924) e professor da Escola Politécnica, esse empreendimento pedagógico tornou-se o núcleo matriz dos métodos e processos de ensino adotados, posteriormente, no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial/ SENAI, criado em 1942”. (Moraes, C. S. V. Notas Históricas Origens do

Ensino Técnico no Estado de São Paulo. Disponível em: <<http://www.cpsctec.com.br/memorias/imagens/albumfoto1104pb.pdf>>. Acesso em 09/01/2014).

Na região de Sorocaba havia também os Centros de Ensino Profissionalizante:

“A Companhia Sorocabana, em 1930, foi a primeira a criar os Centros de Ensino Profissionalizante dedicados exclusivamente à profissionalização dos ferroviários, oferecendo cursos tanto para aqueles que já trabalhavam na ferrovia como para aqueles que iriam ingressar no trabalho. Antes da criação dos cursos, o aprendizado desses trabalhadores ocorria de forma empírica, através da observação e da realização de pequenos trabalhos [...]. Havia nos cursos a preocupação com a formação moral do indivíduo, numa tentativa de inculcar-lhes uma “consciência” de seu papel na Ferrovia e perante a sociedade. Não obstante, a qualificação permitia a promoção no trabalho, benefícios extensivos a familiares e a obtenção, aos concluintes, de uma representação social positiva em seu ambiente de convívio”. (Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/exposicao_ferrovias/ensino.php>. Acesso em 07/08/2013).

A formação dos alunos nessas escolas não só gerava recursos econômicos como também valorização social.

Segundo Segnini, (1982), A escola de aprendizes, fundada em 1901, tinha sua atenção voltada para a importância do processo de aprendizagem na adequação dos objetivos da empresa. “A seleção era feita entre os próprios filhos dos ferroviários, garantindo, assim a formação da “família dos ferroviários” toda ela enquadrada na ideologia da empresa” (p.75).

De acordo com a autora, a Companhia Paulista (1885-1928), em 1928 empregava 12.406 ferroviários. Nessa 2ª fase vivenciada pela Cia, (a 1ª ocorreu entre (1868-1865)), em sua reforma administrativa, para alcançar o objetivo da máxima produtividade, baseou-se nos fundamentos tayloristas de administração científica, cujos princípios fundamentais eram de que “existe entre empregadores e empregados, não um antagonismo em seus objetivos, mas uma identidade de interesses; o máximo de prosperidade para o primeiro acarreta, ao mesmo tempo, o máximo de prosperidade ao empregado” (p. 68). Ou seja, “Dentro desse quadro evolutivo percebeu a necessidade de ‘ceder privilégios’ aos trabalhadores, notadamente imigrantes, para poder continuar a explorá-los” (Segnini, 1982, p. 83).

Esses conhecimentos muito aclararam o juízo a respeito da categoria dos ferroviários. Essas escolas formavam os indivíduos profissionalmente de acordo com a ideologia da empresa, tendo assim mão de obra qualificada e barata.

Assim sendo, todas as profissões registradas nos livros de matrículas pesquisados, que não tenham sido declaradas como ferroviários, mas que se encaixarem neste quadro, neste trabalho, serão consideradas como de ‘melhores condições econômicas’. Salvo poucas exceções como, por exemplo, a de Carroceiro, que de acordo com Moura, (1988):

“Os carroceiros de frete fazem parte da camada mais pobre da população livre nacional [...] a partir de 1849 a 1890 é preciso destacar que estes trabalhadores representam um grande número de pessoas sobrevivendo e sustentando suas famílias. Logo, um serviço prestado de maneira artesanal, de mão de obra não qualificada. Mão de obra desqualificada que não pode competir com pequenos profissionais liberais” (p. 45).

Diferentemente da profissão de Cocheiro, que ainda de acordo com Moura, (1988), é mão de obra qualificada e específica; assalariada, vinculada a um contrato de trabalho; com jornada administrada e paga por um patrão.

“O cocheiro de aluguel responde por outro nível de desenvolvimento urbano, atende as necessidades de uma classe média em expansão. Não está ligada exclusivamente à distribuição de mercadorias no mercado interno urbano embora atenda ao escoamento de produtos a exportar e ao recebimento de cargas importadas, dos armazéns ao porto – por isso não se torna um elo econômico entre as freguesias. Não faz a revenda de produtos como o carroceiro mas atende a circulação de pessoas” (p. 63).

Profissões como Barbeiro, Sapateiro e Alfaiate eram ofícios que requeriam algum domínio. Muitos desses profissionais, listados nas tabelas, eram imigrantes e já vinham para o Brasil com esse conhecimento de seus países de origem. Alguns traziam algum dinheiro pensando em montar um negócio próprio, uma oficina de sapataria, por exemplo. Dessa forma, toda vez que aparecerem nas análises, serão tabuladas como de melhores condições econômicas.

Lavrador, de acordo com Dean, (s/d), eram proprietários de terras. “[...] os lavradores forneciam aos seus trabalhadores tecidos fiados em casa...” (p. 11), e mais adiante, o autor também traz: “[...] no intuito de valorizar suas propriedades, os lavradores eram levados a meter-se em atividades comerciais e outras, em larga escala” (p. 44).

O mesmo autor, ainda faz comentários sobre os negociantes, o que faziam alguns dos que se dedicavam a essa profissão. Embora seja um exemplo específico, mas aqui, esses comentários ajudam, pelo menos num célere vislumbre, a fim de que seja classificada para as análises.

“O negociante, além disso, precisava oferecer à venda os artigos nacionais a preço inferior ao dos artigos estrangeiros da mesma espécie ou disfarçar a origem do produto

nacional. E era isso, às vezes, o que ele fazia, como uma espécie de contrabando ao revés, visto que a margem de lucro de um produto feito em São Paulo poderia ser muito maior que a de um artigo importado, que tivesse pago direitos alfandegários, bastando para isso que sua origem fosse falsificada com um rótulo ou recipiente emprestados” (p. 17).

O negociante fazia as transações de produtos e mercadorias. Era um astuto que precisava saber comprar e vender, o que lhe proporcionava melhores ganhos.

Os colonos, de acordo com Dean, [s/d], eram imigrantes que trabalhavam nas fazendas de café. Para Lamounier, (1988), tratava-se de

“Um tipo especial de contrato de locação de serviços (colonato), [...] se generalizara com a grande imigração italiana por todas as fazendas do Oeste Paulista. Este sistema peculiar de trabalho, que subdividia a remuneração em duas partes – uma referente ao tratamento do cafezal propriamente dito e fixada anualmente, e outra relativa à colheita fixada por alqueire de café” (p. 154).

Com base nessas informações, colono figurará, nas análises, entre as profissões de “menores condições econômicas”.

Carpinteiros figuravam na categoria dos ferroviários, porém foi possível saber que havia no Brasil escolas que formavam marceneiros. Em São Paulo a ‘Escola Técnica Estadual GETÚLIO VARGAS’ - para a seção masculina, no ano de 1911, ano em que a escola começou a funcionar:

“Diplomou, também, em menor número, oficiais em marcenaria e pintura. [...] As aulas eram por classes ou grupos de alunos, divididos conforme o grau de adiantamento. Esses ingressavam com a idade mínima de 12 anos e deveriam ter o curso primário ou conhecimentos a ele equivalentes. [...] era uma instituição com projeção nacional devido à formação de profissionais de indiscutível competência e de alguns itens de sua produção, tais como: o primeiro automóvel brasileiro conhecido como a baratinha, em 1917; caldeirões e granadas, que depois recebiam carga explosiva no departamento de Química da Escola Politécnica, para a Revolução Constitucionalista de 1932; [...] “na Oficina de Marcenaria [...] de acordo com o plano de ensino, nossos alunos desenham a planta do móvel, preparam a madeira, constroem, entalham e torneiam”. (Aprígio de Almeida Gonzaga, 1918 citado por Álbum Fotográfico. São Paulo: Centro Paula Souza, 2002. Disponível em: <<http://www.cpsctec.com.br/memorias/cmemorias.html>>. Acesso em: 08/01/14).

Em Campinas a ‘Escola Técnica Estadual BENTO QUIRINO’, criada em 1914, e em 1927, o governo do Estado incorpora a escola criando a Escola Profissional Mista Bento Quirino na qual a seção masculina “oferecia cursos de Mecânica e Marcenaria (nível vocacional), e Mecânica e Marcenaria (nível de aperfeiçoamento de aprendizagem profissional). [...] na Oficina de Marcenaria, ...eram fabricados móveis diversos e de diferentes estilos para salas de jantar, dormitórios etc., sob encomenda e para lojas da cidade”. Álbum Fotográfico. São Paulo: Centro Paula Souza, 2002. Disponível em: <<http://www.cpsctec.com.br/memorias/cmemorias.html>>. Acesso em: 08/01/14.

Na cidade de Campinas, ainda sobre Marceneiro/carpinteiro, foram localizadas breves referências sobre a profissão, Segundo Abrahão, (2010), havia na cidade uma:

“Pequena empresa denominada “MARCINARIA, CARPINTARIA e MADEIRAS KRUG, de Francisco Krug, marceneiro artístico (vítima da 1ª epidemia de febre amarela de 1889) que mandou vir da Alemanha hábeis oficiais, entre os quais um velho empregado de seu pai. João Henrique Krug, pai de Francisco, pertenceu a classe média alemã e era proprietário de um estabelecimento que produzia mosaicos de madeira. No inventário de Francisco consta farta relação dos bens produzidos no seu ofício de marceneiro/serreiro. Na sua oficina dentre os objetos arrolados encontramos, como ferraria: “foles, tornos de ferro e todos os mais utensílios; carroções e rodas; 800 quilos de ferro”; como serraria: serras circulares, plainas e pertences, vapor de oito cavalos, “maquina de furar e de serrar”; como marcenaria: batentes, folhas de porta; como depósito de madeiras e móveis: dúzias de “vigotas” e soalho e forro: pranchões de cabriúva e jacarandá, carroções, trolly, cento e oitenta cadeiras, marquezas, cadeiras lisas, cadeiras de braços, mesas e aparadores”. (p. 65-66).

Os bens arrolados no inventário e as informações anteriores levam a crer que, marceneiro/carpinteiro era uma atividade que proporcionava melhores condições econômicas a seus profissionais.

“Para a função de maquinistas eram contratados geralmente imigrantes portugueses, por serem fortes e de pequeno porte, o que facilitava a execução deste tipo de trabalho” (A Platéia. 17/5/1906, p. 1, citado por Leme, 1986, p. 60).

Profissões como guarda-livros, professor, dentista, chauffer/motorista, gráfico, funcionário público, militar, farmacêutico foram, diretamente, classificadas como de ‘melhores condições econômicas.

Profissões como escriturários, conferentes, feitores, ajudantes, manobreadores, trabalhadores, pedreiros, serventes, carpinteiros, pintores, ferreiros, malhadores, fundidores, operários, e foguistas são profissões que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários,

embora os pais dos alunos pesquisados não as tenham declarado na matrícula - dessa forma – como ferroviários, mas por corresponderem às profissões listadas no quadro citado, permitiram que assim fossem classificadas. Conseqüentemente, por essa possibilidade, foram classificadas como profissões de melhores condições econômicas. Entretanto, paralelamente a essa análise, uma segunda possibilidade também foi considerada: a de não pertencerem à categoria dos ferroviários, uma vez que, não foram declaradas pelos pais - como ferroviários. Assim sendo, foram consideradas como profissões de menores condições econômicas.

Outras profissões, tais como lavadeira, empregada, colono, cozinheira, jardineiro, podador, viajante, empregado, carregador, mascate, caixeiro, carroceiro, padeiro serviços domésticos e prendas domésticas foram tabuladas como de menores condições econômicas.

Após esses breves recortes, essas rápidas explicações que *auxiliaram* no entendimento sobre as profissões registradas nos livros de matrículas pesquisados, que justificam a forma como foram classificadas, neste trabalho, seguem as análises para cada uma das turmas das seções feminina e masculina. Contudo, é importante que se diga ainda que os livros de matrículas registram, em alguns casos, mais de uma profissão para o mesmo pai, ou ainda mais de uma nacionalidade. Nestas análises, porém, tabulou-se a 1ª profissão e a 1ª nacionalidade registrada, acreditando-se na possibilidade de não terem sido corretamente registradas, ou corretamente declaradas, pois que, não se muda de nacionalidade de um ano para o outro, apesar de ser perfeitamente possível mudar de profissão de um ano para outro. Embora esse fato tenha contribuído para ampliar as perspectivas de análises, vale ressaltar que, esse, foi um dos caminhos possíveis adotado, podendo haver outros mais. Mas, para descobri-los, certamente, novas pesquisas se farão necessárias.

Para as alunas do 1º A - seção feminina - matrícula inicial, o número de matrículas registrado foi de 29 alunas, Nestas, as profissões declaradas pelos pais foram de: 17,2% ferroviários (ferroviário, maquinista); 24,1% se encaixam no quadro pertencentes a categoria de ferroviários (operário, feitor, carpinteiro, escriturário, trabalhador e pedreiro); 27,5% referem-se a profissões com melhores condições econômicas (negociante, barbeiro, marceneiro, funcionário público, gráfico, industrial e sapateiro) e 27,5% pertencem a profissões com menores condições econômicas (jardineiro, colono, empregada, empregado, carroceiro).

1ª possibilidades de análise: considerando-se 17,2% de ferroviário; 24,1% profissões que não se declaram ferroviários, mas que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários; 27,5% de profissões com melhores condições econômicas, geram um *total de 68,8% com melhores condições econômicas*.

Porém, excluindo-se do cálculo acima os 24,1% profissões que não se declaram ferroviários, mas que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários tem-se um *total de 55,0%* (correspondentes a somatória do número de 17,2% de ferroviário mais 37,8% - referente a soma dos 27,5% de melhores condições econômicas mais 10,3% que seria o desmembramento das profissões que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários em que algumas entram na lista das profissões com melhores condições econômicas – carpinteiro e escriturário).

2º possibilidades de análise: considerando-se; 13,8% profissões que não se declaram ferroviários, mas que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários (24,1% menos 10,3% que seria o desmembramento das profissões que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários em que algumas entram na lista das profissões com melhores condições econômicas – carpinteiro e escriturário), acrescido dos 27,5% referente a profissões de menores condições econômicas (jardineiro, colono, empregado, empregada, carroceiro) *resultando em um total de 41,3%*.

Comparando-se os resultados pode-se dizer que no 1ª seção feminina – matrículas iniciais *prevaleciam alunas com melhores condições econômicas*.

Em maior número os pais eram brasileiros com 16, seguidos de italianos com 6, portugueses com 4, e minorias de Sírios com 1 e espanhol com 1. *Se somados os números de pais estrangeiros, com 12, quase se igualam ao número de pais brasileiros. S/informação 1 aluna*.

Para as alunas do 1º B - seção feminina - matrícula inicial, o número de matrículas registrado foi de 28 alunas, Nestas, as profissões declaradas pelos pais foram de: 10,7% ferroviários (ferroviário e manobrador); 25,0% se encaixam no quadro pertencentes a categoria de ferroviários (pedreiro, carpinteiro, operário, conferente, fundidor); 46,4% referem-se a profissões com melhores condições econômicas (negociante, empreiteiro, fazendeiro, motorista,

funcionário aposentado, marchante, funileiro, barbeiro) e 14,2% pertencem a profissões com menores condições econômicas (prendas domésticas, empregado).

1ª possibilidades de análise: considerando-se 10,7% de ferroviário; 25,0% profissões que não se declaram ferroviários, mas que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários; 46,4% de profissões com melhores condições econômicas, geram um *total de 82,1% com melhores condições econômicas*.

Porém, excluindo-se do cálculo acima os 25,0% profissões que não se declaram ferroviários, mas que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários tem-se um *total de 64,2%* (correspondentes a somatória do número de 10,7% de ferroviário mais 53,5% - referente a soma dos 46,4% de melhores condições econômicas, mais 7,1% que seria o desmembramento das profissões que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários em que algumas entram na lista das profissões com melhores condições econômicas – carpinteiro).

2º possibilidades de análise: considerando-se; 17,9% profissões que não se declaram ferroviários, mas que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários (25,0% menos 7,1% que seria o desmembramento das profissões que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários em que algumas entram na lista das profissões com melhores condições econômicas – carpinteiro), acrescido dos 14,2% referente a profissões de menores condições econômicas (prendas domésticas, empregado) *resultando em um total de 32,1%*.

Comparando-se os resultados pode-se dizer que no 1ª seção feminina – matrículas iniciais *prevaleciam alunas com melhores condições econômicas*.

Em maior número os pais eram brasileiros com 16, seguidos de italianos com 9, portugueses com 2, e minoria de espanhol com 1. *Se somados os números de pais estrangeiros, com 12, é inferior ao número de pais brasileiros. S/informação 1 aluna*.

Para as alunas do 1º C - seção feminina - matrícula inicial, o número de matrículas registrado foi de 32 alunas, Nestas, as profissões declaradas pelos pais foram de: 6,2% ferroviários (ferroviário); 25,0% se encaixam no quadro pertencentes a categoria de ferroviários (operário, pintor, trabalhador e pedreiro); 40,6% referem-se a profissões com melhores condições

econômicas (negociante, corretor, dentista, marceneiro, juiz de direito, tipógrafo, lavrador) e 28,1% pertencem a profissões com menores condições econômicas (empregado, viajante, mascate, prendas domésticas, carregador, empregada).

1ª possibilidades de análise: considerando-se 6,2% de ferroviário; 25,0% profissões que não se declaram ferroviários, mas que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários; 40,6% de profissões com melhores condições econômicas, geram um *total de 71,8% com melhores condições econômicas*.

Porém, excluindo-se do cálculo acima os 25,0% profissões que não se declaram ferroviários, mas que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários tem-se um *total de 46,8%* (correspondentes a somatória do número de 6,2% de ferroviário mais 40,6% - referente a profissões de melhores condições econômicas).

2º possibilidades de análise: considerando-se; 25,0% profissões que não se declaram ferroviários, mas que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários, acrescido dos 28,1% referente a profissões de menores condições econômicas (empregado, viajante, mascate, prendas doméstica e empregada) *resultando em um total de 53,1%*.

Comparando-se os resultados pode-se dizer que no 1ª seção feminina – matrículas iniciais na *primeira análise prevaleciam alunas com melhores condições econômicas, na segunda análise prevaleciam alunas com menores condições econômicas*.

Em maior número os pais eram brasileiros com 19, seguidos de italianos com 4, espanhol com total: 4 e minorias de Sírios com 3 e portugueses com 2. *Se somados os números de pais estrangeiros, com total de 13, são inferiores ao número de pais brasileiros*.

Gráficos - com o n.º. de repetências – seção fem. 1º A, 1º B e 1º C (matrículas iniciais)

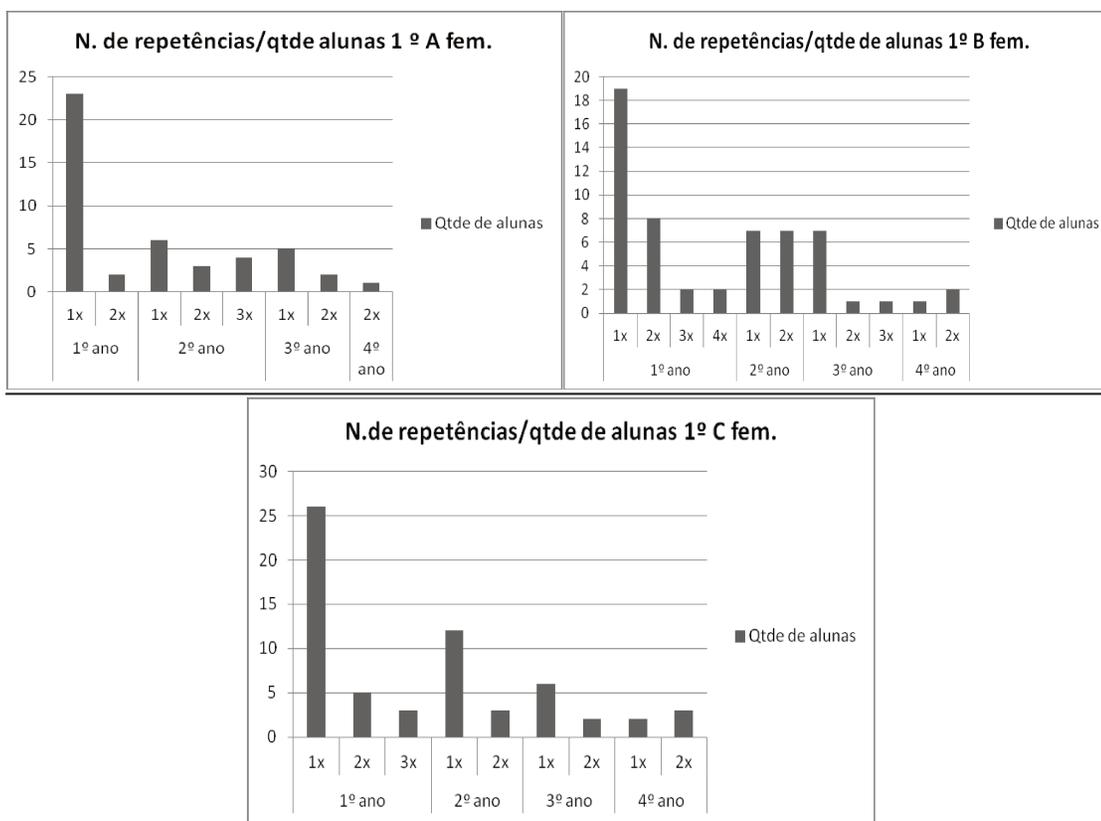


Gráfico 3 – repetências/seção feminina/matrículas iniciais

Os gráficos acima mostram que havia reprovações em todos os anos e em todas as turmas (1º A, 1º B e 1º C) da seção feminina - matrículas iniciais. Para o 1º ano: ocorreram reprovações 1 e 2 vezes para uma turma; 1, 2 e 3 vezes para outra turma; 1, 2, 3 e 4 vezes para a terceira turma. Para o 2º ano: ocorreram reprovações 1 e 2 vezes para duas turmas; 1, 2, e 3 vezes para uma única turma. Para o 4º ano ocorreram reprovações 1 e 2 vezes para duas turmas e apenas 2 vezes para uma única turma. Diante das muitas reprovações e muitas desistências a cada ano, para cada uma dessas alunas, nenhuma delas conseguiu terminar o ensino primário no 1º Grupo Escolar de Campinas “Francisco Glicério”.

Tabelas com ano em que o nome não consta dos livros de matrículas – seção fem. 1º A, 1º B e 1º C (matrículas iniciais)

Após os seguintes anos o nome não consta dos livros de matr./qtde alunas 1ºA sec. Fem.

ano	1928	1929	1930	1931	1932	1933
qtde	7	4	0	2	2	2

Após os seguintes anos o nome não consta dos livros de matr./qtde alunas 1ºB sec. Fem.

ano	1928	1929	1930	1931	1932	1933
qtde	8	-	2	3	1	3

Após os seguintes anos o nome não consta dos livros de matr./qtde alunas 1ºC sec. Fem.

ano	1928	1929	1930	1931	1932	1933
qtde	15	3	0	1	2	1

Tabelas 1;2;3.2 - com ano em que o nome não consta dos livros de matrículas

Essas tabelas demonstram as evasões em cada ano do curso no ensino primário do Grupo Escolar “Francisco Glicério”. A partir de 1928 até 1933 as quantidades decaem, evidenciando que, ano a ano, as alunas que ainda permaneciam, pouco a pouco iam saindo também.

Tabelas com as eliminações – seção fem. 1º A, 1º B e 1º C (matrículas iniciais)

Eliminações 1º A fem.		
Motivo	Ano	Qtde
Art. 137 a	1928	5
	1929	2
Art. 137, l. a	1928	1
	1930	1
Faltas	1931	2
	1930	1
A pedido	1931	2

Eliminações 1º B fem.		
Motivo	Ano	Qtde
Art. 137 a	1928	3
	1929	1
Art. 137, l. a	1928	4
	1930	1
A pedido	1931	3
	1930	2

Eliminações 1º C fem.		
Motivo	Ano	Qtde
Art. 137 a	1928	3
	1929	2
Art. 137, l. a	1928	1
A pedido	1931	2
Mudança	1930	1

Tabelas 1;2;3. 3 - com as eliminações 1ºA/1ºB/1ºC

As tabelas das eliminações, em relação as três turmas 1º A, 1º B e 1º C da seção feminina - matrículas iniciais trazem informações no mínimo curiosas. Havia maioria de eliminações pelo ‘Artigo 137 a’, e estas ocorriam somente nos anos iniciais 1928 e 1929, ou seja, para o primeiro e segundo ano do curso. Eliminações por esse motivo não aparecem nos anos seguintes.

Um número pouco significativo ocorreu mediante a eliminação por ‘faltas’, revelando que, as meninas que ainda frequentavam o curso, eram assíduas. Eliminações ‘a pedido’

aconteciam com mais recorrência, aparecendo nas três turmas: 1º ano A, 1º ano B e 1º ano C. Qual ou quais seria(m) a(s) razão/razões dos responsáveis formalizarem as saídas das filhas no curso primário, antes mesmo de o concluírem? Muito embora essas desistências fossem justificadas – como ‘a pedido’ – representavam um número muito pequeno se comparados à quantidade de alunas no momento de ingresso.

Por último, é possível perceber nas tabelas acima, que a eliminação por ‘mudança’ ocorreu em apenas duas turmas (1º ano B e 1º ano C) no mesmo ano (1930) e com um pequena quantidade.

Eliminações pelo Art. 137, l. a e 137-a 1º A, B, C - Que reingressaram (ou não) no curso - seção feminina – matrícula inicial

G. E. "Francisco Glicério" Campinas						
1º A - Eliminadas em 1928 pelo Art.137-a e Art.137, l. a que reingressaram (ou não) no curso - seção feminina - matrícula inicial						
nº	nome	motivo	data de ingresso	data da eliminação	ano de reingresso	ano do curso
1	Amália Luiza Binotto	Art.137-a	1-2-928	9-2-928		
2	Ebbe Soares	Art.137-a	1-2-928	30-4-928		
3	Iracema Nascimento da Silva	Art.137-a	1-2-928	31-10-928		
4	Julieta Bozzeli	Art.137-a	1-2-928	31-10-928		
5	Nadir Moreira	Art.137-a	1-2-928	30-9-928		
6	Nara Pachi	Art.137, l. a	1-2-928	9-2-928		

*Obs.: nos anos que não aparecem na tabela não houve registro da aluna no livro de matrícula

Tabela 1.4 - Eliminações pelo Art. 137, l. a e 137-a/ 1º A

A tabela acima mostra as alunas ingressantes em 1928 do 1º A – seção feminina – do ensino primário, que foram eliminadas também em 1928, pelo Art. 137-a e pelo Art. 137, l. a. Todas as alunas estavam matriculadas nas matrículas iniciais do livro de matrícula, e conforme as datas de ingresso (1-2-928) e eliminações (9-2-928; 30-4-928; 30-9-928; 31-10-928) algumas permaneceram no curso apenas poucos dias. Para esta turma não houve nenhum reingresso após as eliminações.

G. E. "Francisco Glicério" Campinas					
1º B - Eliminadas em 1928 pelo Art.137-a e Art.137, l. a que reingressaram (ou não) no curso - seção feminina - matrícula inicial					
nº	nome	motivo	ano de reingresso	ano do curso	2º eliminação/motivo
1	Elza Caroni	Art.137, l. a			
2	Ercilia Donato	Art.137, l. a	1929	1ºD	Art.137-a
			1930	1º B	
			1931	1º B	
			1932	2º B	
3	Eunice Carlos Dias	Art.137-a			
4	Francisca Dias	Art.137-a			
5	Genny Gual	Art.137, l. a			
6	Odette Carlos Dias	Art.137-a			
7	Rosa da Rocha	Art.137, l. a	1930	1º A	
			1931	1º B	a pedido
			1933	1º B	

Obs.: nos anos que não aparecem na tabela não houve registro da aluna no livro de matrícula

Tabela 2.5 - Eliminações pelo Art. 137, l. a e 137-a/ 1º B

Esta tabela refere-se às alunas do 1º B - seção feminina – do ensino primário, ingressantes em 1928 e que foram eliminadas pelo Art.137-a e Art.137, l. a também de 1928. De acordo com os dados da tabela, duas alunas reingressaram após terem sido eliminadas pelo Art. 137, l. a. Uma delas além de reingressar no ano seguinte (1929), novamente foi eliminada, e dessa vez, pelo Art. 137-a, em seguida reprovou mais duas vezes o 1º ano em 1930 e 1931. Ao passar para o 2º ano em 1932, abandonou o curso, pois, nos livros de matrículas, seu nome deixou de constar nos anos posteriores. A outra aluna reingressou apenas em 1930 no 1º A, cursou mais três vezes o 1º ano além da 1ª vez em 1928, sendo que, em 1931, novamente foi eliminada “a pedido”. Também não concluiu o curso.

Ambas as alunas estavam matriculadas nas matrículas iniciais do livro de matrícula.

G. E. "Francisco Glicério"- Campinas				
1º C - Eliminadas em 1928 pelo Art.137-a e Art.137, l. a que reingressaram (ou não) no curso - seção feminina - matrícula inicial				
Nº	Nome	Motivo	Ano de reingresso	Ano do curso
1	Maria de Lourdes Ferreira	Art.137-a		
2	Mitssunda de Camargo	Art.137-a		
3	Odila Napoleão	Art.137, l. a		
4	Olinda Augusto da Rocha	Art.137-a		
5	Wanda Paulino	Art.137-a	1929	não aparece
			1930	não aparece
			1931	não aparece
			1932	3º B
			1933	3º B
			1934	4º B
			1935	não aparece

Obs.: nos anos que não aparecem na tabela não houve registro da aluna no livro de matrícula

Tabela 3.6 - Eliminações pelo Art. 137, l. a e 137-a/ 1º C

A tabela acima, referente ao 1º C das alunas ingressantes em 1928 e que foram eliminadas neste mesmo ano pelos artigos: Art. 137-a e Art. 137, l. a, mostra que apenas uma aluna (eliminada pelo Art. 137-a) reingressou. Embora o nome desta aluna não conste nos livros de matrículas dos anos de 1929; 1930; 1931, em 1932, reaparece cursando o 3ºB em 1932. Repete o 3º ano em 1933 e cursa o 4º ano do ensino primário em 1934. Todavia, em 1934, o livro de matrícula não registra se foi promovida ou reprovada. Como também não há nenhum registro dessa aluna em 1935, permanece sem resposta a pergunta: - A aluna conseguiu concluir o curso ou acabou desistindo, apesar das tentativas?

A seguir estão alinhadas as tabelas que foram intituladas de matrículas suplementares, aqui colocadas desmembradas das matrículas iniciais – aquelas que ocorriam no período regular de matrículas - fevereiro, pois assim constam nos livros de matrículas da seção feminina e masculina. Embora já tenha sido dito anteriormente, vale reforçar que, nos livros de matrículas, o registro das matrículas inicia-se com as matrículas intituladas iniciais para os 1º ano A, 1º ano B e 1º ano C; seguidos pelas matrículas dos 2º ano A, 2º ano B e 2º ano C; seguidos pelas matrículas dos 3º ano A, 3º ano B; 4º ano A e 4º ano B. Logo na sequência, ao final das matrículas do 4º ano

B começam as matrículas denominadas suplementares, por serem o suplemento das matrículas iniciais para o ano de 1928, com o qual foram iniciados os acompanhamentos das progressões dos alunos. Nessa parte as matrículas se misturam entre todos os 4 anos, assim há matrícula para o 1º ano, seguida de matrícula para o 4º ano, seguida de matrícula para o 2º ano, seguida do 4º ano novamente, ou seja, nessa parte do livro as matrículas seguem a ordem do campo ‘ordem’ e não dos anos do curso. Exemplificando, nas matrículas que aparecem na parte inicial do livro para o 1º ano A, a última matrícula parou no número 32, então lá na parte final do livro, a próxima aluna a ser matriculada no 1º ano A será número de ordem 33. Isso valia para todas as matrículas constantes dessa parte do livro, 2º, 3º ou 4º ano.

Diante dessas explicações, as tabelas a seguir, referem-se às matrículas da parte final dos livros, nomeadas como matrículas suplementares. Estão dispostas da mesma forma organizacional que as anteriores. Assim, tem-se: 1º ano A suplementar, 1º ano B suplementar e 1º ano C suplementar, primeiro para a seção feminina e depois para a seção masculina. Logo após essas tabelas serem apresentadas, foram dispostos os gráficos e as tabelas construídos com base nos dados constantes nos campos de preenchimento dos respectivos livros.

Tabela das reprovações e eliminações - 1º ano A - suplementares																	
Livro de matrícula - seção feminina - G.E "Francisco Glicério" - Campinas																	
Aluna por n.	Idade	Naturalidade	Nac. pai	prof. Pai	N. vezes em que cursou o ano				Ano em que não consta do livros de matr. - Após:						Ano da eliminação	Motivo da eliminação	Observações
					1º	2º	3º	4º	1928	1929	1930	1931	1932	1933			
1	10	Campinas	Bras.	Lavadeira	1				1928								
2	8	J. Egidio	Bras.	Operário	1									1928	Art. 137 a		
3	7	S. R. P. Quatro	Bras.	Professor	1									1928	Art. 137 a		
4	7	Campinas	Bras.	Operário	2					1929							
5	7	Campinas	Bras.	Operário	1									1928	Art. 137 a		
6	7	Campinas	Bras.	Negociante	1									1928	Art. 137 a		
7	8	M. Alto	Port.	Operário	1									1928	Art. 137 a		
8	7	Campinas	Bras.	Negociante	1				1928								
9	9	Campinas	Port.	Negociante	1				1928								
10	9	Campinas	S/ inform.	Ferroviário	1				1928								
11	7	Campinas	Bras.	Ferroviário Lavrador	2									1929	Art. 137 a		
12	7	Campinas	Bras.	Ferroviário	1									1928	Art. 137 a		
13	7	Campinas	Bras.	Operário	4							1931					
14	8	Souzas	Bras.	Serv. Dom.	2					1929							
15	7	Campinas	Bras.	Militar	2					1929							
16	7	Campinas	Bras.	Negociante	1				1928								
17	8	S/ inform.	Bras.	S/ inform.	1				1928								

Tabela 4 – Referente às alunas do 1º ano A – seção feminina que reprovaram, desistiram ou foram eliminadas, a partir do ano de ingresso 1928, do Grupo Escolar “Francisco Glicério” (matrículas suplementares).

Tabela das reprovações e eliminações - 1º ano B - suplementares																
Livro de matrícula - seção feminina - G.E "Francisco Glicério" - Campinas																
Aluna por n.	Idade	Naturalidade	Nac. pai	prof. Pai	N. vezes em que cursou o ano				Ano em que não consta do livros de matr. - Após:					Ano da eliminação	Motivo da eliminação	Observações
					1º	2º	3º	4º	1928	1929	1930	1931	1932			
1	9	Campinas	Bras.	Empregada	1				1928							
2	7	Campinas	Bras.	Alfaiate	3	2	2									O nome some dos livros de matr. após 1934
3	8	Campinas	Bras.	Empregado	1				1928							
4	11	Campinas	Bras.	Empregado	1				1928							
5	8	S J R Pardo	Bras.	Lavrador	1								1928	Art. 137 a		
6	7	Campinas	Bras.	Pintor	3	1					1931					
7	7	Campinas	Bras.	Corretor	2				1929							
8	8	Campinas	Bras.	Operário	1								1928	Art. 137 a		
9	7	Amparo	Bras. (Tutora)	Serv. Dom.	1				1928							
10	10 e 8	Campinas	Alem. Bras.	Carpinteiro Marcineiro	3								1929	Art. 137 a		
11	7	Campinas	Ital.	Pintor	1	2							1930	A pedido		
12	12	Campinas	Bras.	Operário	1				1928							
13	9	Campinas	Port.	Operário	1				1928							
14	7	Campinas	Bras.	Operário	1				1928							
15	7	Campinas	Ital.	Empreiteiro Comerciante	2								1930	Mudança	Em 1929 o nome deixou de constar das matr.	
16	7	Japão	Japones	Negociante	1				1928							
17	13	Campinas	Bras.	Ferrovário	1								1928	Art. 137 a		
18	9	Campinas	Ital.	Operário	1				1928							
19	8	Mogi Mirim	Bras.	Lavrador	1				1928							
20	7	Mairink	Bras.	Operário	1								1928	Art. 137 a		
21	7	Campinas	Alem. Bras.	Marcineiro	2				1929							

Tabela 5 – Referente às alunas do 1º ano B – seção feminina que reprovaram, desistiram ou foram eliminadas, a partir do ano de ingresso 1928, do Grupo Escolar “Francisco Glicério” (matrículas suplementares).

Tabelas das reprovações e eliminações - 1º ano C - suplementares																
Livro de matrícula - seção feminina - G.E "Francisco Glicério" - Campinas																
Aluna por n.	Idade	Naturalidade	Nac. pai	prof. Pai	N. vezes em que cursou o ano				Ano em que não consta do livros de matr. - Após:					Ano da eliminação	Motivo da eliminação	Observações
					1º	2º	3º	4º	1928	1929	1930	1931	1932			
1	10	Campinas	Bras.	Viajante	1				1928							
2	9	Alagoas	Bras.	Operário	1				1928							
3	9	Rebouças	Bras.	Operário	1	1				1929						
4	9	Campinas	Bras.	Operário	1									1928	Art. 137 a	
5	8	Campinas	Alem. (Tutor) Bras. (Tutora)	Negoc. Serv. Dom.	2											1928 elim. Art. 137 a; 1929 elim. Art. 137 a
6	13	Campinas	Bras. (Tutor)	Lavrador	1	1				1929						
7	7	Campinas	Bras.	Negoc.	1								1928	Art. 137 a		
8	8	Campinas	S/ inform.	S/ inform.	1				1928							
9	7	São Paulo	Bras.	Serv. Dom.	1				1928							
10	7	Portugal	Port.	Operário	1				1928							
11	7	Campinas	Port.	Negoc.	2					1929						
12	11	Campinas	Bras.	Serv. Dom.	1								1928	Art. 137 a		
13	12	Campinas	Bras.	Serv. Dom.	1				1928							

Tabela 6 – Referente às alunas do 1º ano C – seção feminina que reprovaram, desistiram ou foram eliminadas, a partir do ano de ingresso 1928, do Grupo Escolar “Francisco Glicério” (matrículas suplementares).

As tabelas acima geraram gráficos que serão apresentados e analisados a seguir:

Gráficos – idades - seção fem. – 1º A, 1º B e 1º C - (matrículas suplementares)

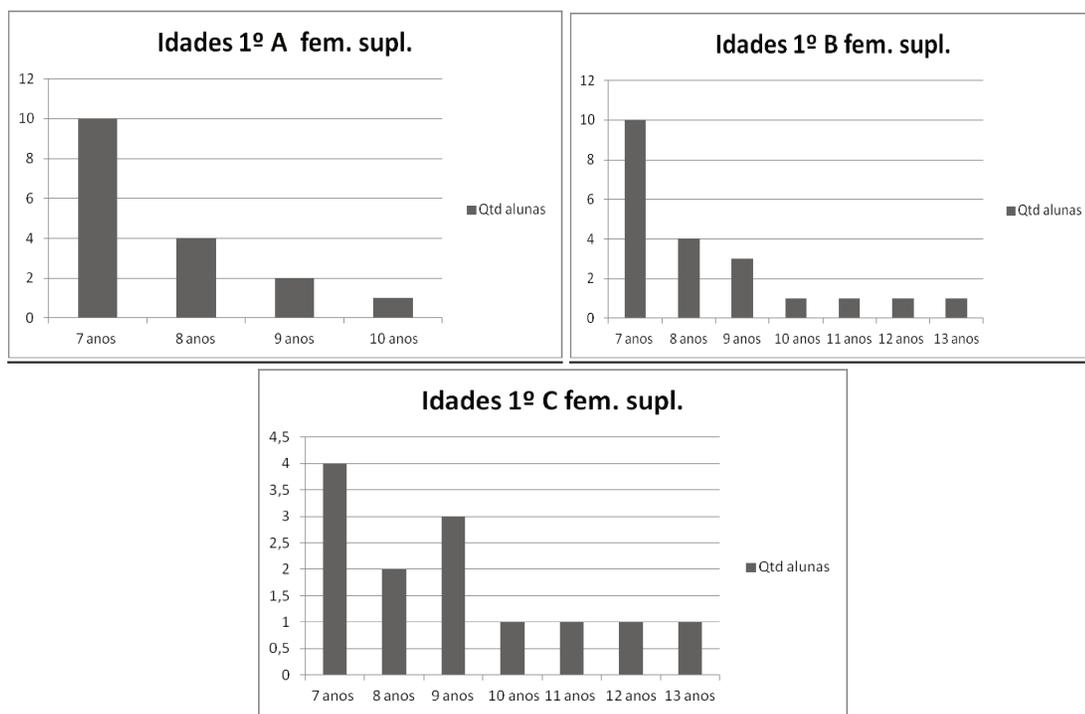


Gráfico 4 – idades/seção feminina/matrículas suplementares

Diferentemente dos gráficos das matrículas iniciais, os gráficos acima, demonstram uma incidência maior de alunas que ingressaram nos primeiros anos do curso primário com a idade de 7 anos, permanecendo até os 13 anos nas turmas do 1º B e 1º C. Como as matrículas nessa parte dos livros de matrículas são sempre em quantidade inferiores às matrículas iniciais, os dados dos gráficos indicam a presença de alunas com 7 anos, mas ainda assim, são números pouco representativos. Entretanto, diante desse quadro, surge nova questão: quais seriam os critérios de matrícula que justifiquem esse panorama?

Para responder a essa questão o Artigo 121 do decreto n. 248, de 26 de julho de 1894 nas Disposições Gerais diz que: “E’ permitida a matrícula nas escolas primárias em qualquer época do ano, excepcionalmente, uma vez que tenha havido justificado motivo para que o aluno não tenha sido matriculado no período regulamentar”.

De acordo com as fontes pesquisadas as matrículas suplementares ocorriam:

Para a seção feminina

Desde 1/03/1928 até 17/09/1928 para o 1ºA;

Desde 2/03/1928 até 11/10/1928 para o 1ºB;

Desde 7/03/1928 até 1/10/1928 para o 1º C;

Para a seção masculina

Desde 3/03/1928 até 09/08/1928 para o 1ºA;

Desde 8/03/1928 até 6/10/1928 para o 1ºB;

Desde 6/03/1928 até 29/08/1928 para o 1ºC;

Diante das datas acima, tanto da seção feminina quanto masculina, observa-se que os 1ºs B receberam as últimas matrículas (*Desde 2/03/1928 até 11/10/1928 para o 1ºB feminino; Desde 8/03/1928 até 6/10/1928 para o 1ºB masculino*). Qual seria a lógica dessas matrículas? Pois em seguida vem os 1ºs C com datas anteriores. E de acordo com o que determinava a lei, será que todas essas matrículas tiveram justificados os motivos para não terem ocorrido no período regulamentar, ou inicial de acordo com a terminologia utilizada neste trabalho? E se tiveram, quais seriam?

Gráficos - naturalidade - seção fem. – 1º A, 1º B e 1º C (matrículas suplementares)

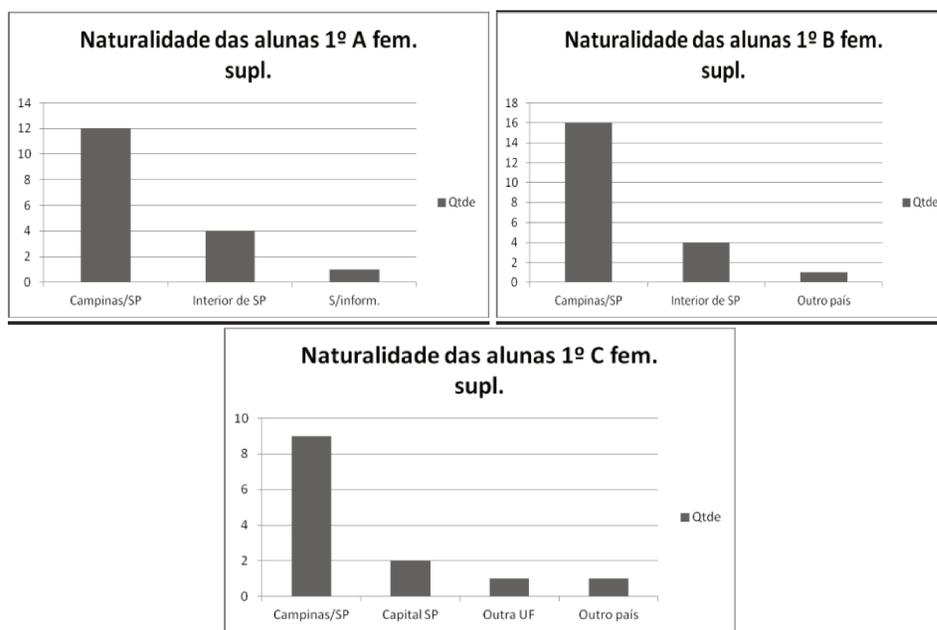


Gráfico 5 – naturalidades/seção feminina/matrículas suplementares

Assim como nos gráficos referentes às matrículas iniciais, nestes, referentes às matrículas suplementares, a maioria de alunas das três turmas 1º A, 1º B e 1º C também são de alunas naturalizadas na cidade de Campinas. Podemos observar a presença de meninas de outras cidades do estado, da própria capital e, diferentemente dos gráficos das tabelas iniciais, nestes, há a presença, em duas turmas, de alunas estrangeiras.

De acordo com as fontes pesquisadas eram residentes nas proximidades da escola. (Ruas: Dr. Moraes Salles, Boa ventura do Amaral, Barão de Jaguará, Antonio Cezarino, Barreto Leme, São Pedro, Riachuelo, Ferreira Penteadó, Luzitana, Aquidabã, Cel. Quirino, Duque de Caxias, etc.).

Tabelas 4;5;6. 1 - profissão dos pais – seção fem. 1º A, 1º B e 1º C (matrículas suplementares)

G. E. "FRANCISCO GLICÉRIO" - CAMPINAS		
1º A - SEÇÃO FEMININA - MATRÍCULA SUPLEMENTAR		
nº de ordem da matrícula	profissão do pai	nacionalidade do pai
1	Lavadeira	Bras.
2	Operário	Bras.
3	Prof.	Bras.
4	Operário	Bras.
5	Operário	Bras.
6	Negociante	Bras.
7	Operário	Port.
8	Negociante	Bras.
9	Negociante	Port. (Tutor)
10	Ferroviário	s/inf
11	Ferroviário	Bras.
12	Ferroviário	Bras.
13	Operário	Bras.
14	Serv. domést.	Bras.
15	Militar	Bras.
16	Negociante	Bras.
17	s/inf	Bras.

G. E. "FRANCISCO GLICÉRIO" - CAMPINAS		
1º B - SEÇÃO FEMININA - MATRÍCULA SUPLEMENTAR		
nº de ordem da matrícula	profissão do pai	nacionalidade do pai
1	Empregada	Bras.
2	Alfaiate	Bras.
3	Empregado	Bras.
4	Empregado	Bras.
5	Lavrador	Bras.
6	Pintor	Bras.
7	Corrector	Bras.
8	Operário	Bras.
9	Serv. domést.	Bras. (Tutora)
10	Carpinteiro	Allem.
11	Pintor	Ital.
12	Operário	Bras.
13	Operário	Port.
14	Operário	Bras.

15	Empº	Ital.
16	Negociante	Japonês
17	Ferroviário	Bras. (Tutor)
18	Operário	Ital.
19	Lavrador	Bras.
20	Operário	Bras.
21	Marcineiro	Allem.

G. E. "FRANCISCO GLICÉRIO" - CAMPINAS		
1º C - SEÇÃO FEMININA- MATRÍCULA SUPLEMENTAR		
nº de ordem da matrícula	profissão do pai	nacionalidade do pai
1	Viajante	Bras.
2	Oper.	Bras.
3	Oper.	Bras.
4	Oper.	Bras.
5	Negociante	Allem. (Tutor)
6	Lavrador	Bras. (Tutor)
7	Negociante	Bras.
8	s/inf.	s/inf.
9	Serv. domést.	Bras.
10	Oper.	Port.
11	Negociante	Port.
12	Serv. domést.	Bras.
13	Serv. domést.	Bras.

As tabelas acima expressam as categorias profissionais dos pais das alunas pesquisadas. De acordo com as explicações já colocadas para as análises da seção feminina – matrículas iniciais - seguem:

Para as alunas do 1º A - seção feminina - matrícula suplementar, o número de matrículas registrado foi de 17 alunas. Nestas, as profissões declaradas pelos pais foram de: 17,6% ferroviários (ferroviário); 29,4% se encaixam no quadro pertencentes a categoria de ferroviários (operários); 35,2% referem-se a profissões com melhores condições econômicas (professor, negociante, militar) e 11,7% pertencem a profissões com menores condições econômicas (lavadeira e serviços domésticos).

1ª possibilidades de análise: considerando-se 17,6% de ferroviário; 29,4% profissões que não se declaram ferroviários, mas que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários; 35,2% de profissões com melhores condições econômicas, geram um *total de 82,2% com melhores condições econômicas*.

Porém, excluindo-se do cálculo acima os 29,4% profissões que não se declaram ferroviários, mas que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários tem-se um *total de 52,8%* (correspondentes a somatória do número de 17,6% de ferroviário mais 35,2% - referente a profissões de melhores condições econômicas).

2ª possibilidades de análise: considerando-se; 29,4% profissões que não se declaram ferroviários, mas que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários, acrescido dos 11,7% referente a profissões de menores condições econômicas (lavadeira e serviços domésticos) *resultando em um total de 41,1%*.

Comparando-se os resultados pode-se dizer que no 1ª seção feminina – matrícula suplementar *prevaleciam alunas com melhores condições econômicas*.

Em maior número os pais eram brasileiros, com 14, e com minorias de portugueses com 2. - S/ informação 1 aluna.

Para as alunas do 1º B - seção feminina - matrícula suplementar, o número de matrículas registrado foi de 21 alunas. Nestas, as profissões declaradas pelos pais foram de: 4,7% ferroviários (ferroviário); 42,8% se encaixam no quadro pertencentes a categoria de ferroviários (operário, carpinteiro, pintor); 33,3% referem-se a profissões com melhores condições econômicas (alfaiate, lavrador, corretor, empreiteiro, negociante, marceneiro) e 19,0% pertencem a profissões com menores condições econômicas (empregada, empregado, serviços domésticos).

1ª possibilidades de análise: considerando-se 4,7% de ferroviário; 42,8% profissões que não se declaram ferroviários, mas que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários; 33,3% de profissões com melhores condições econômicas, geram um *total de 80,8% com melhores condições econômicas*.

Porém, excluindo-se do cálculo acima os 42,8% profissões que não se declaram ferroviários, mas que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários tem-se um *total de 42,7%* (correspondentes a somatória do número de 4,7% de ferroviário mais 38,0% - referente a soma dos 33,3% de melhores condições econômicas mais 4,7% que seria o desmembramento das profissões que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários em que algumas entram na lista das profissões com melhores condições econômicas – carpinteiro).

2º possibilidades de análise: considerando-se; 38,1% profissões que não se declaram ferroviários, mas que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários (42,8% menos 4,7% que seria o desmembramento das profissões que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários em que algumas entram na lista das profissões com melhores condições econômicas – carpinteiro), acrescido dos 19,0% referente a profissões de menores condições econômicas (empregado, empregada, serviços domésticos) *resultando em um total de 57,1%*.

Comparando-se os resultados pode-se dizer que no 1ºB seção feminina – matrículas suplementar, *na primeira análise prevaleciam alunas com melhores condições econômicas, e na segunda análise, prevaleciam alunas com menores condições econômicas*.

Em maior número os pais eram brasileiros com 13, seguidos de italianos com 4, alemães com 2, e minoria de portugueses com 1 e japoneses com 1. *Se somados os números de pais estrangeiros, com 8, são inferiores ao número de pais brasileiros.*

Para as alunas do 1º C - seção feminina - matrícula suplementar, o número de matrículas registrado foi de 13 alunas. Nestas, as profissões declaradas pelos pais foram de: 0% ferroviários (-); 30,7% se encaixam no quadro pertencentes a categoria de ferroviários (operários); 30,7% referem-se a profissões com melhores condições econômicas (negociante, lavrador) e 30,7% pertencem a profissões com menores condições econômicas (viajante, serviço doméstico).

1ª possibilidades de análise: considerando-se 0% de ferroviário; 30,7% profissões que não se declaram ferroviários, mas que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários; 30,7% de profissões com melhores condições econômicas, geram um *total de 61,4% com melhores condições econômicas.*

Porém, excluindo-se do cálculo acima os 30,7% profissões que não se declaram ferroviários, mas que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários tem-se um *total de 30,7%* (correspondentes a somatória do número de 0% de ferroviário mais 30,7% - referente a profissões de melhores condições econômicas).

2º possibilidades de análise: considerando-se; 30,7% profissões que não se declaram ferroviários, mas que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários, acrescido dos 30,7% referente a profissões de menores condições econômicas (viajante e serviços domésticos) *resultando em um total de 61,4%.*

Comparando-se os resultados pode-se dizer que no 1º C seção feminina – matrícula suplementar, *na primeira análise prevaleciam alunas com melhores condições econômicas, e na segunda análise, prevaleciam alunas com menores condições econômicas.*

Em maior número os pais eram brasileiros com 9, e minorias de portugueses com 2 e alemães com 1. Se somados os números de pais estrangeiros, com 3, são inferiores ao número de pais brasileiros. - S/ informação 1 aluna.

Gráficos - com o n°. de repetências – seção fem. 1º A, 1º B e 1º C (matrículas suplementares)

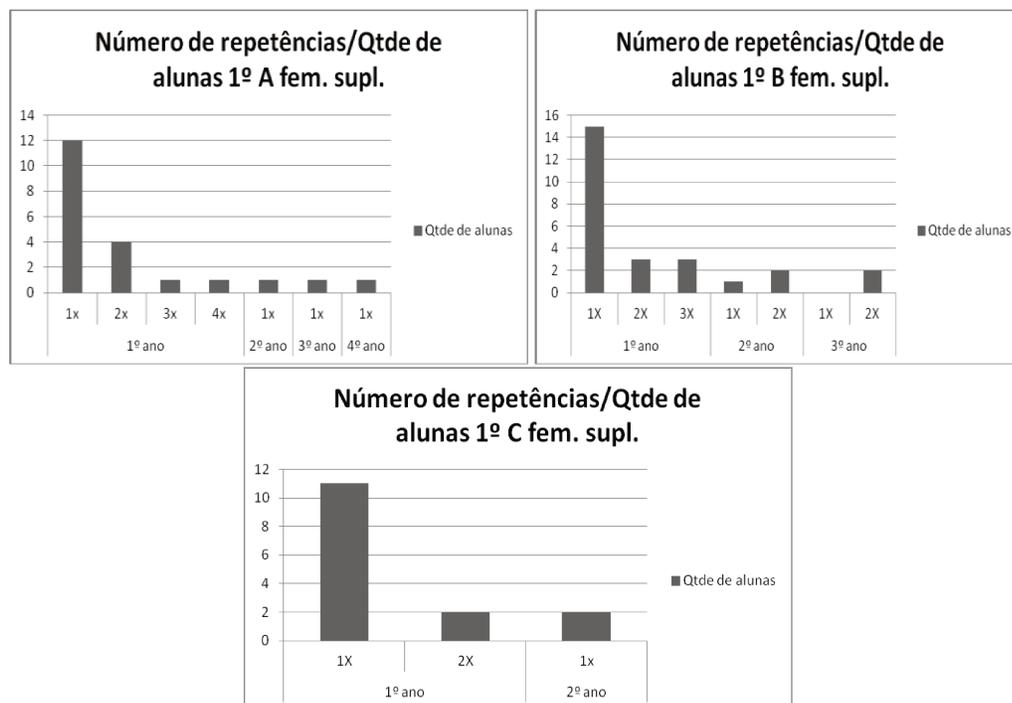


Gráfico 6 – repetências/seção feminina/matrículas suplementares

Os gráficos acima, mostram que as repetências ocorreram: para o 1º ano: 1 e 2 vezes para uma turma; 1, 2, 3 vezes para outra e 1, 2, 3 e 4 vezes para a terceira turma. Para o 2º ano: 1 vez para duas turmas, e apenas 3 vezes para outra. Para o 3º ano: 1 vez para uma turma; 1 e 2 vezes para uma outra e não ocorreu para a terceira turma. Para o 4º ano: houve reprovação apenas 1 vez para uma única turma.

À medida que as alunas progrediam para os anos finais do curso, a quantidade de alunas frequentando o curso diminuía, evidenciando assim, elevados índices de evasões. Diante de tantas reprovações, a cada ano, ocorriam mais desistências. Nenhuma dessas alunas conseguiu concluir o ensino primário no 1º Grupo Escolar de Campinas “Francisco Glicério”.

Tabelas com ano em que o nome não consta dos livros de matrículas – seção fem. 1º A, 1º B e 1º C (matrículas suplementares)

Após os seguintes anos o nome não consta dos livros de matr./qtde alunas 1ºA Fem. supl.

ano	1928	1929	1930	1931	1932	1933
qtde	7	4	0	2	2	2

Após os seguintes anos o nome não consta dos livros de matr./qtde alunas 1ºB Fem. supl.

ano	1928	1929	1930	1931	1932	1933
qtde	9	1	0	1	0	0

Após os seguintes anos o nome não consta dos livros de matr./qtde alunas 1ºC Fem. supl.

ano	1928	1929	1930	1931	1932	1933
qtde	6	3	0	0	0	0

Tabelas 4;5;6. 2 - com ano em que o nome não consta dos livros de matrículas 1º A/1º B/1º C

As tabelas acima expressam as evasões que ocorreram a cada ano. Essas alunas simplesmente foram abandonando o curso primário, sem deixar notícias. Ausentaram-se em silêncio, sem formalizarem os motivos. No ano de 1928 os números de evasões são maiores, tendendo a diminuir ou a não mais ocorrer, para duas turmas o 1º ano B e 1º ano C.

Tabelas com as eliminações – seção fem. 1º A, 1º B e 1º C (matrículas suplementares)

Eliminações 1º A fem. supl.		
Motivo	Ano	Qtde
Art. 137 a	1928	5
	1929	2
Faltas	1930	1
	1931	2
A pedido	1930	1
	1931	2

Eliminações 1º B fem. supl.		
Motivo	Ano	Qtde
Art. 137 a	1928	4
	1929	1
A pedido	1930	1
Mudança	1930	1

Eliminações 1º C fem. supl.		
Motivo	Ano	Qtde
Art. 137 a	1928	4
	1929	1

Tabelas 4;5;6. 3 - com as eliminações 1ºA/1ºB/1ºC

De acordo com as tabelas das eliminações acima, o ‘Artigo 137 a’ aparece entre os principais motivos de eliminação, e ocorrem apenas nos anos de 1928 e 1929 para as três turmas do curso de ensino primário. Em seguida aparecem as eliminações por ‘falta’ em apenas uma turma nos dois últimos anos do curso, e com quantidades muito pequenas. O motivo ‘a pedido’ ocorre em duas turmas, em 1930 e 1931 para uma turma e em 1930 para a outra. Por fim, aparece o motivo ‘mudança’ para uma única turma e apenas no ano de 1930 com um único caso.

O Artigo 63 do decreto n. 248, de 26 de julho de 1894 diz que “ Serão eliminados das inscrições: 1.º) Os alunos que se despedirem com autorização manifestada ao professor pelos responsáveis por eles”. Ainda no mesmo decreto o

Artigo 61 diz que – “A apresentação pessoal do aluno será feita por seu pai, tutor, protetor ou por pessoa com autorização de qualquer deles, incumbindo exhibir, nesse ato, atestado do professor de

outra escola, quando o aluno já a tenha frequentado, a respeito da sua aplicação e aproveitamento, com declaração do motivo que tenha ocasionado a sua retirada”. Dessa forma, formalizar a saída da criança da escola era importante no momento de efetivar sua matrícula em outro estabelecimento. Diante disso, pode-se considerar que, nestes casos pesquisados, as crianças que não formalizaram suas saídas da escola, não se matricularam em outra instituição. Dificultando com isso, erradicar as taxas de analfabetismo existentes.

Eliminações 1º A, B, C - seção feminina matrículas suplementares

G. E. "Francisco Glicério" Campinas						
1º A - Eliminadas em 1928 pelo Art. 137-a e Art.137, l. a que reingressaram (ou não) no curso - seção feminina - matrícula suplementar						
nº na matrícula	nome	motivo	data de ingresso	data da eliminação	ano de reingresso	ano do curso
1	Alice Firmino	Art.137-a	5-3-928	30-9-928	1930	1ª A
					1931	1º A
2	Glauca Esc. Faria	Art.137-a	11-4-928	31-7-928		
3	Ondina da Silva	Art.137-a	28-4-928	31-7-928		
4	Olga Casas Fabrigas	Art.137-a	28-4-928	30-9-928		
5	Rosa da Rocha	Art.137-a	9-7-928	30-9-928		

*Obs.: nos anos que não aparecem na tabela não houve registro do aluno no livro de matrícula

Tabela 4.4 - Eliminações pelo Art. 137, l. a e 137-a/ 1º A

Sobre a tabela acima, em relação às eliminações do 1º A - seção feminina da matrícula suplementar é possível observar o reingresso de apenas uma aluna pelo Art.137-a em 1930, sendo reprovada, cursando novamente o 1º ano em 1931. O nome da aluna não foi localizado nos anos posteriores, logo não concluiu o curso.

***Observação:** em relação a esta tabela, a aluna nº 5 - Rosa da Rocha aparece no 1º B das matrículas iniciais em 1928 e reaparece aqui, no 1º A das matrículas suplementares também de 1928. Embora tenha ingressado em 1-2-928 do 1º B (vide Anexo I tabela do 1º B – seção feminina – matrícula iniciais - com essas datas), foi eliminada pelo Art.137, l. a em 12-3-928. Por essa razão, talvez, ao voltar, fora rematriculada em 9-7-928 no 1º A das matrículas

suplementares. Entretanto, dois meses depois, a aluna passou por outra eliminação (em 30-9-928), e por outro artigo, Art.137-a.

Nos dois momentos em que ocorreram as matrículas dessa aluna em 1928, os nomes coincidem: Rosa da Rocha. Contudo, ao mapear a passagem da aluna pelo grupo escolar, através dos livros de matrículas, o seguinte resumo descreve sua trajetória pela instituição: ela ingressou no ensino primário em 1928 no 1º B, foi eliminada, reingressou ainda nesse mesmo ano no 1º A das matrículas suplementares, sendo novamente eliminada (conforme já descrito acima). Entretanto, reingressou em 1-7-930 nas matrículas suplementares com o nome de *Rosa Rocha*. Reprovada, retornou em 1931, nas matrículas iniciais (em 1-2-931) e sendo novamente eliminada em 30-4-931 ‘a pedido’.

A diferença no registro do nome da aluna, nos distintos momentos desse percurso, pode ter ocorrido devido a erro de preenchimento, uma vez que, os preenchimentos naquela época eram manuais. Nos três anos 1928; 1930 e 1931, dados como data de nascimento (28-12-920); naturalidade (Campinas); nome, nacionalidade e profissão do pai (Carlos da Rocha, brasileiro, empregado do comércio) são os mesmos. Por fim, após a eliminação em 1931, em 1932 não houve nenhum registro da aluna no livro de matrícula, mas houve em 1933 no 1º B e depois, desapareceu em definitivo em 1934 e 1935. Estas informações indicam que, apesar da diferença no nome, trata-se da mesma pessoa, e que, apesar do esforço, ela não conseguiu concluir o curso no Grupo Escolar Francisco Glicério.

G. E. "Francisco Glicério"- Campinas

**1º B - Eliminadas em 1928 pelo Art. 137-a e Art.137, I. a que reingressaram (ou não) no curso
- seção feminina - matrícula suplementar**

nº na matrícula	nome	motivo	ano de reingresso	ano do curso
1	Maria App. F. Nogueira	Art.137-a	1929	1ºD
2	Leonor da Silva	Art.137-a		
3	Isaura Siarque	Art.137-a		
4	Romilda Forte	Art.137-a		

Obs. nos anos que não aparecem na tabela não houve registro do aluno no livro de matrícula

Tabela 5.5 - Eliminações pelo Art. 137, I. a e 137-a/ 1º B

Em relação à tabela referente às alunas do 1º B da seção feminina - matrícula suplementar, ingressantes em 1928 e que foram eliminadas pelo Art.137-a também em 1928, apenas uma aluna reingressou em 1929. Logo após, nos anos seguintes, o nome da aluna não mais constou dos livros de matrículas pesquisados. Diante disso, é possível afirmar que a mesma não concluiu o ensino primário na instituição.

G. E. "Francisco Glicério"- Campinas					
1º C - Eliminadas em 1928 pelo Art. 137-a e Art.137, l. a que reingressaram (ou não) no curso - seção feminina - matrícula suplementar					
nº na matrícula	nome	motivo	ano de reingresso	ano do curso	2ª eliminação: motivo
1	Jovina Alves Garcia	Art.137-a			
2	Maria Abbadia	Art.137-a	1929	1º D	Art.137-a
3	Maria Wanda Oliveira	Art.137-a			
4	Maria Vicent Marques	Art.137-a			

Obs. nos anos que não aparecem na tabela não houve registro do aluno no livro de matrícula

Tabela 6.6 - Eliminações pelo Art. 137, l. a e 137-a/ 1º C

Como na tabela anterior, a tabela referente ao 1º C das alunas da seção feminina - matrícula suplementar, que ingressaram em 1928 e que foram eliminadas nesse mesmo ano, apenas uma aluna, eliminada pelo Art.137-a reingressou no ano seguinte (1929). Sendo eliminada, novamente nesse mesmo ano (1929), pelo mesmo motivo 'Art.137-a'. Nesse caso, também, com duas eliminações seguidas, mas em anos diferentes, não houve a conclusão do curso.

Após as tabelas e gráficos da seção feminina das matrículas iniciais e suplementares terem sido apresentadas e analisadas, a seguir serão ordenadas as tabelas da seção masculina. O mesmo procedimento de apresentação e análise da seção feminina será adotado para as tabelas da seção masculina. Primeiramente, seguem-se as tabelas das três turmas 1º A, 1º B e 1º C com as reprovações, com posterior apresentação dos gráficos e tabelas gerados a partir destas. Logo em seguida, estão as tabelas com as matrículas suplementares, e os gráficos e as tabelas que puderam ser desenvolvidos a partir dos dados constantes em cada uma delas.

Tabela das reprovações e eliminações - 1º ano A - iniciais																	
Livro de matrícula - seção masculina - G.E "Francisco Glicério" - Campinas																	
Aluno por n.	Idade	Naturalidade	Nac. pai	prof. Pai	N. vezes em que cursou o ano				Ano em que não consta dos livros de matr/s. - Após:						Ano da eliminação	Motivo da eliminação	Observações
					1º	2º	3º	4º	1928	1929	1930	1931	1932	1933			
1	8	Campinas	Bras.	Operário	3	1						1931					
2	8	Campinas	Ital./Bras.	Impressor Operário	2					1929							
3	9	Artur Nog. Mogi Mirim	Bras.	Prendas Dom. Serv. Dom. Doméstica	2	1						1931					Em 1929 não consta nos livros de matr.
4	7	Campinas	Bras.	Mechanico	3	1							1932				
5	11	Campinas	Bras.	Operário	1									1928	Art. 137 a		
6	7	Campinas	Ital.	Motorista	1				1928								
7	9	Campinas	Bras.	Pedreiro. Serv. Pedreiro	1	2	1					1931					
8	8	Campinas	Bras.	Prendas Dom. Serv. Dom. Encanador	3									1928	Art. 137 a		Em 1929 não consta nos livros de matr. E não consta após 1931.
9	7	Campinas	Ital.	Alfaiate	1	1	1	2					1932				
10	8	Campinas	Bras.	Ferroviário	1				1928								
11	8	São Paulo/Campinas	Ital.	Alfaiate	2									1929	Art. 137 a		
12	7	Araras	Bras.	Eletrecista	1				1928								
13	8	Campinas	Ital.	Negoc. Sapateiro	1	3						1931					
14	10	Campinas	Ital.	Marceneiro	1									1928	Art. 137 a		
15	8	Campinas	Bras.	Cozinheira	1	1								1929	Art. 137 a		
16	8	Campinas	Bras.	Empregada	1									1928	Art. 137 a		
17	8	Campinas	Ital.	Operário	1									1928 1930	Art. 137 a A pedido		Não consta em 1929 dos livros de matr.
18	11	Campinas	Ital.	Pedreiro Construtor	2					1929							
19	8	Valinhos Campinas	Ital.	Pedreiro Negoc.	2					1929							
20	8	Poços de Caldas	Bras.	Typógrafo	1									1929	Art. 137 a		
21	8	Campinas	Bras.	Cozinheira	1									1928	Art. 137 a		
22	7	Campinas	Bras.	Cocheiro	3	3								1933			
23	8	Campinas	Ital.	Motorista Chaffeur Motorista	1	2						1930					
24	9	Campinas	Bras.	Pedreiro Pintor	1				1928								
25	8	Campinas	Bras.	Prendas Dom.	1				1928								
26	7	Ibaté	Ital.	Viajante	1	2								1930	A pedido		
27	10	Campinas	Hesp.	Carregador	2					1929							
28	13	Jacuba (?)	Bras.	Servente	1					1929							
29	7	Campinas	Port.	Operário Negociante	2									1929	Art. 137 a		
30	8	Campinas	Bras.	Lavrador	1									1928	Art. 137 a		
31	9	Campinas	Bras.	Carregador	1	2						1930					
32	7	Campinas	Ital.	Pedreiro Pintor	2	1	3										1933
33	8	Campinas	Ital.	Prendas Dom.	1				1928								
34	7	Campinas	Hesp.	Carregador	2					1929							
35	8	Móoca	Bras.	Dentista	2					1929							
36	8	Campinas	Ital.	Pedreiro Construtor	2					1929							
37	7	Campinas	Ital.	Negociante	1				1928								
38	7	Campinas	Bras.	Carpinteiro	4							1931					
39	8	Campinas	Ital.	Negociante	1				1928								
40	7	Campinas	Bras.	Mechanico	1				1928								

Tabela 7 – Referente aos alunos do 1º ano A – seção masculina que reprovaram, desistiram ou foram eliminados, a partir do ano de ingresso 1928, do Grupo Escolar “Francisco Glicério” (matrículas iniciais).

Tabela das reprovações e eliminações - 1º ano B - iniciais																
Livro de matrícula - seção masculina - G.E "Francisco Glicério" - Campinas																
Aluno por n.	Idade	Naturalidade	Nac. pai	prof. Pai	N. vezes em que cursou o ano				Ano em que não consta dos livros de matr./s. - Após:					Ano da eliminação	Motivo da eliminação	Observações
					1º	2º	3º	4º	1928	1929	1930	1931	1932			
1	7	Campinas	Bras.	Lavrador Ferroviário	1	2	1							1931	Mudança	
2	7	Campinas	Bras.	Escriturário	1				1928							
3	8	São Paulo Campinas	Ital. Bras.	Negociante	1	1								1930	Mudança	Em 1929 não consta nos livros de matr.
4	7	Arraial dos Souzas	Ital.	Lavrador	1				1928							
5	7	Mogi Mirim	Ital.	Carregador	2									1929	Art. 137 a	
6	7	Campinas	Ital.	Sapateiro	1									1928	Art. 137 L a	
7	7	Campinas	Bras.	Escriturário operário	3					1930						
8	9	Campinas	Bras.	Cozinheira	3					1930						
9	8	Campinas	Bras.	Quitandeiro	1									1928	Art. 137 a	
10	8	Campinas	Ital.	Cambista	1				1928							
11	7	Campinas	Ital.	Operário	3					1930						
12	9	Posse (?)	Bras.	Operário	1				1928							
13	9	Jaguary	Ital.	Lavrador	1				1928							
14	12	Campinas	Ital.	Caixeiro	1				1928							
15	7	Campinas	Ital.	Sapateiro	3					1930						
16	8	S J dos Campos	Bras.	Prendas Dom.	1				1928							
17	8	São Paulo Campinas	Bras.	Pintor	1				1928							
18	8	Campinas	Bras.	Prendas Dom. Lavrador Cozinheira	1	3				1930				1929	Art. 137 a	
19	9	Campinas	Bras.	Prendas Dom.	1				1928							
20	12	Franca	Russo	Negociante	1									1928	Art. 137 a	
21	8	Campinas	Bras.	Prendas Dom.	1				1928							
22	7	Campinas	Bras.	Lavadeira										1928	Art. 137 a	
23	7	Pres. Alves	Bras.	Lavrador	1									1928	Art. 137 a	
24	8	Campinas	Ital.	Motorista Chauffeur	3	1					1931					
25	8	Campinas	Ital.	Viajante	2	1	1							1932		Em 1929 não consta nos livros de matr.
26	8	Campinas	Bras.	Prendas Dom.	1	3	2	1								Deixa de constar após 1934
27	8	Campinas	Bras.	Machinista Operário Ferroviário	3	1	1	1						1928	Art. 137 a	Não consta após 1934
28	7	Campinas	Bras.	Negociante	1				1928							
29	7	Campinas	Bras.	Soldado	1				1928							
30	8	Pedreira	Bras.	Empregado	2	2	2	1								Não consta após 1934
31	7	Campinas	Ital.	Pintor	2					1929						
32	8	Campinas	Ital.	Carroceiro	1									1928	Art. 137 a	
33	9	Pres. Alves	Bras.	Lavrador	1									1928	Art. 137 a	
34	13	Campinas	Ital.	Operário	1									1928	Art. 137 a	
35	7	Campinas	Ital. Bras.	Prendas Dom.	3					1930				1929	Art. 137 a	
36	7	Taguatinga	Ital.	Viajante	2	1					1931					Em 1929 não constam os dados no livro de matr.
37	9	Campinas	Bras.	Prendas Dom.	1									1928	Art. 137 a	
38	7	Campinas	Port.	Carpinteiro	1				1928							

Tabela 8 – Referente aos alunos do 1º ano B – seção masculina que reprovaram, desistiram ou foram eliminados, a partir do ano de ingresso 1928, do Grupo Escolar “Francisco Glicério” (matrículas iniciais).

Tabela das reprovações e eliminações - 1º ano C - iniciais																
Livro de matrícula - seção masculina - G.E "Francisco Glicério" - Campinas																
Aluno por n.	Idade	Naturalidade	Nac. pai	prof. Pai	N. vezes em que cursou o ano				Ano em que não consta dos livros de matr./s. - Após:					Ano da eliminação	Motivo da eliminação	Observações
					1º	2º	3º	4º	1928	1929	1930	1931	1932			
1	9	Campinas	Ital.	Negociante	1	2					1930					
2	8	Campinas	Sueco	Encanador	1	1							1929	S/ inform.		
3	7	Campinas	Bras.	Mechanico	1				1928							
4	7	Jaguary	Ital.	Operário	1								1928	Art. 137 a		
5	12	Campinas	Ital.	Lavrador	1	1							1929	Art. 137 a		
6	9	Campinas	Ital.	Carpinteiro	3						1930					
7	8	S J R Pardo	Bras.	Cozinheira	1								1928	Art. 137 a		
8	11	Campinas	Bras.	Barbeiro	1								1928	Art. 137 a		
9	11	Indaiatuba	Bras.	Prendas Dom.	1								1928	Art. 137 l. a		
10	8	Campinas	Bras.	Prendas Dom.	1				1928							
11	12	Minas (?)	Bras.	Comerciante	1	1				1929						
12	10	Campinas	Bras.	Ferrovário	1								1928	Art. 137 a		
13	7	Campinas	Bras.	Emp Público	1	1				1929						
14	8	Campinas	Ital.	Fundidor	1								1928	Art. 137 a		
15	8	F Sto Antonio	Bras.	Motorista	1				1928							
16	9	Campinas	Bras.	Artista	1								1928	Art. 137 a		
17	8	Campinas	Bras.	Typógrafo	1				1928							
18	8	Rio Claro Campinas	Bras.	Porteiro do Bosque	2								1929	Art. 137 a		
19	8	Campinas	Port. Bras.	Ferrovário Comérc.	1	2					1930					
20	9	Campinas	Ital.	Carpinteiro Pedreiro Pintor	3								1929 1930	Art. 137 a A pedido		
21	10	Capivari	Bras.	Negoc. Corretor	1	1				1929	1930		1928	Art. 137 a		
22	8	Campinas	Bras.	Lavrador Ferroviário	2	1					1930					
23	8	B de Campos	Bras.	Motorista	1								1928	Art. 137 a		
24	8	Campinas	Bras.	Pedreiro Operário	2					1929						
25	9 e 12	São Paulo	Bras.	Dentista	1	1				1929						
26	8	Campinas	Bras.	Operário	1				1928							
27	7	Campinas	Ital.	Padeiro	1								1929	Art. 137 a		
28	9	São Paulo	Bras.	Dentista	1	1							1929	Art. 137 a		
29	9	Louveira	Bras.	Prendas Dom.	1	2							1930	Por faltas		
30	9	Campinas	Bras.	Pedreiro	1	3						1931				
31	9	Campinas	Bras.	Servs. Dom.	2	1							1930	Mudança		
32	10	Campinas	Bras.	Ferrovário	1				1928							
33	10	Campinas	Bras.	Barbeiro	1								1928	Art. 137 a		
34	9	Campinas	Hesp.	Negociante	1	1							1929	Art. 137 a		
35	7	Campinas	Bras.	Comerciante	2					1929						
36	9	E. Sto Pinhal	Ital.	Podador	2	1				1929		1931				
37	8	Indaiatuba	Bras.	Administrador	1				1928							
38	9	Campinas	Bras. Ital. Bras.	Prendas Dom. Domést.	1	3							1931	Indisciplina		
39	8	Campinas	Ital.	Industrial	3						1930					
40	12	Campinas	Bras.	Motorista	1								1928	Art. 137 a		

Tabela 9 – Referente aos alunos do 1º ano C – seção masculina que reprovaram, desistiram ou foram eliminados, a partir do ano de ingresso 1928, do Grupo Escolar “Francisco Glicério” (matrículas iniciais).

Gráficos – idades - seção masc. – 1º A, 1º B e 1º C - (matrículas iniciais)

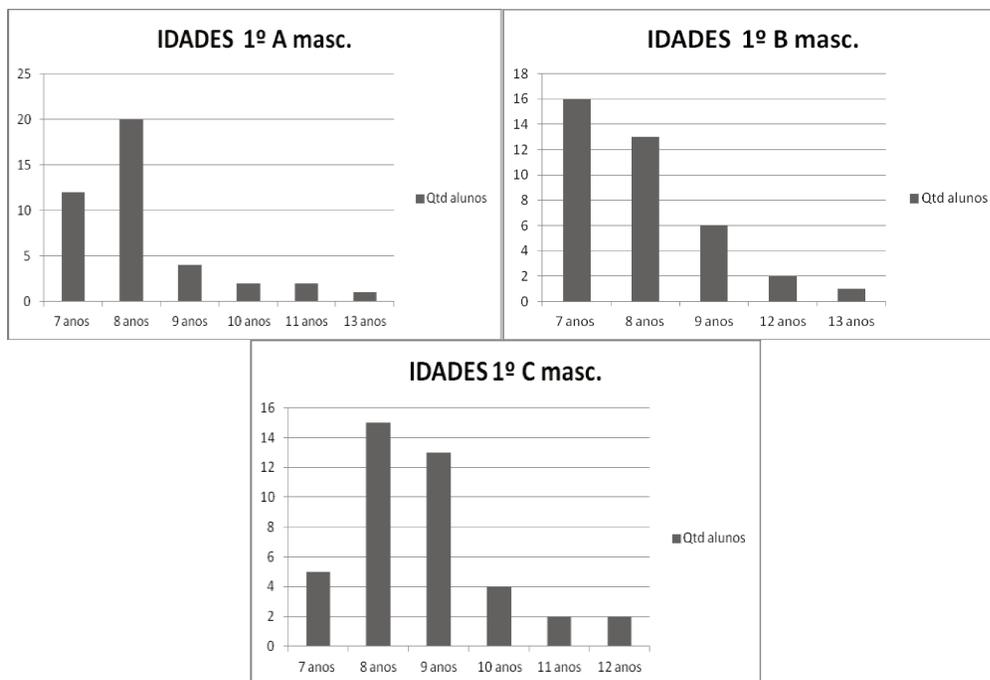


Gráfico 7 – idades/seção masculina/matrículas iniciais

Os gráficos acima, expressam a presença em 2 turmas de alunos com idade de 13 anos ingressando no 1º ano do curso primário. São ingressos em idade tardia, sendo este um dos possíveis motivos que justificaria a presença desses alunos nestas tabelas – referente aos alunos que não concluíram o ensino primário. É possível observar também, que em maior número aparecem alunos com idades entre 7, 8 e 9 anos de idade. A presença de alunos com estas idades, eliminam o fator idade como possível justificativa para não concluírem o curso, pois, estavam em idade adequada (de acordo com a legislação que obrigava a frequência de crianças entre 7 e 12 anos), o que já não ocorria com os alunos com 13 anos.

Gráficos - naturalidade - seção masc. – 1º A, 1º B e 1º C (matrículas iniciais)

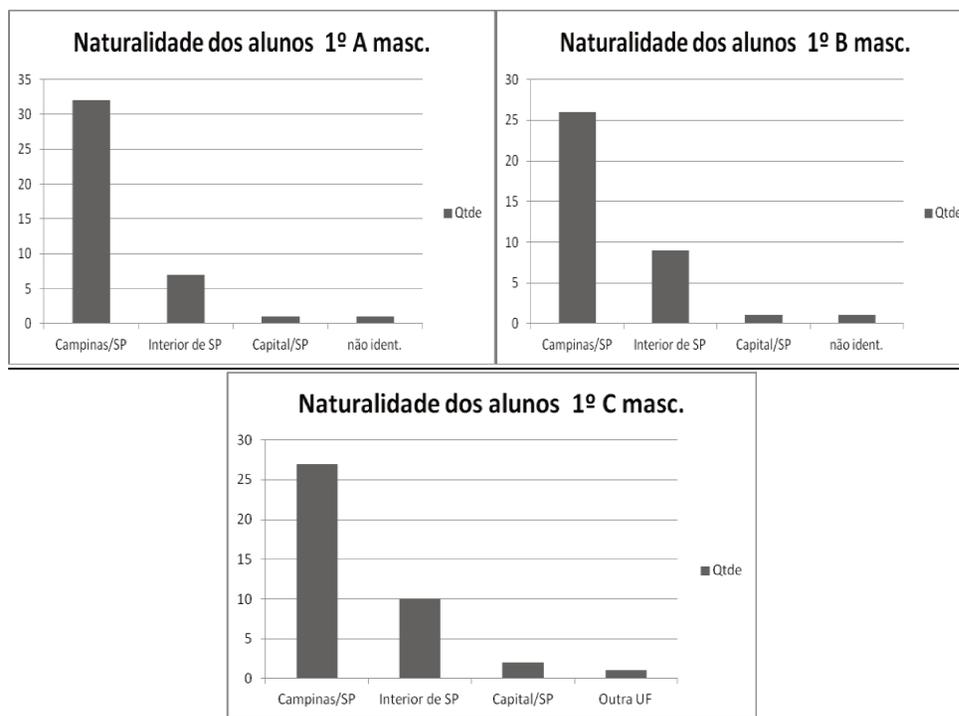


Gráfico 8 – naturalidades/seção masculina/matrículas iniciais

Os gráficos referentes à naturalidade dos alunos, das três turmas 1º A, 1º B e 1º C - seção masculina - matrículas iniciais, expressam que a maioria eram nascidos na cidade de Campinas, havendo também, alunos naturalizados em outras cidades do estado e da capital. Em duas turmas, não houve preenchimento desse campo nos livros de matrículas. Para uma única turma, houve a presença de aluno procedente de outro estado do país.

De acordo com as fontes pesquisadas a maioria dos alunos eram residentes nas proximidades da escola. (Ruas: Boa ventura do Amaral, São Pedro, Aquidabã, Luzitana, Ferreira Penteadado, Regente Feijó, Dr. Moraes Salles, Gal. Osório, Barão de Jaguará, Riachuelo, Duque de Caxias, Cel. Quirino, Barreto Leme, Antonio Cezarino, etc.).

Tabelas 7;8;9. 1 - profissão dos pais – seção masc. 1º A, 1º B e 1º C (matrículas iniciais)

G. E. "FRANCISCO GLICÉRIO" - CAMPINAS		
1º A - SEÇÃO MASCULINA - MATRÍCULA INICIAL		
nº de ordem da matrícula	profissão do pai	nacionalidade do pai
1	Operário	Bras.
2	Impressor	Ital.
3	Prendas domést.	Bras.
4	Mechanico	Bras.
5	Operário	Bras.
6	Motorista	Ital.
7	Pedreiro	Bras.
8	Prendas domést.	Bras.
9	Alfaiate	Ital.
10	Ferroviário	Bras.
11	Alfaiate	Ital.
12	Electrecista	Bras.
13	Negociante	Ital.
14	Marcineiro	Ital.
15	Cozinheira	Bras.
16	Empregada	Bras.
17	Operário	Ital.
18	Pedreiro	Ital.
19	Pedreiro	Ital.
20	Typographo	Bras.
21	Cozinheira	Bras.
22	Cocheiro	Bras.
23	Motorista	Ital.
24	Pedreiro	Bras.
25	Prendas domést.	Bras.
26	Viajante	Ital.
27	Carregador	Hesp.
28	Servente	Bras.
29	Operário	Port.
30	Lavrador	Bras.
31	Carregador	Bras.
32	Pedreiro	Ital.
33	Prendas domést.	Ital.
34	Carregador	Hesp.
35	Dentista	Bras.
36	Pedreiro	Ital.
37	Negociante	Ital.
38	Carpinteiro	Bras.

39	Negociante	Ital.
40	Mechanico	Bras.

G. E. "FRANCISCO GLICÉRIO" - CAMPINAS

1º B - SEÇÃO MASCULINA - MATRÍCULA INICIAL

nº de ordem da matrícula	profissão do pai	nacionalidade do pai
1	Lavrador	Bras.
2	Escriturário	Bras.
3	Negociante	Ital.
4	Lavrador	Ital.
5	Carregador	Ital.
6	Sapateiro	Ital.
7	Escriturário	Bras.
8	Cozinheira	Bras.
9	Quitandeiro	Bras.
10	Cambista	Ital.
11	Operário	Ital.
12	Operário	Bras.
13	Lavrador	Ital.
14	Caixeiro	Ital.
15	Sapateiro	Ital.
16	Prendas domést.	Bras.
17	Pintor	Bras.
18	Prendas domést.	Bras.
19	Prendas domést.	Bras.
20	Negociante	Rus.
21	Prendas domést.	Bras.
22	Lavadeira	Bras.
23	Lavrador	Bras.
24	Motorista	Ital.
25	Viajante	Ital.
26	Prendas domést.	Bras.
27	Machinista	Bras.
28	Negociante	Bras.
29	Soldado	Bras.
30	Empregado	Bras.
31	Pintor	Ital.
32	Carroceiro	Ital.
33	Lavrador	Bras.
34	Operário	Ital.
35	Prendas domést.	Ital.
36	Viajante	Ital.
37	Prendas domést.	Bras.
38	Carpinteiro	Port.

G. E. "FRANCISCO GLICÉRIO" - CAMPINAS		
1º C - SEÇÃO MASCULINA - MATRÍCULA INICIAL		
nº de ordem da matrícula	profissão do pai	nacionalidade do pai
1	Negociante	Ital.
2	Encanador	Sue.
3	Mechanico	Bras.
4	Operário	Ital.
5	Lavrador	Ital.
6	Carpinteiro	Ital.
7	Cozinheira	Bras.
8	Barbeiro	Bras.
9	Prendas domést.	Bras.
10	Prendas domést.	Bras.
11	Commerciante	Bras.
12	Ferrovário	Bras.
13	Emp. Público	Bras.
14	Fundidor	Ital.
15	Motorista	Bras.
16	Artista	Bras.
17	Typógrapho	Bras.
18	Porteiro do Bosque	Bras.
19	Ferrovário	Port.
20	Carpinteiro	Ital.
21	Negociante	Bras.
22	Lavrador	Bras.
23	Motorista	Bras.
24	Pedreiro	Bras.
25	Dentista	Bras.
26	Operário	Bras.
27	Padeiro	Ital.
28	Dentista	Bras.
29	Prendas domést.	Bras.
30	Pedreiro	Bras.
31	Prendas domést.	Bras.
32	Ferrovário	Bras.
33	Barbeiro	Bras.
34	Negociante	Hesp.
35	Commerciante	Bras.
36	Podador	ital.
37	Administrador	Bras.
38	Prendas domést.	Bras.

39	Industrial	Ital.
40	Motorista	Bras.

As tabelas acima expressam as categorias profissionais dos pais dos alunos pesquisados, e de acordo com as indicações e classificações estabelecidas e apresentadas nas análises da seção feminina, o mesmo procedimento foi adotado para as análises em relação a seção masculina. Assim:

Para os alunos do 1º A - seção masculina - matrícula inicial, o número de matrículas registrado foi de 40 alunos. Nestas, as profissões declaradas pelos pais foram de: 2,5% ferroviários (ferroviário); 30,9% se encaixam no quadro pertencentes a categoria de ferroviários (operário, pedreiro, servente, carpinteiro); 40,0% referem-se a profissões com melhores condições econômicas (impressor, marceneiro, mecânico, motorista, alfaiate, eletricista, negociante, typógrapho, cocheiro, lavrador, dentista) e 27,5% pertencem a profissões com menores condições econômicas (prezadas domésticas, cozinheira, empregada, viajante, carregador).

1ª possibilidades de análise: considerando-se 2,5% de ferroviário; 30,0% profissões que não se declaram ferroviários, mas que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários; 40,0% de profissões com melhores condições econômicas, geram um *total de 72,5% com melhores condições econômicas*.

Porém, excluindo-se do cálculo acima os 30,0% profissões que não se declaram ferroviários, mas que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários tem-se um *total de 45,0%* (correspondentes a somatória do número de 2,5% de ferroviário mais 42,5% - referente a soma dos 40,0% de melhores condições econômicas, mais 2,5% que seria o desmembramento das profissões que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários em que algumas entram na lista das profissões com melhores condições econômicas – carpinteiro).

2ª possibilidades de análise: considerando-se; 27,5% profissões que não se declaram ferroviários, mas que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários (30,0% menos 2,5 % que seria o desmembramento das profissões que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários em que algumas entram na lista das profissões com melhores condições econômicas – carpinteiro), acrescido dos 27,5% referente a profissões de menores condições econômicas

(prendas domésticas, cozinheira, empregada, viajante, carregador) *resultando em um total de 55,0%.*

Comparando-se os resultados pode-se dizer que no 1ª seção masculina – matrículas iniciais na *primeira análise prevaleciam alunos com melhores condições econômicas e na segunda possibilidade de análise prevaleciam alunos com menores condições econômicas.*

Em maior número os pais eram brasileiros com 21, seguidos de italianos com 16, e com minoria de espanhóis com 2 e portugueses com 1. Se somados os números de pais estrangeiros, com 19, quase se igualam ao número de pais brasileiros.

Para os alunos do 1º B - seção masculina - matrícula inicial, o número de matrículas registrado foi de 38 alunos, Nestas, as profissões declaradas pelos pais foram de: 2,6% ferroviários (maquinista); 21,0% se encaixam no quadro pertencentes a categoria de ferroviários (escriturário, operário, pintor, carpinteiro); 36,8% referem-se a profissões com melhores condições econômicas (lavrador, negociante, sapateiro, quitandeiro, cambista, motorista, soldado) e 39,4% pertencem a profissões com menores condições econômicas (carregador, cozinheira, caixeiro, prendas doméstica, lavadeira, viajante, empregado, carroceiro).

1ª possibilidades de análise: considerando-se 2,6% de ferroviário; 21,0% profissões que não se declaram ferroviários, mas que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários; 36,8% de profissões com melhores condições econômicas, geram um *total de 60,4% com melhores condições econômicas.*

Porém, excluindo-se do cálculo acima os 21,0% profissões que não se declaram ferroviários, mas que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários tem-se um *total de 47,2%* (correspondentes a somatória do número de 2,6% de ferroviário mais 44,6% - referente a soma dos 36,8% de melhores condições econômicas mais 7,8% que seria o desmembramento das profissões que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários em que algumas entram na lista das profissões com melhores condições econômicas – escriturário, carpinteiro).

2º possibilidades de análise: considerando-se; 13,2% profissões que não se declaram ferroviários, mas que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários (21,0% menos 7,8% que seria o desmembramento das profissões que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários em que algumas entram na lista das profissões com melhores condições econômicas – escriturário, carpinteiro), acrescido dos 39,4% referente a profissões de menores condições econômicas (carregador, cozinheira, caixeiro, prendas domésticas, lavadeira, viajante, empregado, carroceiro) *resultando em um total de 52,6%.*

Comparando-se os resultados pode-se dizer que no 1ª seção masculina – matrículas iniciais na primeira análise prevaleciam alunos com melhores condições econômicas e na segunda possibilidade de análise prevaleciam alunos com menores condições econômicas.

Em maior número os pais eram brasileiros com 20, seguidos de italianos com 16, e com minoria de portugueses com 1, e Russo com 1. Se somados os números de pais estrangeiros, com 18, quase se igualam ao número de pais brasileiros.

Para os alunos do 1º C - seção masculina - matrícula inicial, o número de matrículas registrado foi de 40 alunos, Nestas, as profissões declaradas pelos pais foram de: 7,5% ferroviários (ferroviário); 15,0% se encaixam no quadro pertencentes a categoria de ferroviários (operário, pedreiro, fundidor, carpinteiro); 55,0% referem-se a profissões com melhores condições econômicas (negociante, encanador, mecânico, lavrador, barbeiro, comerciante, empregado público, motorista, artista, typógrapho, dentista, administrador, industrial) e 22,5% pertencem a profissões com menores condições econômicas (cozinheira, prendas doméstica, padeiro, porteiro do bosque, podador).

1ª possibilidades de análise: considerando-se 7,5% de ferroviário; 15,0% profissões que não se declaram ferroviários, mas que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários; 55,0% de profissões com melhores condições econômicas, geram um *total de 77,5% com melhores condições econômicas.*

Porém, excluindo-se do cálculo acima os 15,0% profissões que não se declaram ferroviários, mas que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários tem-se um *total de 67,5%* (correspondentes a somatória do número de 7,5% de ferroviário mais 60,0% - referente a soma

dos 55,0% de melhores condições econômicas mais 5,0% que seria o desmembramento das profissões que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários em que algumas entram na lista das profissões com melhores condições econômicas – carpinteiro).

2º possibilidades de análise: considerando-se; 10,0% profissões que não se declaram ferroviários, mas que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários (15,0% menos 5,0% que seria o desmembramento das profissões que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários em que algumas entram na lista das profissões com melhores condições econômicas – carpinteiro), acrescido dos 22,5% referente a profissões de menores condições econômicas (prendas domésticas, cozinheira, padeiro, empregado, porteiro do bosque, podador) *resultando em um total de 32,5%.*

Comparando-se os resultados pode-se dizer que no 1ª seção masculina – matrículas iniciais *prevaleciam alunos com melhores condições econômicas.*

Em maior número os pais eram brasileiros com 28, seguidos de italianos com 9, e com minorias de portugueses com 1, espanhol com 1 e Sueco com 1. Se somados os números de pais estrangeiros, com 12, são inferiores ao número de pais brasileiros.

Gráficos - com o n°. de repetências – seção masc. 1º A, 1º B e 1º C (matrículas iniciais)

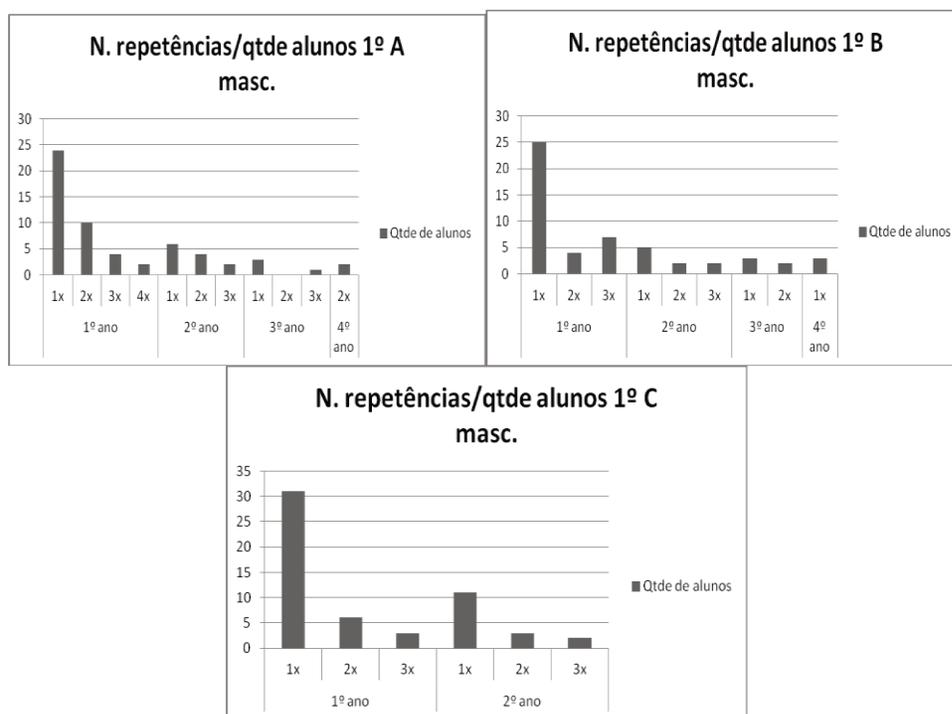


Gráfico 9 – repetências/seção masculina/matrículas iniciais

Quanto aos gráficos sobre os números de repetências, referente aos alunos das três turmas 1º A, 1º B e 1º C da seção masculina das matrículas iniciais, pode-se observar que no 1º ano: duas turmas reprovaram 1, 2 e 3 vezes; uma turma reprovou 1, 2, 3 e 4 vezes. No 2º ano: três turmas reprovaram 1, 2 e 3 vezes. No 3º ano: uma única turma não reprovou; uma reprovou 1 e 2 vezes; e a outra reprovou 1, 2 e 3 vezes. No 4º ano: uma única turma reprovou 1 vez; outra turma reprovou 2 vezes e a terceira não teve reprovações para o 4º ano. Diante de tantas reprovações e tantas desistências, nenhum desses alunos, concluiu o ensino primário no 1º Grupo Escolar de Campinas “Francisco Glicério”.

Tabelas com ano em que o nome não consta dos livros de matrículas – seção masc. 1º A, 1º B e 1º C (matrículas iniciais)

Após os seguintes anos o nome não consta dos livros de matr./qtde alunos 1ºA sec. masc.

ano	1928	1929	1930	1931	1932	1933
qtde	10	8	2	6	3	2

Após os seguintes anos o nome não consta dos livros de matr./qtde alunos 1º B sec. masc.

ano	1928	1929	1930	1931	1932
qtde	13	1	6	2	1

Após os seguintes anos o nome não consta dos livros de matr./qtde alunos 1º C sec. masc.

ano	1928	1929	1930	1931	1932
qtde	7	7	6	2	0

Tabelas 7;8;9. 2 - com ano em que o nome não consta dos livros de matrículas 1ºA/1ºB/1ºC

As tabelas acima expressam uma variação nos números referentes aos abandonos entre alunos matriculados no ensino primário. O 1º ano A com a soma total 31, expressa um valor maior em relação as outras duas turmas, que quase se igualam com 23 para o 1º B e 22 para o 1º C. Novamente pode-se perceber que as maiores incidências de abandono estão logo nos primeiros anos do curso, vão diminuindo na proporção em que o número de matriculados também decresce.

Tabelas com as eliminações – seção masc. 1º A, 1º B e 1º C (matrículas iniciais)

Eliminações 1º A masc.		
Motivo	Ano	Qtde
Art. 137 a	1928	8
	1929	4
Art. 137, l. a	1928	1
A pedido	1930	2
	1931	1

Eliminações 1º B masc.		
Motivo	Ano	Qtde
Art. 137 a	1928	8
	1929	3
Art. 137, l. a	1928	3
Mudança	1930	1
	1931	1

Eliminações 1º C masc.		
Motivo	Ano	Qtde
Art. 137 a	1928	10
	1929	6
Art. 137 l. a	1928	1
Faltas	1930	1
A pedido	1930	1
Mudança	1930	1
Indisciplina	1931	1
S/informar	1929	1

Tabelas 7;8;9. 3 - com as eliminações 1ºA/1ºB/1ºC

Verifica-se, de acordo com as tabelas referentes às eliminações dos alunos do 1º A, 1º B e 1º C da seção masculina das matrículas iniciais, que a maioria ocorria pelo ‘Art. 137 a’ para essas turmas, sempre incidindo nos primeiros anos, 1º e 2º do curso em 1928 e 1929, e com um número significativo de alunos. Embora houvesse eliminações também pelo Art. 137, l. a, os números eram muito pequenos, e apenas ocorriam para os 1ºs anos do curso em 1928. Em 1929 as eliminações se davam apenas pelo Art. 137 – a. Em seguida, outros motivos também

justificavam as eliminações, tais como ‘faltas’, ‘a pedido’, por ‘mudanças’ e ‘indisciplina’. Todavia, estes últimos motivos sejam mencionados nas tabelas, os números destas eliminações são pouco expressivos.

Eliminações 1º A, B, C - seção masculina – matrículas iniciais

G. E. "Francisco Glicério"- Campinas				
1º A - Eliminados em 1928 pelo Art. 137-a e Art. 137, l. a que reingressaram (ou não) no curso - seção masculina - matrícula inicial				
nº na matrícula	nome	motivo	ano do reingresso	ano do curso
1	Ary Grecco	Art. 137-a	1929	1º C
2	Antonio Arruda	Art.137, l. a		
3	Benedicto dos Santos	Art. 137-a	1930	1º C
			1931	1º D
4	Edimundo Picarelli	Art. 137-a		
5	Francisco da Conceição	Art. 137-a		
6	Francisco Santarelli	Art. 137-a	1930	1º D
7	Homero Xavier	Art. 137-a		
8	João dos Santos	Art. 137-a	1929	1º A
9	Marino Rossi	Art. 137-a		

Obs.: nos anos que não aparecem na tabela não houve registro do aluno no livro de matrícula

Tabela 7.4 - Eliminações pelo Art. 137, l. a e 137-a/ 1º A

Sobre a tabela referente aos alunos do 1º A – da seção masculina – que ingressaram em 1928 e que foram eliminados pelo Art.137, l. a e Art.137-a também de 1928, dois alunos reingressaram no ano seguinte (1929 no 1º C e 1º A) e dois reingressaram em 1930. Um deles, eliminado pelo Art. 137-a, reingressou em 1930, reprovou o 1º ano C e o refez em 1931 (1º D).

Todos os eliminados, reingressantes ou não, estavam matriculados na matrícula inicial do curso e não conseguiram concluí-lo na instituição.

G. E. "Francisco Glicério"- Campinas				
1º B - Eliminados em 1928 pelo Art. 137-a e Art. 137, l. a que reingressaram (ou não) no curso - seção masculina - matrícula inicial				
nº na matrícula	nome	motivo	ano de reingresso	ano do curso
1	Antonio Gilberto Catalessi	Art.137, l. a		
2	Benedito Alves Garcia	Art.137-a		
3	Jose Brodwosky	Art.137-a	1929	2º C - matr. Suplementar
4	Jose Benedicto	Art.137-a		
5	Jorge de Freitas	Art.137-a		
6	Mauro Marinsso	Art.137-a	1929	1º B
			1930	1º B
			1931	2º B
			1933	3º B
			1934	4º
7	Pedro Catalessi	Art.137, l. a		
8	Renato de Freitas	Art.137-a		
9	Remizio Debbue	Art.137-a		
10	Waldemar Trotti	Art.137-a	1930	1º A
			1931	2º A
11	Waldemar Pires	Art.137, l. a		

Obs.: os anos que não aparecem na tabela não houve registro do aluno no livro de matrícula

Tabela 8.5- Eliminações pelo Art. 137, l. a e 137-a/ 1º B

Conforme a tabela acima, para os alunos do 1º B ingressantes em 1928, eliminados também em 1928, embora haja eliminações pelo Art.137, l. a, os reingressos são daqueles que foram eliminados pelo Art.137-a, sendo que, um aluno reingressou em 1929 e seu nome consta na matrícula suplementar do livro (aquela que ocorria fora do período regular de matrículas). Esse aluno abandonou o curso no ano seguinte, pois seu nome deixou de constar dos livros de matrículas pesquisados. Entretanto, embora tenha sido eliminado no 1º ano em 1928 pelo Art. 137-a, voltou a constar como matriculado no ano seguinte no 2º ano – matrícula suplementar. Como isso seria possível? A pesquisa não contemplou essa resposta. Pela falta de lógica, a única explicação seria erro de preenchimento?

Ainda referente a esta tabela, outro aluno apenas reingressou em 1930, sendo promovido e cursando o 2º ano do curso em 1931. Porém, abandonou-o logo em seguida, sem concluí-lo. Um

terceiro aluno, reingressante em 1929, refez o 1º ano em 1930, foi promovido para o 2º ano em 1931, para o 3º em 1933, e para o 4º em 1934. No entanto, o nome do mesmo não foi localizado no livro de matrícula em 1935 (e por curiosidade, nem em 1936). Como o livro de matrícula de 1934, ano em que ele cursou o 4º ano não registra se houve promoção ou reprovação, novamente, permanece sem resposta a questão: - Esse aluno concluiu ou não o curso primário? (O nome do aluno como ‘promovido’ nas outras fontes confrontadas).

G. E. "Francisco Glicério"- Campinas				
1º C - Eliminados em 1928 pelo Art. 137-a e Art. 137, l. a que reingressaram (ou não) no curso - seção masculina - matrícula inicial				
nº na matrícula	nome	motivo	ano de reingresso	ano do curso
1	Antonio Beltrame	Art.137-a		
2	Armando Bizzo	Art.137-a	1929	1º C
			1930	1º C
			1931	2º A
3	Argemiro Pedro Marcelino	Art.137-a		
4	Benedicto Beca	Art.137-a		
5	Benedicto Antonio de Oliveira	Art.137, l. a		
6	Ernesto Gonçalves	Art.137-a		
7	Francisco Bozelli	Art.137-a		
8	Geraldo Hortencio	Art.137-a		
9	Jose Vicente Gomes Carneiro	Art.137-a		
10	Juvenal dos Santos	Art.137-a		
11	Orlando de Maria	Art.137-a		

Obs.: os anos que não aparecem na tabela não houve registro do aluno no livro de matrícula

Tabela 9.6 - Eliminações pelo Art. 137, l. a e 137-a/ 1º C

Quanto aos alunos do 1º C, constantes da tabela acima, ingressantes em 1928 e que foram eliminados pelo Art.137, l. a e Art.137-a, em 1928, apenas um aluno eliminados pelo Art.137-a reingressou em 1929, repetindo o 1º ano do curso em 1930 e cursando o 2º ano A em 1931. O aluno não concluiu o ensino primário, uma vez que o nome do mesmo não consta dos livros de matrículas nos anos seguintes.

A seguir, serão apresentadas as tabelas com as matrículas intituladas ‘matrículas suplementares’, para depois serem analisadas logo na sequência, uma a uma, em função dos gráficos, gerados mediante a tabulação dos dados.

Tabela das reprovações e eliminações - 1º ano A - suplementares																	
Livro de matrícula - seção masculina - G.E "Francisco Glicério" - Campinas																	
Aluno por n.	Idade	Naturalidade	Nac. pai	prof. Pai	N. vezes em que cursou o ano				Ano em que não consta dos livros de matr. - Após:					Ano da eliminação	Motivo da eliminação	Observações	
					1º	2º	3º	4º	1928	1929	1930	1931	1932				1933
1	9	A. dos Souza	Bras.	Lavadeira	1				1928								
2	8	Jahú	Bras.	Empregado	1								1928	Art. 137 a			
3	10	Campinas	Bras.	Operário	1								1928	Art. 137 a			
4	7	Monte Alegre	Bras.	Operário	1								1928	Art. 137 a			
5	7	Campinas	Bras.	Operário	1								1928	Art. 137 a			
6	7	Campinas Mato Grosso	Bras.	Viajante Comércio	3					1930						Em 1929 não consta nos livros de matr.	
7	9	Barretos	Bras.	Lavrador	1				1928								
8	7	Campinas	Bras.	Chauff. Motorista	3					1930							
9	7	Campinas	Bras.	Carpinteiro	1								1928	Art.137 a			
10	7	S/inform.	Bras.	Lavrador	1								1928	Art.137 a			
11	8	Campinas	Bras.	Ferroviário	1				1928								
12	9	Mogi Mirim	Bras.	Negociante	1				1928								
13	7	Campinas Pedreira	Ital. Bras. Ital.	Negociante	1	1	1			1930							

Tabela 10 – Referente aos alunos do 1º ano A – seção masculina que reprovaram, desistiram ou foram eliminados, a partir do ano de ingresso 1928, do Grupo Escolar “Francisco Glicério” (matrículas suplementares).

Tabela das reprovações e eliminações - 1º ano B - suplementares																
Livro de matrícula - seção masculina - G.E "Francisco Glicério" - Campinas																
Aluno por n.	Idade	Naturalidade	Nac. pai	prof. Pai	N. vezes em que cursou o ano				Ano em que não consta dos livros de matr. - Após:					Ano da eliminação	Motivo da eliminação	Observações
					1º	2º	3º	4º	1928	1929	1930	1931	1932			
1	8	A. dos Souza	Bras.	Serv. Dom.	3					1930						
2	10	campinas	Bras.	Lavadeira	3					1930						
3	8	Campinas	Ital. Bras. Ital.	Operário Negociante Carroceiro	3	2							1932	1931	Mudança	
4	10	S J R Pardo	Bras.	Lavrador	1				1928							
5	8	Casa Branca Campinas	Bras.	Negociante Operário	3	1						1931				
6	7	Campinas	Ital.	Negociante	1								1928	Art. 137 a		
7	7	Campinas	Ital. Aust. Ital.	Negociante Operário Floricultor	4	1						1931				
8	7	Campinas	Bras.	Negociante	2				1929							
9	12	Campinas	Ital.	Operário	1	2							1930	Mudança		
10	9	Campinas	Bras.	Negociante	1	2	1	1					1932			
11	8	Campinas	Bras.	Serv. Dom.	3								1929	Art. 137 a		
12	7	campinas	Bras.	Negociante	1				1928							
13	7	campinas	Bras.	Negociante Pedreiro	2					1929						
14	8	campinas	Esp.	Operário	1				1929							

Tabela 11 – Referente aos alunos do 1º ano B – seção masculina que reprovaram, desistiram ou foram eliminados, a partir do ano de ingresso 1928, do Grupo Escolar “Francisco Glicério” (matrículas suplementares).

Tabela das reprovações e eliminações - 1º ano C - suplementares																	
Livro de matrícula - seção masculina - G.E "Francisco Glicério" - Campinas																	
Aluno por n.	Idade	Naturalidade	Nac. pai	prof. Pai	N. vezes em que cursou o ano				Ano em que não consta dos livros de matr. - Após:					Ano da eliminação	Motivo da eliminação	Observações	
					1º	2º	3º	4º	1928	1929	1930	1931	1932				1933
1	9	Monte alegre	Bras.	Empregado	1										1928	Art. 137 a	
2	10	Rocinha	Ital.	Operário	1				1928								
3	7	Campinas	Bras.	Negoc. Motorista	3						1930						
4	9	Bariry	Bras.	Invalído	1										1928	Art. 137 a	
5	8	Campinas	Bras.	Operário	1										1928	Art. 137 a	
6	9	Souzas	Bras.	Operário	1				1928								
7	11	Campinas	Bras.	Aposentado	1				1928								
8	11	Taquaritinga	Ital.	Operário	1										1928	Art. 137 a	
9	7	Campinas	Bras.	Negociante	1				1928								
10	9	Campinas	Ital.	Operário Negoc.	1	2	1	1						1932			
11	7	Campinas	Bras.	Encanador	2	1	1	1						1932			
12	9	Campinas	Bras.	Negoc. Operário	2										1929	Art. 137 a	
13	7	Mocóca	Bras.	Pharm.	1				1928								
14	11	S J R Pardo	Bras.	Negoc. Lavrador	2					1929							
15	7	Campinas	Ital.	Negociante	1				1928								

Tabela 12 – Referente aos alunos do 1º ano C – seção masculina que reprovaram, desistiram ou foram eliminados, a partir do ano de ingresso 1928, do Grupo Escolar “Francisco Glicério” (matrículas suplementares).

A partir das tabelas acima foram construídos gráficos que expressam seus dados.

Gráficos – idades - seção masc. – 1º A, 1º B e 1º C - (matrículas suplementares)

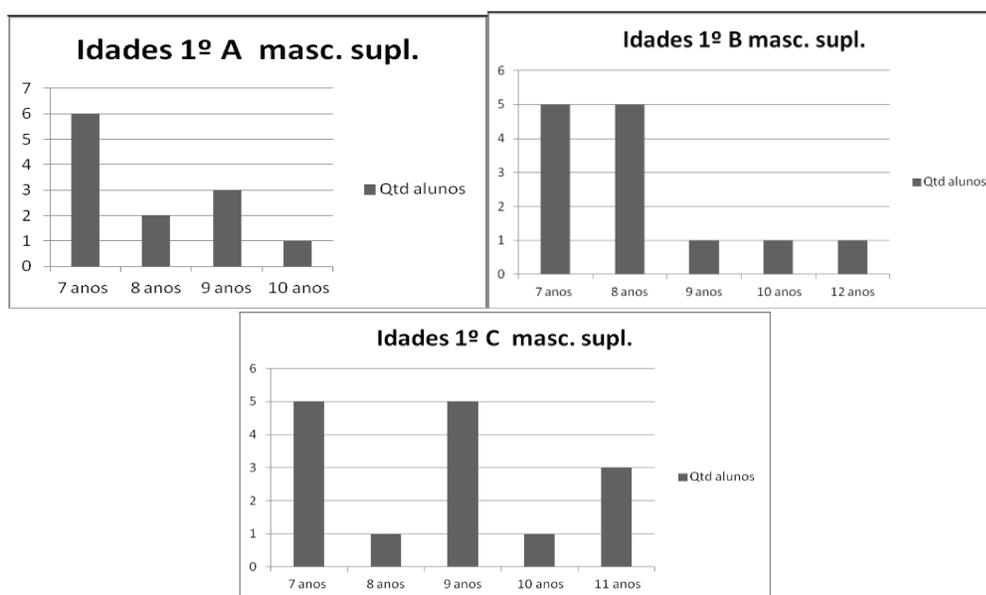


Gráfico 10 – idades/seção masculina/matrículas suplementares

Os gráficos acima, referentes aos alunos do 1º A, 1º B e 1º C seção masculina das matrículas suplementares, mostram que as idades variavam para estas turmas de 7 a 12 anos, e estavam em acordo com o que prescreviam os decretos antes e após a reforma de 20. Decreto n. 248, de 26 de julho de 1894 e decreto 3.858 de 11 de junho de 1925: (Artigo 18, § 2.º - O ensino primário é obrigatório e gratuito para as crianças de ambos os sexos de 7 a 12 anos de idade).

O 1º ano A revela a presença de um número maior de crianças com 7 anos, já no 1º B havia uma maior incidência de alunos com 7 e 8 anos e o 1º ano C, distintamente, traz uma maioria de alunos com 7 e 9 anos.

Para as turmas referentes às matrículas suplementares o número de alunos matriculados é sempre menor, se comparado ao de alunos matriculados regularmente nas matrículas iniciais. Dessa forma, vale ressaltar que a quantidade de alunos nesses gráficos é pequena.

Gráficos - naturalidade - seção masc. – 1º A, 1º B e 1º C (matrículas suplementares)

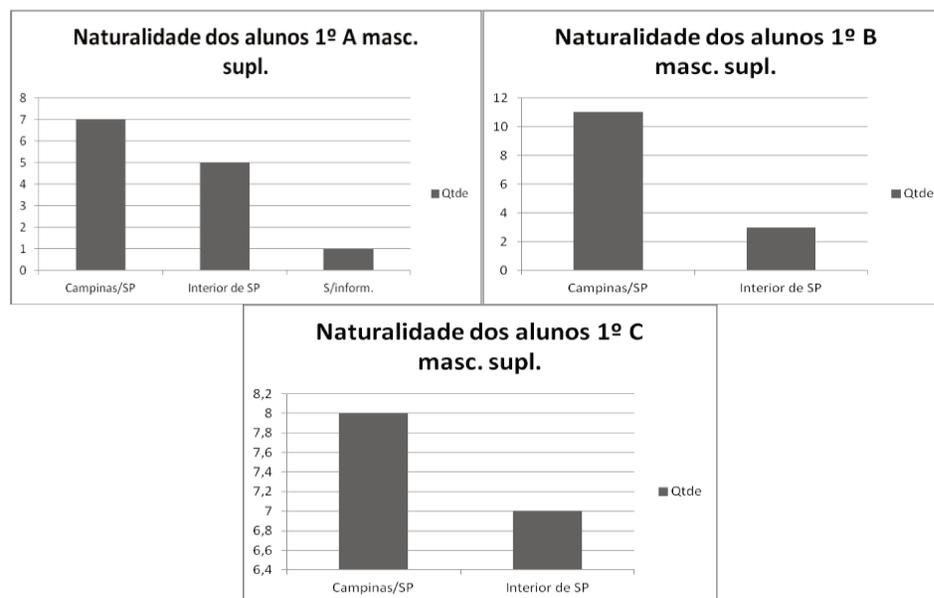


Gráfico 11 – naturalidades/seção masculina/matrículas suplementares

Conforme os gráficos acima, havia maioria de alunos nascidos em Campinas, com a presença também de alunos de outras cidades do estado de São Paulo. No livro de matrículas do 1º ano A, apenas para um aluno o campo naturalidade estava sem preenchimento.

Embora não constem nos gráficos a maioria dos alunos residiam nas proximidades da escola. (Ruas: São Pedro, Ferreira Penteadado, Aquidabã, Dr. Moraes Salles, Luzitana, Boa ventura do Amaral, Antonio Cezarino, etc.).

Tabelas 10;11;12. 1 - profissão dos pais – seção masc. 1º A, 1º B e 1º C (matrículas suplementares)

G. E. "FRANCISCO GLICÉRIO" - CAMPINAS		
1º A - SEÇÃO MASCULINA - MATRÍCULA SUPLEMENTAR		
nº de ordem da matrícula	profissão do pai	nacionalidade do pai
1	Lavadeira	Bras.
2	Empregado	Bras.
3	Operário	Bras.
4	Operário	Bras.
5	Operário	Bras.
6	Viajante	Bras.
7	Lavrador	Bras.
8	Chauff.	Bras.
9	Carpinteiro	Bras.
10	Lavrador	Bras.
11	Ferrovário	Bras.
12	Negociante	Bras.
13	Negociante	Ital.

G. E. "FRANCISCO GLICÉRIO" - CAMPINAS		
1º B - SEÇÃO MASCULINA - MATRÍCULA SUPLEMENTAR		
nº de ordem da matrícula	profissão do pai	nacionalidade do pai
1	Cozinheira	Bras.
2	Cozinheira	Bras.
3	Operário	Ital.
4	Lavrador (tutor)	Bras.
5	Negociante	Bras.
6	Negociante	Ital.
7	Negociante	Aust.
8	Negociante	Bras.
9	Operário	Ital.
10	Negociante	Bras.
11	Serv. domést.	Bras.
12	Negociante	Bras.
13	Negociante	Bras.
14	Operário	Esp.

G. E. "FRANCISCO GLICÉRIO" - CAMPINAS		
1º C - SEÇÃO MASCULINA - MATRÍCULA SUPLEMENTAR		
nº de ordem da matrícula	profissão do pai	nacionalidade do pai
1	Empregado	Bras.
2	Operário	Ital.
3	Negociante	Bras.
4	Inválido	Bras.
5	Operário	Bras.
6	Operário	Bras.
7	Aposentado	Bras.
8	Operário	Ital.
9	Negociante	Bras.
10	Operário	Ital.
11	Encanador	Bras.
12	Negociante	Bras.
13	Pharm.	Bras.
14	Negociante	Bras.
15	Negociante (tutor)	Ital.

As tabelas acima expressam as categorias profissionais dos pais dos alunos pesquisados.

Para os alunos do 1º A - seção masculina - matrícula suplementar, o número de matrículas registrado foi de 13 alunos, Nestas, as profissões declaradas pelos pais foram de: 7,6% ferroviários (ferroviário); 30,7% se encaixam no quadro pertencentes a categoria de ferroviários (operários, carpinteiro); 38,4% referem-se a profissões com melhores condições econômicas (lavrador, chaffeur, negociante) e 23,0% pertencem a profissões com menores condições econômicas (lavadeira, empregado, viajante).

1ª possibilidades de análise: considerando-se 7,6% de ferroviário; 30,7% profissões que não se declaram ferroviários, mas que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários; 38,4% de profissões com melhores condições econômicas, geram um *total de 76,5% com melhores condições econômicas*.

Porém, excluindo-se do cálculo acima os 30,7% profissões que não se declaram ferroviários, mas que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários tem-se um *total de 53,6%* (correspondentes a somatória do número de 7,6% de ferroviário mais 46,0% - referente a soma dos 38,4% de melhores condições econômicas mais 7,6% que seria o desmembramento das profissões que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários em que algumas entram na lista das profissões com melhores condições econômicas – carpinteiro).

2º possibilidades de análise: considerando-se; 23,1% profissões que não se declaram ferroviários, mas que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários (30,7% menos 7,6% que seria o desmembramento das profissões que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários em que algumas entram na lista das profissões com melhores condições econômicas – carpinteiro), acrescido dos 23,0% referente a profissões de menores condições econômicas (lavadeira, empregado, viajante) *resultando em um total de 46,1%*.

Comparando-se os resultados pode-se dizer que no 1ª seção masculina – matrícula suplementar *prevaleciam alunos com melhores condições econômicas*.

Em maior número os pais eram brasileiros, com 12, e com minorias de italianos com 1.

Para os alunos do 1º B - seção masculina - matrícula suplementar, o número de matrículas registrado foi de 14 alunos. Nestas, as profissões declaradas pelos pais foram de: 0% ferroviários (-); 21,4% se encaixam no quadro pertencentes a categoria de ferroviários (operários); 57,1% referem-se a profissões com melhores condições econômicas (negociante, lavrador) e 21,4% pertencem a profissões com menores condições econômicas (cozinheira, serviço doméstico).

1ª possibilidades de análise: considerando-se 0% de ferroviário; 21,4% profissões que não se declaram ferroviários, mas que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários; 57,1% de profissões com melhores condições econômicas, geram um *total de 78,5% com melhores condições econômicas*.

Porém, excluindo-se do cálculo acima os 21,4% profissões que não se declaram ferroviários, mas que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários tem-se um *total de 57,1%* (correspondentes a somatória do número de 0% de ferroviário mais 57,1% - referente a profissões de melhores condições econômicas).

2º possibilidades de análise: considerando-se; 21,4% profissões que não se declaram ferroviários, mas que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários, acrescido dos 21,4% referente a profissões de menores condições econômicas (viajante e serviços domésticos) *resultando em um total de 42,8%*.

Comparando-se os resultados pode-se dizer que no 1ºB seção masculina – matrícula suplementar *prevaleciam alunos com melhores condições econômicas*.

. Em maior número os pais eram brasileiros com 9, seguidos de italianos com 3, e minoria de espanhóis com 1 e austríaco com 1. Se somados os números de pais estrangeiros, com 5, são inferiores ao número de pais brasileiros.

Para os alunos do 1º C - seção masculina - matrícula suplementar, o número de matrículas registrado foi de 15 alunos. Nestas, as profissões declaradas pelos pais foram de: 0% ferroviários (-); 33,3% se encaixam no quadro pertencentes a categoria de ferroviários (operários); 53,3%

referem-se a profissões com melhores condições econômicas (negociante, corretor, aposentado, farmacêutico e encanador) e 13,3% pertencem a profissões com menores condições econômicas (empregado, inválido).

1ª possibilidades de análise: considerando-se 0% de ferroviário; 33,3% profissões que não se declaram ferroviários, mas que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários; 53,3% de profissões com melhores condições econômicas, geram um *total de 86,6% com melhores condições econômicas*.

Porém, excluindo-se do cálculo acima os 33,3% profissões que não se declaram ferroviários, mas que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários tem-se um *total de 53,3%* (correspondentes a somatória do número de 0% de ferroviário mais 53,3% - referente a profissões de melhores condições econômicas).

2º possibilidades de análise: considerando-se; 33,3% profissões que não se declaram ferroviários, mas que se encaixam no quadro da categoria dos ferroviários, acrescido dos 13,3% referente a profissões de menores condições econômicas (empregado, inválido) *resultando em um total de 46,6%*.

Comparando-se os resultados pode-se dizer que no 1ª seção masculina – matrícula suplementar *prevaleciam alunos com melhores condições econômicas*. Em maior número os pais eram brasileiros, com 11, em minoria os italianos, com 4.

Gráficos - com o n.º. de repetências – seção masc. 1º A, 1º B e 1º C (matrículas suplementares)

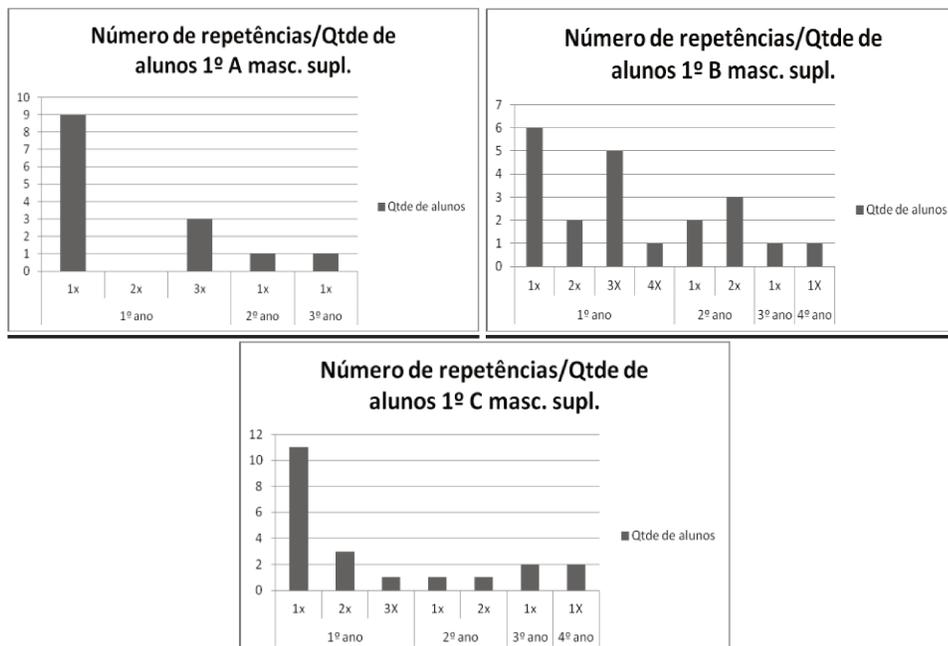


Gráfico 12 – repetências/seção masculina/matrículas suplementares

De acordo com os gráficos acima, as repetências ocorreram para o 1º ano: 1, 2, 3 vezes para duas turmas e 1, 2, 3 e 4 vezes para a terceira turma. Para o 2º ano: 1 vez para uma turma e 1 e 2 vezes para duas turmas. Para o 3º ano: 1 vez para três turmas. Para o 4º ano: não ocorreu para uma turma e ocorreu 1 vez para duas turmas. Diante de tantas reprovações e muitas desistências a cada ano, nenhum desses alunos, conseguiu concluir o ensino primário no 1º Grupo Escolar de Campinas “Francisco Glicério”.

Tabelas com ano em que o nome não consta dos livros de matrículas – seção masc. 1º A, 1º B e 1º C (matrículas suplementares)

Após os seguintes anos o nome não consta dos livros de matr./qtde alunos 1ºA masc. supl.

ano	1928	1929	1930	1931	1932	1933
qtde	4	0	3	0	0	0

Após os seguintes anos o nome não consta dos livros de matr./qtde alunos 1ºB masc. supl.

ano	1928	1929	1930	1931	1932	1933
qtde	3	2	2	2	2	0

Após os seguintes anos o nome não consta dos livros de matr./qtde alunos 1º C masc. supl.

ano	1928	1929	1930	1931	1932	1933
qtde	6	1	1	0	2	0

Tabelas 10;11;12. 2 - com ano em que o nome não consta dos livros de matrículas 1ºA/1ºB/1ºC

As tabelas acima mostram que as evasões ocorriam em maior número nos primeiros anos do curso, com quedas que não seguem uma regra de continuidade. A primeira começa com um número de alunos maior, na sequência, não ocorrem, depois diminuem em relação ao primeiro ano, e novamente não ocorrem. A segunda diminui apenas um número após o primeiro ano e assim se mantém até o penúltimo ano, tornando-se nulo no último. E para a terceira turma o número de alunos decai consideravelmente após o primeiro ano, torna-se nulo no quarto momento, volta a ocorrer com um número pequeno e desaparece.

Tabelas com as eliminações – seção masc. 1º A, 1º B e 1º C (matrículas suplementares)

Eliminações 1º A masc. supl.		
Motivo	Ano	Qtde
Art. 137 a	1928	6

Eliminações 1º B masc. supl.		
Motivo	Ano	Qtde
Art. 137 a	1928	1
	1929	1
Mudança	1930	1
	1931	1

Eliminações 1º C masc. supl.		
Motivo	Ano	Qtde
Art. 137 a	1928	4
	1929	1

Tabelas 10;11;12. 3 - com as eliminações 1ºA/1ºB/1ºC

Em relação às tabelas de eliminações, há ocorrências nos primeiros anos pelo ‘Art. 137 a’ para as três turmas de 1º anos. Como é possível observar, incidem nos dois primeiros anos - em 1928 e 1929. Outro tipo de eliminação também se faz presente nas tabelas, eliminação por ‘mudanças’, estas ocorreram duas vezes em anos seguidos e somente para dois alunos.

Eliminações 1º A, B, C - seção masculina – matrículas suplementares

G. E. "Francisco Glicério"- Campinas				
1º A - Eliminados em 1928 pelo Art. 137-a e Art.137, l. a que reingressaram (ou não) no curso - seção masculina - matrícula suplementar				
nº na matrícula	nome	motivo	ano de reingresso	ano do curso
1	Francisco Goes	Art.137-a		
2	Aristeu B. Oliveira	Art.137-a		
3	Sylvio Salles Nogueira	Art.137-a		
4	Jose de Souza	Art.137-a	1929	2º C
5	Jose Loubello	Art.137-a		
6	Eduardo Garcia	Art.137-a		

Obs.: os anos que não aparecem na tabela não houve registro do aluno no livro de matrícula

Tabela 10.4 - Eliminações pelo Art. 137, l. a e 137-a/ 1º A

Conforme a tabela acima - 1º A dos alunos ingressantes em 1928, eliminados neste mesmo ano pelo Art.137-a, somente um aluno reingressou no ano seguinte no 2º ano do curso primário. Porém, como ele foi eliminado num ano e no ano seguinte apareceu como se tivesse sido aprovado, cursando o 2º ano? Para tentar explicar o que teria ocorrido, foi realizado um levantamento dos dados deste aluno por haver dois nomes iguais, ou seja, duas matrículas para Jose de Souza:

1º A (1928) - *Jose de Souza*: nascimento (6-4-920, 7 anos); naturalidade (Campinas); nome, profissão, naturalidade do pai (Bernardo de Souza, operário, brasileiro), endereço (R. P. Vieira, 65); ano de ingresso (20-4-928); data/ motivo da eliminação (31-5-928/Art.137-a).

2º C (1929) *Jose de Souza*: nascimento (11-8-918, 10 anos); naturalidade (Campinas); nome, profissão, naturalidade do pai (Mario Geraldino, pedreiro, brasileiro), endereço (R. B. Constant, 22); ano de ingresso (1-2-929); data/motivo da eliminação (30-4-929/Art.137-a).

Foram identificadas divergências, primeiro quanto às datas de nascimento e idades; depois, nomes, profissões e naturalidade dos pais; por último, houve divergências nas datas de ingresso, datas das eliminações que não coincidem.

De acordo com essas informações, há a possibilidade de que, novamente, tenha ocorrido falha no preenchimento desses dados, uma vez que, como visto anteriormente, os dados eram preenchidos manualmente. Pois, o aluno matriculado no 2º C em 1929, não aparece em 1928 no 1º ano, tampouco no 2º ano (caso se tratasse de alguma reprovação). Outra possibilidade é de que a divergência no nome dos pais seja em decorrência de um deles ser o tutor do aluno, quanto as idades não coincidirem ou se aproximarem, pode ser que tenha ocorrido erro no preenchimento. Em relação aos endereços, a diferença na informação pode ser justificada pelo simples fato de que as famílias mudavam com certa regularidade naquele período. Portanto, apesar dessas divergências, é possível que seja o mesmo aluno. Entretanto, se assim for, realmente, parece não ter explicação o fato de o aluno ter ingressado no 1º ano em 1928 e eliminado pelo Art.137-a nesse mesmo ano e reingressado no ano seguinte no 2º ano. (Ou ainda, parece mais complicada outra possibilidade: o mesmo nome para alunos diferentes. O que teria acontecido depois com o primeiro aluno ao ser eliminado em maio de 1928? E o que teria acontecido com o segundo aluno em 1928 que não cursou o 1º ano no 1º Grupo Escolar “Francisco Glicério”? Pois, o mesmo só ingressou em 1929 no 2º ano).

G. E. "Francisco Glicério"- Campinas				
1º B - Eliminados em 1928 pelo Art. 137-a e Art.137, I. a que reingressaram (ou não) no curso - seção masculina - matrícula suplementar				
nº na matrícula	nome	motivo	ano de reingresso	ano do curso
1	Augusto Oliveira	Art.137-a		

Obs.: nos anos que não aparecem na tabela não houve registro do aluno no livro de matrícula

Tabela 11.5- Eliminações pelo Art. 137, I. a e 137-a/ 1º B

De acordo com a tabela acima, do aluno do 1º B ingressante e eliminado em 1928 pelo Art.137-a, não houve reingresso. Ao ser eliminado logo no ano de ingresso e não mais constar dos livros de matrículas posteriores a 1928, pode-se considerar que o mesmo não concluiu o curso no estabelecimento.

G. E. "Francisco Glicério"- Campinas				
1º C - Eliminados em 1928 pelo Art. 137-a e Art.137, l. a que reingressaram (ou não) no curso - seção masculina - matrícula suplementar				
nº na matrícula	nome	motivo	ano de reingresso	ano do curso
1	Bernardo de Lima	Art.137-a		
2	Carlos Jorge Mendonça	Art.137-a		
3	Arlindo Salles Nogueira	Art.137-a		
4	Jose Trote	Art.137-a		

Obs.: nos anos que não aparecem na tabela não houve registro do aluno no livro de matrícula

Tabela 12.6 - Eliminações pelo Art. 137, l. a e 137-a/ 1º C

Para os alunos listados na tabela referente ao 1º C – seção masculina – que ingressaram em 1928 e também foram eliminados nesse mesmo ano, não houve reingresso. Todos os alunos dessa tabela, não só não conseguiram cursar com também não conseguiram concluir o ensino primário.

Diante dessas análises, em relação às eliminações pelos artigos *Art.137-a* e *Art.137, l. a*, é pertinente considerar que apesar de a pesquisa não ter contemplado seus significados, pôde verificar que estas não eram eliminações excludentes, apenas afastavam os alunos temporariamente do curso, permitindo seus reingressos no mesmo ano e/ou em anos posteriores. Possibilitava, ainda, que ao reingressarem, novamente pudessem ser eliminados, não só por esses, como também, por outros motivos.

2.3- O perfil dos alunos reprovados

De acordo com o que foi verificado nas análises dos gráficos e tabelas anteriores, os alunos ingressantes no ensino primário, em 1928, no 1º Grupo Escolar “Francisco Glicério” de Campinas, que reprovaram, eram na maioria filhos de trabalhadores com melhores condições econômicas, embora houvesse também, entre eles, em menor número, filhos de profissionais com outro perfil econômico, ou seja, de condições mais modestas.

Tal fato vem corroborar o que se dizia na época de que:

“O grupo escolar era, pode-se dizer, um estabelecimento modelar [...] em geral era reservado, embora não intencionalmente, a uma clientela relativamente selecionada [...] ‘funcionando num só período’. São numerosos os depoimentos sobre as melhores condições sociais e econômicas dos alunos dos grupos escolares” (Antunha, 1976, p. 73).

Todavia, no que se refere ao funcionamento, ‘funcionando num só período’, como está posto pelo autor, é pertinente aclarar que, diverge sobremaneira ao encontrado nos livros de frequências pesquisados, de 1931 a 1934. Segundo esses livros, o 1º Grupo Escolar “Francisco Glicério” de Campinas funcionava em dois períodos: ‘primeiro período’ e ‘segundo período’.

Fato que pode ser comprovado pela existência de um ofício do diretor da instituição, encaminhado à autoridade municipal, solicitando uma vistoria no registro de água da escola, pois que: “A falta deste precioso líquido torna-se maior de dia para dia, e por esse motivo por diversas vezes tenho suspenso as aulas no período da tarde com real prejuízo para as crianças”. (Ofício do diretor do Grupo Escolar “Francisco Glicério” Adalberto Nascimento, de 23/4/1925 – Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal de Campinas, caixa de 1916-1930).

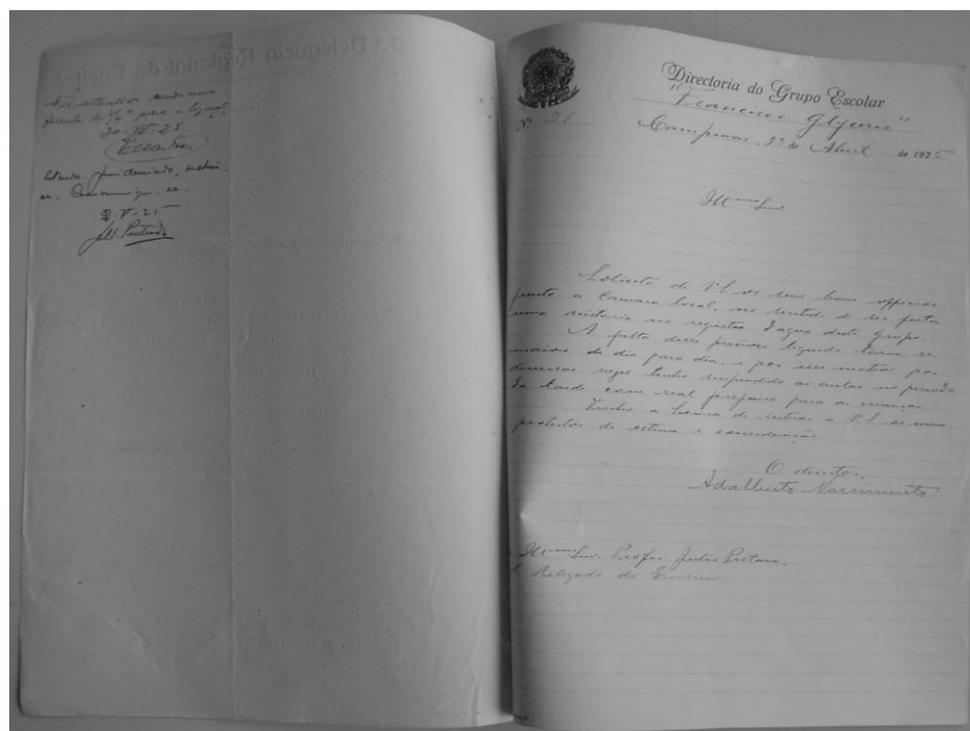


Figura 20. a - Ofício do diretor do Grupo Escolar “Francisco Glicério” Adalberto Nascimento, de 23/4/1925. Fonte: Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal de Campinas, caixa de 1916-1930.

De acordo com o documento o diretor vinha suspendendo as aulas, no período da tarde, por causa da falta de água, testemunhando assim que a instituição, em 1925, funcionava em mais de um período. Em consonância com a política de desdobramento implantada no estado desde 1908, como já visto anteriormente.

As condições de funcionamento da instituição prejudicava o aprendizado dos alunos.

Anexo a esse ofício do diretor foi expedido pela Delegacia Regional de Ensino outro documento, reinterando o pedido feito pelo diretor do Grupo Escolar “Francisco Glycerio”, no sentido de que fossem tomadas as providências solicitadas.

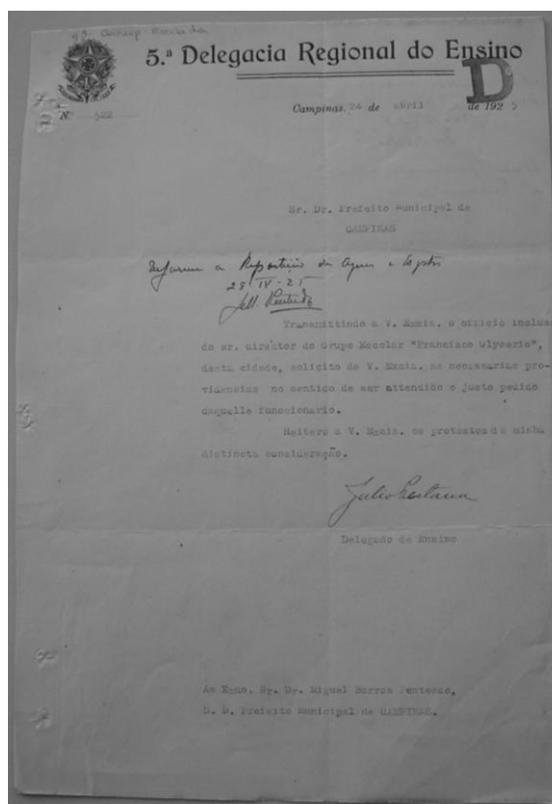


Figura 20.b - Ofício do Delegado de Ensino Julio Pestana, de 24/4/1925. Fonte: Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal de Campinas, caixa de 1916-1930.

5ª Delegacia Regional de Ensino
Campinas, 24 de abril de 1925
Sr. Dr. Prefeito municipal de Campinas
Transmito a V. Excia. o officio incluso do sr. director do Grupo Escolar “Francisco Glycerio”, desta cidade, sollicito de V. Excia. as necessarias providencias no sentido de ser attendido o justo pedido daquelle funcionario.

Reitero a V. Excia. os protestos de minha distincta consideração.

Julio Pestana

Delegado de Ensino

(Ofício do Delegado de Ensino Julio Pestana, de 24/4/1925 – Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal de Campinas, caixa de 1916-1930).

Os documentos revelam a seriedade do problema, a lentidão, e/ou, a dificuldade enfrentada pelos órgãos competentes em resolvê-lo de imediato, necessitando de formalização e intervenção de superiores.

Em relação à idade dos alunos, a maioria deles, no momento do ingresso no ensino primário no grupo escolar, estava em conformidade com o que determinava a lei, entre 7 e 12 anos, embora constem do livros matrículas, alunos ingressando aos 13 anos mas, que acabaram abandonando pouco depois. Conforme já visto também, a matrícula era facultada até os 16 anos. Mas as amostragens não identificaram a presença de alunos nessa faixa etária.

O documento abaixo, emitido pelo Delegado de Ensino Julio Pestana em 12/2/1924, destinado ao Sr. Dr. Miguel de Barros Penteadado Prefeito Municipal de Campinas, ao mesmo tempo em que informava, também solicitava aprovação para as medidas que havia tomado.

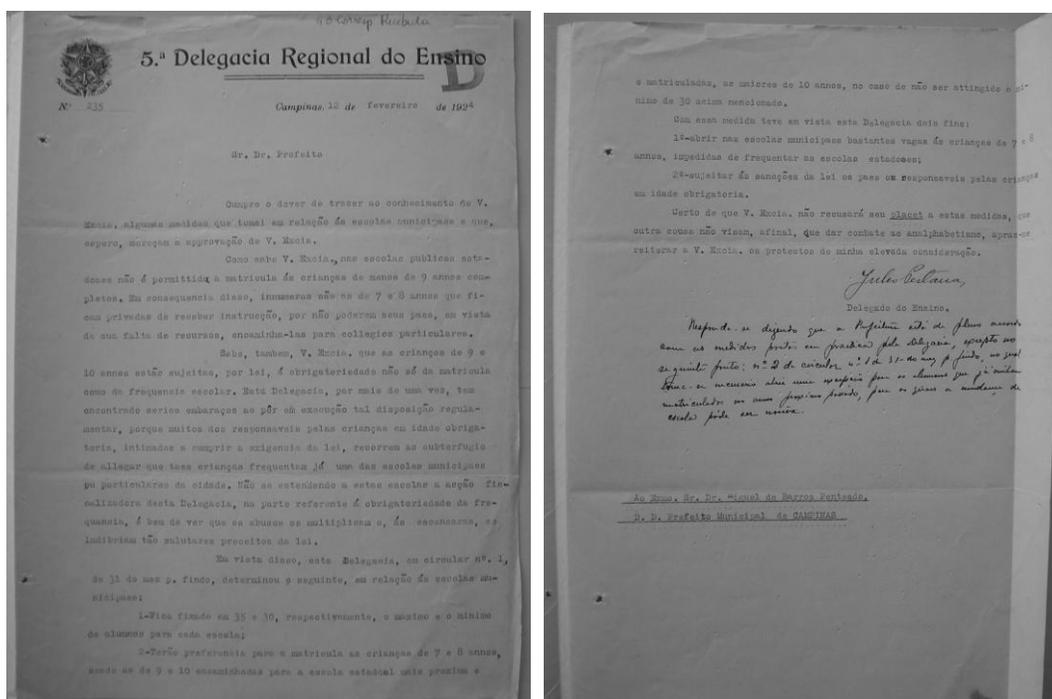


Figura 21 - Ofício do Delegado de Ensino Julio Pestana, de 12 de fevereiro de 1924. Fonte: Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal de Campinas, caixa de 1916 a 1930.

O conteúdo do documento dizia o seguinte:

“Como sabe V. Excia., nas escolas publicas estadoaes não é permittida a matrícula ás crianças de menos de 9 annos completos. Em consequencia disso, innumerass são as de 7 e 8 annos que ficam privadas de receber instucção, por não poderem seus paes, em vista de sua falta de recursos encaminha-las para collegios particulares.

Sabe, também, V. Excia. que as crianças de 9 e 10 annos estão sujeitas, por lei, a obrigatoriedade não só de matrícula como da frequência escolar. Esta Delegacia, por mais de uma vez, tem encontrado sérios embaraços ao pôr em execução tal disposição regulamentar, por que muitos dos responsáveis pelas crianças em idade obrigatória, intimados a cumprir a exigência da lei, recorrem ao subterfúgio de allegar que taes crianças frequentam já uma das escolas municipaes ou particulares da cidade e não se estendendo a estas escolas a acção fiscalizadora desta Delegacia, na parte referente á obrigatoriedade da frequência, é bem de ver que os abusos se multiplicam e, ás escancararas se ludribiam tão salutaes preceitos da lei.

Em vista disso, esta Delegacia, em circular nº 1, de 31 do mez p. findo, determinou o seguinte, em relação ás escolas municipaes:

1 – fica fixado em 35 e 30 respectivamente, o máximo e o mínimo de alumnos para cada escola;

2 - terão preferencia para a matrícula as crianças de 7 e 8 annos, sendo as de 9 e 10 encaminhadas para a escola estadual mais próxima e matriculadas, as maiores de 10 annos no caso de não ser attingido o mínimo de 30 acima mencionado.

Com essa medida teve em vista esta Delegacia dois fins:

1º – abrir nas escolas municipaes bastantes vagas ás crianças de 7 e 8 annos, impedidas de frequentar as escolas estadoaes.

2º - sujeitar ás sancções da lei aos paes ou responsáveis pelas crianças em idade obrigatoria”. (Oficio do Delegado de Ensino Julio Pestana, de 12 de fevereiro de 1924 (Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal de Campinas, caixa de 1916 a 1930).

Tais medidas tinham como fim combater o analfabetismo, no entanto algumas informações presentes no ofício divergem das prescrições da instrução pública para os grupos escolares. Conforme já visto, as matrículas nos grupos escolares deveriam ocorrer entre 7 e 12 anos e não aos 9.

O documento traz informações importantes sobre as condições financeiras de alguns pais, cujos filhos estavam fora da escola, devido à falta de recursos em encaminhá-los às escolas particulares, assim ficavam sem receber instrução. Outros pais, entretanto, desobedeciam a obrigatoriedade de colocar os filhos nas escolas públicas, alegando que os mesmos já frequentavam outras instituições municipais ou particulares. As medidas, segundo o delegado, pretendiam abrir vagas nas escolas municipais para crianças de 7 e 8 anos, que estivessem impedidas de frequentar as escolas estaduais, mas, conforme já visto, as análises deste trabalho mostraram crianças de 7 a 13 anos cursando o ensino primário no 1º Grupo Escolar ‘Francisco Glicério’. - O que explicaria tais contradições, procedentes da Diretoria de Ensino? A medida

ainda pretendia punir os pais que descumprissem a lei de obrigatoriedade e limitar em 30, 35 a quantidade alunos nas salas de aula.

Não foram encontrados documentos que comprovassem a exequibilidade dessas medidas. Surge a dúvida: efetivamente, essas medidas ficaram só no papel?

Outra característica, expressa através dos dados registrados nos livros de matrículas pesquisados, é de que havia muitos filhos de imigrantes. Muitos eram italianos, outros portugueses, espanhóis, e em quantidades menores, foi constatada a presença de austríaco* (*ao ser registrada a nacionalidade no livro de matrícula, o funcionário da instituição, limitou-se preenchê-lo apenas com a abreviatura, permitindo com isso a leitura ‘austríaco’) e russo. Para a seção feminina, 50 pais eram estrangeiros, contra 87 brasileiros; para a seção masculina 59 pais eram imigrantes contra 101 brasileiros. Dessa forma, ainda que houvesse muitos filhos de imigrantes, prevalecia a presença de pais brasileiros.

Sobre a naturalidade, para as duas seções, feminina e masculina, a maior incidência foi de alunos naturalizados na cidade de Campinas, mas havia a presença de alunos de outras cidades do estado de São Paulo, da própria capital, de outro estado e, inclusive de outros países. Além de a maioria ser campineira, residiam nas proximidades da escola, o que facilitava o deslocamento até o grupo escolar.

As análises realizadas, com base nas amostragens, também revelaram índices elevados de repetências e evasões logo nos primeiros anos do curso (1º e 2º ano), decrescendo à medida que caminhavam para os anos finais (3º e 4º), visto que, a quantidade de alunos que continuava persistindo em aprender os conteúdos da escola, também diminuía, mas ainda continuava ocorrendo. Taxas tão altas de repetências e evasões evidenciam que, esses alunos enfrentaram muitas dificuldades enquanto tentaram se alfabetizar - sem consegui-lo.

Outra característica em relação a esses alunos, que os gráficos e as tabelas revelaram, refere-se às eliminações, que em geral, davam-se pelo ‘Artigo 137, l. a’ e Artigo 137 – a, impreterivelmente, apenas nos dois primeiros anos do curso (1º e 2º), permitindo reingressos e novas eliminações nos anos seguintes pelos mesmos motivos ‘Artigo 137-a’ e ‘Artigo 137, l.a’, seguidas ainda de outros, como ‘mudanças’, ‘faltas’, ‘a pedido’ e ‘indisciplina’. Tais informações permitem inferências sobre a assiduidade desses alunos, que continuavam frequentando o curso, pois as faltas representavam um número muito pequeno das eliminações. Eliminações por motivo de ‘mudança’, e ‘a pedido’ eram comunicados à instituição,

oficializando a saída do aluno. Portanto, eram alunos que só se ausentavam da escola com/por razões óbvias.

Antes de finalizar esse item, retomando as considerações sobre a situação econômica das famílias dos alunos, outra classificação possível nestas análises merece atenção. Divergindo da primeira, que considerou algumas profissões como sendo pertencentes à categoria dos ferroviários, uma vez que, nos livros de matrículas não foram declaradas como sendo ‘ferroviários’; mas, assim foram consideradas, pois, se encaixavam no quadro da categoria dos ferroviários já apresentada neste trabalho. A segunda possibilidade que também merece reflexão é de que: as profissões registradas nos livros de matrículas que não foram declaradas como sendo ‘ferroviários’ e que se encaixaram no quadro da categoria dos ferroviários, *não sejam ferroviários*. Pois, se fossem ‘ferroviários’, por que os pais não se declaram como tal no momento da matrícula? Diante dessa falta de evidência, quanto a serem ou não pertencentes à categoria dos ferroviários e sob a ótica de uma segunda possibilidade: a de que não eram pertencentes a esta categoria, muitas dessas profissões deixaram de ser classificadas como de melhores rendimentos econômicos. Visto que, naquele momento, apenas a categoria dos ferroviários é que era considerada como a ‘nata do proletariado’²¹.

Isto posto, embora os trabalhos com o levantamento de informações, em relação às profissões, apontassem para a possibilidade de dois caminhos, de acordo com os resultados

²¹ N. A.: Ao se buscar justificativas que sustentassem a possibilidade de pertencerem a outras categorias – sem se saber ao certo a que categorias poderiam pertencer, foi ficando cada vez mais evidente que a categoria dos ferroviários dispunha de certa primazia econômica: A literatura relata a insatisfação do operariado motivando muitas greves por melhores salários e melhores condições de trabalho no início do século XX. Em Campinas, a greve de 1905 foi encabeçada pelos ferroviários da Cia Mogiana. (Leme, 1986, p. 64). Na greve de 1906, dos ferroviários da Cia Paulista, “os empregados reclamavam ainda, que proporcionalmente a uma época recente anterior, houve um rebaixamento nos salários que deixara de ser suficientes para o sustento da família”. (Leme, 1986, p. 84). Segundo Segnini, (1982), [...] A “greve de 1906 [...] se estendeu a ferroviários da Companhia Mogiana, chapeleiros, gráficos, sapateiros e mecânicos. Em todas as cidades atingidas pela greve, os comerciantes solidarizaram-se com o movimento, posto que, neste momento, a nascente classe média identificava-se com a classe dos trabalhadores da qual se sentia mais próxima do que de uma ‘empresa poderosa’ como era a Cia Paulista” (p. 49).

O que se entende com as palavras acima é de que a nascente classe média composta pelos ferroviários da Mogiana, chapeleiros, gráficos, sapateiros e mecânicos – se solidarizavam aos trabalhadores da Cia Paulista. Reforçando que os profissionais mencionados se inseriam nas camadas da população com melhores condições socioeconômicas.

Em 1917 houve a greve geral. Segundo Segnini, (1982), “O grande conflito de 1917, que resultou em prisões e mortes de trabalhadores, não teve o apoio dos ferroviários da Companhia Paulista. Frente às opressões dos trabalhadores, antes mesmos que eles aderissem ao movimento grevista, a proposta salarial foi aceita pela diretoria da empresa...” (p. 58).

Acentuando a ideia de que era uma categoria que já desfrutava de benefícios, por isso, em 1917, esteve fora das reivindicações.

obtidos, considerando-se as duas possibilidades, ainda assim houve a prevalência de uma única. De alunos filhos de pais com melhores rendas econômicas, conforme já dito anteriormente.

2.4 – Repetências e evasões

As Repetências, conforme visto, através das análises dos gráficos nas páginas anteriores, ocorriam em números elevados no curso primário do Grupo Escolar “Francisco Glicério”.

Para a *seção feminina, nas matrículas iniciais*, ocorreram com maiores incidências logo nos 1ºs e 2ºs anos do curso. Diminuíam, à medida que as alunas seguiam para os 3ºs e 4ºs anos, quando o número de alunas frequentando o curso já estava bem reduzido também, revelando elevados índices de evasões; para as *matrículas suplementares*, pôde-se perceber que houve maior número de repetências para os 1ºs anos do curso. (Nos 2ºs ano, as repetências ocorreram para duas turmas uma única vez e para uma pequena quantidade de alunas. Para apenas uma turma do curso, duas alunas reprovaram duas vezes). Para os 3ºs anos ocorreram repetências em duas turmas. Nos 4ºs anos do curso primário uma aluna repetiu uma única vez.

Não muito diferente foi o que se pôde perceber em relação a *seção masculina, nas matrículas iniciais*, em que as reprovações também ocorreram para maior número de alunos e em maior número de vezes, logo nos anos iniciais, 1ºs e 2ºs anos do curso. Após esses anos, continuaram a ocorrer em número de vezes, mas com número menor de alunos, visto que, já era reduzido o número de alunos frequentando o curso; para as *matrículas suplementares*, as repetências ocorreram com a mesma regularidade em relação às outras turmas, até 4 vezes para os 1ºs anos, 2 vezes para os 2ºs anos, 1 vez para os 3ºs e 1 vez para duas turmas de 4º ano. Ou seja, assim como para a seção feminina - matrículas iniciais e suplementares e seção masculina - matrículas iniciais as quantidades de vezes que esses alunos repetiam também foram altas.

As evasões, tanto para as meninas quanto para os meninos, ocorriam de um ano para o outro, com maior incidência se comparadas às reprovações. Conforme as tabelas referentes às quantidades de alunos e alunas, cujos nomes deixavam de constar dos livros de matrículas, os números eram bem significativos. Expressam um abandono silencioso, pouco a pouco, ano a ano, sem que se registrassem ou fossem informados os motivos.

É importante destacar também que eliminações, em geral, davam-se pelo ‘Artigo 137, l. a’ e Art.137 – a, impreterivelmente, apenas nos dois primeiros anos do curso (1º e 2º), permitindo

reingressos e novas eliminações nos anos seguintes pelos motivos ‘Art.137-a’ e ‘Art,137, l. a’, seguidas ainda, pelos motivos ‘mudanças’, ‘faltas’, ‘a pedido’ e ‘indisciplina’. Tais informações possibilitam inferências sobre a assiduidade daqueles alunos, que continuavam frequentando o curso, pois as faltas representavam um número muito pequeno das eliminações. Eliminações por motivo de ‘mudança’, e ‘a pedido’ que eram comunicados à instituição, oficializando a saída do aluno.

Quais teriam sido as razões que não puderam ser expressas, oficializadas, justificadas? Quais teriam sido os impedimentos para que esses alunos tivessem permanecido na escola e concluído o curso mínimo de alfabetização?

São várias as hipóteses. Segundo relatório apresentado pelo prof. Pedro Voss, diretor geral da instrução pública, em 1926, um dos possíveis motivos para a evasão escolar era: “de acordo com a necessidade do braço infantil nos trabalhos agrícolas [...] em épocas de colheita do algodão”. (Anuário do ensino do estado de São Paulo, 1926, Movimento escolar, p. 249. Disponível em: <<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/upload/revistas/AEE19260000.pdf>>. Acesso 21/07/2013.

Souza, (1998), além de repetir a possibilidade do motivo acima, acrescenta outro: “A necessidade do trabalho dos filhos menores para complementar o orçamento familiar não era o único obstáculo à continuidade dos estudos. O curso primário era um curso difícil” (p. 185).

O curso era considerado difícil devido ao extenso programa com o qual se compunha o ensino primário para aquela época.

De acordo com o decreto n. 2.944 de 8 de agosto de 1918 o programa de ensino para os grupos escolares do estado de São Paulo estava assim composto:

Programa de ensino para os Grupos Escolares sintetizado segundo o quadro seguinte:

Síntese do programa de ensino para os Grupos Escolares do estado de São Paulo	
Tabela comparativa do 1º, 2º, 3º e 4º ano	
1.º ANNO	2.º ANNO
Leitura	Leitura
Linguagem oral	Linguagem oral
Linguagem escripta	Linguagem escripta
Calligraphia	Calligraphia
Arithmetica	Geometria
Geometria	Geographia
Geographia.	Historia do brasil
Historia do brasil	Instrucção civica e moral ,
Instrucção moral e civica	Sciencias physics e naturaes.
Sciencias physics e naturaes	Musica
Música	Desenho
Desenho	Trabalho manual
Trabalho manual	a) Alinhavos em cartão, executados a cores, sobre modelos diversos, representando figuras de animais, flores e outros motivos decorativos. b) Modelagem de objetos usuais. Secção feminina: c) Crochê, pontos, alinhavos, pospontos, pospontos no claro, pontos fechados e abertos, pontos de remate. Preparação e modo de franzir. Franzidos duplos.
Exercicios gymnasticos	Gymnastica
3.º ANNO	4.º ANNO
Leitura	Leitura
Linguagem oral	Linguagem oral
Linguagem escripta	Linguagem escripta
Calligraphia	Calligraphia
Arithmetica	Arithmetica
Geometria	Geometria.
Geographia	Geographia
Historia do brasil	Historia do brasil
Instrucção moral e civica	Instrucção moral e civica
Economia domestica	Educação domestica e puericultura
Sciencias physics e naturaes - hygiene	Sciencias physics e naturaes - hygiene
Música	Musica
Desenho	Desenho
Trabalhos manuaes	Trabalho manual
Gymnastica	Gymnastica
Obs: O texto com o programa completo de ensino para os Grupos Escolares encontra-se no Anexo II deste trabalho.	

Quadro 4 - Programa de ensino para os Grupos Escolares sintetizado – (decreto n. 2.944 de 8 de agosto de 1918).

De acordo com o quadro acima, comparando com os outros anos, Arithimetica era uma disciplina que não constava para o 2º ano do curso primário, e cada uma das disciplinas em especial, para cada ano, traziam peculiaridades, algumas rememorando lições do ano anterior (*vide programa completo – Anexo II*).

Da forma como estava prescrito, o programa para o ensino primário possuía conteúdos amplos e abrangentes. Constituindo-se em um currículo qualificado como ‘enciclopédico’, com vistas a oferecer “uma educação integral que prepare os indivíduos para uma vida social completa, desenvolvendo-lhe os aspectos intelectuais, morais e físicos”. (TEIXEIRA Jr., 2011, p.113).

Ainda de acordo com este autor:

De forma bastante abreviada, Buisson [...] Apresenta ainda como pertinente a utilização de procedimentos intuitivos na instrução primária, sobretudo ao considerar a expansão do programa deste nível de ensino, em direção a uma formação enciclopédica, uma vez que currículo que anteriormente se restringia ao aprendizado do “ler, escrever e contar” passou a incorporar, em função das próprias necessidades concretas, outros ramos de conhecimentos, tais como a geografia, a história, o canto, o desenho, a história natural, entre outros (p. 59).

Assim, além de um currículo extremamente abrangente, com aulas de segunda a sábado, o Estado determinava o método a ser utilizado. O método intuitivo de acordo com Souza, (1998), “consistia na valorização da intuição como fundamento de todo conhecimento, isto é, a compreensão de que a aquisição dos conhecimentos decorria dos sentidos e da observação” (p. 159).

DIRECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PUBLICA HORARIO PARA ESCOLA URBANA

Divisão do tempo	Duração	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sabado
De 10.55	5 minutos	Signal para entrada	Signal para entrada	Signal para entrada	Signal para entrada	Signal para entrada	Signal para entrada
De 11	20	Canto e chamada	Canto e chamada	Canto e chamada	Canto e chamada	Canto e chamada	Canto e chamada
De 11.20	20	Letura Exercícios	Arithmetica Exercícios	Letura Exercícios	Letura Exercícios	Arithmetica Exercícios	Letura Exercícios
De 11.40	20	Letura Exercícios	Arithmetica Exercícios	Letura Exercícios	Letura Exercícios	Arithmetica Exercícios	Letura Exercícios
De 12	20	Linguagem oral Exercícios	Linguagem escrita Exercícios	Linguagem oral Exercícios	Linguagem escrita Exercícios	Linguagem oral Exercícios	Linguagem escrita Exercícios
De 12.20	20	Letura Exercícios	Arithmetica Exercícios	Letura Exercícios	Letura Exercícios	Arithmetica Exercícios	Letura Exercícios
De 12.40	20	Geographia Exercícios	Geographia Exercícios	Geographia Exercícios	Geographia Exercícios	Educação domestica Exercícios	Instr. moral e civica Exercícios
De 13	20	Letura Exercícios	Arithmetica Exercícios	Letura Exercícios	Letura Exercícios	Arithmetica Exercícios	Letura Exercícios
De 13.20	20	Historia Exercícios	Historia Exercícios	Historia Exercícios	Historia Exercícios	Educação domestica Exercícios	Instr. moral e civica Exercícios
De 13.40	20	Preparo para o Recreio	Preparo para o Recreio	Preparo para o Recreio			
De 14.00	20	Entrada e canto	Entrada e canto	Entrada e canto	Entrada e canto	Entrada e canto	Entrada e canto
De 14.15	20	Letura Exercícios	Arithmetica Exercícios	Letura Exercícios	Letura Exercícios	Arithmetica Exercícios	Letura Exercícios
De 14.35	20	Sciencias physicas naturaes e hygiene Exercícios	Educação domestica Exercícios	Instr. moral e civica Exercícios			
De 14.55	20	Calligraphia Exercícios	Calligraphia Exercícios	Calligraphia Exercícios	Calligraphia Exercícios	Calligraphia Exercícios	Trabalhos manuaes
De 15.15	20	Geometria Exercícios	Geometria Exercícios	Geometria Exercícios	Geometria Exercícios	Geometria Exercícios	Trabalhos manuaes
De 15.35	20	Desenho	Gymnastica	Desenho	Desenho	Gymnastica	Sabida
De 15.55	20	Sabida	Sabida	Sabida	Sabida	Sabida	Sabida

Observações: — Os exercicios de occupação deverão ser feitos alternadamente e envolvido copias, numeros, tomos, leitura silenciosa, desenho livre, contos etc. As aulas marcadas com letra preta são dadas directamente pelo professor, enquanto os alumnos das outras classes occupar-se com os trabalhos marcados com letra clara. O professor dispensará cuidado diariamente a proposito da hygiene individual de seus alumnos. Este horario pode ser modificado de accordo com as exigencias do ensino em cada escola. Os exercicios de esotismo podem ser feitos extra-horario.

Directoria Geral da Instrução Publica, 21 de Janeiro de 1919.

Figura 22 - Diretoria Geral da Instrução Pública – Horário para Escola Urbana de 21/01/1919. Fonte: Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal de Campinas, caixa de 1916-1930.

Com esse modelo de ensino, procurava-se superar o modelo tradicional (do ler, escrever e contar) que formava:

“Alunos com domínio insuficiente de leitura e escrita e com noções de cálculo insatisfatórias, principalmente pelo fato de alicerçar a aprendizagem exclusivamente na memória, priorizar a abstração, valorizar a repetição em detrimento da compreensão e impor conteúdos sem exame e discussão [...] a instrução parece dedicada a fazer com que as crianças 'aprendam hoje para compreender amanhã' e que os professores 'admiram a criança que fala como um livro e responde como um oráculo, pouco importando se ela não compreende a questão nem a pergunta'”. (VALDEMARIN, 1998, apud SOUZA, VALDEMARIN E ALMEIDA, 1998: 83, apud TEIXEIRA Jr., 2011, p. 22.)

Por conta dessa abrangência e demanda de exigências contidas nesse amplo currículo, pode-se pensar na hipótese de que muitas crianças apresentavam dificuldades nessa aprendizagem, ocasionando tantas reprovações e desistências.

[...] “O primário era como o de hoje, mas, mais puxado. Quase todo mundo repetia no segundo ano [...]” (Depoimento do sr. Amadeu, nascido em 1906, no Brás, cidade de São Paulo. Filho de italianos, o pai era alfaiate e a mãe costureira. BOSI, E. B. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: Edusp. T. A. Queirós, 1987, p. 82. Citado por Souza, 1998, p. 84). [...] “Quando não passei para o quarto ano foi por causa da aritmética: eu chorei tanto quando soube que precisaram me levar para a sala do diretor [...]” (Depoimento de d. Alice, costureira, filha de uma empregada doméstica. BOSI, E. Op. cit., p. 54, citado por Souza, 1998, p. 84).

Esses são depoimentos isolados, não confirmam a pressuposição de que as desistências e evasões ocorressem pelo grau de dificuldade com que se apresentava o rigoroso sistema, mas, apontam para a possibilidade de que isso pudesse, de fato, ocorrer.

Outra perspectiva que se pode considerar para justificar tantas desistências e abandonos, pode ser pelo número elevado de matrículas em cada sala de aula, em cada ano do curso. Salas muito cheias poderiam prejudicar o aprendizado de conteúdos tão complexos e ainda, representar motivos para tantas repetências e evasões. Conforme visto na descrição dos livros de matrículas, as salas eram sempre cheias. E com salas tão cheias, será que o professor conseguia ensinar a todos com o mesmo cuidado e êxito?

O fato de muitos pais serem imigrantes também poderia ser considerado motivo de dificuldade para o aluno na escola. Este aluno poderia estar acostumado com um idioma em casa e ter que interagir na escola através de outro. Por não conseguir essa interação,

consequentemente, ser-lhe-ia dificultado aprender o que era ensinado na escola. Fazendo-o repetir o ano ou mesmo abandoná-la.

Não bastassem essas possibilidades, outra situação relevante de se ponderar refere-se às condições de funcionamento do edifício em que estava instalado o Grupo Escolar “Francisco Glicério” de Campinas. Elas poderiam não estar tão adequadas quanto deveriam. Consoante ao que foi revelado, através do documento emitido pelo diretor do grupo, sobre a falta de água, que vinha provocando a suspensão das aulas, com reais prejuízos aos alunos. Quem sabe esses ‘reais prejuízos’ naquele ano e em outros não tenham ocasionado algumas das reprovações ou até mesmo algumas das evasões?

Por certo, são diversas as possibilidades para se justificar números tão elevados de repetências e evasões. Do presente distante, de onde se lança o olhar e se procura encontrar ou dar algum sentido para esses acontecimentos, torna-se difícil comprovar qualquer uma delas.

3. Capítulo. 3 – Trajetórias de sucessos

Neste capítulo busca-se compreender as trajetórias delineadas pelos alunos do Grupo Escolar “Francisco Glicério” que ingressaram no ensino primário em 1928 e concluíram o curso. Meninas e meninos que foram “Promovidos” no 4º ano e que obtiveram êxito escolar.

3.1 – As etapas de trabalho e o levantamento dos dados - Meninas e meninos

O que e como foi feito: Após o desenvolvimento geral das amostragens, com base nos livros de matrículas das seções femininas e masculinas, e a tabulação das reprovações, pouco a pouco, foram aparecendo os nomes dos alunos que passaram de um ano para outro (do curso), ao longo dos anos (do tempo), até chegarem ao 4º ano, ou que, apesar de reprovarem um ou mais anos do curso, conseguiram concluir, constando os dizeres ‘Promovida’, ‘Promovido’ no campo observações dos respectivos livros. Entretanto, quando se constatou a ausência dessas observações, pairou a dúvida²² sobre se tinham, ou não, concluído o curso.

Somente após *terem sido realizados* os cruzamentos dos resultados obtidos nas amostragens, com os dados do livro de registro de promoções dos alunos, é que foi possível chegar ao resultado final. Com todos (as) os promovidos (as) no 4º ano do ensino primário.

De posse dessas informações e com o intuito de possibilitar uma melhor visualização de todos esses dados, assim como foi feito para os alunos que não conseguiram concluir o curso, foram construídos quadros, gráficos e tabelas que serão explicitadas nas páginas a seguir.

O que foi encontrado: os resultados obtidos quanto às promoções dos alunos e alunas, expressam uma breve ideia a respeito desses meninos e meninas em suas passagens pela instituição. Percebeu-se que havia variedade na faixa etária, contudo, prevalecia o ingresso aos 7, 8 e 9 anos de idade para ambas as seções. Muitos eram filhas (os) de brasileiros, mas havia também uma forte presença de imigrantes, sobretudo italianos. Vários pais desses alunos (as) eram trabalhadores com profissões que, num mesmo ano ou em mais de um ano, iam mudando (*de profissão*) e se adequando. Apenas uma aluna do 1º B concluiu o ensino primário sem

²² No cruzamento das amostragens com os livros Atas de Exames Finais não foram encontradas correspondências que esclarecessem essas dúvidas.

reprovar nenhum ano, contra cinco da seção masculina, dois do 1º C das matrículas iniciais e um do 1º C das matrículas suplementares e dois do 1º A. Estes resultados e outros poderão ser visualizados logo mais adiante com os gráficos.

3.2 – As tabelas

Assim como para os alunos que não obtiveram sucesso, apresentados no capítulo 2, para os alunos que concluíram o ensino primário, o desenvolvimento das amostragens também seguiu uma ordem de cunho organizacional e produziu o seguinte esquema:

Seção feminina – com base nos livros de matrículas e livro de registro das promoções Tabela geral com os nomes das alunas ‘Promovidas no 4º ano’ – ingressante em 1928 do ‘1º G. E. “Francisco Glicério” de Campinas.

Seção masculina – com base nos livros de matrículas e livro de registro das promoções Tabela geral com os nomes dos alunos ‘Promovidos no 4º ano’ – ingressante em 1928 do ‘1º G. E. “Francisco Glicério” de Campinas.

3.2.1 - Organização e análise das tabelas

Seguindo o mesmo critério (organizacional) utilizado para o desenvolvimento das amostragens – os dados obtidos foram dispostos em tabelas com o objetivo de facilitarem a visualização e as futuras análises.

Meninas

Tabela: Promovidas no 4º ano - Seção feminina - G. E. "Francisco Glicério" Campinas

Seguidos dos gráficos gerados a partir das informações constantes das categorias de preenchimento: idade, naturalidade, nacionalidade dos pais, profissão dos pais, e nº de repetências.

Gráfico – idade – seção feminina

Gráfico – naturalidade – seção feminina

Gráfico – profissão dos pais – seção feminina (matrículas iniciais e suplementares)

Gráfico – com número de repetências – seção feminina

Meninos

Tabela: Promovidos no 4º ano - Seção masculina - G. E. "Francisco Glicério"

Campinas

Seguidos dos gráficos gerados a partir das informações constantes das categorias de preenchimento: idade, naturalidade, nacionalidade dos pais, profissão dos pais, e nº de repetências.

Gráfico – idade – seção masculina

Gráfico – naturalidade – seção masculina

Gráfico – profissão dos pais – seção masculina (matrículas iniciais e suplementares)

Gráfico – com número de repetências – seção masculina

PROMOVIDAS no 4º ano - Seção feminina - G.E. "Francisco Glicério" Campinas-										
Qtde	Nome	Idade	Aluna naturalidade	Pai/ naturalidade	Profissão do pai	Qtd de anos para a formação	Ano/n. de vezes que cursou o ano	Turma de ingresso	Ano de ingresso	Observações
1	Annie Venditte	8	Campinas	Italiano	Barbeiro	5	4º ano/2x	1º A	1928	
2	Bruna Simi (suplementar)	8	Campinas	Italiano	Mecânico Mecânico	4	0	1º B	1928	
3	Carlota de Moraes	9	Campinas	Port.	Negociante Comércio	6	3º ano/3x	1º B	1928	
4	Carmem Astolphi	7	Campinas	Italiano	Pintor	5	2º ano/ 2x	1º A	1928	
5	Catharina Correa da Costa	8	São Paulo	Bras.	Dentista	6	1º ano/2x e 4º ano/ 2x	1º C	1928	
6	Clementina Moraccini	9	Campinas	Bras.	Empregado Comerciante Contador Guarda-livro Contador	5	2º ano/2x	1º C	1928	
7	Dirce Xavier Pedroso	7	Campinas	Bras.	Empregado Serv. Dom. Proprietário Doméstica Typógrafo Lavrador	6	2º ano/2x e 4º ano/2x	1º C	1928	
8	Iracema Batista	8	E. Sto Pinhal	Bras.	Lavadeira	6	2º ano/2x e 4º ano/2x	1º B	1928	
9	Iride Baldo	9	S J do Rio Pardo	Italiano	Sapateiro	5	2º ano/2x	1º B	1928	
10	Isabel Barbosa (suplementar)	7	Campinas	Bras.	Prof.	6	1º ano/3x	1º A	1928	
11	Margarida Belloni	8	Campinas	Bras.	Ferrovário	6	1º ano/2x e 4º ano/2x	1º C	1928	
12	Maria Aparecida Martini	8	Campinas	Italiano Brasileiro Brasileiro Brasileiro	Chaffeur	5	2º ano/2x	1º A	1928	
13	Maria aparecida Teixeira	8	Itapira Campinas Campinas Guaratinguetá Guaratinguetá	Bras.	Obs*	Obs*	1º ano/2x	1º B	1928	*Não consta em 1930 mas conclui o curso pai: Ignácio Teixeira Empregado - Ignácio Teixeira Operário Ignácio Teixeira Operário Antonio Teixeira Prof. Antonio Teixeira Prof.
14	Maria de Lurdes Puschio	9	Campinas	Ital.	Empregado Negociante	6	2º ano/2x e 4º ano/2x	1º B	1928	
15	Myrian Assis Pacheco	7	Santos	Brasileiro	Guarda livros	5	Obs*	1º A	1928	* nos anos 1929, 1930 e 1931 não consta o nome nos livros de matr.
16	Nair Castanho Negrel	9	Campinas	Brasileiro	Marcineiro Carpinteiro Marcineiro Marcineiro Marcineiro	5	3º ano/2x	1º A	1928	
17	Odette Gentil Macedo	8	Sertãozinho	Bras./Port.	Padeiro	5	2º ano/2x	1º B	1928	
18	Rosa Miguel Chatti	8	Campinas	Syrio	Negociante	5	2º ano/2x	1º A	1928	

Tabela: 13 – Referente às alunas que foram promovidas e conseguiram concluir o ensino primário – seção feminina - que ingressaram em 1928, no Grupo Escolar “Francisco Glicério” (matrículas regulares e suplementares).

A partir da tabela acima foram gerados gráficos que são apresentados e analisados a seguir:

Gráfico – idades – seção fem. – (Promovidas) matrículas iniciais e suplementares

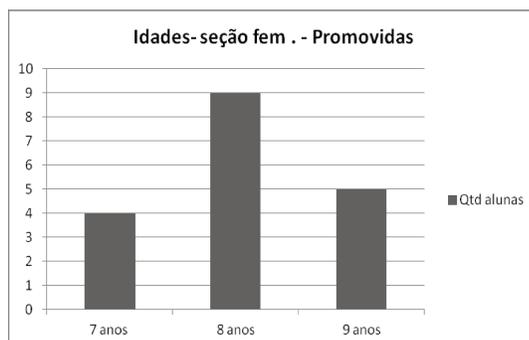


Gráfico 13 – idades – seção fem. – (Promovidas) matrículas iniciais e suplementares

De acordo com o gráfico acima, a grande maioria das alunas promovidas ingressaram aos 8 anos de idade, seguidas das de 9 e 7 anos.

Gráfico – naturalidades – seção fem. – (Promovidas) matrículas iniciais e suplementares

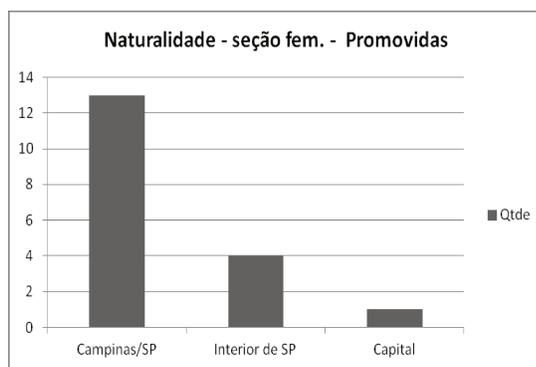


Gráfico 14 - Gráfico – naturalidades – seção fem. – (Promovidas) matrículas iniciais e suplementares

O gráfico acima mostra que grande parte das alunas eram nascidas em Campinas/SP, e residentes nas proximidades da escola, com minorias nascidas em outras cidades do interior do estado e da própria capital.

Profissão e nacionalidade do pai - seção feminina - matrículas iniciais –

Antes de iniciar as análises para o grupo de alunas (os) aprovadas (os) no ensino primário do Grupo Escolar “Francisco Glicério”, vale dizer que o mesmo procedimento de análise adotado para o grupo de alunos que reprovaram e não concluíram o ensino primário, será adotado aqui, para os alunos que concluíram o curso. Assim, seguem as análises.

G. E. "FRANCISCO GLICÉRIO" - CAMPINAS			
1º A - SEÇÃO FEMININA - MATRÍCULA INICIAL			
nº na matrícula	nome da aluna	profissão do pai	nacionalidade do pai
6	Annie Venditte	Barbeiro	Ital.
12	Carmem Astolphi	Pintor	Ital.
23	Maria Aparecida Martini	Motorista	Ital.
25	Myrian Assis Pacheco	Guarda-livros	Bras.
27	Nair Castanho Negrel	Marcineiro	Bras.
32	Rosa Miguel Chatti	Negociante	Syrio

Tabela 13. 1 - Profissão e nacionalidade do pai 1º A - seção feminina - matrícula inicial

Para as alunas do 1º A – seção feminina – matrícula inicial o número de pais com profissões de melhor rentabilidade econômica era de 6 (barbeiro, pintor, motorista, guarda-livros, marcineiro e negociante); ou ainda, excluindo-se a profissão de pintor que se encaixa no quadro da categoria dos ferroviários, ainda assim prevelece a maioria de pais com melhores condições econômicas. As nacionalidades se compunham de dois brasileiros, três italianos e um syrio.

G. E. "FRANCISCO GLICÉRIO" - CAMPINAS			
1º B - SEÇÃO FEMININA - MATRÍCULA INICIAL			
nº na matrícula	nome da aluna	profissão do pai	nacionalidade do pai
3	Carlota de Moraes	Negociante	Port.
16	Iracema Baptista	Prendas domést.	Bras.
18	Iride Baldo	Sapateiro	Ital.
21	Maria Aparecida Teixeira	Empregado/oper./prof.	Bras.
22	Maria de Lourdes Purchio	Empregado/ negoc.	Ital.
25	Odette Gentil de Macedo	Padeiro	Bras.

Tabela 13. 2 - Profissão e nacionalidade do pai 1º B - seção feminina - matrícula inicial

Para as alunas do 1º B – seção feminina – matrícula inicial o número de pais com profissões de menores condições econômicas era 2 (prendas domésticas e padeiro); de melhores condições econômicas era 2 (negociante e sapateiro); e para duas alunas, as profissões dos pais (empregado/oper./prof. e empregado/negoc.), constantes nos livros de matrículas, levam a uma classificação diferente, na qual envolvem, ao mesmo tempo, as duas classificações econômicas adotadas neste trabalho. Diante disso, como justificá-las? As poucas informações registradas nos livros de matrículas permitem análises com base em indícios ou probabilidades, mas não a irrefutável presença de uma única.

As nacionalidades se compunham de três brasileiros, dois italianos e um português.

G. E. "FRANCISCO GLICÉRIO" - CAMPINAS			
1º C - SEÇÃO FEMININA - MATRÍCULA INICIAL			
nº na matrícula	nome da aluna	profissão do pai	nacionalidade do pai
7	Catharina Corrêa da Costa	Dentista	Bras.
9	Clementina Maracin	Empregado	Bras.
10	Dirce Xavier	Empregado/serv. domést./ proprietário/doméstica/typógrafo/lavrador	Bras.
25	Margarida Bellone	Ferrovário	Bras.

Tabela 13. 3 - Profissão e nacionalidade do pai 1º C - seção feminina - matrícula inicial

Para as alunas do 1º C – seção feminina – matrícula inicial o número de pais com profissões de menor condição econômica era de 1 (empregado); e de melhor condição econômica era de 2 (dentista e ferroviário). As nacionalidades se compunham de brasileiros.

Para a aluna Dirce Xavier, para cada ano em que esteve matriculada no ensino primário do 1º Grupo Escolar de Campinas, foi registrado uma informação diferente para a profissão do pai. De acordo com a tabela acima, primeiro aparece empregado, no ano seguinte quem matriculou a filha foi a mãe e declarou-se como trabalhadora dos serviços domésticos, no ano seguinte quem registrou a aluna no curso informou a profissão de proprietário²³. Como a aluna levou seis anos para concluir o curso, no ano seguinte (após o registro dessa profissão), novamente, a pessoa responsável por ela, ao fazer a matrícula para o ano letivo, informou a profissão de doméstica. No ano seguinte, o responsável pela aluna declarou-se tipógrafo e por último, no ano em que diplomou-se no ensino primário, o responsável estava exercendo a profissão de lavrador. O que justificaria tantas variações profissionais? Quando a matrícula foi realizada pela mãe, quais os impedimentos haveriam em relação serem/terem sido realizadas pelo pai?

Segundo o modelo de análises utilizado até aqui, serviços domésticos e doméstica, pertenceriam as profissões de menor condição econômica. Contudo, essa situação, em que foram registradas várias profissões, (Empregado/serviços domésticos/proprietário/doméstica/ tipógrafo/ lavrador) revelou a profissão de doméstica e serviços domésticos *não* como atividades remuneradas, mas, como condição social da esposa, mãe, dona de casa, que zelava pelo bem estar de sua família.

Assim, por esta profissão não ser remunerada e por não ter um status social, as classificações já realizadas, neste trabalho, mantiveram-se inalteradas. Ou seja, a de que pertenciam aos grupos das profissões de menores condições econômicas. No entanto, proprietário/typógrafo/lavrador pertenceriam às profissões com melhores condições econômicas.

²³De acordo com o livro REGISTRO ESCOLAR – MATRÍCULA, PROFESSORES E APARELHAMENTO ESCOLAR (Modelo I) Convênio de Estatísticas Educacionais de 1931, livro pertencente aos documentos do arquivo do 1º Grupo Escolar “Francisco Glicério” de Campinas; na página referente ao indicador das principais profissões, consta impressa uma lista, em ordem alfabética, com várias profissões, dentre elas a *profissão ‘proprietário’*, mas, não especifica a que se refere – de que?.

Profissão e nacionalidade do pai - seção feminina - matrículas suplementares -

G. E. "FRANCISCO GLICÉRIO" - CAMPINAS				
1º A - SEÇÃO FEMININA - MATRÍCULA SUPLEMENTAR				
nº na matrícula	nome da aluna	profissão do pai	nacionalidade do pai	data ingresso
5	Izabel Barbosa	Prof.	Bras.	25-4-928

Tabela 13. 1.1 - Profissão e nacionalidade do pai 1º A - seção feminina - matrícula suplementar

Para a aluna do 1º A – seção feminina – matrícula suplementar o número de pai com profissão de melhor condição econômica (prof.) era 1, sendo ele brasileiro.

G. E. "FRANCISCO GLICÉRIO" - CAMPINAS			
1º B - SEÇÃO FEMININA - MATRÍCULA SUPLEMENTAR			
nº na matrícula	nome da aluna	profissão do pai	nacionalidade do pai
1	Bruna Simi	Mechanico	Ital.

Tabela 13. 2.1 - Profissão e nacionalidade do pai 1º B - seção feminina - matrícula suplementar

Para as alunas do 1º B – seção feminina – matrícula suplementar o número de pai com profissão de melhor condição econômica (mecanico) era de 1. Italiano.

###

Para as alunas do 1º C – seção feminina – matrícula suplementar não houve a promoção de nenhuma aluna.

Gráfico – quantidades de anos para a formação – seção fem. – (Promovidas) matrículas iniciais e suplementares

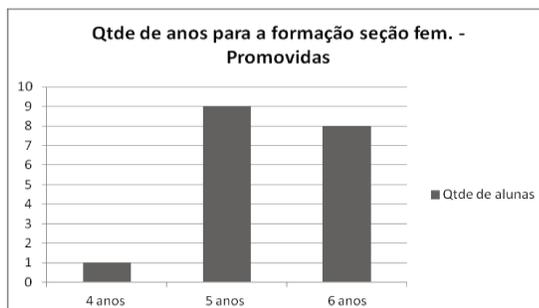


Gráfico 15 - Gráfico – quantidades de anos para a formação – seção fem. – (Promovidas) matrículas iniciais e suplementares

De acordo com o gráfico acima, a maioria das alunas demoraram 5 anos para concluírem o curso, seguidas de alunas que levaram 6 anos, e apenas uma concluiu o curso sem repetir nenhum ano.

Gráfico – núm. de repetências – seção fem. – (Promovidas) matrículas iniciais e suplementares

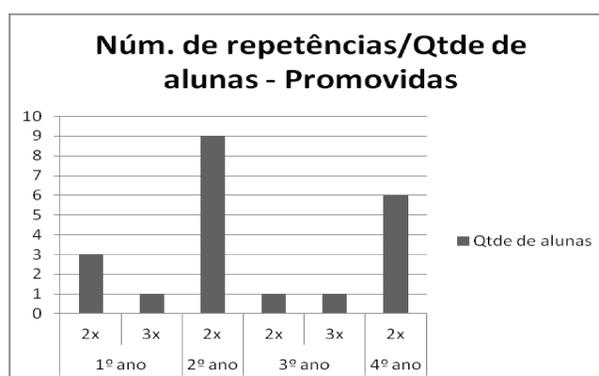


Gráfico 16 - Gráfico – núm. de repetências – seção fem. – (Promovidas) matrículas iniciais e suplementares

O gráfico acima mostra que: 3 alunas reprovaram 2 vezes o 1º ano e uma reprovou 3 vezes; 9 alunas reprovaram 2 vezes o 2º ano; uma reprovou 2 vezes o 3º ano e também uma reprovou 3 vezes; 6 alunas reprovaram 2 vezes o 4º ano.

Embora tenham concluído o curso primário no grupo escolar, as inúmeras repetências evidenciaram o quanto era difícil a promoção de um ano para outro.

PROMOVIDOS no 4º ano - Seção masculina - G.E. "Francisco Glicério" Campinas-										
Qtde	Nome	Idade	Aluno naturalidade	Pai/ naturalidade	Profissão do pai	Qtd de anos para a formação	Ano/n. de vezes que cursou o ano	Turma de ingresso	Ano de ingresso	Observações
1	Alvaro Antonio B. Zini	7	Campinas	Italiano Brasileiro	Alfaiate	4	0	1º C	1928	
2	Antonio Cardozo (suplementar)	8	Campinas	Brasileiro	Corretor Negociante Agente negócios Corretor	4	0	1º C	1928	
3	Geraldo Guilherme	8	Campinas	Brasileiro	Ferrovário	5	2º ano/2x	1º B	1928	
4	Hermogenes de Jesus Dahone	7	Campinas	Brasileiro	Ferrovário	6	2º ano/2x e some em 1932	1º B	1928	Concluiu em 1933
5	João Batista Pereira	8	São Paulo Campinas	Brasileiro	Eletrecista Doméstica	6	1º ano/2x e 2º ano/2x	1º B	1928	
6	João Marchi	7	São Paulo	Italiano	Comerciante	4	0	1º A	1928	
7	Jose Colucci	8	Campinas	Ital.	Operário Negociante Garrafeiro	5	2º ano/2x	1º B	1928	
8	Jose de Oliveira (suplementar)	7	Campinas	Brasileiro	Servente Ferroviário Servente Func. Púb. Pedreiro	6	1º ano/3x	1º A	1928	Promovido em 1933 Ata de Exames - Em 1935 o nome consta no 4º ano elim. a pedido
9	Laurival Rondomille	8	Campinas	Ital.	Proprietário	6	1º ano/2x e 3º ano/2x	1º B	1928	
10	Luis de Moraes	7	Campinas	Brasileiro	Proprietário Operário Torrador Ferrador Operário	6	2º ano/2x e 3º ano/2x	1º B	1928	
11	Mario de Moraes (suplementar)	7	Campinas	Brasileiro	Serv. Dom Encanador	5	1º ano/2x	1º C	1928	
12	Oswaldo Biroque	8	Campinas	Italiano	Motorista Chauff.	6	2º ano/3x	1º C	1928	
13	Orlando Pessini	8	Campinas	Italiano	Operário	4	0	1º A	1928	
14	Sebastião Gomes Carneiro	9	Monte Mor	Brasileiro	Lavrador	5	2º ano/2x	1º A	1928	
15	Sylvio Eugênio dos Santos	9	Campinas	Brasileiro	Empregado Typógrafo	6	2º ano/2x e 3º ano/2x	1º C	1928	
16	Waldemar Lima	8	Campinas	Brasileiro	Empregado Operário Empreg. Com. Jardineiro	4	0	1º C	1928	

Tabela 14 – Referente aos alunos que foram promovidos e conseguiram concluir o ensino primário – seção masculina - que ingressaram em 1928, no Grupo Escolar “Francisco Glicério” (matrículas iniciais e suplementares).

Observação: Profissões da tabela acima ‘garrafeiro’ e ‘torrador’ não foram pesquisadas por serem pouco representativas nesta pesquisa.

Gráfico – idades – seção masc. – (Promovidos) matrículas iniciais e suplementares

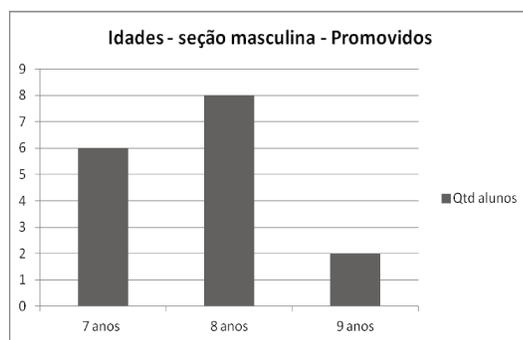


Gráfico 17 - Gráfico – idades – seção masc. – (Promovidos) matrículas iniciais e suplementares

De acordo com o gráfico acima, havia variedade na faixa etária daqueles alunos, contudo, prevalecia o ingresso aos 8 anos.

Gráfico – naturalidade – seção masc. – (Promovidos) matrículas iniciais e suplementares

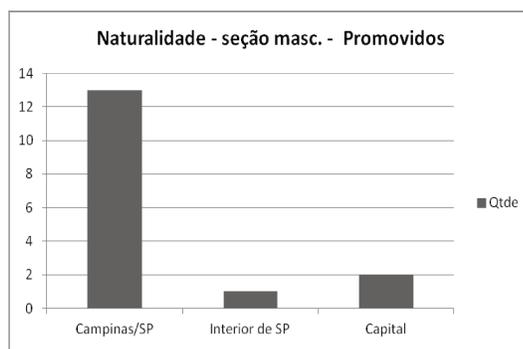


Gráfico 18 - Gráfico – naturalidade – seção masc. – (Promovidos) matrículas iniciais e suplementares

O gráfico acima mostra que muitos alunos eram nascidos em Campinas, uma minoria era natural de cidade do interior do estado de São Paulo e outros eram naturais da própria capital do estado de São Paulo. Embora não conste no gráfico, grande parte dos alunos residiam nas proximidades da escola. (Ruas: Luzitana, Regente Feijó, Dr. Moraes Salles, Aquidabã, etc.).

Profissão e nacionalidade do pai - seção masculina - matrículas iniciais

Antes de iniciar as análises para o grupo de alunos aprovados no ensino primário do Grupo Escolar “Francisco Glicério”, vale dizer que o mesmo procedimento de análise adotado para o grupo de alunos que reprovaram e não concluíram o ensino primário será adotado aqui. Assim:

G. E. "FRANCISCO GLICÉRIO" - CAMPINAS			
1º A - SEÇÃO MASCULINA - MATRÍCULA INICIAL			
nº na matrícula	nome do aluno	profissão do pai	nacionalidade do pai
24	João Marchi	Comerciante	Ital.
35	Orlando Pessine	Operário	Ital.
40	Sebastião Gomes Carneiro	Lavrador	Bras.

Tabela 14.1 - Profissão e nacionalidade do pai 1º A - seção masculina - matrícula inicial

Para os alunos do 1º A – seção masculina – matrícula inicial o número de pais com profissões de melhores condições econômicas (comerciante, lavrador e operário se consideradas como pertencentes a categoria dos ferroviários) era de 3. Com a presença de dois italianos e um brasileiro.

G. E. "FRANCISCO GLICÉRIO" - CAMPINAS			
1º B - SEÇÃO MASCULINA - MATRÍCULA INICIAL			
nº na matrícula	nome do aluno	profissão do pai	nacionalidade do pai
17	Geraldo Guilherme	Ferroviário	Bras.
18	Hermogenes de Jesus Danhone	Ferroviário	Bras.
21	João Batista Pereira	Electrecista Prendas domést.	Bras.
24	Jose Colucci	Operário	Ital.
28	Laurival Rondomille	Proprietário	Ital.
31	Luiz de Moraes	Proprietário	Bras.

Tabela 14.2 - Profissão e nacionalidade do pai 1º B - seção masculina - matrícula inicial

Para os alunos do 1º B – seção masculina – matrícula inicial o número de pais com menor condição econômica (operário - se considerado como *não* pertencente a categoria dos ferroviários) era de 1, e pais com profissões de melhor condição econômica (ferroviário, eletricitista, proprietário e operário - se consideradas como profissões pertencentes a categoria dos ferroviários). Somando um total de 6 pais, dois italianos e quatro brasileiros.

G. E. "FRANCISCO GLICÉRIO" - CAMPINAS			
1º C - SEÇÃO MASCULINA - MATRÍCULA INICIAL			
nº na matrícula	nome do aluno	profissão do pai	nacionalidade do pai
3	Alvaro Antonio B. Zini	Alfaiate	Ital.
32	Oswaldo Biroque	Motorista	Ital.
39	Sylvio Eugenio dos Santos	Empregado	Bras.
42	Waldemar Lima	Empregado	Bras.

Tabela 14.3 - Profissão e nacionalidade do pai 1º C - seção masculina - matrícula inicial

Para os alunos do 1º C – seção masculina – matrícula inicial o número de pais com profissões de menor condição econômica (empregado) era 2; e com melhor condição econômica era 2 (alfaiate e motorista); com dois pais italianos e dois brasileiros.

Profissão e nacionalidade do pai - seção masculina - matrículas suplementares

G. E. "FRANCISCO GLICÉRIO" - CAMPINAS			
1º A - SEÇÃO MASCULINA - MATRÍCULA SUPLEMENTAR			
nº na matrícula	nome do aluno	profissão do pai	nacionalidade do pai
11	Jose de Oliveira	Servente/ferroviário/servente/func. público/pedreiro	Bras.

Tabela 14. 1.1 - Profissão e nacionalidade do pai 1º A - seção masculina - matrícula suplementar

Para o aluno do 1º A – seção masculina – matrícula suplementar - o número de pais com profissões de melhor condição econômica era de 1; com a presença de 1 brasileiro.

* Para esta análise considerou-se como profissão de melhor condição econômica: *servente/ferroviário/servente/funcionário público/pedreiro* – por se encaixarem no quadro das categorias dos ferroviários, conforme já visto anteriormente.

###

Para os alunos do 1º B – seção masculina – matrícula suplementar não houve a promoção de nenhum aluno.

G. E. "FRANCISCO GLICÉRIO" - CAMPINAS			
1º C - SEÇÃO MASCULINA - MATRÍCULA SUPLEMENTAR			
nº na matrícula	nome do aluno	profissão do pai	nacionalidade do pai
4	Antonio Cardozo	Corrector	Bras.
12	Mario de Moraes	Serv. domést.	Bras.

Tabela 14. 3.1 - Profissão e nacionalidade do pai 1º C - seção masculina - matrícula suplementar

Para os alunos do 1º C – seção masculina – matrícula suplementar o número de pai com menor condição econômica (serv. domést.) era de 1, e pai com profissão de melhor condição econômica (corretor) era de 1; com a presença de dois brasileiros.

Gráfico – quantidade de anos para a formação – seção masc. – (Promovidos) matrículas iniciais e suplementares

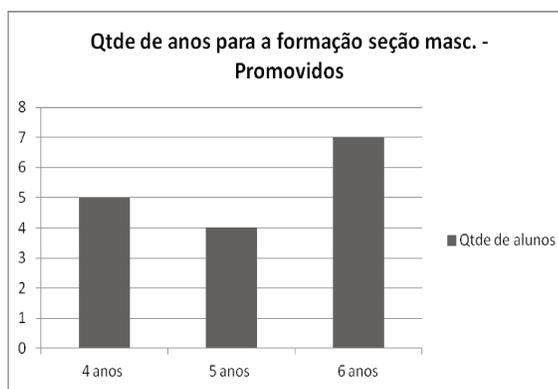


Gráfico 19 - Gráfico – quantidade de anos para a formação – seção masc. – (Promovidos) matrículas iniciais e suplementares

De acordo com o gráfico acima, a maioria dos alunos demorou 6 anos para concluir o curso, seguidos de alunos que levaram 5 anos, e apenas cinco alunos concluíram o curso em quatro anos, no prazo estabelecido pela legislação..

Gráfico – núm. de repetências – seção masc. – (Promovidos) matrículas iniciais e suplementares

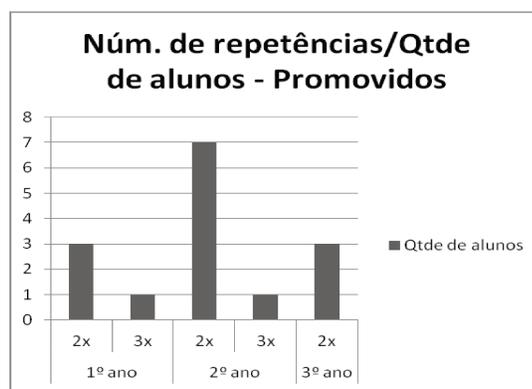


Gráfico 20 - Gráfico – núm. de repetências – seção masc. – (Promovidos) matrículas iniciais e suplementares.

O gráfico referente aos números de repetências mostra que: 3 alunos reprovaram 2 vezes o 1º ano e um reprovou 3 vezes; 7 alunos reprovaram 2 vezes o 2º ano, um reprovou 3 vezes; 3 reprovaram 2 vezes o 3º ano.

3.3 – O perfil dos alunos concluintes

As meninas – A maioria das alunas promovidas no ensino primário do Grupo Escolar “Francisco Glicério” ingressaram aos 8 anos de idade, embora também houvesse crianças com 7 e 9 anos. Eram naturais de Campinas, outras poucas vieram do interior do estado e da capital. Residiam próximas à escola. Um total de 10 meninas eram filhas de pais brasileiros e 8 alunas eram filhas de imigrantes, sobretudo italianos.

Considerando-se a possibilidade de análise que classificou as profissões registradas nos livros de matrículas como sendo pertencentes à categoria dos ferroviários, o resultado obtido foi de que a maioria dessas alunas eram filhas de trabalhadores com melhores condições econômicas, ainda que, em menor número houvesse também alunas filhas de pais com menores condições econômicas.

Mesmo concluindo o curso, enfrentaram muitas dificuldades ao longo de suas trajetórias escolares. Das 18 alunas promovidas no 4º ano do curso, apenas uma não reprovou; 9 reprovaram pelo menos um ano; 7 reprovaram até dois anos, o que reforça o argumento de que a carga curricular/ensino enciclopédico ministrado nos grupos escolares exigia muito esforço e dedicação por parte das alunas.

Quais teriam sido as táticas²⁴ utilizadas por essas alunas ao se apropriarem²⁵ dos conteúdos ensinados no ensino primário? Mesmo porque, embora tenham concluído o curso, reprovaram diversas vezes, diversos anos. O que possuíam que representou vantagem em relação as 140 alunas que ficaram pelo caminho, nesse processo de alfabetização?

²⁴ “Em suma, a tática é a arte do fraco. [...] Ao contrário, a astúcia é possível ao fraco, e muitas vezes apenas ela, como “último recurso” [...]. CERTEAU, M. de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer; tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, R.J: Vozes, 1994.

²⁵ Apropriação, segundo Chartier, 1989, “ tem por objectivo uma história social das interpretações, remetidas para as determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem. [...] reconhecer, contra a antiga história intelectual, que as inteligências não são desencarnadas, e, contra as correntes de pensamento que postulam o universal, que as categorias aparentemente mais invariáveis devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas” (p. 26-7).

Os meninos – A maioria dos alunos promovidos no ensino primário do Grupo Escolar “Francisco Glicério” ingressaram aos 8 anos de idade, embora houvesse também crianças com 7 e 9 anos. Eram naturais de Campinas, outros poucos vieram do interior do estado e da capital; e residiam nas proximidades da escola. Um total de 10 meninos eram filhos de pais brasileiros e 6 alunos eram filhos de imigrantes, sobretudo italianos.

A maioria pertencia a classes com melhores condições econômicas, ainda que em menor número houvesse alunos, filhos de pais com menores condições econômicas. “De forma geral, pode-se dizer que os grupos escolares atenderam na primeira metade do século XX, diversos grupos sociais, uma população heterogênea, em sua maioria filhos de trabalhadores urbano mais bem inseridos no mercado de trabalho...” (Souza, 1999, p. 117).

Mesmo concluindo o curso, enfrentaram muitas dificuldades ao longo de suas trajetórias escolares. Dos 16 alunos promovidos no 4º ano do curso, cinco não reprovaram, 4 reprovaram pelo menos um ano, 7 reprovaram até dois anos, o que reforça o argumento de que a carga curricular/ensino enciclopédico exigia muito esforço e dedicação por parte desses alunos.

Quais teriam sido as táticas utilizadas por eles e/ou suas famílias, para se apropriarem dos conteúdos e concluírem o curso? O que possuíam que representou vantagem em relação aos 159 alunos que ficaram pelo caminho nesse processo de alfabetização?

3.4 - O sucesso escolar no Grupo “Francisco Glicério”

A tabela a seguir resume, e também exhibe, o trajeto percorrido pelas alunas, da seção feminina, que ingressaram no curso primário do 1º Grupo Escolar “Francisco Glicério” de Campinas em 1928.

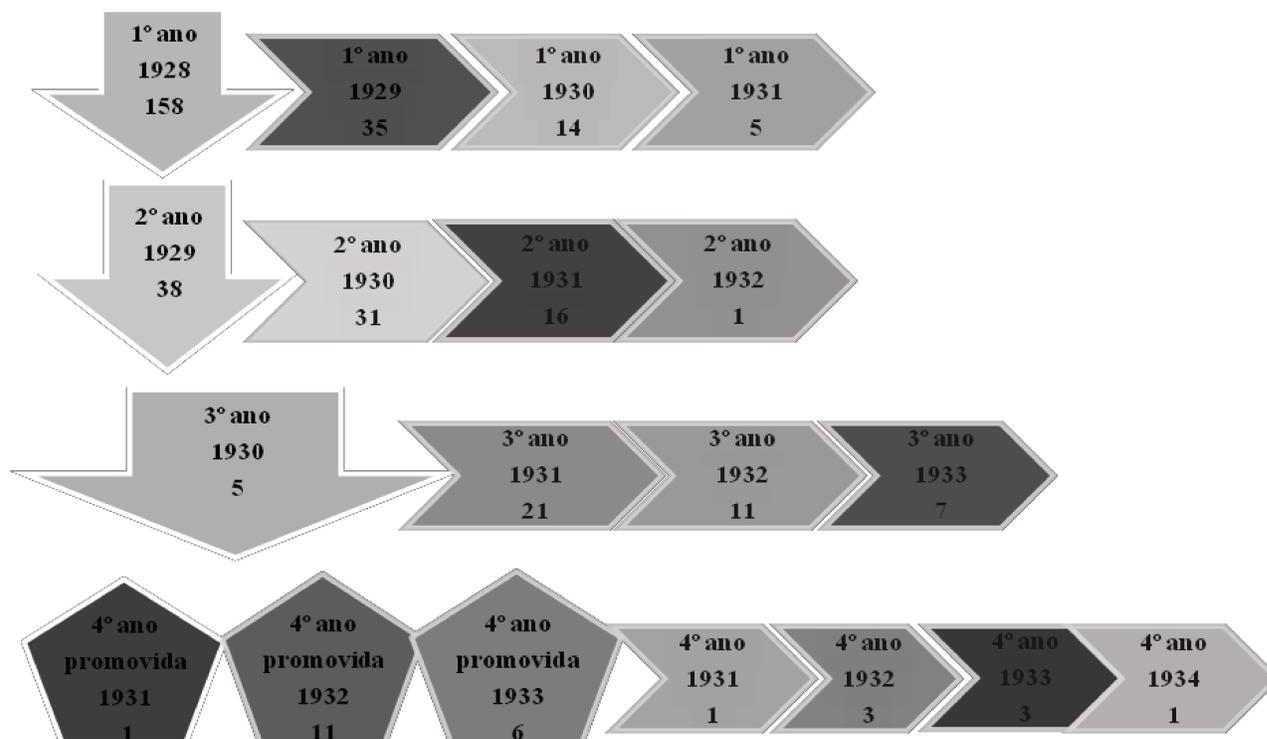


Tabela 15 - Alunas do 1º Grupo Escolar de Campinas "Francisco Glicério" (seção feminina) de acordo com o ano do curso, o ano cronológico e o total de aprovadas.

SETAS NA VERTICAL indicam promoções - # SETAS NA HORIZONTAL indicam reprovções

Se somados os totais de alunas matriculadas nas três turmas da instituição (1ºA, 1ºB e 1ºC), obtém-se um total de: *158 alunas ingressantes em 1928*. A leitura que se faz do quadro acima é a seguinte:

35 alunas refizeram o 1º ano em 1929; 38 passaram para o 2º ano em 1929 - apenas *46,2% continuaram na escola em 1929*.

14 alunas refizeram o 1º ano em 1930; 31 refizeram o 2º ano em 1930; 5 passaram para o 3º ano em 1930 – apenas *31,6% permaneceram no curso em 1930*.

5 alunas refizeram o 1º ano em 1931; 16 refizeram o 2º ano em 1931; 21 refizeram o 3º ano em 1931; 1 concluiu o 4º ano em 1931 – apenas 27,2% *continuavam no curso em 1931*.

1 aluna refez o 2º em 1932; 11 refez o 3º ano em 1932 – apenas 7,5% *permaneceram estudando na instituição*.

11 alunas concluíram o 4º ano em 1932 – 6,9% *concluíram o curso em 1932*.

7 alunas refizeram o 3º ano em 1933; 3 refizeram o 4º ano em 1933; 6 concluíram o 4º ano em 1933 – 10,1% *embora estivessem estudando em 1933, não concluíram*.

1 aluna refez o 4º ano em 1934 – sem concluí-lo.

Do total de 158 alunas ingressantes em 1928, somente 11,3% desse número conseguiram aprovação no ensino primário do 1º Grupo Escolar “Francisco Glicério” de Campinas.

A tabela a seguir, não só resume como também exibe o trajeto percorrido pelos alunos, da seção masculina, que ingressaram no curso primário do 1º Grupo Escolar “Francisco Glicério” de Campinas em 1928.

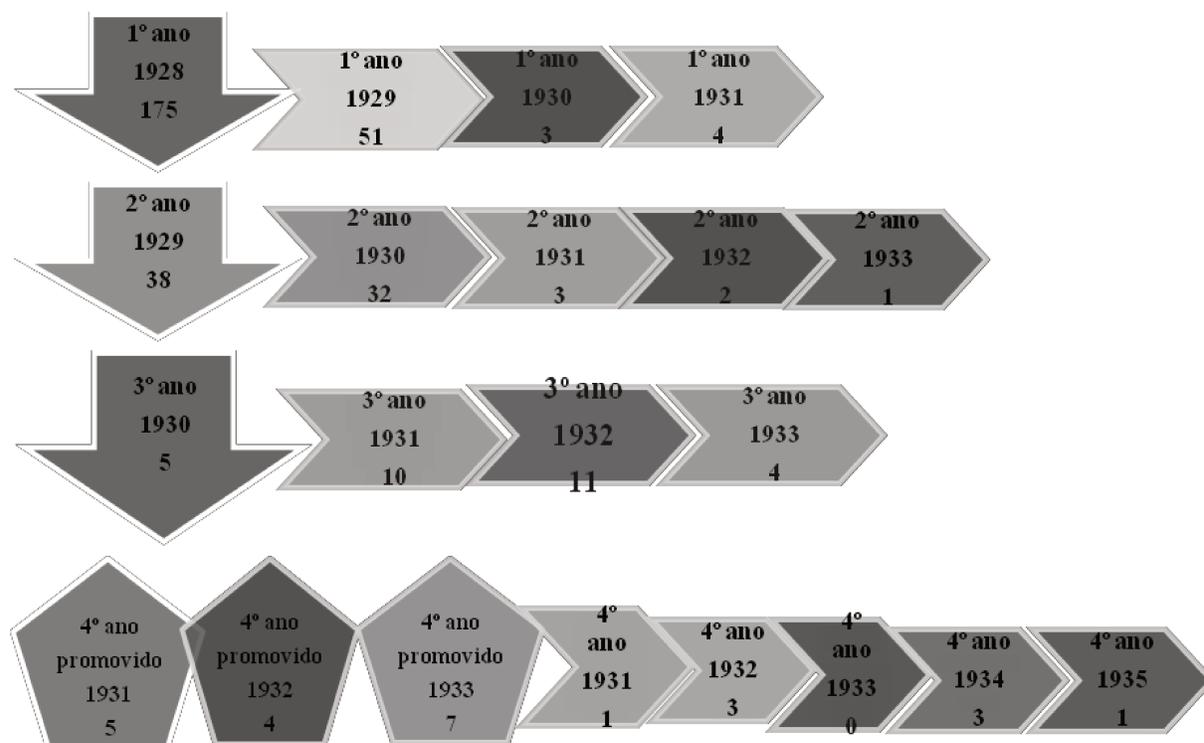


Tabela 16 - Alunos do 1º Grupo Escolar de Campinas "Francisco Glicério" (seção masculina) de acordo com o ano do curso, o ano cronológico e o total de aprovados.

SETAS NA VERTICAL indicam promoções - # SETAS NA HORIZONTAL indicam reprovações

Se somados os totais de alunos matriculados nas três turmas da instituição (1ºA, 1ºB e 1ºC), obtém-se um total de: *175 alunos ingressantes em 1928*. A leitura que se faz do quadro acima é a seguinte:

51 alunos refizeram o 1º ano em 1929; 38 passaram para o 2º ano em 1929 - apenas *50,8% continuaram na escola em 1929*.

3 alunos refizeram o 1º ano em 1930; 32 refizeram o 2º ano em 1930; 5 passaram para o 3º ano em 1930 – apenas *22,8% permaneceram no curso em 1930*.

4 alunos refizeram o 1º ano em 1931; 3 refizeram o 2º ano em 1931; 10 refizeram o 3º ano em 1931; 1 refez o 4º ano em 1931; – apenas *10,2% continuavam no curso em 1931*.

5 alunos concluiu o 4º ano em 1931 – *2,8% concluíram o curso em 1931*.

2 alunos refizeram o 2º em 1932; 11 refizeram o 3º ano em 1932; 3 refizeram o 4º ano em 1932 – apenas *9,1% permaneceram estudando na instituição*.

4 alunos concluíram o 4º ano em 1932 – *2,2% concluíram o curso em 1932*.

1 aluno refez o 2º ano em 1933; 4 refizeram o 3º ano em 1933 - *2,8% embora estivessem estudando em 1933, não concluíram*.

7 alunos concluíram o 4º ano em 1933 – *4% concluíram o curso em 1933*.

3 alunos refizeram o 4º ano em 1934 – sem concluí-lo – *1,7% refizeram o curso em 1934*.

1 aluno refez o 4º ano em 1935 sem concluí-lo – *0,5% refez o curso em 1935, sem concluí-lo*.

Do total de 175 alunos ingressantes em 1928, somente *9,1%* conseguiram aprovação no ensino primário do 1º Grupo Escolar “Francisco Glicério” de Campinas.

Ao se procurar mapear as trajetórias escolares dos alunos do Grupo Escolar “Francisco Glicério” ingressantes em 1928, conforme descrita acima, compreendeu-se que, embora a proposta para os grupos escolares fosse a de ampliar as oportunidades de acesso à escola atendendo a grande demanda da população, objetivando a formação intelectual e moral do povo, com base nos resultado obtido nesta pequena amostra, percebeu-se que o sucesso escolar foi pouco expressivo. Do total de matriculados somente uma pequena porcentagem obteve sucesso. Houve alto índice de evasão e de repetência no processo de alfabetização, concentradas nas séries iniciais, denotando, entre as razões já mencionadas, a grande dificuldades de aprendizagem

Assim sendo, para este grupo de alunos, o sucesso, no/do grupo escolar não foi notório.

4 – Considerações finais

A partir das amostragens realizadas, inicialmente, com o objetivo de mapear as trajetórias dos alunos do 1º Grupo Escolar de Campinas ou Grupo Escolar “Francisco Glicério” como passou a ser nomeado alguns anos depois de sua inauguração, foram gerados quadro, gráficos e tabelas a partir dos livros de matrículas dos alunos e alunas ingressantes no ensino primário em 1928.

Com base nesses gráficos e tabelas, constatou-se que apesar de haver entre os alunos crianças oriundas de famílias com menores condições econômicas, a maioria dos pais desses alunos, entre eles, trabalhadores pertencentes à categoria dos ferroviários ou trabalhadores não pertencentes a esta categoria como apareceu depois, e trabalhadores de outras profissões, inseria-se no grupo com melhores condições econômicas. Ratificando o postulado de que o grupo escolar acolhia uma clientela homogênea. Ainda em relação às análises, elas revelaram altos índices de evasões e reprovações. Em geral, as evasões ocorriam logo nos primeiros anos do curso. Alguns alunos desapareciam dos livros de matrículas logo nos primeiros anos, outros registravam suas saídas justificando as razões (por mudança e a pedido). Os ‘artigos’ ‘137- a’ e ‘137- l, a’ também foram motivo de muitas eliminações, mas ao contrário de outros tipos, estes permitiam o reingresso ainda no mesmo ano ou no ano seguinte. Embora em nenhum momento tenha sido localizada a ocorrência deste tipo de eliminação nos anos finais do curso primário da referida instituição. As causas para tantas evasões poderiam ser várias, algumas hipóteses foram levantadas, desde o trabalho infantil, perpassando pela difícil grade curricular que compunha o ensino, até o ingresso nas escolas de aprendizes da ferrovia. Mas, de fato, o que levava a deserção escolar no período contemplado pela pesquisa? Apesar das várias possibilidades elencadas, é possível apostar na existência de todas, sem que uma delas seja apontada como a causa principal.

As reprovações trazem alguns aspectos díspares entre meninos e meninas. O que se percebeu foi que houve maior número de alunas aprovadas em relação aos meninos ingressantes no mesmo ano em que as meninas. Embora com uma pequena margem de diferença entre ambos, no geral, no 1º ano, meninos repetiram mais vezes não só nas matrículas iniciais como nas matrículas suplementares. No 2º ano o mesmo resultado foi verificado para ambas as turmas, ou seja, apesar da pequena margem de diferença, meninos reprovaram mais nas matrículas iniciais e nas suplementares. No 3º ano, nas matrículas iniciais, meninas reprovaram mais vezes, apesar da

pequena margem de diferença. Nas matrículas suplementares houve empate para ambas as turmas (feminina e masculina). Os 4^{os} anos tiveram os mesmos resultados dos 3^{os}, com mais meninas reprovando, mantendo a pequena margem de diferença entre eles.

Retomando a análise dos aprovados, as meninas reprovaram mais vezes, com 6 alunas reprovando o 4^o ano 2 vezes, ao contrário, os meninos não reprovaram o 4^o ano. O que se conclui dessas reprovações é que enquanto as meninas tiveram mais dificuldades nos anos finais do curso primário, os meninos encontraram maiores dificuldades nos anos iniciais.

Entre o que as políticas almejavam alcançar em relação à educação do povo, através desse pequeno recorte que a pesquisa trouxe, foi possível perceber que o que se alcançava era muito pouco. Dito de outra forma, dos 333 alunos que ingressaram em 1928, no Grupo Escolar “Francisco Glicério”, somente 34 alunos obtiveram o diploma dessa instituição.

Se havia uma estratégia do estado para a educação e a civilização das massas, ela parecia estar em descompasso com as expectativas das mesmas, ou as necessidades? Parece que as causas deste descompasso foram pouco procuradas, uma vez que as medidas para enfrentá-lo foram as mais radicais, como a Reforma de 1920. O descompasso se manteve fortemente e ainda em nossos dias suscita indagações e medidas radicais.

Algumas informações sobre o Grupo Escolar “Francisco Glicério” emergiram de documentos que trouxeram para a pauta de discussões a ligação da instituição com a maçonaria, tal discussão a despeito de não se constituir como mote desta pesquisa, não deixa de apontar para a necessidade de se averiguar a sua veracidade e desdobramentos dessa parceria. Estaria a maçonaria atuando como mantenedora de instituições públicas estaduais de educação? O Programa de caráter Enciclopédico dos Grupos Escolares os aproximava da sociedade maçônica?

A presente pesquisa se conclui, sem que se possa considerar terminada, uma vez que muitas questões permanecem em aberto, assim como as reflexões suscitadas a partir dos vários temas apontados. Sobre as profissões dos pais, sobre os motivos das evasões, sobre as razões de tantas reprovações, sobre os alunos que foram promovidos e quanto ao que fizeram na vida e da vida depois...

O 1^o Grupo Escolar de Campinas, Grupo Escolar “Francisco Glicério”, e atual EE “Francisco Glicério” ainda guarda muitas histórias em seu Arquivo Histórico sobre a educação campineira. Nele muito há ainda para se pesquisar e descobrir, com o presente estudo se espera ter podido apresentar as suas possibilidades e apontar outros temas importantes de pesquisa.

5 - Fontes

Primeiro Grupo Escolar de Campinas: Grupo Escolar “Francisco Glicério”. **Livro de Matrícula** 1928. Secção feminina. Campinas.

_____. **Livro de Matrícula** 1929. Secção feminina. Campinas.

_____. **Livro de Matrícula** 1930. Secção feminina. Campinas.

_____. **Livro de Matrícula** 1931. Secção feminina. Campinas.

_____. **Livro de Matrícula** 1932. Secção feminina. Campinas.

_____. **Livro de Matrícula** 1933. Secção feminina. Campinas.

_____. **Livro de Matrícula** 1934. Secção feminina. Campinas.

_____. **Livro de Matrícula** 1935. Secção feminina. Campinas.

Primeiro Grupo Escolar de Campinas: Grupo Escolar “Francisco Glicério”. **Livro de Matrícula** 1928. Secção masculina. Campinas.

_____. **Livro de Matrícula** 1929. Secção masculina. Campinas.

_____. **Livro de Matrícula** 1930. Secção masculina. Campinas.

_____. **Livro de Matrícula** 1931. Secção masculina. Campinas.

_____. **Livro de Matrícula** 1932. Secção masculina. Campinas.

_____. **Livro de Matrícula** 1933. Secção masculina. Campinas.

_____. **Livro de Matrícula** 1934. Secção masculina. Campinas.

_____. **Livro de Matrícula** 1935. Secção masculina. Campinas.

Primeiro Grupo Escolar de Campinas: Grupo Escolar “Francisco Glicério”. **Registro de Promoções dos alunos** 1928, 1929, 1931, 1932 e 1933. Campinas.

Primeiro Grupo Escolar de Campinas: Grupo Escolar “Francisco Glicério”. **Livro de Frequência (Livro Ponto dos Professores)** 1931. Campinas.

_____. **Livro de Frequência (Livro ponto dos professores)** 1931-1932. Campinas.

_____. **Livro de Frequência (Livro ponto dos professores)** 1932-1933. Campinas.

_____. **Livro de Frequência (Livro ponto dos professores)** 1933. Campinas.

_____. **Livro de Frequência (Livro ponto dos professores)** 1933-1934. Campinas.

Primeiro Grupo Escolar de Campinas: Grupo Escolar “Francisco Glicério”. **Livro Ata de Exames finais.** 1933-1938. Campinas

Primeiro Grupo Escolar de Campinas: Grupo Escolar “Francisco Glicério”. **Livro REGISTRO ESCOLAR – MATRÍCULA, PROFESSORES E APARELHAMENTO ESCOLAR (Modelo I) Convênio de Estatísticas Educacionais de 1931.** Campinas.

6. Bibliografia

ABRAHÃO, E. M. **Morar e viver na cidade. Campinas (1850-1900) – mobiliário e utensílios domésticos**. São Paulo: Alameda, 2010, 224p.

ANTUNHA, H. C. G. **A Instrução Pública no Estado de São Paulo: a reforma de 1920**. São Paulo: FEUSP, 1976. (Estudos e Documentos).

ANUÁRIO DO ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Relatório apresentado pelo prof. Pedro Voss diretor geral da instrução pública, 1926, Movimento escolar, p. 249. Disponível em: <<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/upload/revistas/AEE19260000.pdf>>. Acesso em 21/07/2013.

ARQUIVO DO ESTADO. Ferrovias Paulistas. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/exposicao_ferrovias/ensino.php>. Acesso em 30/07/2013.

_____. Disponível em: <<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/upload/revistas/AEE19260000.pdf>>. Acesso em 21/07/2013.

_____. Disponível em: <<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/upload/revistas/RDRCA1941.pdf>>. Acesso em: 21/07/2013.

BADARÓ, R. de S. C. **Campinas: a transição da cidade rural para a cidade industrial**. In: MEDRANO, I. I. Z. de; GODOY, J. M. T. de. **Campinas visões de sua história**. Campinas, SP: Editora Átomo, 2006.

BATTISTONE FILHO, D. **Vida cultural em Campinas**. Campinas: Komedi, 2008.

_____. **Campinas: uma visão histórica**. Campinas, SP: Pontes, 1996.

BOBBIO, N. **Dicionário de política**; trad. Carmen C, Varriale ET ai.; coord. Trad. João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cocais. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 13ª Ed., 2007, Vol. 1: 674p. (total: 1.330 p.).

BRASIL - IBGE. Disponível em:

<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=350950&search=sao-paulo|campinas#historico>>. Acesso em: 09/07/2013.

BRITO, J. **História da Cidade de Campinas**, Campinas. (Coleção João Falchi). CMU – Unicamp. Vol. 23º, 1967.

BRITO, J. **Historia da cidade de Campinas**. Campinas, SP: Saraiva, 1956-1969. nv.

BRYAN, N. A. P. **Educação, processo de trabalho, desenvolvimento econômico: Contribuição ao estudo das origens e desenvolvimento da formação profissional no Brasil**. Campinas, SP: editora Alínea, 2008.

CARMONÁRIO, E. **O arquivo escolar como lugar de memória e de história da educação em Campinas: organização do arquivo histórico da E. E. “Artur Segurado”**. TCC Elisabeth Carmonário. Campinas, SP: [s.n.], 2008.

CARONE, E. **Revoluções do Brasil Contemporâneo 1922/1938**. São Paulo, Editora S.A Coleção Buriti, 1965.

CARVALHO, M. M. C. **A Escola e a República**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CAVALIERE, A. M. **Entre o pioneirismo e o impasse: a reforma paulista de 1920**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 27-44, jan/jun. 2003.

CERTEAU, M. de. **A operação historiográfica**. In. _____. A escrita da História. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007, p. 65-122.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 1989. (Coleção Memória e Sociedade)

CHIAVENATO, J. J. **A Revolução de 30**. São Paulo, Ática, 1986.

CUNHA, I. G. da. **Formar damas cristãs, cultas, virtuosas, polidas, sociáveis Colégio Nossa Senhora do Patrocínio**, p. 175. IN: NASCIMENTO, T. A. Q. R. do. [et.al] Memórias da Educação: Campinas (1850-1960) – Campinas, SP: Editora da Unicamp, Centro de Memória – Unicamp, 1999. (Coleção Campiniana, n. 20).

DEAN, W. **A industrialização de São Paulo (1980-1945)**. 3 ed. São Paulo: DIFEL, [s/d].

DICIONÁRIO DE PORTUGUÊS ONLINE. Disponível em:

<<http://www.dicionariodoaurelio.com/Suplemento.html>>. Acesso em 14/11/13.

DICIONÁRIO DE PORTUGUÊS ONLINE. Disponível em: <

<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=feitor>>. Acesso em 14/11/2013.

_____. Disponível em:

<<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=suplemento>>. Acesso em: 14/11/13.

. _____. Disponível em:

<<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=suplementar>>. Acesso em: 14/11/13.

DONATO, H. **A revolução de 32**. [São Paulo]: Círculo do Livro: Abril, c 1982. 224 p., Il. ISBN (Enc.).

FAUSTO, B. **A Revolução de 1930: historiografia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

GASPAR, B. F. **Andorinhas que cantam histórias de Campinas**. Campinas, Somus Gráfica e Editora Ltda, 2001.

GINZBURG, Carlo. **Sinais: raízes de um paradigma indiciário**. In Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. Companhia das Letras, 1999.

GUIA GEOGRÁFICO ESTADO DE SÃO PAULO. História de Campinas. Disponível em: <<http://www.sp-turismo.com/campinas/historia.htm>>. Acesso em 09/07/2013.

JULIA, D. **A cultura escolar como objeto histórico**. Revista Brasileira de História da Educação, Campinas, n. 1, p. 9-44, jan./jun.2001.

LAMOUNIER, M. L. **Da escravidão ao trabalho livre: a lei de locação de serviços de 1879**. Campinas, SP: Papyrus, 1988.

LAPA, Jose Roberto do Amaral. **A economia cafeeira**. Editora Brasiliense, 4ª edição 1987.
_____. **A cidade: os cantos e os antros: Campinas 1850 – 1900**. 1ª reimpressão – São Paulo, SP: Editora da USP; Campinas, SP: Editora da Unicamp; 2008.

LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL. Lei n. 5.692, de 11 de agosto de 1971. Disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/l5692_71.htm>. Acesso em: 05/03/2013.

LEME, D. M. P. de C. **Trabalhadores ferroviários em greve**. Campinas: Editora da Unicamp, 1986. (Série Teses).

LOJA MAÇÔNICA INDEPENDÊNCIA. Disponível em: <<http://www.lojaindependencia.org.br/nossahistoria4.html>>. Acesso em 12/01/14.

_____. (Ex-Veneráveis da Loja Maçônica Independência de Campinas – Francisco Glycério C. Leite - Grau 33 – Período 1879/1892). Disponível em <http://www.lojaindependencia.org.br/exveneraveis4.html>>. Acesso em 12/01/14.

_____. Notáveis cidadãos de Campinas, como Francisco Glycério Cerqueira Leite [...] Bento Quirino Simões dos Santos” figuravam na galeria de Maçons Ilustres. Disponível em: <http://www.lojaindependencia.org.br/maconsilustres.html>>. Acesso em 12/01/14.

_____. Disponível em: <http://www.lojaindependencia.org.br/nossahistoria4.html>>. Acesso 12/01/14.

MARIANO, J. *MONOGRAFIA HISTÓRICA DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS*, Rio de Janeiro: IBGE, 1952.

MARTINS, J. P. S. *CAMPINAS SÉCULO XX 100 anos de história*. Campinas: RAC, fevereiro 2001.

MENDES, J. de C. *Retratos da Velha Campinas*. Departamento de Cultura. São Paulo, 1951.

MENDONÇA, T. C. de. Técnica e Construção em Ramos de Azevedo – A Construção Civil em Campinas. São Carlos, 2010. 281f. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18141/tde-05012011-155734/pt-br.php>>. Acesso 21/01/14.

MENEZES, M. C. (coord.) et al. *Inventário Histórico Documental. Escola Normal de Campinas (1903-1976): De Escola Complementar a Instituto de Educação*. Campinas, SP: FE/UNICAMP, 2009.

_____. (Org.). *Educação, memória, história: possibilidades, leituras*. Campinas: Mercado de Letras, 2004. v. 1. 600p.

_____. (Org.); FELGUEIRAS, Margarida Louro (Org.). **Rogério Fernandes: questionar a sociedade, interrogar a história, (re) pensar a educação**. Porto: Edições Afrontamento, 2004. v. 1.

_____. **A escola e a sua materialidade: o desafio do trabalho e a necessidade da interlocução**. Pro-Posições (Unicamp), Campinas, v. 16, p. 13-18, 2005.

_____. [et al.]. **“O arquivo escolar: lugar de memória, lugar de história.”** Revista Horizontes. Bragança Paulista: EDUSF, v.23. n.1. p.67-76, jan/jun. 2005.

MONOGRAFIA HISTÓRICA DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS, Rio de Janeiro: IBGE, 1952.

MORAES, C. S. V.; ALVES, J. A. F. **Escolas Profissionais Públicas do Estado de SÃO PAULO: Uma História em Imagens (Álbum Fotográfico)**. São Paulo: Centro Paula Souza, 2002.
Disponível em: <<http://www.cpsctec.com.br/memorias/cmemorias.html>>. Acesso em: 08/01/14.

MOURA, A. M. da S. **Cocheiros e carroceiros: homens livres no Rio de senhores e escravos**. São Paulo: HCITEC; Brasília: CNPq, 1988. (Estudos históricos).

NASCIMENTO, T. A. Q. R. do. [et.al] **Memórias da Educação: Campinas (1850-1960) –** Campinas, SP: Editora da Unicamp, Centro de Memória – Unicamp, 1999. (Coleção Campiniana, n. 20).

EMDEC. Nossa cidade, Nossa História. Disponível em
<http://www.emdec.com.br/hotsites/nossa_cidade/moraessalles.html>. Acesso em 20/01/14.

OCTAVIO, Benedicto; MELILLO, Vicente (Orgs.). **Almanach Histórico e Estatístico de Campinas, 1914**. Campinas, Typ da Casa Mascotte, 1914.

PESSOA, A. E. da S. (org.). **Conhecer Campinas numa perspectiva histórica**. Campinas: Secretaria Municipal de Educação, 2004.

PRO-MEMÓRIA DE CAMPINAS/SP. Mapa de Campinas. Disponível em: <<http://pro-memoria-de-campinas-sp.blogspot.com.br/2006/10/curiosidades-1916-mapa-do-municpio-de.html>>. Acesso em 07/03/2014.

PUPO, C. M. de M. **Campinas, seu berço de juventude**. Campinas, SP, Publicações da Academia Campinense de Letras n. 20, 1969.

REIS FILHO, C. **A Educação e a ilusão liberal**. São Paulo: Cortez, 1981.

_____. **Índice Básico da Legislação do Ensino Paulista 1890-1945**. Campinas. SP: Gráf./FE, Gráf. Central/UNICAMP, 1998.

RELVAS, L. A. R. **O arquivo histórico do primeiro grupo escolar de Campinas: fontes para a história da educação**/TCC Lisiara do Amaral Ramires Relvas. Campinas, SP: [s.n.], 2009.

SANTOS, A. M. **O arquivo da escola Normal “Carlos Gomes”: perfis e trajetórias dos alunos durante o Estado Novo**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2007.

SÃO PAULO. Decreto n. 144-B de 30 de dezembro de 1892. Disponível em <[http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1892/decreto.n.144-B, de 30.12.1892.html](http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1892/decreto.n.144-B.de.30.12.1892.html)>. Acesso em 12.03.2013.

_____. Decreto n. 218, de 27 de novembro de 1893. Disponível em: <<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1893/decreto-218-27.11.1893.html>> Acesso em: 15/03/2013.

_____. Decreto n. 248 de 26 de julho de 1894. Disponível em <[http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1894/decreto.n.248, de 26.07.1894.html](http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1894/decreto.n.248,de.26.07.1894.html)>. Acesso em 12.03.2013.

_____. Decreto n. 518, de 11 de janeiro de 1898. Estabelece o regimen e methodo de ensino das escolas-modelo do Estado para os Grupos Escolares. Disponível em:

<<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1898/decreto n. 518, de 11.01.1898.html>>. Acesso em 15 jan. 2013.

_____. Decreto 1.216, de 27 de abril de 1904. Disponível em:

<<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1904/decreto-1216-27.04.1904.html>>

Acesso em: 05/04/2013.

_____. Decreto n. 2.944, de 8 de agosto de 1918. Disponível em:

<<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1918/decreto-2944-08.08.1918.html>>

Acesso em: 15/03/2013.

_____. Decreto n. 3.858, de 11 de junho de 1925. Decreto do ensino em geral. Disponível

em <<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1925/decreto n.3.858, de 11.06.1925.html>>. Acesso em 28 de julho de 2013.

_____. Lei n. 169, de 7 de agosto de 1893. Disponível em:

<<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1893/lei-169-07.08.1893.html>>. Acesso em 05/01/2014.

SEGNINI, L. R. P. **Ferrovias e ferroviários**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1982.

SOUZA, R. F. de. **A Difusão da Escola Primária em Campinas. In: Memórias da educação:**

Campinas (1850-1960). Terezinha Aparecida Quaiotti Ribeiro do Nascimento [et al.].

Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999. (Coleção Campiniana, n. 20).

_____. **Educação e Tradição: EEPG “Francisco Glicério” de Campinas 1897 – 1997.**

Faculdade de Ciências e Letras – Araraquara. UNESP, 1997.

_____. **O direito à educação: lutas populares pela escola em Campinas:** Editora da

Unicamp: Área de Publicações CMU/Unicamp, 1998.

_____. **Templos de civilização: a implantação da Escola Primária Graduada no estado de São Paulo (1890-1910)**. São Paulo: Unesp, 1998.

TEIXEIRA JUNIOR, O. **Representações e apropriações docentes do método intuitivo na educação paulista da primeira república (1890 – 1920)**. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2011.

_____. **Escola Complementar de Campinas 1903-1911: espaço, culturas e saberes escolares**. Campinas, SP: [s.n.], 2005.

TOLEDO, E. T. **Anarquismo e sindicalismo revolucionário: trabalhadores e militantes em São Paulo na Primeira República**. Editora: Perseu Abramo, 2004.

VIÑAO FRAGO, A. **Culturas Escolares**. Campinas, Mimeo, 2000.

VIÑAO, A. **Sistemas Educativos, Culturas Escolares y Reformas: Continuidades y Cambios**. 2ª Ed. Madrid: Morata, 2006.

_____. **Fracasan las reformas educativas? In: Educação no Brasil: história e historiografia/ Sociedade Brasileira de História da Educação, (Org.)**. Campinas, SP: Autores Associados, SBHE, 2001, p. 21-52. (Coleção memória da educação).

_____. **A. Historia de la educación e historia cultural**. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n.0, p. 63-82, set./dez.1995.

UNICAMP. “Programa de Iniciação Científica Júnior. Disponível em: <<http://www.prp.rei.unicamp.br/picjr>>. Acesso em 05/06/2013.

XAVIER, L. N.. **O Brasil como laboratório: educação e ciências sociais no projeto do centro brasileiro de pesquisas educacionais CBPE / INEP / MEC (1950-1960)**. [Bragança Paulista, SP.]: EDUSF, 1999. 281 p. (Estudos CDAPH; v. 7).

XIMENES, S., 1954. **Minidicionário Ediouro da Língua Portuguesa**, 2ª Ed. Reform – São Paulo: Ediouro, 2000.

ZAMBONI, S. P. **O café no norte paulista: A crise de 1929 na Fazenda Dumont**. Piracicaba, SP, 1979. (Dissertação de Mestrado).

7 - Hemeroteca

Jornal Correio Popular, p. 14, 1928. CMU – UNICAMP.

Anexo I

MATRÍCULAS INICIAIS 1ª A, B, C - SEÇÃO FEMININA

G. E. "FRANCISCO GLICÉRIO" - CAMPINAS						
1º A - SEÇÃO FEMININA - MATRÍCULA INICIAL						
nº	nome da aluna	profissão do pai	nacionalidade do pai	data ingresso	data eliminação	motivo eliminação
1	Adelaide Saldanha	Jardineiro	Port.	1-2-928		
2	Alda Thomaz	Machinista	Port.	1-2-928		
3	Amália Luiza Binotto	Colono	Ital.	1-2-928	9-2-928	Art.137-a
4	Amélia da Silva	Negociante	Bras.	1-2-928		
5	Anna Chatti	Negociante	Syrio	1-2-928		
6	Annie Venditte	Barbeiro	Ital.	1-2-928		
7	Anália Bigossi	Operário	Ital.	1-2-928		
8	Antonieta Silveira Cintra	Empregada	Bras.	1-2-928		
9	Apparecida Barboza	Feitor	Bras.	1-2-928		
10	Aurea Fonseca	Carpinteiro	Port.	1-2-928		
11	Branca Picarelli	Marcineiro	Ital.	1-2-928		
12	Carmem Astolpho	Pintor	Ital.	1-2-928		
13	Cecilia Barboza	Func. Público	Bras.	1-2-928		
14	Dorothea Mendes de Oliveira	Ferrovário	Bras.	1-2-928		
15	Ebbe Soares	Escriturário	Bras.	1-2-928	30-4-928	Art.137-a
16	Elza Machado	Trabalhador	Bras.	1-2-928		
17	Geraldina Camargo	Ferrovário	Bras.	1-2-928		
18	Iracema Nascimento da Silva	Empregada	Bras.	1-2-928	31-10-928	Art.137-a
19	Julieta Bozzeli	Ferrovário	Ital.	1-2-928	31-10-928	Art.137-a
20	Leonor Sanches	Barbeiro	Hesp.	1-2-928		
21	Luiza Prado	Graphico	Bras.	1-2-928		
22	Maria Aparecida Cezario	Operário	Bras.	1-2-928		
23	Maria Aparecida Martini	Motorista	Ital.	1-2-928		
24	Maria Crepaldi	Colono	Ital.	1-2-928		
25	Myrian Assis Pacheco	Guarda-livros	Bras.	1-2-928		
26	Nadir Moreira	Industrial	Bras.	1-2-928	30-9-928	Art.137-a
27	Nair Castanho Negrel	Marcineiro	Bras.	1-2-928		
28	Nair de Castro	Pedreiro	Bras.	1-2-928		
29	Nara Pchi	s/inf.	s/inf.	1-2-928	9-2-928	Art.137, 1.a
30	Nerina gabriel	Carpinteiro	Port.	1-2-928		
31	Noemia Falsetti	Sapateiro	Ital.	1-2-928		
32	Rosa Miguel Chatti	Negociante	Syrio	1-2-928		
33	Sophia Saldanha	Jardineiro	Bras.	1-2-928		
34	Thamires Deusanne	Empregado	Bras.	1-2-928		
35	Zilda Capovilla	Carroceiro	Bras.	1-2-928		

G. E. "FRANCISCO GLICÉRIO" – CAMPINAS						
1º B - SEÇÃO FEMININA - MATRÍCULA INICIAL						
nº	nome da aluna	profissão do pai	nacionalidade do pai	data ingresso	data eliminação	motivo eliminação
1	Anesia Blotta	Ferroviário	Ital.	1-2-928		
2	Benedita Vieira	Pedreiro	Bras.	1-2-928		
3	Carlota de Moraes	Negociante	Port.	1-2-928		
4	Edith de Lima	Negociante	Bras.	1-2-928		
5	Elza Caroni	Negociante	Ital.	1-2-928	31-3-928	Art.137, l.a
6	Ercília Donato	Carpinteiro	Bras.	1-2-928	26-3-928	Art.137, l.a
7	Eunice Carlos Dias	Empreiteiro	Port.	1-2-928	31-10-928	Art.137-a
8	Floripes Silva	Ferroviário	Bras.	1-2-928		
9	Francisca Dias	Prendas domést.	Bras.	1-2-928	31-8-928	Art.137-a
10	Genny Gual	Empregado	Hesp.	12-2-928	12-3-928	Art.137, l.a
11	Genny Volpe	Fazendeiro	Ital.	1-2-928		
12	Helena Albertini	Operário	Ital.	1-2-928		
13	Hilda Casamassa	Motorista	Bras.	1-2-928		
14	Hilária Pereira da Silva	Func. Aposentado	Bras.	1-2-928		
15	Hygina de Lima	Negociante	Bras.	1-2-928		
16	Iracema Baptista	Prendas domést.	Bras.	1-2-928		
17	Iracema Carpino	Marchante	Ital.	1-2-928		
18	Iride Baldo	Sapateiro	Ital.	1-2-928		
19	Lucilla Nogueira	Funileiro	Bras.	1-2-928		
20	Luzia Manoni	Carpinteiro	Ital.	1-2-928		
21	Maria Aparecida Teixeira	Empregado	Bras.	1-2-928		
22	Maria de Lourdes Purchio	Empregado	Ital.	1-2-928		
23	Nair Romani	Barbeiro	Ital.	1-2-928		
24	Odette Carlos Dias	Empreiteiro	Port.	1-2-928	31-10-928	Art.137-a
25	Odette Gentil de Macedo	Padeiro	Bras.	1-2-928		
26	Odorica de Carvalho	Conferente	Bras.	1-2-928		
27	Olga Klenfelder	Empregado	Bras.	1-2-928		
28	Olivia Nogueira	Funileiro	Bras.	1-2-928		
29	Rosa da Rocha	Empregado	Bras.	1-2-928	12-3-928	Art.137, l.a
30	Sebastiana Moreira	Manobrador	Bras.	1-2-928		
31	Sylvia Paschoali	s/inf.	Ital.	1-2-928		
32	Vera Gomes	Fundidor	Bras.	1-2-928		
33	Zelia Romani	Barbeiro	Ital.	1-2-928		
34	Zilda dos Anjos	Operário	Bras.	1-2-928		

G. E. "FRANCISCO GLICÉRIO" - CAMPINAS						
1º C - SEÇÃO FEMININA - MATRÍCULA INICIAL						
nº	nome da aluna	profissão do pai	nacionalidade do pai	data ingresso	data eliminação	motivo eliminação
1	Alice Dias	Operário	Bras.	1-2-928		
2	Alice Lorente	Negociante	Hesp.	1-2-928		
3	Alzira Philomena Postal	Carregador	Ital.	1-2-928		
4	Angelina Oliveira	Operário	Bras.	1-2-928		
5	Anna Fernandez	Carregador	Hesp.	1-2-928		
6	Aureluce de Mattos	Corrector	Port.	1-2-928		
7	Catharina Corrêa da Costa	Dentista	Bras.	1-2-928		
8	Clelia de Holanda	Negociante	Bras.	1-2-928		
9	Clementina Maracin	Empregado	Bras.	1-2-928		
10	Dirce Xavier	Empregado	Bras.	1-2-928		
11	Dirce Claro da Silva	Marcineiro	Bras.	1-2-928		
12	Dora Benicasa	Viajante	Ital.	1-2-928		
13	Dulce Meirelles dos Santos	Juiz de Direito	Bras.	1-2-928		
14	Felicia Lorentti	Negociante	Hesp.	1-2-928		
15	Genny Casarini	Pintor	Bras.	1-2-928		
16	Georgina Sarkis Jorge	Mascate	Syrio	1-2-928		
17	Izaura Couto	Pedreiro	Port.	1-2-928		
18	Juleita Santini	Negociante	Ital.	1-2-928		
19	Lourdes de Paula	Prendas domést.	Bras.	1-2-928		
20	Maria de Lourdes Ferreira	Empregada	Bras.	1-2-928	31-5-928	Art.137-a
21	Maria Pereira	Ferrovário	Bras.	1-2-928		
22	Maria Lorentti	Negociante	Hesp.	1-2-928		
23	Maria Antonieta Barboza	Dentista	Bras.	1-2-928		
24	Maria de Lourdes Ferreira	Typographo	Bras.	1-2-928		
25	Margarida Bellone	Ferrovário	Bras.	1-2-928		
26	Mytssunda de Camargo	Prendas domést.	Bras.	1-2-928	31-8-928	Art.137-a
27	Nazira Jose	Pedreiro	Syrio	1-2-928		
28	Odilla Napoleão	Ferrovário	Ital.	1-2-928	30-3-928	Art.137, l.a
29	Odilla Pereira	Operário	Bras.	1-2-928		
30	Olinda Augusto da Rocha	Empregado	Bras.	1-2-928	30-9-928	Art.137-a
31	Olivia de Campos	Trabalhador	Bras.	1-2-928		
32	Rosa Jose	Pedreiro	Syrio	1-2-928		
33	Sebastiana Mercedes Alves	Lavrador	Bras.	1-2-928		
34	Sophia Nunes	Lavrador	Bras.	1-2-928		
35	Wanda Paulino	Prendas domést.	Bras.	1-2-928	31-7-928	Art.137-a
36	Zepherina de Jesus Nunes	Lavrador	Bras.	1-2-928		

MATRICULAS INICIAIS 1º A, B, C - SEÇÃO MASCULINA

G. E. "FRANCISCO GLICÉRIO" – CAMPINAS						
1º A - SEÇÃO MASCULINA - MATRÍCULA INICIAL						
nº	nome do aluno	profissão do pai	nacionalidade do pai	data ingresso	data eliminação	motivo eliminação
1	Alcides Camargo	Operário	Bras.	1-2-928		
2	Ary Grecco	Impressor	Ital.	1-2-928	31-5-928	Art. 137-a
3	Ary Ramos Cunha	Prendas domest.	Bras.	1-2-928		
4	Archimedes Alves	Mechanico	Bras.	1-2-928		
5	Antonio Arruda	Operário	Bras.	1-2-928	31-10-928	Art. 137, l.a
6	Abilio Biroque	Motorista	Ital.	1-2-928		
7	Agnaldo Acacio	Pedreiro	Bras.	1-2-928		
8	Benedicto dos Santos	Prendas domést.	Bras.	1-2-928	31-7-928	Art. 137-a
9	Carlos José Cavallari	Alfaiate	Ital.	1-2-928		
10	Celso Rabello	Ferroviário	Bras.	1-2-928		
11	Donato Ferrante	Alfaiate	Ital.	1-2-928		
12	Durval Metzeker	Electrecista	Bras.	1-2-928		
13	Emílio Donato	Negociante	Ital.	1-2-928		
14	Edmundo Picarelli	Marcineiro	Ital.	1-2-928	30-6-928	Art. 137-a
15	Francisco do Amaral	Cozinheira	Bras.	1-2-928		
16	Francisco da Conceição	Empregada	Bras.	1-2-928	30-9-928	Art. 137-a
17	Francisco Santarelli	Operário	Ital.	1-2-928	31-5-928	Art. 137-a
18	Geraldo Porthoguesi	Pedreiro	Ital.	1-2-928		
19	Humberto Poloni	Pedreiro	Ital.	1-2-928		
20	Homero Xavier	Typographo	Bras.	1-2-928	31-10-928	Art.137-a
21	João dos Santos	Cozinheira	Bras.	1-2-928	31-7--928	Art.137-a
22	João Fernandes	Cocheiro	Bras.	1-2-928		
23	João Pessilene	Motorista	Ital.	1-2-928		
24	João Marchi	Comerciante	Ital.	1-2-928		
25	Jose de Souza	Pedreiro	Bras.	1-2-928		
26	Jose Geraldo Ferraz	Prendas domést.	Bras.	1-2-928		
27	Jose Cione	Viajante	Ital.	1-2-928		
28	Manoel Fernandez	Carregador	Hesp.	1-2-928		
29	Manoel Luiz de Souza	Servente	Bras.	1-2-928		
30	Manoel Jesus Filho	Operário	Port.	1-2-928		
31	Marino Rossi	Lavrador	Bras.	1-2-928	31-7-928	Art. 137-a
32	Oswaldo Oliverio	Carregador	Bras.	1-2-928		
33	Oswaldo Orsi	Pedreiro	Ital.	1-2-928		
34	Onofre Fernandes	Prendas domést.	Ital.	1-2-928		
35	Orlando Pessine	Operário	Ital.	1-2-928		

G. E. "FRANCISCO GLICÉRIO" – CAMPINAS						
1º A - SEÇÃO MASCULINA - MATRÍCULA INICIAL						
nº	nome do aluno	profissão do pai	nacionalidade do pai	data ingresso	data eliminação	motivo eliminação
36	Paschoal Fernandez	Carregador	Hesp.	1-2-928		
37	Rubens Corrêa da Costa	Dentista	Bras.	1-2-928		
38	Roberto Porthoguesi	Pedreiro	Ital.	1-2-928		
39	Renato Lotufo	Negociante	Ital.	1-2-928		
40	Sebastião Gomes Carneiro	Lavrador	Bras.	1-2-928		
41	Sergio Lopes de Lima	Carpinteiro	Bras.	1-2-928		
42	Sergio Castelli	Negociante	Ital.	1-2-928		
43	Wilson Franco da Cunha	Mechanico	Bras.	1-2-928		

G. E. "FRANCISCO GLICÉRIO" – CAMPINAS						
1º B - SEÇÃO MASCULINA - MATRÍCULA INICIAL						
nº	nome do aluno	profissão do pai	nacionalidade do pai	data ingresso	data eliminação	motivo eliminação
1	Albim Alves	Lavrador	Bras.	1-2-928		
2	Aly Cesar Closei	Escriturário	Bras.	1-2-928		
3	Alfredo Giacomo Guardini	Negociante	Ital.	1-2-928		
4	Americo Sartori	Lavrador	Ital.	1-2-928		
5	Angelo Bellini	Carregador	Ital.	1-2-928		
6	Antonio Gilberto Clatalessi	Sapateiro	Ital.	1-2-928	1-3-928	Art.137, l.a
7	Armando Celio	Escriturário	Bras.	1-2-928		
8	Armando Ferreiro	Cozinheira	Bras.	1-2-928		
9	Benedicto Alves garcia	Quitandeiro	Bras.	1-2-928	31-8-928	Art.137-a
10	Carlos de Oliveira	Cambista	Ital.	1-2-928		
11	Daniel Santarelli	Operário	Ital.	1-2-928		
12	Durval Silveira Cintra	Operário	Bras.	1-2-928		
13	Ernane Beltrame	Lavrador	Ital.	1-2-928		
14	Evaristo Debbue	Caixeiro	Ital.	1-2-928		
15	Frederico Caputo	Sapateiro	Ital.	1-2-928		
16	Geraldo graciano	Prendas Domést.	Bras.	1-2-928		
17	Geraldo Guilherme	Ferrovário	Bras.	1-2-928		
18	Hermogenes de Jesus Danhone	Ferrovário	Bras.	1-2-928		
19	Jair Bento Ferruja	Pintor	Bras.	1-2-928		
20	Jarbas Ferraz	Prendas domést.	Bras.	1-2-928		
21	João Batista Pereira	Electrecista	Bras.	1-2-928		
22	João B. Pereira	Prendas domést.	Bras.	1-2-928		
23	José Bradowsky	Negociante	Rus.	1-2-928	31-3-928	Art.137-a
24	Jose Colucci	Operário	Ital.	1-2-928		
25	Jose Pinto Oliveira	Prendas domést.	Bras.	1-2-928		
26	Jose Benedicto	Lavadeira	Bras.	1-2-928	30-9-928	Art.137-a
27	Jorge de Freitas	Lavrador	Bras.	1-2-928	31-3-928	Art.137-a
28	Laurival Rondomille	Proprietário	Ital.	1-2-928		
29	Luiz Beltramelli	Motorista	Ital.	1-2-928		
30	Luiz Benincasa	Viajante	Ital.	1-2-928		
31	Luiz de Moraes	Proprietário	Bras.	1-2-928		
32	Luiz Carvalho de Moura	Prendas domést.	Bras.	1-2-928		
33	Mauro Marinsso	Machinista	Bras.	1-2-928	31-9-928	Art.137-a
34	Oswaldo Seixas Queiroz	Negociante	Bras.	1-2-928		
35	Oswaldo Antonio figueira	Soldado	Bras.	1-2-928		
36	Oscar Pires da Silva	Empregado	Bras.	1-2-928		
37	Oscar Pierro	Pintor	Ital.	1-2-928		
38	Pedro Catalessi	Carroceiro	Ital.	1-2-928	15-3-928	Art.137, l.a

G. E. "FRANCISCO GLICÉRIO" – CAMPINAS						
1º B - SEÇÃO MASCULINA - MATRÍCULA INICIAL						
nº	nome do aluno	profissão do pai	nacionalidade do pai	data ingresso	data eliminação	motivo eliminação
39	Renato de Freitas	Lavrador	Bras.	1-2-928	31-3-928	Art.137-a
40	Remizio Debbue	Operário	Ital.	1-2-928	31-5-928	Art.137-a
41	Vildo Cardarelli	Prendas domést.	Ital.	1-2-928		
42	Waldemar Trotti	Viajante	Ital.	1-2-928	30-9-928	Art.137-a
43	Waldemar Pires	Prendas domést.	Bras.	1-2-928	9-3-928	Art.137, l.a
44	Waldemar Rodrigues	Carpinteiro	Port.	1-2-928		

G. E. "FRANCISCO GLICÉRIO" - CAMPINAS						
1º C - SEÇÃO MASCULINA - MATRÍCULA INICIAL						
nº	nome do aluno	profissão do pai	nacionalidade do pai	data ingresso	data eliminação	motivo eliminação
1	Alberto Santini	Negociante	Ital.	1-2-928		
2	Aldo Oscar Almgren	Encanador	Sue.	1-2-928		
3	Alvaro Antonio B. Zini	Alfaiate	Ital.	1-2-928		
4	Antonio Dias de Mello	Mechanico	Bras.	1-2-928		
5	Antonio Beltrame	Operário	Ital.	1-2-928	31-5-928	Art.137-a
6	Antonio Destro	Lavrador	Ital.	1-2-928		
7	Armando Bizzo	Carpinteiro	Ital.	1-2-928	31-10-928	Art.137-a
8	Argemiro Pedro Marcelino	Cozinheira	Bras.	1-2-928	31-5-928	Art.137-a
9	Benedicto Beca	Barbeiro	Bras.	1-2-928	31-8-928	Art.137-a
10	Benedicto Antonio de Oliveira	Prendas domést.	Bras.	1-2-928	13-3-928	Art.137, I.a
11	Carlos Jeronimo	Prendas domést.	Bras.	1-2-928		
12	Elpidio de Oliveira Camargo	Commerciante	Bras.	1-2-928		
13	Ernesto Gonçalves	Ferroviário	Bras.	1-2-928	31-10-928	Art.137-a
14	Feliz França Pinto	Emp. Público	Bras.	1-2-928		
15	Francisco Bozelli	Fundidor	Ital.	1-2-928	31-10-928	Art.137-a
16	Geraldo Biroque	Motorista	Bras.	1-2-928		
17	Geraldo Hortencio	Artista	Bras.	1-2-928	31-8-928	Art.137-a
18	João do Prado	Typographo	Bras.	1-2-928		
19	João de Camargo	Porteiro do Bosque	Bras.	1-2-928		
20	Jose Joaquim Alves	Ferroviário	Port.	1-2-928		
21	Jose Manoni	Carpinteiro	Ital.	1-2-928		
22	Jose Vicente Gomes Carneiro	Negociante	Bras.	1-2-928	31-10-928	Art.137-a
23	Justino Alfredo	Lavrador	Bras.	1-2-928		
24	Juvenal dos Santos	Motorista	Bras.	1-2-928	31-5-928	Art.137-a
25	Laercio Nascimento	Pedreiro	Bras.	1-2-928		
26	Luiz Ornellas Jardim	Dentista	Bras.	1-2-928		
27	Luiz Penna	Operário	Bras.	1-2-928		
28	Manoel Carmicelli	Padeiro	Ital.	1-2-928		
29	Mario Ornellas Jardim	Dentista	Bras.	1-2-928		
30	Maximino de freitas	Prendas domést.	Bras.	1-2-928		
31	Nelson de Souza Almeida	Pedreiro	Bras.	1-2-928		
32	Orlando Biroque	Motorista	Ital.	1-2-928		
33	Oswaldo Silva	Prendas domést.	Bras.	1-2-928		
34	Octavio Pinto de Carvalho	Ferroviário	Bras.	1-2-928		
35	Orlando de Maria	Barbeiro	Bras.	1-2-928	30-4-928	Art.137-a
36	Pedro Sanches Garcia	Negociante	Hesp.	1-2-928		
37	Rubens Barbosa	Commerciante	Bras.	1-2-928		

G. E. "FRANCISCO GLICÉRIO" - CAMPINAS						
1º C - SEÇÃO MASCULINA - MATRÍCULA INICIAL						
nº	nome do aluno	profissão do pai	nacionalidade do pai	data ingresso	data eliminação	motivo eliminação
38	Salvador Escapelini	Podador	Ital.	1-2-928		
39	Sylvio Eugenio dos Santos	Empregado	Bras.	1-2-928		
40	Sylvio Sampaio	Administrador	Bras.	1-2-928		
41	Waldo Cardarelli	Prendas domést.	Bras.	1-2-928		
42	Waldemar Lima	Empregado	Bras.	1-2-928		
43	Waldomiro Venturine	Industrial	Ital.	1-2-928		
44	Waldomiro Trevisan	Motorista	Bras.	1-2-928	31-7-928	Art.137-a

MATRICULA SUPLEMENTAR 1º A, B, C - SEÇÃO FEMININA

G. E. "FRANCISCO GLICÉRIO" - CAMPINAS						
1º A - SEÇÃO FEMININA - MATRÍCULA SUPLEMENTAR						
nº	nome da aluna	profissão do pai	nacionalidade do pai	data ingresso	data eliminação	motivo eliminação
1	Izabel da Silva	Lavadeira	Bras.	1-3-928		
2	Alice Firmino	Operário	Bras.	5-3-928	30-9-928	Art.137-a
3	Gláucia E. Faria	Prof.	Bras.	11-4-928	31-7-928	Art.137-a
4	Benedicta dos Santos	Operário	Bras.	17-7-928		
5	Izabel Barbosa	Prof.	Bras.	25-4-928		
6	Ondina da Silva	Operário	Bras.	28-4-928	31-7-928	Art.137-a
7	Olga Casas Fabrigas	Negociante	Bras.	28-4-928	30-9-928	Art.137-a
8	Rosalina Aparecida	Operário	Port.	30-4-928		
9	Zélia Gonçalves Silveira	Negociante	Bras.	5-5-928		
10	Adelaide Valverde	Negociante	Port. (Tutor)	5-7-928		
11	Cordelia Joung	Ferroviário	s/inf	5-7-928		
12	Norma Pontes	Ferroviário	Bras.	5-7-928		
13	Rosa Rocha	Ferroviário	Bras.	9-7-928	30-9-928	Art.137-a
14	Alzira Figueira	Operário	Bras.	23-7-928		
15	Gertrudes Valeriana	Serv. domést.	Bras.	4-8-928		
16	Odette Ramos	Militar	Bras.	1-8-928		
17	Eglaretina de Barros	Negociante	Bras.	17-8-928		
18	Carmen Fabrini	s/inf	Bras.	7-9-928		

G. E. "FRANCISCO GLICÉRIO" – CAMPINAS						
1º B - SEÇÃO FEMININA - MATRÍCULA SUPLEMENTAR						
nº	nome da aluna	profissão do pai	nacionalidade e do pai	data ingresso	data eliminação	motivo eliminação
1	Bruna Simi	Mechanico	Ital.	2-3-928		
2	Luiza Anesia	Empregada	Bras.	3-3-928		
3	Leda Marino	Alfaiate	Bras.	8-3-928		
4	Elisabete Oliveira	Empregado	Bras.	10-3-928		
5	Olivia Caetano	Empregado	Bras.	13-3-928		
6	Maria Aparecida F. Nogueira	Lavrador	Bras.	21-3-928	30-4-928	Art.137-a
7	Antonietta S. Leite	Pintor	Bras.	11-4-928		
8	Sylvia Cardoso	Corrector	Bras.	14-4-928		
9	Leonor da Silva	Operário	Bras.	28-4-928	31-7-928	Art.137-a
10	Fausta Benedicta	Serv. domést.	Bras. (Tutora)	10-5-928		
11	Anna Ketly	Carpinteiro	Allem.	2-7-928		
12	Yolanda de Paluia	Pintor	Ital.	2-7-928		
13	Anna Alves	Operário	Bras.	5-7-928		
14	Anna Maria Pedro	Operário	Port.	5-7-928		
15	Maria Alves dos Anjos	Operário	Bras.	5-7-928		
16	Ercília grazolli	Empº	Ital.	7-7-928		
17	Maria Terezinha	Negociante	Japones	7-7-928		
18	Isaura Siarque	Ferroviário	Bras. (Tutor)	13-7-928	31-7-928	Art.137-a
19	Olga Zanella	Operário	Ital.	24-8-928		
20	Maria Glória Bueno	Lavrador	Bras.	24-8-928		
21	Romilda Forte	Operário	Bras.	17-9-928	31-10-928	Art.137-a
22	Zélia Rittuer	Marcineiro	Allem.	11-10-928		

G. E. "FRANCISCO GLICÉRIO" - CAMPINAS						
1º C - SEÇÃO FEMININA- MATRÍCULA SUPLEMENTAR						
nº	nome da aluna	profissão do pai	nacionalidade do pai	data ingresso	data eliminação	motivo eliminação
1	Cecilia Marcondes	Viajante	Bras.	7-3-928		
2	Maria Conceição Oliveira	Oper.	Bras.	14-5-928		
3	Apparecida de Moraes	Oper.	Bras.	2-7-928		
4	Jovina Alves Garcia	Oper.	Bras.	2-7-928	31-8-928	Art.137-a
5	Maria Abbadia	Negociante	Allem. (Tutor)	2-7-928	31-8-928	Art.137-a
6	Ordália dos Santos	Lavrador	Bras. (Tutor)	2-7-928		
7	Maria Wanda Oliveira	Negociante	Bras.	23-7-928	31-10-928	Art.137-a
8	Durvalina Romã	s/inf.	s/inf.	23-7-928		
9	Maria Novais	Serv. domést.	Bras.	1-8-928		
10	Maria Graça Cesar	Oper.	Port.	25-8-928		
11	Isaura Rodrigues	Negociante	Port.	29-8-928		
12	Maria Vicente Marques	Serv. domést.	Bras.	30-8-928	31-10-928	Art.137-a
13	Mitssunda de Camargo	Serv. domést.	Bras.	1-10-928		

MATRÍCULA SUPLEMENTAR 1º A, B, C -SEÇÃO MASCULINA

G. E. "FRANCISCO GLICÉRIO" - CAMPINAS						
1º A - SEÇÃO MASCULINA - MATRÍCULA SUPLEMENTAR						
nº	nome do aluno	profissão do pai	nacionalidade do pai	data ingresso	data eliminação	motivo eliminação
1	Elysen elais	Lavadeira	Bras.	3-3-928		
2	Francisco Goes	Empregado	Bras.	20-3-928	30-9-928	Art.137-a
3	Aristeu B. Oliveira	Operário	Bras.	16-4-928	31-8-928	Art.137-a
4	Sylvio Salles Nogueira	Operário	Bras.	20-4-928	30-9-928	Art.137-a
5	José de Souza	Operário	Bras.	20-4-928	31-5-928	Art. 137-a
6	Willian Graça	Viajante	Bras.	8-5-928		
7	Jose Otávio Machado	Lavrador	Bras.	15-5-928		
8	Armando Jose Nardi	Chauff.	Bras.	2-7-928		
9	Jose Loubello	Carpinteiro	Bras.	2-7-928	30-9-928	Art.137-a
10	Eduardo Garcia	Lavrador	Bras.	6-7-928	31-10-928	Art.137-a
11	Jose de Oliveira	Servente	Bras.	13-7-928		
12	Mario de Paula Chagas	Ferrovário	Bras.	1-8-928		
13	Hernani C. Brandão	Negociante	Bras.	6-8-928		
14	Helio Gallupo	Negociante	Ital.	9-8-928		

G. E. "FRANCISCO GLICÉRIO" - CAMPINAS						
1º B - SEÇÃO MASCULINA - MATRÍCULA SUPLEMENTAR						
nº	nome do aluno	profissão do pai	nacionalidade do pai	data ingresso	data eliminação	motivo eliminação
1	Jose Vitoriano	Cozinheira	Bras.	8-3-928		
2	Francisco Vitoriano	Cozinheira	Bras.	8-3-928		
3	Manoel Jamarco	Operário	Ital.	11-3-928		
4	Jose Felipe Nogueira	Lavrador (tutor)	Bras.	20-3-928		
5	Manoel Dias	Negociante	Bras.	10-4-928		
6	Augusto Oliveira	Negociante	Ital.	10-4-928	30-9-928	Art.137-a
7	Carlos Alpis	Negociante	Aust.	10-4-928		
8	Carlos Klein Felder Filho	Negociante	Bras.	10-4-928		
9	Alcides Mingone	Operário	Ital.	16-4-928		
10	Jose Ferrer	Negociante	Bras.	16-4-928		
11	Fernando Camargo	Serv. domést.	Bras.	2-5-928		
12	Jose Athay Filho	Negociante	Bras.	6-7-928		
13	Jose Bueno	Negociante	Bras.	27-8-928		
14	Francisco Boj	Operário	Esp.	6-10-928		

G. E. "FRANCISCO GLICÉRIO" - CAMPINAS						
1º C - SEÇÃO MASCULINA - MATRÍCULA SUPLEMENTAR						
nº	nome do aluno	profissão do pai	nacionalidade do pai	data ingresso	data eliminação	motivo eliminação
1	Bernardo de Lima	Empregado	Bras.	6-3-928	31-10-928	Art.137-a
2	Armando Jamarco	Operário	Ital.	11-3-928		
3	Romeu Cecatto	Negociante	Bras.	10-4-928		
4	Antonio Cardozo	Corrector	Bras.	10-4-928		
5	Carlos Jorge Mendonça	Inválido	Bras.	20-4-928	31-7-928	Art.137-a
6	Arlindo Salles Nogueira	Operário	Bras.	20-4-928	31-10-928	Art.137-a
7	Jose Franco	Operário	Bras.	2-5-928		
8	Jairo Garcia Pinheiro	Aposentado	Bras.	1-7-928		
9	Jose Trote	Operário	Ital.	22-5-928	31-8-928	Art.137-a
10	Luis Athay Marc Filho	Negociante	Bras.	6-7-928		
11	Raphael Fagnani	Operário	Ital.	6-7-928		
12	Mario de Moraes	Serv. domést.	Bras.	6-7-928		
13	Henrique Pontes	Negociante	Bras.	21-8-928		
14	Celso Marchi Pereira	Pharm.	Bras.	21-8-928		
15	Euclides Nogueira Dias	Negociante	Bras.	27-8-928		
16	Domingos Tullio	Negociante (tutor)	Ital.	29-8-928		

TABELAS – SECÇÃO FEMININA – LIVRO DE MATRÍCULA G. E. “FRANCISCO GLICÉRIO”

**Tabela com a evolução das alunas ingressantes em 1928 no 1º A
Secção Feminina - G. E. “Francisco Glicério” - primeiro G. E. de Campinas/SP**

Ano do curso	1928	1929	1930	1931	1932	1933	1934	1935
1º	53	8	2	2				
2º		17	11	5				
3º			2	8	4	2		
4º				1	1	1		
4º Promovido					6	1		

*

**Tabela com a evolução das alunas ingressantes em 1928 no 1º B
Secção Feminina - G. E. “Francisco Glicério” - primeiro G. E. de Campinas/SP**

Ano do curso	1928	1929	1930	1931	1932	1933	1934	1935
1º	55	15	8	3				
2º		11	14	6	1			
3º			3	9	4	3	1	
4º					1	1		
4º Promovido				1	3	3		

*

**Tabela com a evolução das alunas ingressantes em 1928 no 1º C
Secção Feminina - G. E. “Francisco Glicério” - primeiro G. E. de Campinas/SP**

Ano do curso	1928	1929	1930	1931	1932	1933	1934	1935
1º	49	12	4					
2º		10	6	5				
3º				4	3	2		
4º					1	1	1	
4º Promovido					2	2		

*

IDADES - SECCÃO FEMININA - 1928 - G. E. "FRANCISCO GLICÉRIO"**1º A**

IDADE	QUANTIDADE
7 anos	10
8 anos	13
9 anos	8
10 anos	2
11 anos	2
TOTAL	35 ALUNAS

1º B

IDADE	QUANTIDADE
7 anos	1
8 anos	17
9 anos	10
10 anos	5
11 anos	0
12 anos	1
TOTAL	34 ALUNAS

1º C

IDADE	QUANTIDADE
7 anos	3
8 anos	13
9 anos	6
10 anos	6
11 anos	2
12 anos	4
13 anos	1
14 anos	0
15 anos	1
TOTAL	36 ALUNAS

TABELAS – SECÇÃO MASCULINA – LIVRO DE MATRÍCULA G. E. “FRANCISCO GLICÉRIO”

**Tabela com a evolução dos alunos ingressantes em 1928 - 1º A
Secção Masculina - G. E. “Francisco Glicério” - primeiro G. E. de Campinas/SP**

Ano do curso	1928	1929	1930	1931	1932	1933	1934	1935
1º	58	17	11	4				
2º		11	7	7	1	1		
3º			4	3	3	1		
4º				1	1			1
4º Promovido				2	1	1		

*

**Tabela com a evolução dos alunos ingressantes em 1928 - 1º B
Secção Masculina - G. E. “Francisco Glicério” - primeiro G. E. de Campinas/SP**

Ano do curso	1928	1929	1930	1931	1932	1933	1934	1935
1º	58	21	14					
2º		9	13	12	1			
3º				6	6	3		
4º					1		3	
4º Promovido					2	4		

*

**Tabela com a evolução dos alunos ingressantes em 1928 - 1º C
Secção Masculina - G. E. “Francisco Glicério” - primeiro G. E. de Campinas/SP**

Ano do curso	1928	1929	1930	1931	1932	1933	1934	1935
1º	60	13	5					
2º		18	12	4				
3º			1	1	2			
4º					1			
4º Promovido				3	1	2		

*

IDADES - SECÇÃO MASCULINA - 1928 - G. E. "FRANCISCO GLICÉRIO"

1º A

IDADE	QUANTIDADE
7 anos	13
8 anos	20
9 anos	5
10 anos	2
11 anos	2
12 anos	0
13 anos	1
TOTAL	43 ALUNOS

1º B

IDADE	QUANTIDADE
7 anos	18
8 anos	17
9 anos	6
10 anos	0
11 anos	0
12 anos	2
13 anos	1
TOTAL	44 ALUNOS

1º C

IDADE	QUANTIDADE
7 anos	6
8 anos	16
9 anos	13
10 anos	4
11 anos	2
12 anos	3
TOTAL	44 ALUNOS

Anexo II

De acordo com o *decreto n. 2.944 de 8 de agosto de 1918* - assim se compunha o programa completo de ensino para os grupos escolares do estado de São Paulo:

1.º ANNO

LEITURA

- 1.º passo: Exercícios de linguagem oral á vista de objetos ou gravuras. Questões muitos familiares, que tenham por fim ensina a criança a se exprimir corretamente.
- 2.º passo: Leitura de sentenças proferidas pelas crianças e escritas no quadro-negro.
- 3.º passo: Reconhecimento das palavras das sentenças lidas e formação de novas sentenças. Entrega da cartilha aos alunos e recordação das sentenças escritas no quadro-negro.
- 4.º Continuarão da leitura das lições da cartilha. Reconhecimento das palavras e sua decomposição em sílaba; formação de novas palavras com sílabas estudadas.
- 5.º passo: Continuação da leitura das lições da cartilha. Decomposição das sílabas em letras e formação de novas sílabas e palavras com essas letras. Leitura do 1.º livro.

LINGUAGEM ORAL

- a) Formação de sentença com palavras conhecidas dos alunos e a respeito de cousas cuja existência e utilidade os seus sentidos verifiquem.
- b) Formação de sentenças sobre a forma, cor, posição, substancia e utilidade de objetos.
- c) Descrição muito simples de objetos á vista.
- d) Descrição de objetos ausentes, mas conhecidos.
- e) Narrações simples de fatos instrutivos e morais, feitas pelo professor. Reprodução socrática das mesmas e reprodução livre pelos alunos.
- f) Recitação, com explicação prévia de máximas e pequenas poesias apropriadas á idade e ao desenvolvimento mental da classe.

LINGUAGEM ESCRITA

- a) Cópia de pequenas sentenças e de palavras do livro de leitura, ou escritas pelo professor no quadro-negro.

- b) Ditado de pequenas sentenças e palavras.
- c) Construção de sentenças com palavras dadas.
- d) Completar sentenças escritas pelo professor no quadro-negro.
- e) Redação de sentenças conexas, á vista de objetos ou de gravuras.
- f) Emprego de letras maiúsculas no começo ou no corpo das sentenças.
- g) Uso e emprego do ponto final, ponto de interrogação e do ponto de admiração.

CALLIGRAPHIA

Cópias de sentenças, palavras, números, á vista de exercícios escritos pelo professor no quadro-negro.

ARITHMETICA

- a) Rudimentos das primeiras operações, pelos meios concretos.
- b) Conhecimento direto dos grupos 2, 3, 4 e 5 por um simples golpe de vista e sem contar.
- c) Soma direta de objetos de 1 em 1, de 2 em 2, de 3 em 3 etc. - até 20 e depois até 100.
Subtração em ordem inversa.
- d) Contar de dez em dez até 100.
- e) Exercícios sobre as quatro operações até 10.
- f) Leitura e escrita de números e uso dos sinais +, -, \times , \div , =, praticados nas quatro operações.
- g) Exercícios orais e escritos sobre os cálculos do mapa de números, inclusive exercícios sobre facções.
- h) Estudo das quatro operações até 100 do modo mais concreto possível. Problemas fáceis.
- i) Conhecimento prático dos algarismos romanos. O relógio.
- j) Conhecimento prático do metro, litro e kilo.

GEOMETRIA

- a) Esfera. Estudo feito á vista do solido, quanto á forma geral e superfície. Hemisfério.
- b) Cubo. Forma do cubo comparativamente com a de outros objetos conhecidos. Faces do cubo arestas ou linhas - canto ou angulo.
- c) Paralelepípedo. Estudo correspondente; divisão de paralelepípedo em dois prismas

triangulares.

d) Prisma triangular e cilindro. Estudo correspondente.

GEOGRAPHIA

a) Posição relativa dos objetos da sala de aula. A carteira e suas posições: - parte superior, inferior, direita, esquerda; frente, atrás, etc.

b) A sala de aula e o edifício da escola - exercícios de localização.

c) Esboço aproximado da sala de aula: da área do recreio e do quarteirão em que está situada a escola.

d) Descrição do caminho percorrido pelo aluno ao dirigir-se à escola.

e) Conhecimento prático dos pontos cardeais, pelo nascimento do sol e pela sombra; aplicações dos mesmos relativamente à situação de objetos, edifícios, ruas, etc.

f) Ensino objetivo de termos geográficos de fácil explicação.

g) Medida do tempo; - dia, semana, mês e ano.

h) Conhecimento das quatro estações do ano.

i) Primeiras observações diretas do que a criança vê: - o sol, a lua, as estrelas. O dia e a noite.

HISTORIA DO BRASIL

a) Descrição, sempre que for possível á vista de gravuras, das riquezas e belezas naturais do nosso país, de maneira a despertar no espírito das crianças o interesse e sentimento de entusiasmo pela Pátria.

b) Conhecimento dos vultos mais notáveis da nossa historia, salientando-se, em ligeiros traços biográficos, os seus atos de patriotismo.

INSTRUCÇÃO MORAL E CIVICA

a) Recitação de trechos morais e cívicos apropriados á cidade dos alunos e previamente explicados.

b) Historietas singelas, que serão explicadas cuidadosamente as crianças.

c) Palestras sobre os elementos de civilidade que a criança precisa aprender a observar nas suas relações sociais.

SCIENCIAS PHYSICAS E NATURAES

- a) Conhecimento e distinção das cores.
- b) Observações sobre o aspecto exterior dos corpos, cujas qualidades serão cuidadosamente nomeadas
- c) Estudo de animais conhecidos, notando suas qualidades, semelhanças e diferenças.
Classificação desses animais pelo aspecto exterior: animais de pena, de pelo, de escamas, de dois pés, de quatro pés, de seis pés etc. Animais que andam, que voam, que nadam: animais que vivem na terra e na água; animais uteis; animais nocivos.
- d) Conhecimento de alguns produtos animais na alimentação, nas artes e industrias: - carne, couro, osso, chifres etc.
- e) Conhecimento das partes do corpo humano: cabeça, tronco e membros.
- f) Palestras sobre vegetais conhecidos: utilidade e emprego de seus produtos na alimentação, na medicina caseira.
- g) Arvores frutíferas.
- h) Regras uteis sobre higiene de alimentação: boa mastigação; frugalidade e sobriedade; regularidade nas refeições.
- i) Conselhos higiênicos sobre o asseio individual.
- j) Efeitos nocivos do fumo e do álcool

MÚSICA

- a) Exercícios de respiração torácica.
- b) Cantos por audição em ritmos fáceis. Canções hinos etc. excedendo da oitava do DO da 1.º linha inferior e DO do 3.º espaço da clave de SOL.
- c) Os alunos devem sempre cantar sem esforço e com boa emissão e pronúncia.

DESENHO

- a) Desenho de objetos simples no quadro-negro, no papel, a lápis ou a giz de cores.
- b) Desenho original ou de invenção.

TRABALHO MANUAL

- a) Dobramento de papel. Objetos usuais: chapéus, barquinhas, caixinhas, etc.

- b) Tecidos de papel.
- c) Alinhamento em cartões, á vista de modelos apropriados e graduados.
- d) Modelo: construção de forma geométrica já estudada.

Para a secção feminina acresce:

- e) Posição das mãos e modos de segurar a agulha.
- f) Crochê simples.

EXERCICIOS GYMNASTICOS

- a) Exercícios callisthenicos.
- b) Voltas. Marchas simples.
- c) Exercícios ao ar livre: marchas cadenciadas. Corridas.
- d) Jogos ginásticos.

2.º ANNO

LEITURA

- a) Leitura diária em livro apropriado, atendendo, quando possível, ás regras de pronuncia e á inflexão necessária de voz.
- b) Explicação do sentido das palavras e sentenças encontradas na lição.
- c) Exercícios muito simples de sinonímias sobre palavras de significação conhecida, tiradas da lição.
- d) Explicação, pelo professor, do trecho lido e interpretação oral pelos alunos.
- e) Conhecimento dos sinais de pontuação, para os efeitos da correção da leitura.

LINGUAGEM ORAL

- a) Formação de sentença empregando: de pessoas, coisas, animais, plantas, etc.
- b) Qualidade das coisas e qualidades opostas.
- c) Narrações de fatos relativos á escola, á família e a sociedade, feitas pelo professor, com reprodução socrática e completa das mesmas pelos alunos.
- d) Descrição de objetos á vista e pequenas narrações e contos sugeridos por meio de estampas.
- e) Declamação de pequenas poesias apropriadas ao desenvolvimento da classe.

LINGUAGEM ESCRITA

- a) Cópia de trechos do livro de leitura.
- b) Ditado de sentença e pequenos trechos do livro de leitura.
- c) Descrição de objetos ou gravuras.
- d) Reprodução de contos muito simples, ouvidos em classe.
- e) Composição de historietas.
- f) Reprodução de assumptos estudados em outras disciplinas.
- g) Redação de bilhetes e cartas muito simples, sobre assumptos dados pelo professor.

CALLIGRAPHIA

Continuação dos exercícios de 1.º ANNO, seguindo a mesma marcha.

ARITHMETICA

- a) Estudo prático de numeração oral e escrita, até milhares: estudo prático da formação de unidades, dezenas, centenas e milhares.
- b) Cálculos mental de acordo com a direção dos mapas de números, incluindo conhecimentos de $\frac{1}{2}$, $\frac{1}{3}$, $\frac{1}{4}$, $\frac{1}{5}$, etc.
- c) Continuação dos algarismos romanos, escritos e oralmente.
- d) Tabuada de multiplicar e dividir até 12, por meio de tornos.
- e) Estudos elementar completo das quatro operações fundamentais até milhares, e com aplicações a numerosos e variados exercícios da vida prática.
- f) Conhecimento das unidades principais de comprimento, de superfície, capacidade e peso.
Exercícios práticos correspondentes.
- g) Conhecimento da moeda brasileira.

GEOMETRIA

- a) Pirâmide e cone.
- b) Elipsoide e ovoide.
- c) Formas das faces.
- d) Linhas e ângulos.

GEOGRAPHIA

- a) Termos geográficos aplicados ás terras e ás águas, á vista de accidentes naturais, quando possível, ou á vista de gravuras, e também, como auxilio de mapas ou tabuleiro de área molhada, ou no pateo do recreio. Leitura de mapas geográficos.
- b) Mapas parciais da cidade e localização de estabelecimentos importantes.
- c) Mapa das viagens que os alunos tenham feito, referindo-se ás cidades que conhecem e ás vias de comunicação.
- d) Mapa da configuração geral do Estado de São Paulo e localização das partes aprendidas e conhecidas.
- e) Medida do tempo: o ANNO e as estações: inicio e duração das estações.
- f) Observações sobre o sol, a lua e as estrelas.
- g) Idea geral da Terra como astro e algumas observações sobre a sua forma e movimentos.

HISTORIA DO BRASIL

- a) Continuação dos estudos iniciados no 1.º ANNO, com o mesmo espírito, e maior desenvolvimento.
- b) Fundação de São Paulo.

INSTRUCCÃO CIVICA E MORAL

- a) Trechos morais e cívicos apropriados á idade da classe e previamente explicados.
- b) Historietas, narradas pelo professor, encerrando fatos de patriotismo, heroísmo, abnegação, etc.
- c) Recitativos: prosa ou verso, com ideias de civismo e patriotismo.
- d) Palestras sobre deveres de civilidade para com os pais, parentes, professores, colegas, etc.; comportamento das crianças na escola, nas reuniões, nos lugares públicos; tratamento devido aos criados e inferiores em geral.
- e) Insistir sobre o respeito á rua e especialmente contra as inscrições inconvenientes nas paredes, nos muros, nos moveis, etc.

SCIENCIAS PHYSICAS E NATURAES

- a) Ensino objetivo dos estados e qualidades dos corpos. Corpos sólidos, liquido, gasoso, áspero,

liso, escorregadio, frágil, resistente, poroso, translucido, opaco, elástico, flexível, combustível, inflamável, explosivo, fusível, solúvel, fibroso, granuloso, picante, adstringente, ácido, doce, salgado, etc.

- b)** Primeiras observações sobre animais vertebrados e invertebrados. Animais domésticos. Animais úteis e animais nocivos á agricultura. Festa das aves e das árvores.
- c)** Continuação do estudo das partes do corpo humano com observações gerais sobre higiene: os sentidos. A higiene dos dentes.
- d)** Estudo de alguns vegetais uteis: as partes principais da planta: a raiz, o caule, as folhas, as flores e frutos; suas aplicações na alimentação dos homens e dos animais; suas aplicações nas artes, nas indústrias, na medicina.
- e)** Observações sobre a germinação das sementes.

MUSICA

- a)** Ginástica respiratória e exercícios de vocalização na extensão mencionada do ANNO anterior..
- b)** Cantos por audição em ritmos fáceis.

DESENHO

- a)** Desenhar a lápis: animais, plantas e grupos de objetos do natural.
- b)** Desenhos decorativos, ditados e originais.

TRABALHO MANUAL

- a)** Alinhavos em cartão, executados a cores, sobre modelos diversos, representando figuras de animais, flores e outros motivos decorativos.
- b)** Modelagem de objetos usuais.

Secção feminina:

- c)** Crochê, pontos, alinhavos, pospontos, pospontos no claro, pontos fechados e abertos, pontos de remate. Preparação e modo de franzir. Franzidos duplos.

GYMNASTICA

- a)** Os mesmos exercícios do 1.º ANNO acompanhados de canto.
- b)** Exercícios ao ar livre.

- c) Jogos ginásticos.
- d) Formaturas para exercícios ginásticos.
- e) Exercícios preparatórios para pulos.
- f) Corridas com pequenos obstáculos. Corridas de velocidade.

3.º ANNO

LEITURA

- a) Leitura diária de prosa e verso em livro apropriado, com observação constante da pronuncia e inflexão de voz.
- b) Conhecimento da significação das palavras da lição: sentido real e figurado.
- c) Formação de sentenças com palavras da lição.
- d) Exercícios fáceis de sinonímias.
- e) Exercícios orais, muito simples, de mudança de redação.
- f) Explicação e interpretação oral do trecho lido.
- g) Estudo dos sinais de pontuação, para os efeitos da correção da leitura. Estudo do parágrafo.
- h) Leitura suplementar, em livro apropriado ao desenvolvimento da classe.

LINGUAGEM ORAL

- a) Descrição de coisas, fatos e cenas naturais, feita pelo professor, e reprodução socrática e completa pelos alunos.
- b) Descrições correspondentes feitas pelos alunos, com auxilio do professor ou á vista de objetos ou gravuras.
- c) Reprodução de pequenos contos lidos ou ouvidos pela classe.
- d) Reprodução de assumptos de outras aulas.
- e) Declaração de poesias apropriadas ao desenvolvimento da classe e previamente explicadas.
- f) Exercícios para ampliação do vocabulário dos alunos, sobre sinônimos, homônimos, antônimos e parônimos.
- g) Conhecimento pratico das sentenças declarativas, interrogativas, exclamativas, condicionais e imperativas.
- h) Conhecimento pratico dos elementos capitais da sentença - sujeito e predicado.
- i) Conjugação de verbos no presente, passado e futuro do indicativo (tempos simples).

- j) Formação de derivados de nomes conhecidos.
- k) Divisão dos vocábulos em sílabas: ditongos, acento tônico e acentos ortográficos.

LINGUAGEM ESCRITA

- a) Reprodução de contos lidos ou ouvidos pelos alunos, ou de assumptos estudados em outras aulas.
- b) Descrições e pequenas narrativas com auxílio de gravuras e com esboço dado pelo professor.
- c) Redação de bilhetes e cartas sobre assumptos muito simples sugeridos pelo professor.
- d) Composição livre nos limites do desenvolvimento da classe.

CALLIGRAPHIA

- a) Reprodução, no caderno em branco, de letras de haste, letras compridas, letras curtas. Relação entre as hastes e o corpo da letra.
- b) Distância entre as letras e meio de liga-las. Distância entre os vocábulos.
- c) Alfabeto maiúsculo e minúsculo.
- d) Exercícios para o desenvolvimento do pulso e dos dados.
- e) Cópia de sentenças ou de trechos do livro de leitura.

ARITHMETICA

- a) Estudo completo da numeração decimal.
- b) Estudo completo das quatro operações sobre inteiros. Problemas e questões práticas.
- c) Fração decimal: - leitura e escrita de números decimais.
- d) Reprodução de frações decimais á mesma denominação.
- e) Alteração do valor dos decimais.
- f) Estudo completo das quatro operações sobre frações decimais.
- g) Problemas e questões praticas.
- h) Conhecimento pratico de frações ordinárias. Representação e leitura de frações ordinárias.
- i) Sistema métrico. Conhecimento prático das unidades do comprimento, superfície, volume e peso. Aplicações práticas. Múltiplos e submúltiplos das unidades métricas.

GEOMETRIA

- a) Linhas: suas espécies; posições absolutas e relativas.
- b) Traçado de linhas com uso do compasso.
- c) Divisão de uma reta em partes iguais.
- d) Ângulos. Triângulos. Retângulos. Quadriláteros e suas espécies.
- e) Medida das áreas.
- f) Problemas e questões praticas.

GEOGRAPHIA

- a) Desenvolvimento do estudo feito no 2.º ANNO.
- b) São Paulo: A Capital, população, cidades principais, produção, estradas de ferro, exportação e importação, comércio e indústria.
- c) O Brasil: estados e capitais. Produção característica de cada Estado.
- d) Construção simultânea de mapas cartográficos do Estado de São Paulo e do Brasil, de acordo com as lições explicadas.
- e) Forma e movimentos da terra.
- f) Astros luminosos e opacos.
- g) Ideia geral do globo.
- h) Linhas, círculos, zonas e estações do ANNO.
- i) Noção geral do nosso sistema planetário.

HISTORIA DO BRASIL

- a) Estudo dos principais fatos que se deram na proclamação da Republica, no 2.º Império e na Independência.
- b) Noticias biográficas dos brasileiros que tomaram parte nesses acontecimentos e dos que se tornaram notáveis nas ciências e artes.

INSTRUÇÃO MORAL E CIVICA

- a) Palestras com os alunos sobre os seus deveres em relação a si mesmos, á família, á sociedade, á Pátria.
- b) Dignidade pessoal.

- c) Demonstração dos maus efeitos resultantes da mentira, da calúnia, da inveja, da cólera, da preguiça, da intemperança, da delação, etc.
- d) Narrações e contos que despertem na criança amor pelo bem e horror pelo mal.
- e) Historietas sobre princípios morais ou atos dignos de imitação.,
- f) A Pátria: diversos para com a Pátria.
- g) Respeito á Pátria estrangeira.
- h) Necessidade de Governo. Impossibilidade da existência de uma sociedade sem Governo. Demonstração destas verdades por meio de exemplos fáceis: a classe sem professor, etc.
- i) Fases do Governo por que tem passado o Brasil.
- j) Poderes constituídos no município, no Estado e no País.
- k) As datas nacionais.
- l) Descrição simples da nossa bandeira nacional, como símbolo da Pátria.
- m) Leitura e comentário de um manual de civilidade.

ECONOMIA DOMESTICA

- a) Ordem nas diversas ocupações diárias da família.
- b) Gastos e economia da família.
- c) Organização de uma escrita domestica.
- d) Conhecimentos de receitas de utilidade pratica.
- e) Cuidados higiênicos com as crianças, com os enfermos, com os animais domésticos, etc.

SCIENCIAS PHYSICAS E NATURAES - HYGIENE

- a) Ar atmosférico: Barômetro.
- b) Composição do ar. Ar viciado. Unidade do ar e suas causas.
- c) Evaporação: observações sobre o planejamento geral da evaporação; suas causas e efeitos.
- d) As chuvas: formação das chuvas e seus efeitos.
- e) Ventos: suas causas e seus efeitos.
- f) A geada e a neve.
- g) Estudo muito simples de aplicação de alguns dos minerais mais conhecidos: o ferro, o carvão de pedra, o chumbo, o cobre, o níquel, a prata, o ouro, as áreas monazíticas, etc.
- h) Água: sua composição. Águas minerais e medicinais. Águas termais.

- j) Calor: fontes de calor. Termômetro
- k) Animais: principais caracteres dos vertebrados e dos invertebrados.
- l) Animais úteis: cuidados que merecem seu tratamento.
- m) O homem: partes principais do corpo humano. Os principais ossos do esqueleto.
- n) Aparelho digestivo; sua função.
- o) Descrição dos instrumentos mais usuais de agricultura.
- p) Diversos processos para a reprodução artificial dos vegetais: estaca, mergulhia e enxertia.
- q) A cultura de alguns vegetais úteis, em campos de experiência: café, algodão, cana de açúcar, cereais, árvores frutíferas, plantas leguminosas, etc. Benefícios que essas plantas prestam ao homem.

MÚSICA

- a) Exercício de ginástica respiratória e de vocalização.
- b) Canto por audição de melodias fáceis; representação dessas melodias sem claves, sem compasso e sem divisão de compasso.
- c) Valores rítmicos das figuras; valores relativos.
- d) Valor do ponto.
- e) Intervalos.
- f) Compasso unário e compasso quaternário expresso por C; modo de bate-los.
- g) Tempos fortes e tempos fracos do compasso quaternário.
- h) Figuras simples e compostas.
- i) Solfejo seguido, interrompido e salteado de melodias de 8 compassos, escritas no quadro negro.
- j) Figuras positivas e negativas.
- k) Extensão de melodia.
- l) Melodias conhecidas em ritmo binário.
- m) Compasso binário representado por 2/4; modo de bate-lo.
- n) Tempos fortes e tempos fracos do compasso binário.
- o) Nomenclatura das figuras.
- p) Melodias conhecidas em ritmo ternário.
- q) Compasso ternário representado por 3/4; modo de bate-lo.
- r) Tempos fortes e tempos fracos do compasso ternário.

- s) Claves - Exercício especial com clave de Sol.
- t) Exercícios de nomenclatura de notas e clave de Sol, desde a primeira linha suplementar inferior até o 4.º espaço da pauta natural.
- u) Solfejo de melodias desconhecidas em compasso quaternário.
- v) Exercício de mano solfa a uma voz.
- x) Ditado musical com frases de quatro compassos de melodias fáceis.

DESENHO

- a) Desenho a lápis; paisagens simples: reprodução de modelos em diversas posições.
- b) Desenho de invenção e ditado.

TRABALHOS MANUAES

- a) Trabalhos de horticultura e de jardinagem.
- b) Aplicação manual das folhas, ramos, fibras, lenhosas, vime, cipó, couros, peles, penas, etc.
Acresce para o sexo feminino:
 - c) Costura, cerziduras, franjas, malhas, alinhavos, remendos, etc.

GYMNASTICA

- a) Exercícios callisthenicos.
- b) Exercícios ao ar livre.
- c) Passos rítmicos ou de dança.
- d) Formatura para os exercícios ginásticos. Evoluções ginásticas em passo ordinário e acelerado.
Marchas combinadas.
- e) Pulos. Corridas.
- f) Jogos ginásticos.

4.º ANNO

LEITURA

- a) Leitura expressiva de prosa e verso, em livro apropriado ao desenvolvimento dos alunos.
- b) Variedade e propriedade de expressão, conforme o assumpto.
- c) Leitura declamada de prosa ou verso, com observação das regras de dicção.

- d) Significação dos vocábulos: sentido real e figurado. Exercícios de sinonímia e mudança oral de redação.
- e) Exercícios sobre mudanças de redação, com transposição sintática dos termos.
- f) Leitura expressiva de gêneros literários diversos poesias , diálogos biografias, etc.
- g) Interpretação e exposição do assunto lido.
- h) Uso e emprego dos sinais de pontuação.
- i) Exercícios sobre as figuras de dicção mais simples.
- j) leitura suplementar em livros apropriados ao desenvolvimento dos alunos, e que auxiliem a aquisição de conhecimentos.

LINGUAGEM ORAL

- a) Reprodução de assumpto lido ou ouvido, ou de assumpto estudado em outras disciplinas.
 - b) Narrativas de fatos episódios e cenas naturais.
 - c) Declamação de prosa e verso, com propriedades e variedade de expressão.
 - d) Estudo mais completo das palavras análogas: sinônimos homônimos, antônimos e parônimos.
 - e) Elementos de sintaxe, Sentenças declarativas, interrogativas, imperativas, condicionais e exclamativas.
- Sujeito e predicado. Circunstancias mais comum.
- f) Estudo Pratico das partes do discurso.
 - g) Conhecimento Pratico das figuras de dicção mais comuns.
 - h) Flexão em geral. Conjugação de verbos.
 - i) Manejo do dicionário português.

LINGUAGEM ESCRITA

- a) Descrições e narrações sobre assumptos estudados
- b) Mudança de redação.
- c) Redução de poesia á prosa.
- d) Esboço biográfico de brasileiros ilustres.
- e) Redação de cartas, recibos, ofícios, requerimentos, etc.
- f) Composição livre.

CALLIGRAPHIA

- a) Exercícios livres de caligrafia, em copia do livro de leitura ou do quadro negro, com aplicação do aprendido no 3.º ANNO.
- b) Letras de fantasia.

ARITHMETICA

- a) Revisão do estudo feito no 3.º ANNO.
- b) Frações ordinárias: frações próprias e impróprias, homogêneas e heterogêneas
- c) Redução de numero misto a fração ordinária.
- d) Conhecimento dos caracteres mais simples de divisibilidade.
- e) Estudo pratico elementar do máximo comum divisor.
- f) Redução de frações ordinárias ao mesmo denominador.
- g) Estudo pratico das quatro operações sobre frações ordinárias.
- h) Redução de frações ordinárias a decimais e vice-versa.
- i) Sistema métrico decimal. Conhecimento das medidas métricas, seus múltiplos e submúltiplos. Redução de medidas. Aplicações práticas.
- j) Problemas e questões praticas, pelo método da redução á unidade.

GEOMETRIA

- a) Revisão do estudo feito no 3.º ANNO.
- b) Avaliação das áreas dos triângulos e dos paralelogramos.
- c) Inscrição de polígonos.
- d) Determinação da área dos polígonos regulares.
- e) Determinação da extensão da circunferência e da área do circulo.
- f) Exercícios práticos sobre volumes de alguns sólidos geométricos.
- g) Problemas e questões práticas.

GEOGRAPHIA

- a) Revisão do estudo feito no 3.º ANNO.
- b) O Estado de São Paulo: sua importância pela fertilidade do solo, pelos rios que o regam, pelo clima, pela produção, pela riqueza, pelas vias de transporte, pelo comércio e indústria, pela

iniciativa de seus habitantes.

c) O Brasil: estudo elementar completo.

d) Os principais países da America, da Europa, da Ásia, da África e da Oceania.

Os mapas cartográficos serão levantados simultaneamente com as explicações dadas.

HISTORIA DO BRAZIL

a) O descobrimento da America e do Brasil; indígenas e colonos.

b) O regime das capitánias.

c) Exploração e catequese.

d) Os governos gerais

e) Transmigração da família real para o Brasil.

f) O Brasil reino.

g) Independência.

h) O Brasil sob o governo de D. Pedro I.

i) Período regencial.

j) O Brasil sob o governo de D. Pedro II.

k) As guerras da República.

l) Proclamação da Republica.

m) Estudo sucinto do período republicano.

INSTRUÇÃO MORAL E CIVICA

a) A forma do nosso governo.

b) As vantagens do governo republicano.

c) Direitos e deveres do cidadão brasileiro.

d) O voto e as eleições.

e) O júri.

f) Os impostos.

g) Força publica; exercido e armada.

h) O servidor militar obrigatório.

i) O estrangeiro em nosso País.

j) A bandeira estrangeira e o respeito que lhe devemos.

- k) A fraternidade humana.
- l) Leitura e comentário de um manual de civilidade.

EDUCAÇÃO DOMESTICA E PUERICULTURA

- a) Necessidade da ordem, da previdência e da economia.
 - b) Receita e despesa da família.
- Acresce para a secção feminina:
- c) Escolha de uma boa ama.
 - d) Cuidados com os vestuários e banhos dos recém-nascidos
 - e) Regras para o aleitamento natural.
 - f) A sede nas crianças, regime alimentício das mesmas.
 - g) O sal na alimentação.
 - h) Escala a observar na alimentação.
 - i) Meios para saber si a alimentação é util.
 - j) Peso das crianças.
 - k) Dentição normal.
 - l) Exercícios e passeios. Repouso.
 - m) Moléstias da primeira idade.

SCIENCIAS PHYSICAS E NATURAES - HYGIENE

- a) Explicação concreta da campainha elétrica, do telefone, do telégrafo, do para-raios, do pendulo do relógio de alavancas e balanças, roldanas, planos inclinados, luz e força elétrica; circulação do ar, aquecimento do ar, iluminação a gás, a tensão do vapor da água; ação corrosiva dos ácidos e dos álcalis; o poder dissolvente do álcool e da essência de therebentina, etc.; aplicações do vapor e da eletricidade, etc.
- b) Classificação animal: estudo elementar das principais classes de vertebrados.
- c) Caracteres gerais dos invertebrados.
- d) Aparelhos respiratório e circulatório. Suas funções.
- e) Plantio e cultura de arvores frutíferas e mais vegetais uteis e próprios do nosso clima. Época do plantio e processos de cultura. Época e processos de poda.

- f) Adubos.
- g) higiene de habilitação, do vestuário e da alimentação. Exercícios físicos; sua necessidade e suas vantagens Repouso e sono.
- h) Insetos transmissores de enfermidades.
- i) Moléstias contagiosas e infecciosas: - Impaludismo ancilostomose, tuberculose, tracoma, lepra; meios de evita-las e seu tratamento.
- j) Soro antiofídico, anti-diftérico e antitetânico. Raiva a ser tratamento.
- k) Vacinação contra a varíola e a febre tifoide.

MUSICA

- a) Intervalos conjuntos e disjuntos, ascendentes e descendentes, de 2.^a a 10.^a, simples e compostos.
- b) Compassos compostos.
- c) Sinais acessórios (acidentes). Demonstração da necessidade desses sinais por meio de sucessões diatônicas que afetam a forma da escala.
- d) Estudo da Escala de DO MAIOR e LA MENOR.
- e) Dada uma dessas escalas entoar os intervalos ascendentes e descendentes de 2.^a a 8.^a.
- f) Exercícios de mansolfa a uma voz.

DESENHO

- a) Desenho de animais, plantas, folhas, flores, paisagens, etc.
- b) Reprodução de grupos de sólidos geométricos.
- c) Desenho ditado e original.

TRABALHO MANUAL

- a) Reprodução de sólidos geométricos e objetos simples, em argila.
- b) Objetos usuais, em madeira, como corta-papel, enquadros, cunhas, régua, cantoneiras, estantes simples etc.
- c) Exercícios de cartonagem.

Para o sexo feminino:

- a) Pontos russo e de ornamentos. Pontos de marca, letra e nomes.
- b) Camisas, aventais, lenços, toalhas, babadouros, etc., para aplicação de estudos anteriores.

GYMNASTICA

- a) Exercícios callisthenicos.
- b) Repetição dos exercícios do 3.º ano.
- c) Jogos ginásticos ao ar livre.

